

Stars Above

Contos das
Crônicas Lunares

ROCCOLINI



marissa meyer



Marissa Meyer

Stars Above

Contos das
Crônicas Lunares



Tradução
Regiane Winarski

ROCCO 

Para Sloane e Delaney

Sumário

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

A GUARDIÃ

FALHAS

O EXÉRCITO DA RAINHA

GUIA DE CARSWELL PARA SER UMA PESSOA DE SORTE

DEPOIS QUE O SOL PASSAR

A PRINCESA E O GUARDA

A PEQUENA ANDROIDE

O MECÂNICO

ALGO VELHO, ALGO NOVO



A guardiã





MICHELLE PASSOU A PONTA DO DEDO PELA TELA DO TABLET PARA olhar as fotos do álbum que sua neta tinha lhe enviado naquela manhã. Luc tinha levado Scarlet para ver as ruínas do Museu do Louvre, e Scarlet tirara dezenas de fotos das estátuas em ruínas e dos destroços que ainda estavam de pé. Havia até uma foto de Luc e Scarlet juntos, encolhidos em enormes casacos de lã ao lado de uma estátua sem um braço. A mulher de pedra parecia parte do grupo deles.

Michelle ficava voltando para essa foto, a única do álbum que tinha Luc e Scarlet. Apesar de Luc estar com a expressão distante de sempre, tentando tanto parecer sofisticado, o sorriso de Scarlet era efervescente. Os olhos brilhavam, sem um dos dentes da frente, o cabelo ruivo cacheado meio preso na gola do casaco. Ela parecia feliz.

Pela primeira vez, Luc estava tentando, e isso deixava Michelle muito feliz. Era uma mudança boa em comparação com as mensagens que ela costumava receber da neta. A vida foi difícil para a filha desde que a mãe foi embora... não, Michelle sabia que já era difícil antes disso. Soube desde o começo que seu filho não tinha sido feito para ser pai. Era vaidoso e egoísta demais, e a

jovem esposa era igualzinha. O relacionamento deles foi intenso e dramático e estava fadado a fracassar desde o começo. Eles brigavam praticamente desde o momento em que começaram a namorar; eram grandes brigas, com gritos e pratos quebrados e a polícia sendo chamada por vizinhos mais de uma vez. Quando a gravidez foi anunciada, Michelle se esforçou para fingir alegria para eles. O fim desastroso do casamento foi inevitável, e ela sabia que a pobre criança seria vítima.

Normalmente, ela tinha que ler nas entrelinhas das mensagens de Scarlet, pois Luc nunca contava nada. *“Estou entediada, esperando o papai chegar em casa”* significava “Luc está indo de bar em bar de novo e a filha de seis anos está sozinha em casa”. Ou *“Obrigada pelo presente de aniversário, papai disse que vai me levar a um parque de diversões para comemorar quando o tempo estiver melhor”* significava “Luc esqueceu o aniversário da filha de novo e espera que ela esqueça a promessa até a primavera chegar”. Ou *“A vizinha trouxe ratatouille para o jantar de novo, terceira vez esta semana. Ela bota muita berinjela e eu ODEIO berinjela, mas papai disse que fui grosseira e me mandou para o quarto”* significava “Luc gastou todo o dinheiro da comida no jogo, mas pelo menos tem uma vizinha gentil prestando atenção... a não ser que esteja encantada pelo sorriso do Luc e ainda não tenha percebido que ele não vale nada”.

Michelle suspirou. Amava o filho, mas tinha perdido o respeito por ele há bastante tempo. Mas ela sabia que tinha que aceitar parte da culpa. Afinal, foi ela quem o criou. Talvez o tivesse mimado demais,

ou talvez não o suficiente. Talvez ele precisasse de um pai na vida para orientá-lo. Talvez...

Uma batida na porta a sobressaltou. Ela desviou o olhar do tablet, onde estava olhando para o rosto sombrio do filho com quem tinha falado no máximo dez vezes naquele ano. Devia ser uma das crianças vizinhas arrecadando dinheiro para alguma coisa ou alguém da cidade querendo ovos das suas galinhas.

Ela colocou o tablet ao lado da poltrona favorita, se levantou e saiu do quarto, desceu a escada estreita que estalava de forma familiar todas as vezes e chegou ao pequeno saguão da casa de fazenda. Não se deu ao trabalho de olhar, só abriu a porta de dobradiças antigas.

Seu coração parou. O mundo todo pareceu hesitar.

Michelle deu meio passo para trás e se apoiou na porta.

— *Logan*.

O nome dele a atingiu com a força total de uma colisão de asteroide, roubando o ar dos pulmões dela.

Logan estava olhando para ela. *Logan*. Seu Logan. Ele a observou, seus olhos tão intensos e profundos quanto ela lembrava, embora estivessem ladeados de rugas que não existiam antes. Mais de trinta anos antes.

— Oi, Michelle. — A voz dele era uma versão mais cansada da que ela adorava tantos anos antes, mas a encheu de lembranças e solidão e calor mesmo assim. — Lamento invadir assim, mas estou precisando desesperadamente da sua ajuda.



ELA SENTIU ORGULHO E PAVOR QUANDO FOI CONVIDADA A TRANSPORTAR OS diplomatas terráqueos em visita a Luna, os primeiros em gerações. Ela era uma dos quatro pilotos da missão e a mais jovem por quase dez anos. Foi uma honra, apesar da maioria das pessoas para quem mencionou a missão antes da partida tivesse olhado para ela como se fosse maluca por sequer considerá-la.

— Luna? — perguntavam, sem acreditar. — Você vai para Luna... voluntariamente? Mas... vão *matar* você. Vão fazer lavagem cerebral e transformar você em uma escrava terráquea. Você nunca vai voltar!

Michelle riu e ignorou os avisos, confiante de que as histórias de terror sobre os lunares eram baseadas em besteiras supersticiosas e não em fatos. Acreditava que havia lunares bons e lunares maus, assim como havia terráqueos bons e terráqueos maus. Não podiam ser todos monstros.

Além do mais, ela era só uma piloto. Não se envolveria em nenhuma das discussões políticas e reuniões importantes. Ela nem sabia qual era o objetivo da missão. Passaria a visita de um mês aproveitando os famosos luxos de Artemísia e voltaria para casa cheia de histórias para contar. Não ia permitir que algumas lendas urbanas absurdas a impedissem de fazer parte de um evento tão histórico.

Ela foi dispensada assim que eles chegaram a Artemísia e logo descobriu que a cidade branca era tudo que ela esperava que fosse

e mais. Jardins verdejantes e pátios preenchiam o espaço entre os prédios de pedra branca. Árvores se projetavam acima de mansões enormes, algumas chegando ao domo que cobria a cidade. Havia música em todas as vielas e nenhum copo ficava sem vinho, e todo mundo que ela conheceu era tranquilo e bem-humorado. De alguma forma, todos sabiam que ela era terráquea sem ela nem precisar dizer, e parecia que todos os comerciantes ricos e aristocratas da cidade tomaram como obrigação pessoal oferecer a maior diversão que ela pudesse imaginar.

Havia só quatro dias que Michelle tinha chegado, e ela estava na praça central da cidade, dançando em volta de um enorme relógio de sol com um homem lindo quando chegou perto demais da beirada e caiu. Ela gritou de dor, sabendo na mesma hora que tinha torcido o tornozelo. O parceiro de dança chamou um dispositivo de levitação magnética parecido com uma maca e a levou para a clínica médica mais próxima.

Foi lá que ela conheceu Logan.

Ele era médico, alguns anos mais velho do que ela, e Michelle soube na mesma hora que ele era diferente dos outros lunares que havia conhecido. Ele era mais sério. Seus olhos eram mais pensativos. Mas mais do que isso, ele era... *imperfeito*. Ela o observou enquanto Logan examinava seu tornozelo. Tinha altura e porte medianos. Cabelo castanho-claro desgrenhado. Havia uma pinta na bochecha dele e a boca pendia para um lado, mesmo quando ele sorria. Ele ainda era bonito, ao menos pelos padrões terráqueos, mas em Luna...

Só quando ela se deu conta de que ele *não* estava usando glamour foi que percebeu que todo mundo que tinha conhecido usava.

Ele ofereceu deixá-la descansando em um tanque suspenso, mas ela balançou a cabeça.

— Vai cicatrizar mais rápido — declarou ele, confuso pela recusa dela.

— Não gosto de ficar confinada em espaços pequenos — respondeu ela.

— Então você deve odiar ficar presa embaixo do biodomo aqui. — Ele não insistiu e começou a fazer uma atadura no tornozelo dela do jeito antiquado. Durante anos, quando pensasse em Logan, ela se lembraria das mãos gentis e da habilidade com que trabalhavam.

— É tão lindo aqui — disse ela. — Eu nem me sinto presa.

— Ah, sim. É uma prisão bonita que construímos.

Foi o primeiro comentário desagradável que ela ouviu sobre Luna vindo de um lunar.

— Você vê seu lar como uma prisão?

Logan ergueu o olhar e encontrou o dela. Ficou em silêncio por muito tempo. Em vez de responder às perguntas dela, ele finalmente perguntou em um sussurro baixo:

— É verdade que o céu na Terra é da cor das asas de um gaio azul?

Depois daquele dia, Michelle não tinha mais olhos para os aristocratas e suas roupas extravagantes (principalmente depois que Logan contou que o homem com quem ela estava dançando no relógio de sol tinha idade para ser avô dela). Ela e Logan passaram

todos os momentos possíveis juntos durante a estada dela em Luna. Os dois sabiam que era um caso temporário. Havia um relógio batendo para avisar quando Michelle retornaria à Terra, e ela nunca teve esperanças de poder voltar com ele. As regras contra a emigração lunar eram rigorosas; Luna não gostava que seus cidadãos fossem embora, e a Terra não queria que eles fossem para lá.

Talvez o romance tivesse sido mais intenso por causa da brevidade. Eles conversavam sobre tudo: política e paz na Terra e em Luna e constelações e história e mitologia e rimas infantis. Ele contou a ela boatos horríveis sobre como a coroa lunar tratava cidadãos pobres nos setores externos, o que estragou para sempre a atração cintilante que Artemísia provocou nela à primeira vista. Ela contou a ele sobre o sonho de um dia se aposentar das forças militares e comprar uma pequena fazenda. Ele mostrou a ela o melhor lugar na cidade para ver a Via Láctea, e havia uma chuva de meteoros na noite em que eles fizeram amor pela primeira vez.

Quando chegou a hora de Michelle ir embora, não houve presentes de despedida. Nem lágrimas e nem adeus. Ele deu um último beijo nela, e ela subiu na nave para voltar à Terra, e aquela foi a última vez que viu o dr. Logan Tanner.

Quando descobriu a gravidez, quase dois meses depois, nunca passou pela cabeça dela tentar arrumar um jeito de informá-lo sobre o filho. Ela tinha certeza de que não teria importância.



— NÓS SOUBEMOS DA MORTE DELA MESES ATRÁS — DISSE MICHELLE, apertando a palma da mão na tampa de vidro do tanque suspenso de animação, escondido embaixo de uma pilha de capas de cavalos nos fundos de um aerodeslizador alugado. Ela estava tentando não vomitar. Não se perturbava com facilidade, mas nunca tinha estado tão perto de algo tão triste e horrível. A julgar pelo tamanho do corpo, a criança só tinha uns três ou quatro anos. Parecia mais um cadáver, desfigurada e coberta de marcas de queimadura. Era inacreditável que estivesse viva. — Houve boatos... teóricos de conspiração especularam que ela pode ter sobrevivido e Levana esteja tentando acobertar. Mas não acreditei.

— Que bom — disse Logan. — Queremos que as pessoas acreditem que ela está morta, principalmente a rainha. É a única forma de ela ficar em segurança.

— A princesa Selene — sussurrou Michelle. Não parecia real. Nada daquilo parecia real.

Logan estava na Terra. A princesa Selene estava viva. Ele a trouxe para cá.

— Um incêndio fez isso?

— Sim. Aconteceu no quartinho dela. Levana alega que foi um acidente, mas... acredito que tenha sido planejado. Acredito que Levana a queria morta para poder ficar com o trono.

Michelle balançou a cabeça com repulsa.

— Tem certeza?

Os olhos escuros dele observaram a forma da princesa embaixo do vidro.

— Fósforos e velas são artigos raros em Luna. Debaixo dos domos, qualquer tipo de poluição do ar é uma preocupação que levamos a sério. Não vejo como e nem por que uma babá teria isso, nem por que teria acendido no meio do dia, no quartinho cheio de brinquedos de uma criança. — Ele suspirou e encarou Michelle. — Tinha também uma colega minha. A dra. Eliot. Ela foi a primeira a examinar a princesa e quem a declarou morta e mandou o corpo ser retirado do palácio. Esse pensamento rápido salvou a princesa. — Ele desviou o olhar. — Duas semanas atrás, ela foi acusada de traição à coroa, embora os detalhes do crime não tenham sido revelados. Acredito que tenha sido torturada para a obtenção de informações e depois morta. Foi quando eu soube que tinha que fugir. Que Selene e eu tínhamos que fugir.

— Quem mais sabe?

— Eu... não tenho certeza. Tem outro homem, Sage Darnel, que trabalhava na bioengenharia. Ele estava começando a ficar desconfiado de mim antes de eu partir. A fazer perguntas que chegavam perto demais da verdade, mas... não sei se ele descobriu alguma coisa ou se foi só palpite. Talvez eu esteja sendo paranoico.

— Se ele souber, ele... ele é aliado ou...

Ele balançou a cabeça.

— Não sei. Estamos todos tão absortos nos jogos mentais de Artemísia, eu nunca sei quem está feliz no regime e quem odeia Levana tanto quanto eu. — Ele soltou o ar com frustração. — Não tem nada que eu possa fazer agora. Sem dúvida vão desconfiar por eu ter desaparecido, mas eu não podia ficar lá. *Ela* não podia ficar lá.

O tanque fez um som gorgolejante baixo, como se concordando.

— E se vierem atrás de você?

O coração de Michelle estava disparado. O peso sobre os ombros dela estava ficando evidente. A rainha Levana era a mulher mais poderosa da galáxia. Se as teorias de Logan fossem verdade, ela não pararia de procurar a princesa. E qualquer um que a ajudasse estaria em perigo.

— Acho que não conseguem me rastrear até aqui — disse Logan, embora com expressão não muito convincente. — Troquei de espaçonaves e aerodeslizadores seis vezes desde que cheguei à Terra e manipulei todo mundo para que não conseguissem me reconhecer.

— Mas e a nossa... — Ela tropeçou na palavra *relação*. — ... ligação? Nós não fomos discretos antes.

— Já tem muito tempo, e é comum que as pessoas tenham casos em Luna. Duvido que estivessem prestando atenção em nós.

Casos. Ele disse a palavra de forma muito casual, e Michelle ficou surpresa com a pontada de dor que provocou.

A expressão de Logan se suavizou. Ele estava com aparência exausta e magro demais, mas ainda era bonito aos olhos dela. Talvez mais bonito agora do que quando eles eram jovens.

— Você é a única pessoa em quem confio, Michelle. Não sei para onde levá-la.

Foi a coisa certa a dizer. A dor dela se dissipou. Ela inspirou profundamente e olhou para a criança de novo.

— Minha casa é pequena. Eu não poderia escondê-la se...

Ela hesitou. A casa tinha sido construída na segunda era. Tinha sobrevivido à Quarta Guerra Mundial. Ela engoliu em seco.

— O abrigo antibombas — disse ela. — Tem um abrigo antibombas debaixo do hangar, equipado com gerador e tudo.

Logan apertou os lábios até estarem brancos. Havia arrependimento no rosto dele, mas também esperança. Demorou um tempo, mas acabou assentindo.

— Você entende o perigo que estará correndo se a mantiver aqui? Ela é a pessoa mais valiosa deste planeta.

Por algum motivo, esse comentário fez Michelle pensar em Scarlet, sua neta. Só dois anos mais velha do que a princesa à frente dela.

Scarlet... neta do *Logan*.

Ela abriu a boca, mas voltou a fechá-la.

— Me desculpe — disse Logan, interpretando a hesitação dela de forma errada. — Me desculpe por ter pedido isso.

— O que você vai fazer? — disse ela.

— Vou ajudar você até saber que a princesa está estável e que você confia em sua capacidade de cuidar dela. Depois, vou me esconder até... até ela ter idade para ser removida da estase.

Ela queria perguntar onde ele se esconderia e como e quando voltaria. Mas não disse nada disso. Um instinto lhe disse que era melhor não saber. Que era *mais seguro* não saber.

— E quando ela despertar da estase?

O olhar dele ficou distante, como se ele estivesse tentando espiar o futuro. Tentando imaginar a mulher que aquela criança poderia se tornar.

— Eu vou contar a verdade a ela e ajudá-la a recuperar o trono.



EMBORA SCARLET JÁ TIVESSE TOMADO O TREM DE LEVITAÇÃO MAGNÉTICA entre Paris e Toulouse uma dezena de vezes, ela subestimou como seria diferente viajar sozinha. Seu corpo ficou totalmente contraído a partir do momento que entrou no trem. Ela não tinha muito dinheiro para a passagem, então foi no vagão mais barato, e os assentos eram desconfortáveis, principalmente para uma viagem longa daquelas. Ela morria de medo da ideia de alguém se sentar ao lado dela e perguntar para onde ela estava indo e onde estavam os pais dela e se precisava de ajuda. Ela já tinha um discurso ensaiado caso acontecesse. Ia visitar a avó, que a buscaria na estação. Claro que os pais sabiam onde ela estava. Claro que estava sendo esperada.

Mas é claro que não estava.

O trem entrou em uma nova estação, e Scarlet apertou a mochila ao lado do corpo e tentou fazer cara feia quando os novos passageiros entravam. Exalou sua melhor energia de “me deixem em paz”.

Deu certo. Ninguém se sentou ao seu lado, e ela expirou de alívio quando o trem subiu sobre os trilhos magnéticos novamente.

Scarlet abriu o bolso superior da mochila, tirou o tablet e enfiou um par de fones de ouvido sem fio nas orelhas. Talvez música pudesse ajudá-la a esquecer o que estava fazendo.

Ela tinha ido embora de Paris. Não ia voltar mais. Ia morar com a avó e ninguém poderia impedi-la.

Ela se perguntou se o pai já tinha percebido que ela tinha ido embora. Provavelmente não. Ainda devia estar bêbado e inconsciente.

Scarlet fechou os olhos e tentou relaxar enquanto a música tocava nos ouvidos, mas não adiantou. Estava extremamente ciente dos movimentos do trem, da conversa dos passageiros, dos anúncios das paradas seguintes. Estava esperando o toque no tablet: uma mensagem do pai querendo saber onde ela estava. Ou uma mensagem nervosa e preocupada implorando para que ela voltasse para casa. Ou até um alerta de criança desaparecida da polícia.

Ela ouviu um álbum inteiro e nenhum alerta soou.

Ela viu as cidades passarem, os campos e vinhedos desaparecerem nas colinas, o sol descer na direção do horizonte, e nenhum alerta soou.

O vagão foi ficando mais cheio com o passar do tempo. Um homem de terno acabou se sentando ao lado dela, e seu corpo todo ficou tenso, mas ele não tentou conversar e nem fazer perguntas. Ocupou-se lendo as notícias no tablet e acabou cochilando, mas Scarlet já tinha ouvido muitas histórias sobre ladrões de bolsa e sequestros de criança e não ousou baixar a guarda.

O álbum recomeçou. O painel na frente do vagão anunciou que a parada seguinte era Toulouse, e um nervosismo novo surgiu no estômago dela. Ela precisou acordar o homem para passar por ele, e ele levou um susto e falou alguma coisa sobre quase perder a

parada dele de novo. Ele riu. Scarlet passou por ele sem o encarar, segurando as alças da bolsa.

— Ei, garota.

Ela desceu a escada até a plataforma.

— Garota!

Ela acelerou o passo com pânico e adrenalina correndo nas veias. Procurou alguém que a ajudaria se ela precisasse. Alguém de uniforme ou um androide ou...

— Garota, espera!

Alguém colocou a mão no ombro de Scarlet e ela se virou, pronta para gritar. Era o homem de terno.

— Você deixou isto no banco — disse ele, lhe entregando sua garrafa de água.

A pulsação dela desacelerou na hora, e ela pegou a garrafa sem nem agradecer. Virou-se e saiu correndo pela plataforma e escada rolante acima. Sentia-se constrangida pela reação, mas ainda nervosa. Estava sozinha e ninguém sabia aonde ela tinha ido e nem que tinha desaparecido. Ela duvidava que fosse se sentir segura até chegar à casa da avó, e mesmo assim teria que persuadir sua grand-mère a lhe deixar ficar.

Scarlet encontrou um táxi aerodeslizador vazio, entrou e deu o endereço da avó. A tela pediu que ela aprovasse o custo da viagem, e o preço piscando fez seu estômago despencar. Quase acabaria com suas economias.

Ela engoliu em seco, passou o pulso no leitor e aprovou o pagamento.



MICHELLE ESTAVA CUIDANDO DA PRINCESA HAVIA QUASE DOIS ANOS, e os cuidados regulares tinham se tornado naturais. Era só mais uma tarefa a cumprir na lista diária. Alimentar os animais. Pegar ovos. Tirar leite da vaca. Verificar o diagnóstico da princesa e ajustar os níveis de fluido do tanque conforme necessário.

A criança estava crescendo. Ela teria cinco anos agora... *tinha* cinco anos, Michelle lembrou a si mesma. Mesmo depois de tantos meses, era difícil não pensar na menina como um cadáver que ficava trancado embaixo do hangar.

Ela não era um cadáver, mas também não estava exatamente viva. As máquinas faziam tudo por ela. Respiravam. Bombeavam sangue. Enviavam sinais elétricos para o cérebro. Logan tinha dito que era importante manter o cérebro estimulado para que, quando ela acordasse, não tivesse ainda a mente de uma criança de três anos. Supostamente, ela estava recebendo conhecimento e até experiências de vida enquanto estava lá deitada, imóvel. Michelle não entendia como funcionava. Não conseguia imaginar como aquela criança podia dormir durante toda a vida e depois esperarem que ela se tornasse rainha ao voltar para a sociedade.

Mas esse trabalho seria de Logan quando ele voltasse. Ainda havia anos até que qualquer pessoa soubesse quem aquela criança se tornaria.

Michelle terminou de registrar a estatística de sinais vitais de Selene e desligou as luzes geradas pela energia do gerador. O

abrigo antibombas, que tinha sido convertido em quarto de hospital improvisado e laboratório científico, permaneceu aceso pela luz azul pálida do tanque de suspensão. Michelle prendeu o tablet no cinto e subiu a escada até o hangar acima. Pegou uma das caixas que carregava entre o hangar e o celeiro, uma boa desculpa caso alguém a visse indo e vindo. O abrigo antibombas e sua ocupante eram segredo, um segredo perigoso, e ela nunca podia se permitir perder a cautela.

Essa era a direção dos pensamentos dela quando pisou no caminho de cascalho e viu o táxi aerodeslizador esperando. Ela não estava esperando visitantes. Nunca tinha visitantes para esperar.

Ela empertigou os ombros e apoiou a caixa no quadril. As pedrinhas fizeram barulho embaixo dos sapatos. Ela olhou pelas janelas do aerodeslizador ao passar, mas estava vazio, e também não tinha ninguém esperando na varanda.

Colocou a caixa no chão e pegou a única arma possível no momento, uma tesoura de jardinagem enferrujada, e abriu a porta da frente.

Ela ficou paralisada.

Scarlet estava sentada no primeiro degrau da escada do saguão, uma mochila embaixo das pernas. Estava usando o mesmo casaco de lã que Michelle se lembrava de ter visto nas fotos do Louvre, mas agora estava puído nas costuras dos ombros e parecia pequeno demais para a garota.

— Scarlet? — sussurrou ela, colocando a tesoura na mesa junto à porta. — O que você está fazendo aqui?

As bochechas de Scarlet ficaram vermelhas, deixando as sardas ainda mais destacadas. Ela parecia estar quase chorando, mas as lágrimas não vieram.

— Eu vim morar com você.



— ISSO É SÓ MAIS UM DOS ATAQUES DELA QUERENDO ATENÇÃO! — gritou Luc. O nariz e as bochechas estavam vermelhos, as palavras arrastadas. Ele ficava sumindo e aparecendo na tela, e Michelle via as baforadas da respiração no ar noturno. — Bote ela de volta no trem e deixe que ela resolva.

— Ela tem sete anos — disse Michelle, ciente de como as paredes da casa eram finas. Scarlet devia estar ouvindo a voz elevada do pai, mesmo do andar de baixo. — É impressionante que tenha chegado aqui em segurança, sozinha daquele jeito.

— E o que você espera que eu faça? Que voe até aí pra buscá-la? Eu tenho que trabalhar de manhã. *Acabei* de conseguir esse emprego novo e...

— Ela é sua *filha* — disse Michelle. — Eu espero que você seja um pai e mostre a ela que se importa.

Luc riu com deboche.

— Você está me dando sermão sobre como ser um bom pai? Que pérola, mamãe.

O comentário foi um golpe certo. Michelle enrijeceu. O nó de tensão em seu estômago se apertou tanto que ameaçou provocar danos irreversíveis.

Era seu maior arrependimento não ter estado junto do filho quando ele era pequeno. Ela foi mãe solteira tentando equilibrar um filho recém-nascido com a carreira militar; uma carreira que era cheia de potencial. Muito tempo antes, já tinha se dado conta do quanto fracassou em equilibrar qualquer coisa. Se pudesse fazer tudo de novo...

Mas não podia. E enquanto os defeitos de Luc eram em parte culpa dela, ela não veria a mesma negligência acontecer com a querida Scarlet.

Michelle afastou o olhar do tablet.

— Ela pode passar a noite aqui, claro. Não vou mandá-la de volta de trem sozinha.

Luc grunhiu.

— Tudo bem. Vou resolver o que fazer com ela amanhã.

Michelle fechou os olhos e os apertou bem. Imaginou a porta secreta para o abrigo antibombas. A garota parcialmente viva brilhando no tanque azul. Imaginou uma mulher sem rosto, *dra. Eliot*, sendo torturada por informações sobre o que tinha acontecido com a princesa Selene.

Ela engoliu em seco.

— Acho que Scarlet devia ficar aqui — disse ela, e abriu os olhos novamente. Já tinha tomado uma decisão quando voltou a olhar a tela. — Acho que eu devia cuidar dela, ao menos até... até você estar com a vida organizada de novo. — Enquanto falava, ela já sabia que talvez nunca se tornasse realidade.

Scarlet merecia mais. Mais do que uma mãe inexistente e um pai descuidado. Scarlet merecia mais do que Luc estava lhe dando.

— Vamos conversar sobre isso amanhã — disse Luc. Ele ainda parecia com raiva, mas também havia certo alívio na voz dele. Michelle sabia que ele não discutiria com ela sobre isso.

Ela desligou e deixou o tablet na cama antes de descer a escada.

Scarlet estava à mesa de jantar, na frente de uma tigela de ervilhas ainda na vagem, as primeiras da estação. A pilha de vagens vazias estava crescendo ao lado dela e havia um grão nos dedos dela.

Scarlet colocou a ervilha na boca quando Michelle entrou. Fez ruído crocante entre os dentes dela.

Ela estava fingindo não estar preocupada, uma expressão que Michelle reconheceu na mesma hora. Era uma expressão que ela mesma fazia mais do que gostaria de admitir.

— Você pode ficar — disse Michelle.

O barulhou parou.

— Pra sempre?

Michelle se sentou na frente de Scarlet.

— Talvez. Seu pai e eu temos mais a discutir, mas... agora, pelo menos, você pode ficar comigo.

Um sorriso, o primeiro desde a chegada de Scarlet, surgiu no rosto dela, mas Michelle levantou a mão.

— Escute com atenção, Scar. Isto aqui é uma fazenda e há muito trabalho a ser feito. Estou ficando velha, sabe, e espero que você me ajude.

Scarlet assentiu com avidez.

— E não estou só falando das coisas divertidas, como pegar ovos. Tem estrume para ser recolhido e cercas para serem

pintadas... A vida não é fácil.

— Não me importo — disse Scarlet, ainda sorrindo. — Eu quero ficar aqui. Quero ficar com você.



— FELIZ ANIVERSÁRIO, SCARLET QUERIDA — CANTAROLOU GRAND-MÈRE, levando o bolo de limão até a mesa. Onze velas acesas bruxuleavam acima da cobertura branca. — Feliz aniversário, minha querida.

Scarlet fechou os olhos para um momento de reflexão. Tinha passado o dia esperando aquele momento. Bom, estava mais esperando o delicioso bolo de limão que a avó fazia no seu aniversário todos os anos desde que ela tinha ido morar lá, mas também havia algo de especial em fazer um desejo.

Ela não era supersticiosa, mas adorava a sensação de possibilidades que acompanhava o desejo.

Eu desejo...

Mas mesmo tendo pensado no assunto o dia inteiro, ela não tinha decidido. Era uma luta pensar em um desejo decente. Um desejo digno.

Que elas não perdessem mais galinhas para o predador que tinha entrado no galinheiro na semana anterior? Que seu pai não esquecesse seu aniversário de novo, como no ano anterior e no anterior àquele? Que Padgett Dubois parasse de debochar das sardas dela ou que Gil Lambert reparasse nela na escola um dia qualquer?

Não. Nenhum desses era digno o bastante.

Ela sabia que era difícil, mas...

Eu desejo que a grand-mère me ensine a pilotar.

Ela abriu os olhos, se inclinou para a frente e soprou as velas com força impressionante. Grand-mère aplaudiu.

— Muito bem! Seus pulmões fortes você puxou de mim, sabia?

— Ela piscou e empurrou dois presentes embrulhados por cima da mesa. — Abra isto enquanto eu corto o bolo.

— Obrigada, grand-mère.

Ela puxou o presente maior. Era mais pesado do que esperava, e tomou cuidado ao puxar a fita e abrir a fronha velha que servia de embrulho.

Scarlet abriu a caixa. Olhou. Ergueu uma sobrancelha.

Olhou para a avó, que estava lambendo a cobertura de cada vela. Não conseguiu saber se o “presente” era piada. Claro que sua avó era excêntrica, mas...

— Uma... arma? — perguntou ela.

— Uma pistola pessoal Leo 1272 TCP 380 — respondeu sua avó, pegando uma faca e fazendo o primeiro corte no bolo.

Um momento depois, ela ergueu uma fatia perfeita da forma e colocou no prato de Scarlet. Entregou a ela por cima da mesa junto com um garfo, as camadas de bolo amarelo com creme branco tão impecáveis quanto qualquer bolo de confeitaria que Scarlet tivesse visto.

As habilidades de sua avó na cozinha não eram tão elogiadas quanto deveriam. Quando as pessoas falavam sobre Michelle Benoit, elas brincavam sobre a mulher meio maluca que nunca

queria ajuda para cuidar da fazenda. Que espantava visitantes indesejados com uma espingarda. Que cantava quando cuidava do jardim e alegava que isso deixava os legumes e verduras mais saborosos.

Scarlet amava a avó pelas excentricidades, mas até ela achou um certo exagero ganhar uma arma, uma arma mortal de verdade, de presente pelo décimo primeiro aniversário. Claro, ela já tinha usado a espingarda para afastar lobos selvagens ou atirar em pombos de argila quando estava entediada. Mas uma pistola? Não era uma arma de caça. Era para... proteção.

— Não faça essa cara de decepcionada — disse grand-mère com uma risada, cortando uma fatia de bolo para ela. — É um modelo excelente. Como o que tenho há anos. Vou te ensinar como carregar e esvaziar depois que comermos. Quando você se sentir bem carregando-a, vai perceber que nunca mais irá querer ficar sem ela.

Scarlet lambeu o lábio inferior e empurrou a caixa com a arma ainda dentro. Ficou com medo de tocar nela. Ela nem tinha certeza se era permitido alguém da idade dela portar uma arma.

— Mas... por quê? Quer dizer, é um pouco...

— Fora do tradicional? — Grand-mère riu. — O que você estava esperando? Uma boneca de bebê?

Scarlet fez uma careta para ela.

— Um par de tênis novos seria legal.

A avó puxou um pedaço de bolo do garfo com os dentes. Apesar de ainda estar sorrindo, havia uma seriedade pesada no olhar quando ela botou o garfo no prato e esticou a mão para tirar a arma

da caixa. Seus movimentos foram confiantes, controlados. Ela parecia ter manuseado mil armas na vida, e talvez tivesse mesmo feito isso.

— Não se preocupe, Scar — disse ela, sem olhar para a frente. — Vou te ensinar a usar, mas espero que você nunca precise. — Ela deu de ombros de leve e botou a arma na mesa entre as duas, o cano apontado para a janela da cozinha. — Eu só quero que você saiba como se defender. Afinal, você nunca sabe quando um estranho pode querer te levar pra algum lugar aonde você não quer ir.

As palavras dela eram agourentas, e Scarlet se viu olhando a arma com arrepios nos braços.

— Obrigada...? — disse ela com insegurança.

Sua avó engoliu outro pedaço de bolo e apontou o garfo para a segunda caixa.

— Abra seu outro presente.

Scarlet ficou mais hesitante com o segundo. O presente era pequeno a ponto de caber na palma da mão dela e estava embrulhado em um pano de prato limpo. Talvez fossem dardos com veneno, pensou. Um taser. Ou...

Ela levantou a tampa da caixa.

O pin de piloto da avó estava sobre uma camada de papel de seda: uma estrela com uma pedra amarela no centro e asas douradas se abrindo dos dois lados. Scarlet o pegou na palma da mão e olhou para a avó.

— Eu ganhei isso no dia que fui promovida a piloto — disse Michelle, sorrindo com a lembrança. — E agora, quero que seja seu.

Scarlet fechou os dedos em volta do pin.

— Obrigada.

— De nada. Espero que proteja você nos voos tanto quanto me protegeu.

O coração dela começou a bater mais forte. Teve medo de ter esperanças...

— Nos voos?

As bochechas da avó dela se franziram de alegria maliciosa.

— Amanhã de manhã, vou começar a te ensinar como pilotar a nave de passeio.



— A MANTA ORGÂNICA VAI PROTEGER O JARDIM NO INVERNO — DISSE Michelle espalhando uma camada de palha sobre o jardim. Caules e folhas murchas ainda saíam da terra, meros restos das dalias e lírios coloridos que ocupavam o canteiro durante o verão. — É preciso garantir que seja grossa, como uma manta pesada de inverno.

— Eu sei — disse Scarlet. Ela estava sentada em cima da cerca de madeira, o rosto apoiado nas duas mãos. — Eu sei o que é a manta orgânica. Nós fazemos isso todos os anos.

Michelle repuxou a boca para o lado. Empertigou-se e entregou o ancinho para a neta.

— Se você é tão especialista, pode terminar o serviço.

Com uma revirada de olhos que parecia típica de todas as garotas de treze anos que Michelle já tinha conhecido, Scarlet pulou

da cerca e pegou o ancinho na mão dela. A palha estalou debaixo dos tênis gastos da menina. Michelle deu um passo para trás para olhar e, satisfeita por ver que Scarlet realmente sabia o que estava fazendo, pegou a forquilha no monte cada vez menor de palha e foi até a pilha de compostagem.

O zumbido baixo de um aerodeslizador se aproximando fez o coração de Michelle pular. Era uma reação que tinha se tornado comum ao longo dos oito anos anteriores. Sua fazenda ficava situada em uma estradinha do interior pouco usada, só com dois vizinhos depois dela no caminho, e a maioria usava naves de passeio como ela, mesmo para viagens curtas para a cidade. Aerodeslizadores eram uma raridade, e sua paranoia piorava a cada semana e a cada mês que passavam. Talvez ela devesse ter relaxado ao longo dos anos, considerando que ninguém tinha aparecido fazendo perguntas sobre Logan, ninguém havia questionado a ligação dela com os lunares e nem se sabia sobre uma princesa desaparecida. Claramente, depois de tanto tempo, ninguém desconfiava do envolvimento dela; na verdade, a maioria das pessoas acreditava que a princesa estava morta, como disseram anos antes, e que os boatos da morte falsa não passavam de fofoca sonhadora, principalmente porque uma eventual guerra com Luna parecia mais e mais inevitável.

Mas nada disso a acalmava. Na verdade, a cada dia que passava sem qualquer repreensão pela decisão de abrigar Selene, mais certeza ela tinha de que um dia, *um dia*, o segredo dela seria descoberto.

— É um aerodeslizador? — perguntou Scarlet, se apoiando no ancinho e apertando os olhos para a mancha negra rolando pela colina mais distante.

— Deve ser só mais um vendedor chato — disse Michelle. Ela moveu a cabeça na direção da casa. — Entra, Scarlet.

Scarlet amarrou a cara para ela.

— Se é só um vendedor, por que eu tenho que entrar?

Michelle apoiou a mão fechada no quadril.

— Você precisa sempre discutir comigo? Só entra.

Com outro revirar de olhos, Scarlet soltou o ancinho no jardim parcialmente coberto e foi batendo os pés na direção da casa.

Michelle não soltou a forquilha quando o aerodeslizador se aproximou. Por um momento, ela achou que passaria por elas e continuaria na direção dos vizinhos, mas no último momento desacelerou e entrou no caminho da casa dela. Michelle não sabia muito sobre aerodeslizadores, mas percebeu que era um modelo antigo. Antigo, mas bem cuidado. As janelas cintilavam debaixo do sol do final do outono quando se aproximou.

Ela olhou para trás uma vez, ao ouvir a porta dos fundos de casa se fechar, e foi receber o recém-chegado, segurando a forquilha horizontalmente, como uma lança. Ela não se incomodava de ser chamada de maluca. Não tinha medo de assustar um vendedor ou um morador distraído da cidade que se perdeu nas estradas desconhecidas do interior. Não se incomodava com sua reputação desde que mantivesse os estranhos curiosos longe da propriedade dela.

Mas não foi um estranho que abriu a porta.

Ele quase não tinha mudado nos anos que se passaram desde que a ajudou a preparar o abrigo antibombas para a segurança de Selene. As mesmas rugas, o mesmo cabelo grisalho.

Até ele a encarar e ela ser obrigada a repensar.

Talvez tivesse mudado, afinal. Havia algo nos olhos dele. Uma espécie de pânico que era ainda mais ansioso do que o de anos atrás. Um tremor assombroso e quase imperceptível no final de uma sobrancelha, acima de olhos arregalados.

Ele abriu a boca para falar, mas Michelle falou primeiro, aos berros:

— Seja o que for que você está vendendo, não temos interesse.

Logan hesitou, a boca ainda aberta. Ele demorou muito, muito tempo para se recuperar da rejeição inesperada. Aquilo também foi diferente. Ele sempre foi tão rápido, tão sagaz, tão inteligente.

— Eu... sinto muito incomodar... — gaguejou ele. Seus olhos passaram de Michelle para as janelas da casa, e ela os viu pararem por um momento. Como ela esperava, Scarlet estava olhando. — Preciso da sua ajuda — disse ele. — Acho... acho que me perdi.

Michelle baixou a forquilha na direção do solo.

— Tem algum problema no seu veículo? Estava fazendo um barulho estranho quando você parou.

Logan voltou a atenção para ela e sua expressão relaxou um pouco.

— Sim, temo que sim. Infelizmente, sou um pateta para consertar... coisas. — Ele fez um gesto desesperado para o aerodeslizador.

Fingindo irritação, Michelle se virou para o hangar.

— Parece que o gel de resfriamento está velho. Tenho um novo aqui e posso fazer um mapa para o lugar aonde você quer chegar.

Ela não olhou para trás, mas ouviu os sapatos de Logan no solo duro e frio quando eles andaram até o hangar. Também não olhou para Scarlet na janela, apesar de sentir o olhar desconfiado da neta acompanhando os dois.

Desconfiada, porque foi como Michelle a criou para ser. Ela teria sentido culpa por isso, mas a chegada de Logan a lembrou o quanto a situação deles era perigosa, por mais tempo que tivesse passado. Até a princesa não estar mais sob seus cuidados, ela e Scarlet nunca estariam completamente seguras.

Assim que ouviu a porta do hangar se fechar, ela se virou para Logan.

— O que houve?

O rosto dele estava com aquela sombra de nervosismo de novo.

— Me desculpe. Eu não sabia que você... Não achei que você teria... — Ele estava com dificuldade de pensar em como chamar Scarlet, mas Michelle não o informou. Contar a ele que ela tinha uma neta seria chegar perto demais de contar que *e/le* tinha uma neta, e ela tinha tomado a decisão anos antes de que era melhor, mais seguro para todo mundo, se ele nunca descobrisse.

— Por que você está aqui? — disse ela, encostando a forquilha em uma fileira de armários de madeira que estavam com a tinta velha descascando. — Você me disse que só voltaria quando a criança tivesse pelo menos quinze anos. Eu não estava esperando você tão cedo.

— Eu sei. Mas não podemos esperar... não podemos esperar mais. Temos que completar as operações dela. Temos que acordá-la logo, antes que seja tarde demais.

Michelle franziu a testa. Quando levou a princesa até ela, Logan explicou detalhadamente o que teria que acontecer quando ela fosse mais velha. Quando o corpo de Selene estivesse quase completamente crescido, eles teriam que equipá-la com os aspectos físicos que fossem necessários para ela andar e respirar e falar e ser a rainha de que Luna precisava. Michelle demorou muito tempo para entender que ele pretendia transformar a princesa em ciborgue, o que em certos níveis parecia um absurdo, mas ela já tinha entendido tempos antes que era a única saída. E não era ela que julgaria ciborgues, de qualquer modo. Era só mais um grupo mal interpretado, como tantos outros.

Ainda assim, Logan sempre insistira que a operação ciborgue deveria ser executada quando a criança fosse mais velha. Equipar um corpo imaturo com membros ciborgues na extensão de que ela precisava seria desajeitado e ineficiente, e talvez incompatível com o tecido orgânico em crescimento no longo prazo.

— Por quê? — perguntou ela. — Ela ainda é tão nova. Por que acordá-la agora?

O rosto de Logan se transformou e ele se encostou na aeronave de passeio que ela usava para entregas locais.

— Estou com a doença lunar. — A voz dele falhou. Pareceu a confissão de um crime vergonhoso. Mas a expressão de Michelle deve ter deixado clara sua confusão porque os olhos dele se suavizaram. — Estou ficando louco, Michelle. Quando vim à Terra

pela primeira vez, pude usar meu dom de formas pequenas, simples, para evitar ser detectado. Mas, ao longo dos anos, até as pequenas manipulações começaram a parecer perigosas. Tenho medo de algum outro lunar estar perto, reconhecer meu uso do dom. Ou que um terráqueo perceba a manipulação. Mesmo se fosse alguma coisa inofensiva, eles talvez percebessem... — Ele engoliu em seco. Uma ruga profunda tinha se formado entre as sobrancelhas. — Por isso, eu parei. Não uso meu dom há anos, e agora... agora estou pagando o preço. Está me deixando louco, e acho que não conseguiria impedir nem se tentasse. Aconteceu tão rápido. Bem mais rápido do que pensei que aconteceria... — Ele levou as palmas das mãos ao rosto e gemeu.

Michelle ficou olhando para ele. Não sabia se tinha entendido nem metade do que ele disse, mas ela era só piloto e fazendeira. Logan era o lunar, o médico, quem foi embora de casa e arriscou tudo para manter a criança segura. Se acreditava que ela precisava ser acordada mais cedo, Michelle achava que não poderia argumentar com ele.

— Selene vai estar pronta? — perguntou ela.

Logan deixou os braços penderem nas laterais do corpo.

— Vai ter que estar. — Ele abriu a boca para dizer outra coisa, mas parou. Depois de um longo momento, disse: — Ela não vai ficar com você depois que estiver acordada e estável. Já botei você em perigo por tempo demais.

Esse foi o assunto que eles sempre evitaram antes. O *depois*. Já foi bem difícil tentar mantê-la viva, escondida, protegida. Parecia distante e complicado imaginar o que seria dela quando a operação

tivesse sido feita. Mas agora eles não tinham alternativa além de pensar nisso.

Em pouco tempo, ela não seria um corpo em um tanque. Seria uma criança. Uma garota de onze anos, que sem dúvida estaria com medo e confusa.

— Pra onde você vai levá-la?

— Encontrei um homem que mora na Comunidade das Nações Orientais, perto de Nova Pequim. O nome dele é Linh Garan, e é um homem inteligente com amplo conhecimento de sistemas de andróides e inteligência artificial, que vão ser úteis considerando os... acréscimos ciborgue nela. Mas ele também é inventor e criou um dispositivo maravilhoso que se acopla ao sistema nervoso da pessoa. Em um terráqueo, serve para impedir que seja manipulado pelo dom lunar. Mas, em um lunar, pode garantir que a pessoa não consiga usar o dom, enquanto ao mesmo tempo a protege de desenvolver as alucinações associadas à doença lunar.

Michelle estava franzindo a testa de novo enquanto tentava absorver tudo que ele estava contando.

— Ah... que bom. Isso vai ajudar, não vai? Impedir que você... hã, fique louco?

— Não, não. Eu não vou receber um. Ele só tem dois no estágio de protótipo. Um tem que ser pra princesa, claro. Ela vai acabar tendo que aprender a controlar o dom e, até lá, não podemos correr o risco da identidade dela ser revelada. O outro protótipo é pra você.

— Pra mim?

— Só por garantia. — Logan a observou com expressão firme. — Só para o caso de alguma coisa acontecer com você. Só para o

caso de algum lunar encontrar você e... tentar te manipular pra que forneça o paradeiro da princesa.

O maxilar dela se contraiu. Havia outras formas de obter informações de uma pessoa. Formas mais antiquadas. Mas Logan queria proteger a mente dela, pelo menos, e Michelle tinha ouvido histórias sobre a rainha Levana e os métodos criativos dos taumaturgos dela. Michelle ficou grata porque Logan queria protegê-la dessa pequena forma. Reconheceu seu sacrifício, mesmo sabendo que ele jamais admitiria que era isso.

— Tudo bem — disse ela, secando o suor das mãos na calça jeans. — Você encontrou um inventor e a criança vai ter um dispositivo criado por ele. E depois?

— Depois ela vai morar com ele. Ele já aceitou cuidar dela como guardião legal, e também tem duas filhas. Vai ser um bom arranjo.

Ela inclinou a cabeça.

— Ele sabe quem ela é?

— Ainda não. — Logan inspirou fundo. — Mas vou ter que dizer pra ele. Garan precisa saber o tamanho do perigo em que está se metendo e levando a família junto se aceitar fazer isso. E... e ele precisa saber o quanto Selene é valiosa. Vou tentar ficar de olho nela pelo tempo que puder, mas não sei se estarei lúcido o suficiente pra contar a verdade pra ela quando estiver pronta. É possível que essa responsabilidade recaia sobre ele.

Parecia tão certo. Tão definitivo. Michelle se deu conta do quanto Logan morria de medo do que estava acontecendo dentro da própria cabeça.

Logan sempre se orgulhou do próprio raciocínio. Como devia ser horrível saber que o estava perdendo agora.

A boca dele tremeu inesperadamente.

— Não quero sua pena, Michelle. Todas as minhas decisões foram tomadas por mim e ainda estou convencido de que foram as certas.

— Claro que foram — disse ela. — Você mudou o rumo da história.

— Ainda não. Mas um dia, talvez. — Ele esfregou a têmpora e olhou para a porta secreta que levava ao aposento de Selene. — Como ela está?

— Como sempre. Ficando mais alta. Ela cresceu como um girino este ano.

Ele assentiu.

— Vou precisar de pelo menos uma semana para executar as operações. Vamos ter que conduzi-las em estágios. Você pode estar pronta em um mês?

Um mês. Depois de tantos anos de nada, nada, nada, era tudo tão repentino agora, como um trem de levitação magnética se aproximando.

— Vou ter que mandar Scarlet embora — sussurrou ela, mais para si mesma. — Pode ser que ela possa ficar com o pai por um tempo.

Logan a observou. Ela olhou para ele e esperou que ele perguntasse: *Scarlet? Quem é Scarlet? Quem é o pai dela? Quem é...?*

Ele baixou o olhar primeiro, e ela não conseguiu interpretar o gesto. Não conseguiu saber se ele imaginava a verdade ou não. Ficaram juntos por tão pouco tempo, tanto tempo atrás. Não havia motivo para ele desconfiar...

Mas ele sempre foi bom em interpretar os silêncios dela.

Logan não perguntou. Só assentiu e disse:

— Vou avisar Garan para fazer os preparativos pra viagem.



TUDO PARECEU DOLOROSAMENTE FAMILIAR.

A raiva de Scarlet tinha diminuído um pouco durante a viagem de trem de levitação magnética de Paris para Toulouse, mas ela ainda estava com um nó furioso no estômago. Não queria ver o pai horrendo nunca mais. Tinha dito isso para si mesma quando fugiu da primeira vez, quando tinha sete anos, mas desta vez era sério. Aquele palhaço bêbado, arrogante e condescendente não existia para ela.

Scarlet não acreditava que tinha aceitado ficar com ele por um mês inteiro. Ao olhar para trás, as palavras encorajadoras da grand-mère de que seria uma boa oportunidade de aproximação e que era para ela dar uma chance ao pai de ver a jovem forte que ela estava se tornando e blá-blá-blá... eca. A única coisa que ele fez desde que ela chegou foi deixá-la com as “amigas” bajuladoras enquanto passava horas fora e voltava com cheiro de conhaque. E quando e/ estava por perto, só ficava criticando as escolhas de roupa dela ou

culpando a grand-mère por encher a cabeça dela de opiniões ou acusando Scarlet de idolatrar “a velha maluca”.

Esse comentário foi a gota d’água. A última *da vida*.

Depois de uma gritaria de dez minutos, Scarlet arrumou a bolsa e foi embora do apartamento dele, batendo a porta com satisfação. Foi direto para a estação de trem. O pai nem tentou impedir, e ela não se importava.

Ela durou nove dias.

Achou um feito impressionante por si só.

Scarlet voltaria para a fazenda. Para a avó. Para casa.

Assim que desceu do trem e estava na plataforma de Toulouse, o nó de raiva começou a se dissolver. Ela inspirou fundo, ansiosa pelo aroma familiar de feno e esterco que já tinha sido nojento, mas tinha evoluído e virado algo reconfortante e quase agradável. Em pouco tempo, ela estaria tomando um copo de chocolate quente denso e delicioso enquanto soltava todas as frustrações para a avó. Em pouco tempo, estaria aconchegada embaixo das colchas favoritas de inverno, ouvindo os pios serenos da coruja que foi morar no celeiro da fazenda no começo daquele ano.

Desta vez, o trajeto no táxi aerodeslizador não foi cheio de ansiedade. Cada momento que passava, levando-a mais para longe de Paris e do seu não-pai, a enchia da sensação tranquila e agradável de voltar para casa. Quando o aerodeslizador entrou na rua estreita e ela viu a casa no meio da neve, o alívio que sentiu quase a sufocou.

Em casa.

Ela saiu do aerodeslizador antes de ter parado completamente, correu pelo caminho de cascalho e abriu a porta. Mas só tinha dado alguns passos e já sentiu a imobilidade silenciosa da casa.

Ela parou.

Não havia barulho de panelas na cozinha. Não havia estalo do piso do andar de cima. Não havia um cantarolar familiar.

Sua avó não estava.

— Grand-mère? — disse ela com hesitação.

— Scarlet!

Ela se virou, abrindo um sorriso. Sua avó estava correndo pelo caminho, o rosto contorcido de preocupação.

— Ouvi o aerodeslizador chegar — disse ela, ofegando. — O que você está fazendo aqui?

— Voltei cedo pra casa — disse Scarlet. — Não suportei ficar lá. Ah, grand-mère, foi horrível, simplesmente horrível! — Ela foi se encontrar com a avó nos degraus de entrada, mas hesitou.

O cabelo da sua avó estava desgrenhado e os círculos embaixo dos olhos estavam bem escuros, como se ela não dormisse desde que Scarlet foi embora.

E ela não estava sorrindo.

— Você não pode ficar aqui! — exclamou sua avó, e se encolheu pelo tom agudo da própria voz.

Scarlet franziu a testa.

— O quê?

— Não é... — Sua avó soltou um gemido. Não parou quando chegou no degrau de entrada, nem para dar um abraço em Scarlet,

nem um beijo na bochecha, nada. Depois de mais de uma semana de separação, sua avó só a empurrou para dentro de casa.

Scarlet largou a mochila no chão com um baque pesado.

— O que está acontecendo?

Sua avó levou um momento para se recompor, mas seu rosto ainda estava deformado em uma careta.

— Você devia ter ficado fora por algumas semanas. Nem pensou em me enviar uma mensagem para avisar que ia voltar mais cedo?

— Eu queria fazer uma surpresa — disse Scarlet com rispidez. Era fácil voltar ao modo irritado; afinal, ela passou a semana anterior inteira irritada. — Por que você está gritando?

— Eu não estou...! — Sua avó resmungou e cruzou os braços sobre o peito.

Scarlet imitou a pose e amarrou a cara. Não demoraria para que elas tivessem a mesma altura.

Depois de um momento, sua avó soltou o ar com frustração e massageou o topo do nariz.

— Tudo bem — disse ela. — Tudo bem. Nada pode ser feito quanto a isso agora. Mas, como você está em casa... — A voz dela mudou, assumindo um tom seco e profissional. Ela ainda parecia com raiva, mas agora Scarlet viu que ela também estava exausta. — Eu ainda não consegui ir à cidade esta semana. — Ela deu meia-volta e foi até a cozinha. — Vamos chamar o táxi de volta e você pode ir fazer umas coisas pra mim. Preciso que vá à padaria e à loja de ferragens, e você pode levar as cortinas à lavanderia e...

— Como é? — disse Scarlet da porta. Ela olhou boquiaberta para a avó, agitada na cozinha, escrevendo uma lista de compras. — Só

isso? Eu tive uma semana horrível e agora você vai me mandar sair pra fazer umas coisas sem... — A voz dela tremeu. — Sem nem dizer “bem-vinda”?

Sua avó parou e se virou para olhar para ela. Uma expressão de culpa surgiu no rosto dela, mas Michelle se recompôs rápido e empertigou os ombros.

— Se você queria festa, devia ter me mandado uma mensagem pra avisar que estava voltando. Tenho coisas que preciso fazer, Scarlet. Você tem que... Preciso que vá à cidade fazer essas coisas hoje. Afinal, se você tem idade pra pegar o trem de Paris sozinha, você tem idade pra fazer umas coisas pra mim.

— Tudo bem, vou chamar o aerodeslizador — disse Scarlet, trincando os dentes e segurando as lágrimas antes que caíssem. — Mande a lista por mensagem quando estiver pronta porque eu não quero mais tomar seu tempo *valioso*. — Ela saiu andando para a porta. — Aliás, também senti saudade! — gritou ela por cima do ombro.

Ela bateu a porta com tanta força que a casa tremeu, mas desta vez não houve nada de satisfatório no gesto.



MICHELLE ESTAVA SUFOCADA COM A CULPA. SCARLET QUASE NÃO falou com ela desde que chegou na tarde anterior. Ou talvez Michelle que estivesse evitando falar com ela, sem conseguir explicar por que tinha ficado tão chateada, sem conseguir pedir desculpas de uma forma significativa. Pareceu mais fácil ficar em silêncio. Mover-se

pela casinha e ignorar a existência da outra até que aquilo acabasse.

Ela sabia que não era certo. Queria contar a verdade a Scarlet. Mas como contar para a neta que ela tinha sido enviada para Paris por um mês para ajudar um médico lunar a conduzir as operações delicadas para transformar uma princesa desaparecida em ciborgue? Como explicar para ela que um inventor viria da Comunidade das Nações Orientais naquele mesmo dia para instalar um dispositivo no seu sistema nervoso e adotar a garota que ficava guardada secretamente debaixo do seu hangar havia oito anos? Como fazer com que ela entendesse que, se contasse a *qualquer pessoa* sobre aquilo, se deixasse o segredo gigantesco escapar, as duas poderiam ser caçadas e torturadas e mortas?

Não, ela não podia contar nada a Scarlet. Tinha que continuar fingindo estar irritada porque a neta tinha voltado mais cedo para casa, quando normalmente a teria recebido com braços amorosos abertos.

Aquilo tudo a deixava enjoada.

Mas estava quase acabando, ela repetiu para si mesma. Em breve, a princesa iria embora, e ela e Scarlet ficariam em segurança e poderiam seguir a vida como se aquilo nunca tivesse acontecido.

Ela olhou a hora no tablet. Linh Garan deveria chegar logo. Se tivesse tido mais tempo de pensar no dia anterior, teria esperado e enviado Scarlet para a cidade com uma lista comprida de tarefas hoje, mas era tarde demais para isso.

Michelle subiu a escada barulhenta e bateu na porta do quarto de Scarlet. Ouviu a movimentação do lado de dentro antes de Scarlet

abrir uma fresta da porta e olhar para ela de cara feia.

Michelle fingiu ainda estar irritada com ela, apesar de desprezar a si mesma por isso.

Ela ergueu o queixo e disse:

— Esse frio está fazendo minha artrite piorar e não consegui fazer a maioria das obrigações de hoje de manhã. Preciso que você faça. A vaca vai ficar incomodada se não tirarmos o leite logo.

Scarlet abriu a porta mais um pouco e franziu a sobrancelha.

— Desde quando você tem artrite?

Michelle encarou a cara amarrada dela.

— Você sabe que eu não gosto de reclamar, Scarlet. Não falo muito disso.

— Nunca, né — respondeu ela.

Michelle suspirou. Não queria brigar.

— Sei que você não gosta de tirar leite da vaca, mas será que pode ir lá e fazer isso?

Scarlet levantou as mãos.

— Você podia pedir, sabe. A fazenda também é minha. Há anos não reclamo das tarefas da fazenda, mas você ainda me trata como uma garota mimada da cidade que vai dar chlique cada vez que me pede pra fazer alguma coisa. Só quero ser parte disto aqui e que você *me trate* como quem faz parte disto aqui.

Os olhos de Michelle ficaram cheios de lágrimas. Ela tentou responder, mas ficou sem palavras.

Scarlet suspirou e se virou, a decepção óbvia no rosto. Michelle não achava possível se sentir pior do que ela já se sentia.

— Você está certa — sussurrou Michelle, por fim. Scarlet olhou para ela, e Michelle abriu um sorriso fraco. — Vou tentar melhorar. — Ela limpou a garganta. — Então, você pode...

— Claro que posso fazer as coisas da fazenda — murmurou Scarlet, parecendo só um pouco satisfeita. — Só vou trocar de roupa.

Ela engoliu em seco e viu a neta prender o cabelo ruivo num coque bagunçado.

Pelas estrelas, como ela amava aquela criança. Aquela criança que estava se tornando uma jovem mulher diante dela.

Mal podia esperar para poder dizer isso a ela.

— Obrigada — disse ela, e foi na direção da escada.

Minutos depois, ouviu os passos de Scarlet descendo a escada. A porta dos fundos gemeu e se fechou... não com força, mas também não com delicadeza.

Assim que começou a preparar café, ela ouviu uma batida baixa na porta da frente. Ficou tensa. Garan tinha chegado cedo. Ela esperava que Scarlet não tivesse reparado na chegada dele.

Depois de limpar as mãos suadas em uma toalha, Michelle foi atender a porta.

— *Bonjour* — disse ela para o homem de cabelo escuro na porta. — Você deve ser Monsieur Linh.

Ele estava mexendo na gola de um casaco pesado de inverno e não parou de mexer nem quando apertou a mão dela. Mas seu sorriso era largo. Largo e ansioso e nervoso e impressionado.

— E você é Michelle Benoit — disse ele. — A guardiã do maior segredo da terceira era. É uma profunda honra conhecê-la.

Ainda tonta da briga com Scarlet, Michelle teve dificuldade de retribuir o sorriso, então só chegou para o lado e ofereceu pegar o casaco dele.

— Minha neta mora comigo e não sabe nada sobre isso, então agradeço se você for discreto.

— Claro. Se eu não fosse capaz de ser discreto, sei que Logan não teria me considerado para essa responsabilidade enorme.

— Sei que é verdade. Por favor, venha até a cozinha. Minha neta está fazendo algumas tarefas. Devemos ter meia hora para discutir a garota e o procedimento antes de ela voltar.



FAMOSAS ÚLTIMAS PALAVRAS, PENSOU MICHELLE, REPETINDO A catástrofe do seu encontro com Garan na cabeça várias vezes. Ela estava sentada no pé da cama, uma caixa no colo. Estava olhando pela janela, para a meia-lua parcialmente obscurecida por nuvens finas de inverno e se perguntando como a política e os mistérios de um mundo tão distante conseguiram cobrar um preço tão caro da sua vida.

Ela quase não dormiu. Embora ela e Scarlet já tivessem tido suas brigas desde que a neta tinha ido morar com ela, nunca tinha sido assim. Elas nunca sentiram como se *importasse*. Michelle nunca se sentiu impotente para resolver as coisas.

Ela não deu crédito a Scarlet em relação às tarefas. A menina as terminou quase tão rapidamente quanto a avó as fazia, e Michelle ainda estava conversando com Garan quando Scarlet voltou. Voltou

escondida. Ficou ouvindo a conversa, e embora Michelle não tivesse certeza do que ela ouviu exatamente, ficou claro que Scarlet não descobriu nada sobre a princesa Selene. Na verdade, entendeu a conversa errado e ficou achando que a avó a mandaria embora. Que Garan a adotaria.

E Michelle não sabia como explicar que não era isso. Não sabia como consertar as coisas.

— Em breve — sussurrou ela. Em breve, tudo ficaria para trás. Em breve, ela encontraria uma forma de consertar as coisas com Scarlet.

Ela olhou para a caixa no colo e abriu as abas. Um casaco de moletom vermelho com capuz estava dobrado no interior, o algodão macio e ainda com cheiro de novo. Não era um presente caro, seria uma boa peça quando a primavera chegasse depois do derretimento da neve, e Scarlet amava usar vermelho. Para ela, era como um ato de desafio por causa do cabelo ruivo.

Michelle estava ansiosa para dar o presente para a neta quando aquilo tudo acabasse.

O alarme do tablet tocou. Duas horas depois da meia-noite. Estava na hora.

Ela guardou a caixa embaixo da cama. Abriu a porta do quarto e hesitou por um momento, ouvindo até detectar a respiração pesada de Scarlet vinda do outro quarto. Ela deu um passo para mais perto e apoiou a mão aberta na porta de madeira fechada.

— Eu te amo, minha Scarlet — sussurrou ela para o ar parado da noite. Em seguida, se virou e desceu a escada, evitando o degrau que fazia barulho.

Logan e Garan já estavam trabalhando quando ela chegou no aposento secreto que abrigava o corpo de Selene. Na semana anterior, a princesa foi transformada da criança mutilada que Michelle vigiava com atenção em um ciborgue com placas de metal e um sistema complicado de software integrado ao cérebro dela. Michelle tinha atuado como assistente de Logan pegando suprimentos e ferramentas e monitorando os sinais vitais, mas na maior parte do tempo tentou manter o olhar distante. Tinha o espírito forte, mas aquela intrusão era demais para ela aguentar.

Logan olhou para a frente quando os pés de Michelle bateram no piso de concreto. Ele acenou com a cabeça. Ele e Garan estavam de máscara, e Michelle pegou outra e colocou sobre a boca antes de se aproximar da mesa de cirurgia.

A criança tinha sido virada de lado. Logan estava segurando um tablet médico acima do pescoço dela, permitindo que um laser fechasse delicadamente a incisão na nuca. Eles já tinham terminado de instalar o protótipo de Garan na medula espinhal dela. Isso queria dizer que não podia ter demorado mais de quarenta minutos.

Michelle sentiu consolo ao saber disso. Afinal, ela seria a próxima.

— Como ela está? — perguntou ela, olhando para a mão e a perna de metal brilhoso.

— Surpreendentemente bem — respondeu Logan. — O corpo se adaptou às novas próteses e fiações melhor do que eu esperava. Estou otimista de que o pior ficou pra trás. — Ele verificou a incisão, quase invisível agora, exceto por uma cicatriz pálida que sumiria com o tempo. — Pronto. Vamos botá-la de volta no tanque.

Eles trabalharam juntos para transferi-la. Apesar de ela ainda ser magra e pequena, a nova perna acrescentava uma quantidade surpreendente de peso ao corpo.

— Vamos botá-la de volta em estase? — perguntou Michelle.

— Não. — Os olhos de Logan brilharam quando ele olhou para ela. — Nós vamos acordá-la.

Ela enrijeceu.

— O quê? Hoje? Achei que ainda ia levar uma semana ou mais pra ela ficar pronta.

— Uma semana antes de ela estar pronta para uma viagem de longa distância — disse Logan. Ele se inclinou para conectar uma série de sensores à cabeça da criança. Tinha passado a semana toda retirando e recolocando esses sensores depois de cada operação. — Mas vamos começar o processo de despertar hoje. Quero que seja lento e gradual. O organismo dela passou por muitos choques... vou me esforçar para que essa transição seja a mais suave possível.

— Ela vai ficar consciente, então? — perguntou Michelle. — Durante a próxima semana?

Ela não estava esperando por isso. Não podia deixar uma garota desperta e ciente naquele porão, mas também não podia levá-la para casa, e...

Logan balançou a cabeça.

— Acordada, mas ainda muito medicada. Vai levar uns dois dias para Selene começar a identificar os arredores, e Garan aceitou ficar e começar a trabalhar com ela para fortalecer o tecido muscular. Se o tanque tiver feito seu trabalho corretamente e a nova

fiação tiver se conectado adequadamente com o organismo, espero que ela seja capaz de sair andando daqui a uma semana.

Andando. Depois de tantos anos, a princesa ia andar, falar e acordar.

Michelle chegou mais perto e olhou o rosto da menina. O cabelo castanho estava grudado com o gel que a envolvia desde que ela tinha apenas três anos de idade. Seu rosto estava magro e o corpo também, quase esquelético. Esperava que Garan desse uma boa refeição para ela quando a recebesse na família.

Ela era só uma criança, e já havia tantas esperanças e expectativas nos ombros. Michelle teve pena dela.

Mais do que isso, percebeu que sentiria falta da garota, a criança que causou tanta preocupação. Que era presença constante na vida dela havia tanto tempo e que iria embora agora e nunca saberia o nome de Michelle. Nunca saberia quem cuidou dela por tanto tempo.

— Tudo bem — murmurou Logan. Ele tinha prendido um tablet na lateral do tanque e estava olhando para a tela. — Vou iniciar o procedimento. Vai demorar alguns momentos, mas devemos começar a ver sinais de vida independentes das máquinas.

Houve um zumbido na base do tanque de suspensão.

A garota não se mexeu. Nem uma respiração, nem um tremor.

Michelle olhou para Garan, que estava observando a criança com curiosidade ávida.

— Como você vai chamá-la? — perguntou ela.

Garan se virou para ela.

— Chamá-la?

— Você não pode chamá-la de Selene. Eu estava pensando se você teria escolhido outro nome.

Ele se empertigou. Sua expressão ficou espantada.

— Eu nem tinha pensado nisso.

— Michelle está certa — disse Logan, ainda observando o tablet.
— E vamos precisar de um chip de identificação pra ela se queremos que seja moradora da Terra. Vai precisar ter um pouco da história dela, uma família e uma história crível de como ela se tornou ciborgue. O suficiente para afastar desconfianças. Já tenho algumas ideias, mas você pode escolher o nome, como guardião dela.

Garan baixou o olhar para a criança de novo. A testa estava franzida.

— Não sou bom em dar nome às coisas. Minha esposa escolheu os nomes das nossas filhas. Acho que nem passou pela minha cabeça que eu poderia dar opinião.

Michelle lambeu os lábios por trás da máscara facial.

— Tenho uma ideia.

Os dois homens olharam para ela.

— Que tal... *Cinder*?

Houve uma hesitação, e ela percebeu que eles estavam inseguros quanto ao nome. Ela ergueu o queixo e explicou.

— É um nome despretensioso, mas também... poderoso. Por causa de onde ela veio. Ela sobreviveu àquele incêndio. Renasceu das cinzas.

Eles se viraram ao mesmo tempo para olhar para a garota.

— Cinder — disse Logan, sentindo o nome na língua. — *Cinder*. Gostei, na verdade.

— Eu também — disse Garan. — Linh Cinder.

Michelle sorriu, feliz de eles terem gostado tão rápido. Um nome de criança não era coisa à toa, mas ela achava que era o nome perfeito. E agora, a princesa teria uma lembrança para levar junto. Um nome que Michelle tinha dado como um presente de despedida, mesmo ela nunca vindo a saber.

Cinzas. Bragas. Michelle esperava que a força que permitiu que aquela criança sobrevivesse tantos anos antes fosse uma força que ainda ardia dentro dela. Que continuasse ardendo, cada vez mais quente, até ela brilhar como o sol nascente.

Ela precisaria da força para o que viria.

Michelle apertou a mão no alto do tanque, onde estava o coração da garota, na hora que uma tela pulsou.

Um batimento.

Segundos depois, outro. E outro.

Com os nervos formigando, Michelle se inclinou para perto e deixou que sua respiração embaçasse o vidro.

— Oi, Cinder — sussurrou ela. — Estou tão feliz de finalmente te conhecer.

E, como se tivesse ouvido o nome sendo dito, a garota abriu os olhos.



Falhas





— ESTÁ PRONTA PRA CONHECER SUA NOVA FAMÍLIA?

Ela afastou o olhar da janela, onde a neve se empilhava em cercas de bambu e um androide pequeno e atarracado estava abrindo caminho na lama, e olhou para o homem sentado à frente dela. Apesar de ter sido gentil com ela durante toda a viagem, dois dias inteiros passados entre um aerodeslizador, um trem de levitação magnética, duas naves de passageiros e outro aerodeslizador, ele ainda estava com um sorriso nervoso que a deixava agitada.

Além do mais, ela ficava esquecendo o nome dele.

— Não me lembro da minha antiga família — disse ela, ajeitando a perna esquerda para não ficar tão no meio dos dois assentos.

Os lábios dele se retorceram com constrangimento em uma expressão que talvez devesse ser tranquilizadora, e isso encerrou a conversa. Ele voltou a atenção para um dispositivo para o qual não parava de olhar, com uma tela que lançava um brilho esverdeado no rosto dele. Ele não era um homem muito velho, mas seus olhos sempre pareciam cansados e suas roupas não cabiam direito. Embora estivesse bem barbeado quando foi buscá-la, ele agora precisava de um barbeador.

Cinder voltou a olhar para a rua coberta de neve. O bairro lhe pareceu lotado e confuso. Uma série de barracos de um andar vinha seguida de uma mansão com um chafariz congelado no pátio e telhado vermelho. Depois disso, uma série de casas amontoadas e talvez um prédio velho de apartamentos antes de mais barracos aparecerem. Parecia que alguém tinha reunido todos os tipos de residência em que conseguia pensar e espalhou por uma grade de ruas sem se importar onde cada coisa caía.

Ela desconfiava que sua nova casa não era nada como o interior que eles tinham deixado para trás, na Europa, mas estava tão confusa na ocasião que não conseguia se lembrar de muita coisa de antes de eles pegarem o trem. Só que também estava nevando lá. Ela já estava cansada da neve e do frio. Fazia seus ossos doerem nos pontos em que a carne se conectava às próteses de aço.

Ela voltou o olhar para o homem sentado à frente.

— Estamos quase chegando?

Ele assentiu sem olhar.

— Quase, Cinder.

Ela passou os dedos na cicatriz do pulso e esperou, torcendo para que ele dissesse alguma outra coisa que acalmasse seus nervos, mas ele não pareceu ser do tipo que repararia na ansiedade de alguém além da dele. Imaginou-se o chamando de *pai*, mas a palavra era risivelmente estranha, mesmo dentro da cabeça dela. Não conseguia nem compará-lo ao verdadeiro pai, pois sua memória tinha sido reduzida a uma tábua rasa durante suas cirurgias intrusivas, e a única coisa que tinha restado dos pais eram os perfis estéreis de identidade, com fotos simples que não traziam

reconhecimento e uma marca no alto os marcando como FALECIDOS. Eles morreram no acidente de aerodeslizador que levou a perna e a mão dela.

Como foi confirmado por todos os registros oficiais, não havia mais ninguém. Os avós de Cinder também estavam mortos. Ela não tinha irmãos. Nem tias, tios e amigos... ou, pelo menos, ninguém disposto a ficar com ela. Talvez não houvesse um único ser humano em toda a Europa que quisesse ficar com ela, e foi por isso que tiveram que procurar em Nova Pequim até encontrarem uma família substituta.

Ela apertou os olhos, tentando lembrar quem *eles* eram. As pessoas sem rosto que a tiraram dos destroços e a transformaram *naquilo*. Médicos e cirurgiões, sem dúvida. Cientistas. Programadores. Devia haver algum assistente social envolvido, mas ela não conseguia lembrar. Sua memória só lhe dava vislumbres embaçados do campo francês e daquele estranho sentado à frente dela, hipnotizado pelo dispositivo que tinha em mãos.

Seu novo padrasto.

O aerodeslizador foi mais devagar e se aproximou do meio-fio. A frente bateu num banco de neve e o veículo parou de repente, tremendo. Cinder segurou a barra acima, mas o aerodeslizador já tinha se acomodado meio torto na neve compactada.

— Chegamos — disse o homem, os olhos cintilando quando a porta do aerodeslizador se abriu.

Ela ficou grudada no assento, a mão ainda segurando a barra, e um sopro gelado os envolveu. Eles tinham chegado a uma das

casinhas tipo barraco, com a tinta descascando e uma calha pendurada balançando com o peso da neve. Ainda assim, era uma casinha fofa, toda branca com telhado vermelho e galhos mortos saindo do chão, e Cinder quase conseguiu imaginar um jardim na primavera.

O homem pagou o aerodeslizador com um movimento de pulso e saiu em um caminho que tinha sido limpo até só restar uma fina camada de gelo. A porta da casa se abriu antes de ele ter dado um passo, e duas garotas da idade de Cinder saíram correndo pelos degraus, gritando de alegria. O homem se agachou com os braços abertos, e as garotas pularam nele.

De onde estava, dentro do aerodeslizador, Cinder ouviu o homem rir pela primeira vez.

Uma mulher apareceu na porta amarrando a faixa de um roupão na cintura.

— Garotas, não sufoquem seu pai. Ele fez uma viagem longa.

— Não escutem a sua mãe, mas só desta vez. Podem me sufocar o quanto quiserem. — Ele beijou as filhas no alto da cabeça e se levantou segurando as mãos delas com firmeza. — Vocês querem conhecer sua nova irmã? — perguntou ele, se virando para o aerodeslizador. Pareceu surpreso de ver o caminho vazio atrás de si. — Venha, Cinder.

Ela tremeu e soltou a mão da barra. Deslizou pelo banco até a porta e tentou ser graciosa ao sair para a rua, mas a distância até o chão era menor do que ela esperava, e sua perna pesada não se flexionou ao bater no gelo compactado. Ela gritou e cambaleou, mal conseguindo se segurar na porta do aerodeslizador.

O homem correu até ela, segurando-a da melhor forma que pôde pelo braço, uma das mãos segurando seus dedos de metal.

— Está tudo bem, isso é natural. Seus músculos estão fracos agora e vai demorar para sua fiação se integrar completamente com seu sistema nervoso.

Cinder olhou intensamente para o chão, tremendo de frio e vergonha. Não conseguia deixar de ver ironia nas palavras do homem, embora não ousasse rir delas. O que fiação integrada tinha a ver com ser perfeitamente natural?

— Cinder — continuou o homem, guiando-a para a frente. — Esta é minha filha mais velha, Pearl, e minha mais nova, Peony. E essa é a linda mãe delas, Adri. Sua nova madrasta.

Ela olhou para as duas filhas dele por trás de uma cortina de cabelo castanho fino.

As duas estavam olhando abertamente para a mão de metal.

Cinder tentou se encolher, mas a garota mais nova, Peony, perguntou:

— Doeu quando colocaram?

Equilibrada agora, Cinder soltou a mão do homem e a puxou para a lateral do corpo.

— Não lembro.

— Ela estava inconsciente nas cirurgias, Peony — disse o homem.

— Posso tocar? — pediu ela, já aproximando a mão.

— Já chega, Garan. As pessoas estão olhando.

Cinder teve um sobressalto ao ouvir a voz aguda, mas quando olhou, a “madrasta” não estava olhando para eles, mas para a casa

do outro lado da rua.

Garan. Esse era o nome do homem. Cinder o guardou na memória enquanto seguia o olhar de Adri e via um homem olhando para ela pela janela da frente.

— Está um gelo aqui fora — disse Adri. — Pearl, vá procurar a androide e mande que ela pegue a bagagem do seu pai. Peony, você pode mostrar o quarto da Cinder.

— Você quer dizer o *meu* quarto — disse Pearl, curvando o lábio ao começar a andar na direção da casa. — Eu sou a mais velha. Não devia ter que dividir com Peony.

Para a surpresa de Cinder, a garota mais nova se virou e se agarrou no braço dela, puxando-a. Ela quase escorregou no gelo e teria ficado constrangida de novo, mas reparou que os pés de Peony também estavam deslizando enquanto ela puxava Cinder.

— Pearl pode ficar com o quarto — disse ela. — Não me importo de dividir com a Cinder.

O rosto de Adri estava rígido enquanto ela olhava para os cotovelos entrelaçados das duas.

— Não discutam comigo, vocês duas.

A mão de aço de Cinder ficou coberta de condensação quando ela passou do ar gelado para a entrada quente da casa, mas Peony não pareceu reparar ao puxá-la para os fundos da casa.

— Não sei por que Pearl está chateada — disse ela, empurrando a porta com o ombro. — Esse é o menor quarto da casa. Nosso quarto é bem melhor. — Ela soltou Cinder e foi abrir a persiana da janelinha. — Mas, olha, dá pra você ver a cerejeira dos vizinhos. Fica linda quando floresce.

Cinder não a seguiu até a janela e só olhou em volta. O quarto parecia pequeno, mas era maior do que a cabine no trem de levitação magnética, e ela não tinha quartos anteriores com que comparar. Havia um colchão no canto, com cobertores presos nas laterais, e uma pequena cômoda vazia junto à parede mais próxima.

— Pearl tinha um netscreen aqui, mas minha mãe botou na cozinha. Mas você pode ir assistir no meu quando quiser. Você gosta de *Ilha do pesadelo*? É minha novela favorita.

— *Ilha do pesadelo*? — Assim que Cinder falou, seu cérebro jogou dados no seu visor. Uma novela popular para garotas adolescentes que inclui um elenco de 36 jovens celebridades presas em mentiras, traições, romance e o plano de um cientista maluco que...

— Não me diga que nunca ouviu falar!

Cinder ergueu os ombros até as orelhas.

— Eu já ouvi falar — disse ela, piscando para remover os dados do visor. Perguntou-se se havia uma forma de fazer o cérebro parar de fazer aquilo cada vez que ouvia uma coisa desconhecida. Acontecia quase sem parar desde que ela acordou da cirurgia. — É o programa do cientista maluco, não é? Mas nunca vi.

Peony pareceu aliviada.

— Tudo bem, eu tenho assinatura do feed todo. Vamos ver juntas. — Ela deu um pulinho, e Cinder teve que afastar o olhar da empolgação da garota. Seu olhar pousou em uma caixa meio escondida atrás da porta. Tinha uma mão pequena pendurada na beirada.

— O que é isso? — disse ela, se inclinando para a frente. Cinder manteve as mãos nas costas.

— Ah, é a Iko. — Peony abandonou a janela, se agachou e puxou a caixa. Estava cheia de peças de androide misturadas; o corpo esférico ocupava quase o espaço todo, junto com uma cabeça branca brilhante, uma lente de sensor, um saco transparente cheio de parafusos e chips de programação. — Ela teve algum tipo de falha no chip de personalidade, e minha mãe ouviu que poderia ganhar mais dinheiro se vendesse as peças e não inteira, mas ninguém quis. Agora, ela fica aí, numa caixa.

Cinder tremeu, pensando em quão comuns eram as falhas em androides. E ciborgues.

— Eu gostava da Iko quando ela estava funcionando. Ela era bem mais divertida do que aquele androide chato do jardim. — Peony pegou o bracinho fino de metal com três dentes e o ergueu, de forma que os dedos estalaram. — Nós brincávamos de nos fantasiar. — Seus olhos se iluminaram. — Ei, você gosta de brincar de se fantasiar?

Adri apareceu na porta na hora que o cérebro de Cinder estava informando a ela que “fantasiar” era uma brincadeira feita por crianças em que fantasias ou roupas de adulto são usadas para ajudar no processo de imaginação...

Obviamente, pensou ela, afastando a mensagem.

— E então, Cinder? — perguntou Adri, apertando a faixa do roupão de novo e observando o quartinho com o rosto contraído. — Garan me disse que você não precisava de muita coisa. Espero que isso esteja de acordo com suas expectativas.

Ela olhou em volta de novo, para a cama, a cômoda, os galhos que um dia floresceriam no jardim do vizinho.

— Sim, obrigada.

Adri esfregou as mãos.

— Que bom. Espero que me avise se precisar de alguma coisa. Estamos felizes de dividir nossa casa com você, sabendo o que você passou.

Cinder lambeu os lábios pensando em dizer obrigada novamente, mas uma pequena luz laranja brilhou no dispositivo óptico biônico, e ela percebeu que estava franzindo a testa. Aquilo era novo e ela não tinha ideia do que significava.

Talvez fosse sinal de mau funcionamento do cérebro. Talvez fosse uma falha.

— Venha, Peony — disse Adri, recuando para o corredor. — Preciso de ajuda na cozinha.

— Mas, mãe, Cinder e eu íamos...

— *Agora*, Peony.

Com cara feia, Peony botou o braço de androide na mão da Cinder e foi atrás da mãe.

Cinder ergueu o membro e acenou para as costas das duas, fazendo os dedos sem vida darem adeus.



SEIS NOITES DEPOIS DE CHEGAR À CASA NOVA, CINDER ACORDOU pegando fogo. Ela gritou, caiu do colchão com um cobertor apertado como um torniquete em volta da perna biônica. Ficou ofegando por um

minuto, esfregando as mãos nos braços para tentar apagar as chamas até finalmente se dar conta de que não eram reais.

Um aviso sobre o aumento de temperatura brilhou no visor, e ela se obrigou a ficar parada por tempo suficiente para a imagem desaparecer. Sua pele estava grudenta, com gotas de suor escorrendo para o cabelo. Até seus membros de metal pareciam quentes ao toque.

Quando sua respiração estava sob controle, ela se levantou com pernas fracas e andou até a janela, a abriu e inspirou o ar de inverno. A neve tinha começado a derreter, virou lama durante o dia e depois gelo brilhante à noite. Cinder ficou imóvel por um momento apreciando o ar gelado na pele e encantada com o azul fantasmagórico que a lua quase cheia espalhava pelo mundo. Tentou se lembrar do pesadelo, mas sua memória só lhe deu fogo e, depois de um minuto, a sensação de lixa na boca.

Ela fechou a janela e foi na direção da porta do quarto, tomando cuidado para não tropeçar na sacola de roupas usadas que Pearl lhe deu contrariada no dia anterior, depois de um sermão do pai sobre caridade.

Ela ouviu a voz de Adri antes de chegar à cozinha e parou, uma das mãos apoiada na parede enquanto o corpo ameaçava se inclinar para o lado esquerdo, o mais pesado.

Enquanto ela tentava ouvir, a voz de Adri foi ficando mais alta, e Cinder percebeu com um sobressalto que Adri não estava *falando* mais alto, mas alguma coisa na cabeça dela estava ajustando o volume da sua audição. Ela passou a mão na orelha, com a sensação de que havia um inseto ali dentro.

— Quatro meses, Garan — disse Adri. — Estamos quatro meses atrasados, e Suki-jiě já ameaçou começar a fazer leilão com as nossas coisas se não pagarmos logo.

— Ela não vai fazer leilão com as nossas coisas — disse Garan, a voz uma estranha combinação de tranquilizadora e tensa. A voz de Garan já tinha perdido a familiaridade para os ouvidos de Cinder. Ele passava os dias em um barracão de um aposento atrás da casa “batendo lata”, dizia Peony, mas sem saber exatamente o que ele estava fazendo. Ele se juntava à família nas refeições, mas quase nunca falava, e Cinder questionava o quanto ouvia. Sua expressão sempre sugeria que sua mente estava distante.

— Por que ela *não* venderia nossas coisas? É o que eu faria no lugar dela! — disse Adri. — Sempre que tenho de sair de casa, volto imaginando se vai ser o dia em que nossas coisas sumiram e as fechaduras foram trocadas. Não podemos continuar vivendo à base da hospitalidade dela.

— Vai ficar tudo bem, amor. Nossa sorte está mudando.

— Nossa sorte!

A voz de Adri machucou o ouvido de Cinder, que se encolheu pelo tom estridente e mandou rapidamente o volume diminuir de novo. Sua ordem foi obedecida apenas por ela ter vontade. Ela prendeu a respiração, curiosa para saber que outros segredos seu cérebro escondia dela.

— *Como* nossa sorte está mudando? Porque você ganhou uma fita prateada naquela feira em Sydney mês passado? Seus prêmios idiotas não vão botar comida na mesa, e agora você trouxe pra casa mais uma boca... e uma boca *ciborgue*!

— Nós conversamos sobre isso...

— Não, *você* conversou sobre isso. Quero te apoiar, Garan, mas esses seus planos vão nos custar caro. Nós temos nossas garotas em quem pensar. Não tenho nem dinheiro para comprar sapatos novos para Pearl, e agora tem essa criatura aqui em casa que vai precisar de... quê? Um *pé* novo a cada seis meses?

Tremendo junto à parede, Cinder olhou para o pé de metal, os dedos estranhos e enormes ao lado dos de carne e osso, os que tinham osso e pele e unhas.

— Claro que não. Ela vai ficar bem por um ou dois anos — disse Garan.

Adri sufocou uma risada histérica.

— E a perna e os dedos podem ser ajustados conforme ela cresce — continuou Garan. — Não devemos precisar de novas peças até ela chegar à idade adulta.

Cinder levantou a mão na luz fraca que vinha pelo corredor e inspecionou as juntas. Não tinha notado como os nós dos dedos eram encaixados, os dígitos aninhados dentro dos outros. Então aquela mão cresceria, assim como sua mão humana.

Porque ela ficaria com aqueles membros para sempre. Ela seria ciborgue para sempre.

— Ah, que *reconfortante* — disse Adri. — Fico feliz de ver que você pensou tanto nisso.

— Tenha fé, amor.

Cinder ouviu uma cadeira ser empurrada para trás. Voltou para o corredor, mas em seguida só houve o som de água da torneira. Ela

apertou os dedos sobre a boca tentando sentir a água por psicocinese, mas nem *seu* cérebro saciava sua sede só pelo som.

— Tenho uma coisa especial para revelar na Feira de Tóquio, em março — disse Garan. — Vai mudar tudo. Enquanto isso, você precisa ser paciente com a criança. Ela só quer fazer parte da família. Será que ela pode ajudar com as coisas de casa até conseguirmos substituir a androide?

Adri fez um ruído de deboche.

— Me ajudar? O que ela pode fazer arrastando aquela monstruosidade por aí?

Cinder se encolheu. Ouviu um copo ser botado na mesa e depois um beijo.

— Dá uma chance pra ela. Pode ser que ela surpreenda.

Ela se afastou no primeiro sinal de passos, voltou para o quarto e fechou a porta. Sentia que poderia chorar de sede, mas seus olhos permaneceram tão secos quanto a língua.



— **AQUI, COLOCA O VERDE — DISSE PEONY, JOGANDO UM MONTE DE** seda verde e dourada nos braços de Cinder. Ela quase não conseguiu segurar porque o material fino escorreu como água pelas mãos. — Nós não temos vestidos de baile de verdade, mas esses são bonitos. Esse é meu favorito. — Peony ergueu o traje, um pedaço de tecido roxo e vermelho decorado com garças voando. Ela enfiou os braços ossudos nas mangas enormes e puxou o tecido na

cintura, segurando-o no lugar enquanto remexia na pilha de roupas atrás de uma faixa prateada e a amarrava. — Não são lindos?

Cinder assentiu com insegurança; embora os quimonos de seda talvez fossem as coisas de mais qualidade que ela já tinha sentido, Peony estava ridícula com o dela. A barra da saia se arrastava no chão em trinta centímetros, as mangas iam quase até os joelhos, e as roupas comuns apareciam no pescoço e nos pulsos, estragando a ilusão. Quase parecia que a roupa estava tentando comê-la.

— Bom, coloca o seu! — disse Peony. — Aqui, essa é a faixa que eu costumo usar com esse aí. — Ela puxou uma faixa preta e violeta.

Cinder enfiou as mãos nas mangas com hesitação, tomando cuidado especial para nenhum parafuso e nenhuma junta ficar presa no tecido fino.

— Adri não vai ficar com raiva?

— Pearl e eu brincamos de nos fantasiar o tempo todo — respondeu Peony, enrolando a faixa na cintura de Cinder. — E como vamos ao baile se não tivermos vestidos bonitos pra usar?

Cinder levantou os braços para as mangas descerem.

— Acho que minha mão não combina com esse.

Peony riu, embora Cinder não pretendesse ser engraçada. Peony parecia achar graça em quase tudo que ela dizia.

— Finja que está usando luvas — disse Peony. — Ninguém vai saber.

Ela pegou Cinder pela mão e a puxou pelo corredor até o banheiro para elas poderem se ver no espelho. Com o cabelo fino e castanho caindo sem vida até os ombros e os dedos estranhos de

metal aparecendo na manga esquerda, Cinder não parecia menos absurda do que Peony.

— Perfeita — disse Peony, sorrindo. — Agora, estamos no baile. Iko sempre era o príncipe, mas acho que vamos ter que fingir.

— Que baile?

Peony a encarou pelo espelho como se tivesse nascido um rabo de metal nela.

— O baile do festival da paz! É um evento enorme que temos todos os anos; o festival acontece no centro da cidade e à noite tem o baile no palácio. Eu nunca fui, mas Pearl vai fazer treze anos no ano que vem e vai poder ir pela primeira vez. — Ela suspirou e virou para o corredor. Cinder foi atrás, seu jeito de andar ainda mais estranho por causa do quimono arrastando no chão.

— Quando eu for pela primeira vez, quero um vestido roxo com saia tão grande que mal vai dar pra passar pela porta.

— Parece desconfortável.

Peony franziu o nariz.

— Bom, tem que ser espetacular, senão o príncipe Kai não vai me notar, e aí qual vai ser o sentido?

Cinder quase teve medo de perguntar enquanto seguia uma agitada Peony até o quarto.

— Quem é o príncipe Kai?

Peony se virou para ela tão rápido que tropeçou na saia do quimono de Adri e caiu gritando na cama.

— *Quem é o príncipe Kai?* — gritou ela, lutando para se sentar. — Só meu futuro marido! Sinceramente, as garotas na Europa não sabem sobre ele?

Cinder oscilou sobre os dois pés e não conseguiu responder à pergunta. Depois de doze dias inteiros vivendo com Peony e a família dela, ela já tinha mais lembranças da Comunidade das Nações Orientais do que da Europa. Não tinha a menor ideia sobre o que (ou quem) as garotas da Europa tinham como foco de obsessão.

— Aqui — disse Peony, se esticando por cima do cobertor bagunçado e pegando um tablet na mesa de cabeceira. — Ele está no meu tablet.

Ela acendeu a tela e uma voz de garoto disse:

— Oi, Peony.

Cinder se adiantou e pegou o pequeno dispositivo na mão dela. A tela mostrava um garoto de doze ou treze anos usando um terno ajustado que parecia irônico com o cabelo preto desgrehado. Ele estava acenando para alguém; Cinder achava que a foto era de algum evento da imprensa.

— Ele não é lindo? — comentou Peony. — Todas as noites eu amarro um barbante vermelho no dedo e digo o nome dele cinco vezes porque uma garota da minha turma me disse que isso vai unir nossos destinos. Eu sei que ele é a minha alma gêmea.

Cinder inclinou a cabeça e ficou olhando para o garoto. Seu dispositivo óptico biônico o escaneou e encontrou a foto em uma base de dados na cabeça dela. Desta vez, ela já esperava o fluxo de texto que começou a surgir do cérebro. Seu número de identificação, a data de nascimento, o nome completo e o título. Príncipe Kaito, herdeiro da Comunidade das Nações Orientais.

— Os braços dele são longos demais para o corpo — disse ela depois de finalmente entender o que não parecia certo na foto. — Não são proporcionais.

— De que você está falando? — Peony puxou o tablet e ficou olhando por um minuto antes de o jogar no travesseiro. — Sinceramente, quem se importa com os braços dele?

Cinder deu de ombros, sem conseguir segurar um leve sorriso.

— Eu só estava comentando.

Peony resmungou, puxou as pernas e pulou da cama.

— Tanto faz. Nosso aerodeslizador chegou. É melhor irmos logo, senão vamos nos atrasar para o baile, onde vou conseguir dançar com Sua Alteza Imperial, e você pode dançar com quem quiser. Talvez com outro príncipe. Vamos inventar um pra você. Quer que o príncipe Kai tenha um irmão?

— O que vocês duas estão fazendo?

Cinder se virou. Adri estava parada na porta; mais uma vez, seus passos chegaram despercebidos, e Cinder estava começando a se perguntar se ela era um fantasma que flutuava por corredores em vez de andar.

— Nós vamos ao baile! — disse Peony.

O rosto de Adri ficou vermelho quando seu olhar chegou ao quimono de seda caindo pelos ombros de Cinder.

— Tire isso agora mesmo!

Cinder se encolheu e começou na mesma hora a soltar o nó que Peony tinha amarrado na cintura dela.

— Peony, o que você tem na cabeça? Esses trajes são caros, e se ela ficasse presa... se o forro... — Ela deu um passo à frente,

segurou a gola do vestido e o arrancou de Cinder assim que a faixa se soltou.

— Mas você deixava que Pearl e eu...

— As coisas estão *diferentes* agora, e vocês vão deixar minhas coisas em paz. Vocês duas!

Com cara emburrada, Peony começou a tirar o vestido. Cinder mordeu a bochecha, sentindo-se estranhamente vulnerável sem a seda pesada em volta do corpo e enjoada de culpa, apesar de não saber bem por que se sentia culpada.

— Cinder.

Ela ousou encarar Adri.

— Vim dizer que, se você quer fazer parte deste lar, espero que assuma algumas responsabilidades. Você tem idade para ajudar Pearl com as tarefas.

Ela assentiu, quase ansiosa para ter alguma coisa a fazer com seu tempo enquanto Peony não estivesse presente.

— Claro. Não quero dar trabalho.

Adri repuxou a boca em uma linha apertada.

— Não vou pedir que você tire o pó enquanto não puder confiar que aprendeu a se mover com mais graça. Isso aí é resistente à água?

Cinder levantou a mão biônica e abriu os dedos.

— Eu... acho que sim. Mas pode enferrujar... depois de um tempo...

— Tudo bem, nada de lavar pratos nem o chão. Você ao menos sabe cozinhar?

Cinder revirou o cérebro se perguntando se poderia obter uma receita com a mesma facilidade com que obtinha definições inúteis.

— Nunca cozinhei, não que eu lembre. Mas sei que...

Peony levantou os braços.

— Por que não consertamos Iko, e aí *ela* pode fazer todo o trabalho de casa como deveria?

Os olhos de Adri soltaram faísca quando ela olhou para a filha e para Cinder.

— Bom — disse ela por fim, pegando os dois quimonos e os jogando no braço. — Sei que vamos conseguir encontrar *algum* uso pra você. Enquanto isso, por que você não deixa minha filha em paz pra que ela possa fazer alguns deveres da escola?

— O quê? — perguntou Peony. — Mas nós nem chegamos ao baile ainda.

Cinder não queria ouvir a discussão que imaginava que viria em seguida.

— Sim, madrastra — murmurou ela, e baixou a cabeça. Ela passou por Adri e foi para o próprio quarto.

Suas entranhas estavam fervendo, mas ela não conseguia identificar a emoção principal. Raiva fervente, porque não era sua culpa o fato de que sua nova perna era desajeitada e pesada, e como ela poderia saber que Adri não queria que as meninas brincassem com as coisas dela?

Mas também vergonha, porque talvez ela fosse mesmo inútil. Tinha onze anos, mas não sabia nada além dos dados que pareciam não ter propósito nenhum fora impedir que ela fizesse

papel de idiota. Se tinha alguma habilidade antes, ela não fazia ideia de qual era. Tinha perdido tudo agora.

Cinder suspirou, fechou a porta do quarto e se encostou nela.

O quarto não tinha mudado muito nas quase duas semanas desde que ela tinha passado a chamá-lo de casa, fora as roupas descartadas que tinham sido colocadas na cômoda, um par de botas jogado num canto, os cobertores embolados no pé da cama.

Seus olhos pousaram na caixa de peças de androide que não tinha sido tirada do lugar atrás da porta. O sensor morto, os braços finos.

Havia um código de barras na parte de trás do tronco que ela não tinha notado antes. Mal tinha reparado agora, mas seu cérebro distraído estava pesquisando os números aleatórios, baixando as informações de marca e modelo do androide. A lista de peças. O valor estimado. O manual de manutenção e conserto.

Algo familiar se agitou dentro dela, como se ela já conhecesse aquele androide. Como as peças se encaixavam, como a mecânica e a programação funcionavam como um todo. Ou não, não era familiaridade, mas... uma conexão. Como se ela conhecesse a androide intimamente. Como se fosse uma extensão dela.

Ela se afastou da porta, a pele formigando.

Talvez ela tivesse uma habilidade útil, afinal.



LEVOU TRÊS DIAS, DURANTE OS QUAIS ELA SÓ SAIU DO QUARTO PARA fazer as refeições com a nova família e, uma vez, para brincar na neve

com Peony enquanto Adri e Pearl estavam no mercado. Seus membros de metal estavam congelados quando elas terminaram, mas entrar e tomar um bule de chá verde com gargalhadas compartilhadas a aqueceu rapidamente.

Adri não voltou a pedir a Cinder que assumisse alguma tarefa de casa, e Cinder imaginou que parecia uma causa perdida para sua madrasta. Mas continuou esperançosa enquanto o amontoado de peças de androide formava gradualmente uma coisa reconhecível. Um corpo de plástico oco por cima de uma esteira larga, dois braços finos, uma cabeça chata com apenas um sensor ciclope no lugar de rosto. O sensor foi o que lhe deu mais trabalho, e ela teve que refazer a fiação duas vezes, verificando três vezes o diagrama que tinha sido baixado no visor antes de ter certeza de que tinha acertado.

Se ao menos desse certo. Se ao menos ela pudesse mostrar a Adri e até a Garan que ela não era um acréscimo inútil à família. Que estava grata por eles a terem acolhido, já que mais ninguém a queria. Que ela desejava ser parte deles.

Ela estava de pernas cruzadas na cama com a janela aberta atrás, deixando uma brisa fria e agradável entrar, quando inseriu o toque final. O pequeno chip de personalidade encaixou, e Cinder prendeu o ar, esperando que a androide se empertigasse e se virasse e começasse a falar com ela, até lembrar que ela precisaria ser carregada para poder funcionar.

Sentindo a empolgação sumir por conta do final anticlimático, Cinder soltou o ar lentamente e se deitou no colchão, mentalmente exausta.

Uma batida soou na porta.

— Entre — gritou ela, sem se dar ao trabalho de se mexer quando a porta se abriu.

— Eu só queria saber se você quer vir ver... — Peony ficou em silêncio, e Cinder conseguiu levantar a cabeça e ver a garota olhando boquiaberta para a androide. — É... a Iko?

Sorrindo, Cinder se apoiou nos cotovelos.

— Ela ainda precisa ser carregada, mas acho que vai funcionar.

Ainda com a boca aberta, Peony entrou no quarto. Apesar de só ter nove anos, ela já era trinta centímetros mais alta do que o robô atarracado.

— Como... *como*? Como você a consertou?

— Tive que pegar algumas ferramentas do seu pai emprestadas.

Cinder indicou uma pilha de chaves inglesas e de fenda no canto. Não se deu ao trabalho de mencionar que ele não estava na oficina atrás da casa quando ela foi procurar as ferramentas. Quase parecia roubo e o pensamento a apavorava, mas não era roubo. Ela não ia ficar com as ferramentas e achava que Garan ficaria feliz quando visse que ela consertou a androide.

— Isso não é... — Peony balançou a cabeça e olhou para Cinder.
— Você consertou ela sozinha?

Cinder deu de ombros, sem saber se devia ficar orgulhosa ou incomodada com a expressão de surpresa que Peony estava fazendo.

— Não foi tão difícil. Eu fiz... eu consigo fazer o download... de informações. De instruções. Na cabeça. E descobri como colocar o esquema do androide no meu visor pra poder... — Ela parou de

falar, se dando conta de que o que tinha achado que era uma habilidade muito útil também era mais uma excentricidade estranha que seu corpo podia executar. Mais um efeito colateral de ser ciborgue.

Mas os olhos de Peony brilhavam mais a cada minuto.

— Você está brincando — disse ela, pegando uma das mãos de Iko e a balançando. Cinder tinha tomado o cuidado de passar graxa para que as juntas não emperrassem. — O que mais você consegue fazer?

— Hum. — Cinder encolheu os ombros enquanto pensava. — Eu consigo... deixar os sons mais altos. Não de verdade, mas consigo ajustar minha audição para que os sons pareçam mais altos. Ou mais baixos. Acho que posso anular minha audição se quiser.

Peony riu.

— Que incrível! Você nunca teria que ouvir a mamãe quando ela está gritando! Ah, que inveja! — Sorrindo, ela começou a puxar Iko para a porta. — Venha, tem uma estação de carregamento no corredor.

Cinder saiu da cama e foi atrás dela até uma estação de carregamento no final do corredor. Peony conectou Iko e, na mesma hora, uma luz azul suave começou a brilhar em volta do plugue.

Peony ergueu olhos esperançosos para Cinder quando a porta da frente se abriu e Garan cambaleou pelo corredor, o cabelo encharcado. Ele não estava de casaco.

Ele levou um susto quando viu as garotas paradas ali.

— Peony — disse ele, sem fôlego. — Onde está sua mãe?

Ela olhou por cima do ombro.

— Na cozinha, eu ach...

— Vá buscá-la. Rápido, por favor.

Peony parou, o rosto cheio de preocupação, mas acabou correndo na direção da cozinha.

Cinder entrelaçou os dedos e chegou mais perto da androide. Era a primeira vez que ela ficava sozinha com Garan desde a longa viagem, e esperava que ele dissesse alguma coisa, que perguntasse como estava se adaptando ou se havia algo de que precisava, coisa que tinha perguntado muitas vezes durante a viagem, mas ele nem pareceu reparar que ela estava parada ali.

— Eu consertei sua androide — disse ela por fim, a voz um pouco aguda. Pegou o braço inerte de Iko como se quisesse provar o que disse, mas a mão só pendeu na dela.

Garan virou o olhar consternado para ela e a observou por um momento, como se fosse perguntar quem ela era e o que estava fazendo na casa dele. Chegou a abrir a boca, mas demorou muito tempo para palavras se formarem.

— Ah, criança.

Ela franziu a testa ao ouvir a pena óbvia. Não era uma reação que ela esperava; ele não estava impressionado, não estava agradecido. Achando que não tinha ouvido corretamente, ela ia se repetir (não, ela tinha *consertado* a androide), quando Adri apareceu, usando o roupão que sempre usava quando não estava planejando sair. Estava com um pano de prato na mão e as duas filhas corriam atrás.

— Garan?

Ele cambaleou para trás e bateu com o ombro com força na parede, e todo mundo ficou imóvel.

— Não... — gaguejou ele, sorrindo com um pedido de desculpas quando uma gota de água pingou no nariz. — Já chamei um aerodeslizador de emergência.

A curiosidade ficou evidente no rosto de Adri.

— Por quê?

Cinder se encostou na parede, sentindo como se estivesse presa entre duas pessoas que não tinham a menor ideia de que ela estava parada ali.

Garan cruzou os braços e começou a tremer.

— Eu peguei — sussurrou ele, os olhos começando a lacrimejar.

Cinder olhou para Peony perguntando-se se as palavras significavam alguma coisa para ela, mas ninguém estava prestando atenção em Cinder.

— Sinto muito — disse Garan, tossindo. Ele andou até a porta. — Eu não devia nem ter entrado. Mas eu tinha que falar... eu tinha que... — Ele cobriu a boca, e seu corpo todo tremeu com uma tosse ou um soluço, Cinder não sabia qual dos dois. — Eu amo tanto vocês. Sinto muito. Sinto muito mesmo.

— Garan. — Adri deu meio passo à frente, mas seu marido já estava se virando. A porta da frente se fechou um segundo depois, e Pearl e Peony gritaram ao mesmo tempo e correram, mas Adri segurou as duas pelos braços. — *Garan!* Não, garotas, fiquem aqui. Vocês duas. — A voz dela estava tremendo quando ela as puxou antes de sair correndo atrás de Garan, o roupão balançando e roçando nas pernas de Cinder quando ela passou.

Cinder se adiantou para ver a porta sendo aberta. Seu coração batucava como um tambor no peito.

— GARAN! — gritou Adri, com lágrimas na voz. — O que você... você não pode ir!

Cinder foi jogada contra a parede quando Pearl passou correndo por ela, gritando pelo pai, com Peony logo atrás, chorando.

Ninguém parou. Ninguém olhou para Cinder e nem para a androide na pressa para chegar à porta. Cinder se deu conta depois de um momento que ainda estava segurando o braço fino da androide, ouvindo. Ouvindo os soluços e as súplicas, os *não* e os *papai*. As palavras ecoaram na neve e entraram na casa.

Cinder soltou a androide e saiu andando. Chegou à soleira que dava vista para o mundo branco ofuscante e parou, olhando para Adri e Pearl e Peony, que estavam de joelhos no caminho que levava à rua, a lama de neve molhando as roupas. Garan estava parado na calçada, a mão ainda sobre a boca, como se ele tivesse esquecido que estava lá. Seus olhos estavam vermelhos de chorar. Ele parecia fraco e pequeno, como se o mais fraco dos ventos fosse capaz de soprá-lo nos montes de neve.

Cinder ouviu sirenes.

— O que eu vou fazer? — gritou Adri, os braços arrepiados segurando as filhas junto ao corpo. — O que vou fazer?

Uma porta bateu, e Cinder olhou. O homem do outro lado da rua estava na porta de casa. Mais vizinhos estavam surgindo; em portas e janelas, os olhares cheios de curiosidade.

Adri chorou mais alto, e Cinder voltou a atenção para a família, sua nova família, e se deu conta de que Garan estava olhando para

ela.

Ela olhou para ele, a garganta ardendo do frio.

As sirenes ficaram mais altas, e Garan olhou para a esposa encolhida, para as filhas apavoradas.

— Minhas meninas — disse ele, tentando sorrir, mas um aerodeslizador branco com luzes piscando apareceu na esquina anunciando sua chegada.

Cinder voltou pela porta quando o aerodeslizador parou atrás de Garan na neve. Dois andróides saíram pela porta lateral com uma maca flutuando entre eles. Seus sensores amarelos estavam brilhando.

— Recebemos uma mensagem às 17:04 sobre uma vítima de letumose neste endereço — disse um dos andróides com voz estéril.

— Sou eu — disse Garan com voz engasgada, suas palavras instantaneamente sufocadas pelos gritos de Adri.

— NÃO! Garan! Você não pode!

Garan tentou abrir um sorriso trêmulo e esticou o braço. Enrolou a manga, e mesmo de onde estava, na entrada de casa, Cinder viu dois pontos escuros no pulso dele.

— Eu peguei. Adri, eu te amo, você precisa cuidar da garota.

Adri recuou como se ele tivesse dado um tapa nela.

— *Da garota?*

— Pearl, Peony — continuou Garan, como se ela não tivesse falado —, sejam boas para sua mãe. Nunca esqueçam que eu amo vocês demais. — Ele parou de sorrir e se sentou na maca flutuante.

— Deite-se — disse um dos andróides. — Vamos inserir sua identificação nos nossos registros e alertar sua família imediatamente sobre qualquer mudança nas suas condições.

— Não, Garan! — Adri se levantou, os chinelos finos escorregando no gelo e quase a jogando de cara no chão quando tentou correr atrás do marido. — Você não pode me deixar. Não sozinha, não com... não com essa *coisa*!

Cinder tremeu e envolveu a cintura com os braços.

— Por favor, fique afastada da vítima de letumose — disse um dos andróides, se posicionando entre Adri e o aerodeslizador enquanto Garan era levado para dentro.

— Garan, não! NÃO!

Pearl e Peony agarraram de novo as laterais do corpo da mãe, as duas gritando pelo pai, mas talvez elas estivessem com medo demais do andróide para chegarem mais perto. Os andróides rolaram até o aerodeslizador. As portas se fecharam. As sirenes e as luzes ocuparam o subúrbio tranquilo antes de sumirem lentamente. Adri e as filhas ficaram abraçadas na neve chorando e se consolando enquanto os vizinhos olhavam. Enquanto Cinder olhava perguntando-se por que seus olhos estavam tão secos, a ponto de arder, enquanto o medo a sufocava como lama de neve congelando novamente.

— O que está acontecendo?

Cinder olhou para baixo. A andróide tinha despertado e se desconectado da estação de carregamento e agora estava na frente dela com o sensor brilhando suavemente.

Ela tinha conseguido. Tinha consertado a androide. Tinha provado seu valor.

Mas seu sucesso foi sufocado pelo choro delas e pela lembrança das sirenes. Ela não conseguia entender a injustiça direito.

— Levaram Garan — respondeu ela, lambendo os lábios. — Disseram que ele é vítima de letumose.

Uma série de cliques soou dentro do corpo do androide.

— Ah, caramba... não Garan.

Cinder mal a ouviu. Ao dizer as palavras, ela se deu conta de que seu cérebro estava baixando informações havia um tempo, mas que ela estava envolvida demais com tudo para reparar. Agora, dezenas de trechos inúteis de informações surgiam na sua visão. Letumose, também chamada febre azul ou peste, já levou milhares de vidas desde que as primeiras vítimas conhecidas da doença morreram no norte da África em maio de 114 da terceira era... Cinder leu mais rápido, procurando as palavras que temia, mas sabia que acabaria encontrando. Até o momento, não há sobreviventes de que se tenha conhecimento.

Iko estava falando de novo, e Cinder balançou a cabeça para limpar o visor.

— ... não aguento vê-las chorar, principalmente a adorável Peony. Nada faz uma androide se sentir mais inútil do que quando um humano está chorando.

Com uma dificuldade repentina de respirar, Cinder saiu da porta e se encostou na parede de dentro, sem aguentar mais ouvir o choro delas.

— Não precisa se preocupar comigo, então. Acho que não consigo mais chorar. — Ela hesitou. — Pode ser que eu nunca tenha conseguido.

— É mesmo? Que peculiar. Talvez seja uma falha de programação.

Ela olhou para o sensor único da Iko.

— Falha de programação.

— Claro. Você tem programação, não tem? — Iko levantou um braço fino e indicou a prótese de aço de Cinder. — Eu tenho uma falha também. Às vezes, esqueço que não sou humana. Acho que isso não acontece com a maioria dos andróides.

Cinder olhou para o corpo liso da Iko, para as esteiras velhas no lugar de pés, para as pinças de três dedos e se perguntou como seria ficar presa num corpo daqueles sem saber se você era humana ou robô.

Ela levou a ponta do dedo ao canto do olho direito procurando uma umidade que não estava lá.

— Certo. Uma falha. — Ela fingiu um sorriso indiferente, torcendo para a andróide não reparar na careta que o acompanhou. — Talvez seja só isso mesmo.



O exército da rainha





ELES CHEGARAM NO FINAL DA LONGA NOITE, QUANDO O SETOR DE mineração ficou sem luz do sol por quase duas semanas. Z tinha feito seu décimo segundo aniversário alguns meses antes, e tempo suficiente tinha passado para ele parar de imaginar vislumbres de bordados dourados em casacos pretos. Tinha parado de questionar cada pensamento que surgia. Tinha começado a ter esperanças de não ser escolhido.

Mas ele não ficou surpreso quando foi acordado por uma batida na porta da frente. Era tão cedo que seu pai nem tinha saído ainda para a usina, um setor depois, onde montava motores de naves de passeio e de tratores. Z olhou para o teto escuro e ouviu os sussurros dos pais pela parede, depois os passos do pai passando pela porta.

Vozes abafadas na porta da frente.

Z prendeu o cobertor entre os punhos e tentou despejar todos os seus medos nele e soltar tudo de uma vez. Teve que fazer isso três vezes para não hiperventilar. Não queria que seu irmão, ainda dormindo do outro lado do quarto, ficasse com medo por ele.

Sabia que aquilo era inevitável.

Ele era o melhor da turma. Era mais forte do que alguns dos homens com quem seu pai trabalhava na usina. Ainda assim, achou que talvez seus instrutores fossem deixar que ele passasse. Talvez fosse ignorado.

Mas esses pensamentos eram sempre fugazes. Desde que era garotinho, ele foi criado para esperar uma visita dos taumaturgos da rainha no seu décimo segundo ano, e sabia que, se fosse considerado digno, seria convocado para o novo exército que ela estava construindo. Era uma grande honra servir à coroa. Daria orgulho à sua família e ao seu setor.

— Você devia se vestir.

Ele levantou a cabeça e viu os olhos do irmão brilhando no escuro. Então ele não estava dormindo, afinal.

— Vão te chamar daqui a pouco. Você não quer fazer eles esperarem.

Sem querer que seu irmão achasse que ele estava com medo, ele tirou as pernas da cama.

Encontrou sua mãe no corredor. O cabelo curto dela estava de pé em um lado, e ela tinha colocado um vestido de algodão, mas a estática da anágua o deixou grudado na coxa esquerda. Ela fez uma pausa no ajuste do tecido e, por um segundo horrível, ele viu o desespero que ela sempre escondeu quando eles falavam sobre o recrutamento de soldados. Mas logo sumiu, e ela estava lambendo os dedos e tentando desesperadamente ajeitar o cabelo desgrenhado de Z. Ele fez uma careta, mas não se mexeu nem reclamou, até que seu pai apareceu ao lado deles.

— Ze'ev. — A voz dele estava carregada de uma emoção que Z não reconheceu. — Não tenha medo.

Seu pai segurou sua mão e o guiou para a frente da casa, onde não um, mas dois taumaturgos o esperavam. Os dois usavam o uniforme tradicional da corte da rainha: casacos de gola alta que desciam até as coxas com mangas amplas e bordados elaborados. No entanto, a mulher usava preto, indicando ser taumaturga de terceiro nível, enquanto o homem usava vermelho. Segundo nível. Z achava que eram só uns doze taumaturgos de segundo nível em toda Luna, e agora um estava na casa dele.

Ele não pôde deixar de imaginar sua casa como devia parecer aos olhos de oficiais tão importantes. A sala da frente só tinha espaço para um sofá gasto e uma cadeira de balanço, e sua mãe deixava um vaso de flores falsas empoeiradas na mesa lateral. Se eles se dessem ao trabalho de olhar pela segunda porta, teriam visto uma pia cheia de pratos onde moscas zumbiam porque sua mãe estava cansada demais para lavar a louça na noite anterior, e Ran e Z decidiram brincar com as outras crianças do setor em vez de fazer suas tarefas. Ele se arrependia disso agora.

— Ze'ev Kesley? — perguntou o homem, o de segundo nível.

Ele assentiu, segurando a mão do pai e usando todas as suas forças para não se esconder atrás dele.

— Tenho o prazer de informá-lo que revisamos seus testes de aptidão e escolhemos você para receber as modificações físicas e o treinamento para se tornar um dos grandes soldados do exército de Sua Majestade. Sua inscrição é válida a partir de agora. Não precisa levar nenhum pertence; você receberá tudo de que precisar. Como

se espera que de agora em diante você não tenha mais contato com sua família biológica, pode se despedir agora.

Sua mãe inspirou atrás dele. Z só percebeu que estava tremendo quando o pai se virou e o segurou pelos ombros.

— Não tenha medo — disse ele de novo. Um sorriso leve surgiu e desapareceu. — Faça o que mandarem e nos encha de orgulho. Isso é uma grande honra.

A voz dele estava tensa. Z não sabia se seu pai acreditava no que estava dizendo ou se era só uma exibição para os taumaturgos.

Seu peito se apertou.

— Mas... eu não quero ir.

Seu pai assumiu uma expressão severa.

— Ze'ev.

Z olhou para a mãe. O vestido ainda estava grudado na anágua, mas ela tinha parado de se mexer com agitação. As lágrimas ainda não tinham escorrido pelas bochechas. Havia rugas em volta dos olhos dela que ele nunca tinha notado antes.

— Por favor — disse ele, passando os braços pela cintura dela. Ele sabia como era forte. Se conseguisse se segurar com força, eles jamais o forçariam a soltar. Fechou bem os olhos quando as primeiras lágrimas quentes escorreram. — Por favor, não deixe...

Quando um soluço surgiu na garganta, um pensamento novo e sombrio surgiu na mente dele.

Aquela era uma casa pequena e patética em um setor inconsequente de mineração.

As pessoas ali eram miseráveis e nem um pouco importantes. Seus pais eram fracos e burros... mas *e/e*, ele estava destinado à

grandeza. Era um dos poucos selecionados para servir à rainha em pessoa. Era uma honra. O pensamento de ficar ali mais um momento sequer o deixou enjoado.

Z ofegou e se afastou da mãe. Um calor estava subindo pelo pescoço dele, gerado por humilhação e vergonha. Como ele podia pensar uma coisa daquelas?

Pior ainda, ele ainda estava pensando aquelas coisas, em algum lugar da cabeça. Não conseguia afastá-las completamente, por mais culpa que despertassem.

Ele se virou para olhar para os taumaturgos. A mulher estava com um sorrisinho no canto da boca. Apesar de ele ter achado no começo que ela era bonita, essa nova expressão o fez tremer.

— Você vai ganhar uma nova família em pouco tempo — disse ela com uma voz cantarolada, como uma rima infantil. — Temos formas de fazer você aceitar isso e vir por vontade própria se for necessário usá-las.

Z se encolheu, repugnado por saber que ela tinha visto aqueles pensamentos horríveis. Não só visto, mas criado. Ela o estava manipulando, e foi tão imperceptível, tão entremeado com suas próprias emoções com tão pouco esforço. Quando seus colegas praticavam controle mental uns nos outros ou um instrutor os imbuía de pensamentos de obediência, parecia uma nova ideia sendo enfiada no cérebro dele. Era reconhecível e, muitas vezes, ele percebia que conseguia desafiá-la se tivesse foco suficiente.

Aquilo era um nível diferente de manipulação, ao qual não conseguia resistir com tanta facilidade. Ele soube naquele momento.

Seria obrigado a ir com eles e se tornaria uma marionete de Sua Majestade com a mesma força de vontade de um cachorro treinado.

Atrás dele, Z ouviu a porta do quarto se abrindo.

Ran tinha ido olhar, atraído pela curiosidade.

Z contraiu o maxilar e se esforçou para sufocar o desespero crescente. Seria corajoso... para que seu irmão não visse seu medo. Ele seria forte pelo irmão.

Parte do terror e do medo começou a sumir quando a decisão foi tomada. Sentindo-se forte pelo conhecimento de que a escolha era sua, de que os taumaturgos não o tinham forçado, ele encarou a mãe e ficou nas pontas dos pés para beijar a bochecha dela. Ela o abraçou antes que ele pudesse se afastar e o esmagou junto ao corpo, dando um beijo frenético no cabelo dele. Quando o soltou, com a mesma rapidez, as lágrimas tinham começado a cair e ela teve que virar o rosto para escondê-las.

Z também abraçou o pai, rapidamente, bem apertado, para que ele soubesse quanto amor havia ali.

Em seguida, endireitou os ombros e foi na direção dos taumaturgos.

O sorriso da mulher voltou.

— Bem-vindo ao exército da rainha.



DISSERAM QUE A ANESTESIA LHE PROPORCIONARIA UM SONO PROFUNDO e vazio e que não haveria sonhos, mas estavam enganados. Ele sonhou com agulhas penetrando na pele. Sonhou com pinças

agarrando seus dentes. Sonhou com cinzas quentes e fumaça nos olhos. Sonhou com uma tundra branca, um frio que ele nunca tinha sentido, e uma fome que mal se saciava com carne sangrenta na boca.

Mas ele sonhava mais com uivos ao longe. Gritos desesperados que não acabavam nunca.

O despertar veio lentamente, como se ele estivesse sendo puxado de um poço de lama. Os uivos começaram a ficar distantes quando ele abriu os olhos. Estava na mesma sala de quando a enfermeira sem nome enfiou a agulha no seu braço, mas soube na mesma hora que estava diferente. As paredes ao redor eram de um branco mais intenso e vívido do que ele já tinha visto. O som de cada máquina e dispositivo reverberava no seu crânio. O aroma de substâncias químicas e amônia invadiu suas narinas e lhe deu vontade de vomitar, mas ele estava fraco demais.

Seus membros estavam pesados na mesa de exames, as juntas doendo. Ele estava usando uma camisa enorme que o fazia se sentir vulnerável e com frio. Havia um caroço embaixo do pescoço. Forçou o braço desajeitado a se mover até atrás da cabeça e encontrou um curativo no local.

Quando sua percepção se apurou, Z tentou lembrar as poucas informações que a enfermeira tinha dado.

Todos os soldados eram modificados para aumentar a eficiência como membros do exército da rainha. Ele acordaria *melhorado*.

Ele respirou novamente e captou um novo aroma. Não, dois aromas.

Dois odores individuais compostos de feromônios e suor e sabonete e substâncias químicas. Chegando mais perto.

A porta se abriu, e um homem e uma mulher entraram. A mulher estava com um jaleco branco e tinha cabelo castanho espetado.

O homem era um taumaturgo, mas não o que buscou Z em casa. Tinha cabelo escuro e ondulado que estava preso atrás das duas orelhas e olhos tão pretos quanto o céu. Combinavam com o casaco de alfaiataria usado por um taumaturgo de terceiro nível.

E Z sentia cada odor neles, loções e cosméticos e hormônios.

— Que bom — disse a mulher, encostando o dedo em um teclado na parede. A mesa de exames começou a zumbir, e Z foi erguido até estar em posição sentada. Ele segurou o cobertor fino contra o peito. — Seu monitor me informou que você tinha acordado. Sou a dra. Murphy. Conduzi suas cirurgias. Como você está se sentindo?

Z apertou os olhos para ela.

— Eu não... eu...

Ele hesitou quando sua língua encontrou uma coisa estranha na boca. Colocou a mão sobre os lábios e enfiou um dedo dentro. A ponta do polegar encontrou a ponta afiada de uma presa, e ele puxou a mão de volta.

— Cuidado — disse a mulher. — Seus novos implantes vão servir como uma de suas armas mais eficientes. Posso?

Ele não resistiu quando ela abriu seu maxilar e examinou os dentes.

— Suas gengivas estão cicatrizando bem. Nós substituímos todos os seus dentes, senão não haveria espaço para os caninos. Também reforçamos seu maxilar para melhorar a firmeza e a

pressão. É provável que você sinta dor por mais dez a catorze dias, principalmente quando formos diminuindo os analgésicos. Como estão seus olhos? — Ela tirou um dispositivo do bolso e apontou uma luz para as pupilas dele. — É provável que você repare num aumento de pigmentação; não é nada com que deva se preocupar. Quando seus nervos óticos se adaptarem, você vai ver que sua visão ficou otimizada para detectar e localizar movimentos. Avise seu taumaturgo se sentir tontura, visão borrada ou pontos pretos. Você já está sentindo um aumento nos sentidos de audição e olfato?

Ele demorou um momento para perceber que era uma pergunta e respondeu que sim com um movimento trêmulo de cabeça.

— Excelente. O restante das suas modificações vai evoluir ao longo dos próximos oito a doze meses. Conforme seu corpo se adaptar às alterações genéticas, você vai notar nova força muscular, agilidade, flexibilidade e energia. Tudo isso virá com um aumento do metabolismo, e você vai precisar comer mais nos meses que virão. Mais ainda do que um garoto normal de doze anos. — Os olhos dela brilharam.

A pulsação de Z começou a latejar nas têmporas.

— Mas estamos preparados para tudo isso — continuou ela depois que ele não riu. — Os soldados recebem uma dieta de muita proteína, que criamos para suas necessidades especiais. Você tem alguma pergunta antes de eu te passar para o taumaturgo Jael?

A respiração dele estava ficando cada vez mais difícil de acalmar.

— O que vai acontecer comigo? Nos próximos... oito a doze meses?

Ela abriu um sorriso orgulhoso.

— Você vai se tornar um soldado, claro.

Ela ergueu o pequeno dispositivo de novo. Com um aperto de botão, uma holografia apareceu mostrando duas imagens girando.

Uma era de um homem jovem, talvez no final da adolescência.

A outra de um lobo branco.

— Com base em anos de pesquisas e testes, nós aperfeiçoamos nossos métodos de engenharia genética, o que nos permitiu combinar genes selecionados dos estimados *Canis lupus arctos* de Sua Majestade com os de homens lunares ainda em desenvolvimento.

Ela apertou outro botão e as duas holografias se mesclaram. Z inspirou fundo. Essa nova criatura tinha ombros arredondados e mãos enormes cobertas por uma camada fina de pelos e presas que se projetavam da boca, grotescamente retorcida. Mais pelos cobriam seu rosto, em volta de olhos amarelos severos.

Z chegou para trás na mesa de exame.

— Usando esse método — continuou a médica —, nós criamos o soldado definitivo. Forte e destemido, com os instintos de um dos grandes predadores da natureza. Mais importante, um soldado totalmente sujeito à vontade do seu taumaturgo. — Ela apagou a holografia. — Mas o taumaturgo Jael vai poder explicar isso tudo no seu devido tempo.

— I-isso vai acontecer comigo?

A médica abriu a boca para falar, mas o taumaturgo limpou a garganta e deu um passo na direção da cama.

— Talvez sim, talvez não. Você passou pelas modificações que lhe darão as habilidades que todos os soldados precisam ter. Mas

escolhemos frear as mudanças mais *animalescas*. Por enquanto.

— Mas podemos completar as mutações necessárias a qualquer momento — acrescentou a médica.

— Mas... por que não...

— Você foi selecionado como um de apenas quinhentos convocados para receber treinamento especial — disse o taumaturgo. — Seus testes de aptidão indicam que você poderia ser valioso para nós como mais do que um membro da infantaria, e Sua Majestade está preparando uma unidade de soldados para desempenhar um papel bem específico. — Ele inclinou a cabeça. — Se você vai ser admitido ou não no programa, vai depender do potencial que demonstrar durante o treinamento.

A expressão ameaçadora que o taumaturgo lançou para ele não era necessária. Z não queria voltar para aquela mesa de exames nunca mais. Não queria mais agulhas embaixo da pele. Não queria acordar com pelos no rosto e olhos sem humanidade nenhuma.

A rainha estava fazendo um tipo diferente de soldado, e ele já tinha decidido que seria um deles.



ELE FICOU NO LOCAL POR MAIS 24 HORAS, PARA QUE A MÉDICA PUDESSE monitorar como seu corpo estava reagindo às cirurgias. Ele descobriu que o que parecia algumas horas de pesadelos foram, na verdade, vinte e seis dias sendo mantido em coma em um tanque suspenso de animação enquanto o corpo passava pelas cirurgias e se adaptava às mutações. Vinte e seis dias apagado enquanto seu

DNA se mesclava com o de um lobo branco, enquanto médicos e cientistas sem nome o transformavam num animal que serviria à rainha. Naquele tempo, o sol chegou e sumiu, fazendo a grande cidade de Artemísia mergulhar em outra longa noite.

No dia seguinte, ele encontrou uma pilha de roupas deixada ao lado da cama: uma calça marrom, uma camiseta preta e botas simples. Couberam perfeitamente.

Ele tinha acabado de se vestir quando sentiu o cheiro de alguém chegando, o taumaturgo do dia anterior. Sua náusea resultante do novo olfato tinha diminuído durante a noite, mas uma sensação nova e sinistra surgiu nas entranhas de Z quando o taumaturgo entrou no quarto.

Porque estava faltando outro sentido.

A vibração reveladora de energia que seu povo conseguia perceber e manipular. Tinha sumido.

Sua garganta se fechou.

— Tem alguma coisa errada comigo — disse ele antes que o taumaturgo pudesse falar. — Meu dom. Está... Acho que tem alguma coisa errada.

O taumaturgo olhou sem entender por um momento, mas sua expressão acabou se suavizando com gentileza. A expressão acalmou o pânico crescente de Z.

— Sim, eu sei — disse ele. — É um resultado infeliz das modificações. É que animais selvagens não têm as mesmas habilidades que nós; portanto, temos que bloquear sua sensação de bioeletricidade para que seus instintos lunares não interfiram com seus novos instintos lupinos. Não se assuste; você não perdeu os

poderes. Nós somente lhe demos uma nova ferramenta com a qual tirar vantagem do seu dom. Vai ser meu trabalho cuidar para que todos os seus instintos e habilidades estejam funcionando propriamente quando você tiver que usá-los.

Z lambeu os lábios e achou estranho mover a língua com os dentes novos. Teve que fechar os olhos para forçar a bile a descer de volta pela garganta.

Tinham removido seu dom lunar. Ele estava tão vulnerável quanto um terráqueo agora. Inútil como um cascudo. E ainda queriam que ele fosse um soldado?

— Não fomos devidamente apresentados ontem — continuou o taumaturgo. — Você vai me chamar de mestre Jael. Será conhecido como Beta Kesley até e só se mudar de posição. Fico feliz de ver que você já está vestido. Venha.

Ele saiu do quarto, e Z levou um momento para perceber que tinha que ir atrás.

— Os candidatos ao status de agente especial receberam um campo de treinamento próprio embaixo de AR-3 — disse mestre Jael quando eles saíram do órgão de pesquisa. Z teve um breve vislumbre dos prédios brancos cintilantes de Artemísia, a maior cidade de Luna, antes de Jael levá-lo pelos tubos de lava abaixo da superfície. Uma nave pessoal os esperava. — O campo de treinamento é formado de barracões separados por matilha, um refeitório comunitário e uma série de salas de treinamento, nas quais vocês vão executar formações e aprender técnicas de luta. Também é onde decidirão sua posição na matilha.

— Matilha?

— Sua nova família. Nós descobrimos que seus instintos reagem melhor quando imitamos a hierarquia dos lobos em seu habitat natural e, assim, cada matilha consiste em seis a quinze agentes, dependendo da força mental do taumaturgo. — Seu sorriso se alargou. — Você é o décimo quarto membro da minha matilha.

Z se virou para ver as paredes de regolito preto passarem pela janela da nave e tentou fingir que entendia o que mestre Jael estava dizendo.

O campo de treinamento ficava em cavernas enormes entalhadas nos tubos de lava. Quando eles entraram no salão principal, os sapatos de Jael estalando a cada passo, Z viu que treze soldados já estavam enfileirados para os cumprimentar, vestidos exatamente como ele. Ele supôs que suas idades variavam de doze a dezoito anos ou mais, e apesar de estarem com posturas perfeitas em linha reta, com os calcanhares unidos e os braços rígidos ao lado do corpo, Z soube na mesma hora quem era o líder. O mais alto e mais largo e que ficou com olhos brilhando quando o encarou.

— Mestre Jael — disse ele, e ao mesmo tempo todos os soldados levaram o punho ao coração.

— Alfa Brock. Você tem um novo membro se juntando à matilha hoje. Este é Beta Ze'ev Kesley.

Z sentiu o escrutínio dos soldados. Obrigou-se a ficar mais ereto, embora isso comprimisse os músculos entre as omoplatas. Ele encarou cada um pensando que, embora houvesse uma proliferação de aromas desconhecidos pelo salão, conseguia saber qual odor pertencia a cada um.

— Beta Kesley — disse mestre Jael —, junte-se à sua matilha.

Z olhou para o taumaturgo e sua pulsação acelerou. Havia algo de ansioso no olhar, mas Z não sabia o que tinha que fazer. Jael queria que ele se curvasse? Ou que levasse a mão ao coração como os outros tinham feito?

Antes que pudesse decidir, Z sentiu um choque nos nervos como eletricidade. E saiu andando na direção da fila de soldados, os pés não mais sob seu controle.

Seu rosto ficou vermelho.

Controle mental.

Uma onda de desafio subiu pela garganta dele. Z contraiu o rosto e, com toda a concentração que tinha, forçou as pernas a pararem. Viu-se em uma pose estranha, as pernas no meio de um passo, as mãos fechadas ao lado do corpo. Ele já estava ofegante pelo esforço.

Ele abriu os olhos e encarou mestre Jael. Ficou surpreso de ver diversão e não raiva na expressão do taumaturgo.

— Obrigado, *mestre*, mas sei andar sem sua ajuda — disse por entre dentes.

Jael sorriu, e com um estalo Z sentiu o controle da sua mente sumir.

— Mas é claro — replicou Jael. — Por favor, entre na fila.

Z soltou o ar e se virou para a nova matilha.

Ele se surpreendeu. O líder, Alfa Brock, estava agora à distância de menos de um braço, um rosnado exibindo as pontas dos caninos.

Antes que Z pudesse pensar, um punho acertou seu maxilar e o derrubou no chão, deixando-o sem ar. Por um momento, seus

pulmões arderam com a necessidade de respirar e sua cabeça ecoou por causa do soco. A dor no maxilar foi o pior, pois as gengivas ainda estavam doloridas da cirurgia. O latejar fez seus olhos se encherem de lágrimas.

— Nunca mais desrespeite o mestre Jael — disse Alfa Brock. Com um grunhido, ele deu um chute nas costelas de Z.

Z gritou e se encolheu, tentando proteger a barriga, mas não houve outro chute em seguida. Sentiu o gosto de sangue e cuspiu no chão de calcário. Ficou feliz de nenhum dente ter saído junto.

Tremendo, ele arriscou um olhar para mestre Jael, mas o taumaturgo estava parado calmamente atrás dele, as mãos enfiadas nas mangas. Quando seu olhar se encontrou com o de Z, suas sobrancelhas subiram sem misericórdia, e ele disse muito lentamente:

— Levante-se e junte-se à sua matilha.

Ficar de pé parecia impossível. O mundo estava girando, e ele se perguntou se o chute não tinha quebrado uma costela.

Mas, com mais medo das repercussões de ignorar uma ordem do que da dor, Z ficou de quatro e, com um grunhido, ficou de pé sobre pernas bambas. O Alfa o encarou enquanto Z cambaleava até o fim da fila. Os outros soldados não tinham se mexido.

— Logo você vai aprender — disse mestre Jael — que seu lugar nesta matilha é determinado por força, coragem e capacidade de se defender. Você não vai ver misericórdia assim de novo.



Z COMEÇOU A PERDER NOÇÃO DO TEMPO. PRIMEIRO OS DIAS E DEPOIS semanas e depois meses se mesclaram em constante treinamento. Formações. Estratégias e táticas. E brigas, tantas brigas. Como lobos na floresta faziam às vezes por dominância, aqueles soldados lutavam o tempo todo. Tentando constantemente superar uns aos outros, se exhibir, provar seu valor, melhorar sua posição. Quase todos pareciam ter uma sede de violência que Z não sentia, embora costumasse fingir desejar o gosto de sangue e o esmagamento de ossos tanto quanto os outros. Não havia muita escolha.

Ele não venceu todas as lutas, mas também não perdeu todas. Depois de um ano e meio, ou o que ele achava que era perto de um ano e meio, sem dias e noites longas para o ajudarem a identificar, ele se viu no meio da matilha. Um beta comum. Depois daquele soco do Alfa Brock, ele nunca mais se permitiu ser pego de surpresa e desenvolveu um talento para se esquivar e bloquear. Táticas ofensivas não eram tão naturais para ele, mas ele conseguia evitar ser surrado por tempo suficiente para cansar o oponente.

Aquilo nunca o tornaria Alfa, mas o impediu de se tornar o atormentado Ômega.

Alfa Brock, por outro lado, sempre ficou na frente da matilha. Invicto, arrumava mais briga do que qualquer outro, como se precisasse constantemente lembrar a si mesmo e a todo mundo o quanto era melhor. Z tentava ficar fora do caminho dele, mas era impossível evitá-lo completamente, e quando Brock queria brigar, não havia como recusar. Z havia acumulado mais hematomas e cicatrizes daqueles punhos do que era capaz de contar.

A matilha estava parada assistindo a uma briga improvisada entre os Betas Wynn e Troya em uma tarde comum quando Z captou o aroma de mestre Jael se aproximando junto com outro aroma. Familiar e estranho ao mesmo tempo.

Z afastou o olhar da briga na hora que os outros sentiram os odores. Os dois lutadores demoraram mais um momento, mas, no tempo de uma respiração, se soltaram e correram para formar fila para a entrada de Jael. Z reconheceu a cadência dos passos de Jael ao lado de algo estranho e arrastado. Jael não levava ninguém novo para o alojamento desde que Z se juntou à matilha.

Mestre Jael saiu da caverna e entrou na câmara de treinamento com um novo recruta ao lado.

Z não conseguiu segurar um ofego. Ao seu lado, Wynn se encolheu com o barulho, e ele tinha certeza de que todos tinham reparado na reação. Ele não era o único com audição apurada.

O novo recruta era seu irmão. Mais alto agora, mas não muito diferente.

Ran não reparou nele. Parado meio passo atrás de mestre Jael, vestido de uniforme, pálido e de olhos arregalados, ele estava ocupado observando os rostos da nova família.

Até seus olhos encontrarem Z, e ele ficar paralisado.

— Alfa Brock — disse Jael —, este é o último recruta da sua matilha, Beta Ran Kesley.

Junto ao restante da matilha, Z fechou o punho e o levou ao peito.

— Beta Kesley, pode se juntar à matilha.

Z engoliu em seco, esperando o momento em que as pernas de Ran o trairiam e o reconhecimento surgiria no rosto dele.

E surgiu, e os olhos de Ran realmente se arregalaram, mas ele abaixou a cabeça e não ofereceu resistência quando seu corpo se juntou aos outros no fim da fila e seu punho fechado foi levado ao peito.

Z percebeu que seu coração estava disparado. Perguntou-se se os outros conseguiam ouvir.

Ele ouviu a respiração de Ran, três corpos depois do dele, quando Jael liberou o controle.

— Bem-vindo à sua nova família. O treino vai começar às 6 horas de amanhã. Você tem muita coisa para aprender. — Jael deu meia-volta e os deixou sem cerimônia.

Ninguém se moveu até o som dos passos e o aroma da colônia dele terem se dissipado.

E aí, Alfa Brock riu com deboche. O som foi como gelo pelas veias de Z.

A matilha desfez a formação e, em segundos, cercou Ran.

— Ora — disse Alfa Brock. — Você foi melhor na sua indução do que seu irmão arrogante, pelo menos.

O olhar de Ran se desviou para Z, uma expressão de medo e incerteza, antes de voltar para Alfa Brock.

— Eu não achava que mestre Jael era capaz de lidar com mais um membro — continuou Alfa Brock, sorrindo. — Você deve ter a mente bem fraca pra ele ter trazido você pra cá.

Ran deu meio passo para trás. Z viu que ele ainda estava atordoado por causa das cirurgias, as pupilas dilatadas e uma

camada de suor na testa.

— Deixa ele em paz, Brock — disse Z, entrando no círculo. Foi a única vez que ele conseguia se lembrar de ter falado com ele diretamente.

Brock se virou e olhou para Z com o canto do olho.

— O que foi, Kesley?

— Dá um tempo pra ele. Nós todos sabemos que você é o Alfa. Você não precisa agredir todos os garotos de doze anos que chegam pra provar isso.

Ele pensou ter ouvido uma risadinha atrás, mas foi sufocada quando a expressão de Brock se fechou. Ele se virou completamente em sua direção, e Z ficou surpreso com o alívio que sentiu. Pelo menos Brock não estava mais focando em Ran.

Mas Brock se virou tão rápido, erguendo a perna para um chute, que Z não sabia se *e/e* teria conseguido bloquear o movimento. O pé de Brock acertou a cabeça de Ran, jogando-o em cima de Beta Rafe.

Pontos brancos brilharam na visão de Z, e ele só percebeu o que estava fazendo quando um rugido surgiu da sua garganta e seu punho acertou o maxilar de Brock.

Brock cambaleou para trás, surpreso, mas foi por pouco tempo. Rosnando, ele voou para cima de Z e usou o apoio do segundo soco para girá-lo, segurando a cabeça de Z na dobra do cotovelo. Com um braço preso junto ao corpo, Z rosnou e tentou jogar Brock por cima, como tinha aprendido a jogar os outros quando eles o pegavam naquela posição, mas Brock era grande demais. A mão livre de Z bateu inútil e pateticamente na orelha de Brock.

— Esta é minha matilha — disse Brock. — Nunca mais me diga como tratá-la.

Assim que foi solto, Z se afastou. Mas Brock continuou segurando seu pulso. Enquanto Z procurava irracionalmente abrir distância entre os dois, ele sentiu uma coisa afiada perfurar a pele embaixo do cotovelo. Gritou e puxou o braço, e a coisa que perfurou rasgou sua pele, cortando-a do cotovelo ao pulso.

Z cambaleou para longe e segurou o braço contra o peito. Brock sorriu. Ele tinha passado a lixar as unhas com pontas afiadas como facas, uma moda que foi rapidamente copiada pelo resto dos membros da matilha.

Agora, Z entendia por quê.

Tentando ignorar a dor e o sangue escorrendo entre os dedos, ele levantou os punhos para o ataque seguinte.

Mas Brock só limpou o sangue de Z na calça e se virou, sem se preocupar com a retribuição enquanto o resto da matilha observava.

O estômago de Z despencou quando Brock se virou e cuspiu no irmão, que ainda estava no chão. O cuspe de Brock caiu no ombro dele. Ran não se afastou e nem se deu ao trabalho de limpar.

— Lição número um — disse Brock. — Nunca deixe outra pessoa assumir suas brigas por você.

Z só baixou os punhos quando Brock já tinha levado o resto da matilha para longe. Ele tirou a camisa e enrolou o tecido no ferimento. Não demorou para o sangue encharcar o tecido.

— Ran... você está bem? Seu maxilar está quebrado? — Ele cambaleou na direção do irmão e esticou a mão para ele. Mas quando Ran o encarou, não foi com gratidão, mas raiva.

— Por que você fez aquilo? — perguntou ele, esfregando a bochecha. — Você tinha que me fazer passar vergonha no meu primeiro dia?

Z hesitou.

— Ran...

Ignorando a mão esticada, Ran ficou de pé.

— Você sempre tem que fazer isso. Achei que essa era minha chance de me provar, mas, de todos os soldados, eu tinha que ficar no *seu* grupo. Na sua sombra de novo. — Ele balançou a cabeça, e Z pensou que talvez houvesse umidade nos olhos dele antes de ele se virar. — Me deixa em paz, Z. Só... esquece que já fomos irmãos.



HAVIA QUASE CINCO ANOS QUE Z TINHA PASSADO PELAS MODIFICAÇÕES genéticas. Cinco anos sem ver os pais. Cinco anos passados no subterrâneo lutando e brigando e treinando. Nenhuma outra palavra foi dita sobre a possibilidade de ser escolhido para integrar os soldados especiais da rainha, mas isso nunca se distanciou de sua mente. Ele acordava com frequência de sonhos de longas seringas e pelos cobrindo seu corpo.

Cinquenta matilhas tinham sido poupadas das cirurgias completas, e elas se reuniam diariamente para um banquete de uma hora no refeitório. Era durante os banquetes que Z se sentia mais como o animal que queriam que ele fosse. O fedor era sufocante: suor e sangue de todos os quinhentos soldados misturados com cortes malpassados de carne que eram servidos em placas de

madeira e pedra. Eles costumavam lutar pelos melhores pedaços, o que resultava em mais brigas. Mais um teste. Mais um jeito de conquistar seu lugar entre os irmãos.

Houve uma época em que Z ficava esperando pelos restos, vivendo como um catador em vez de entrar nas brigas de punhos voando e dentes cortando. Mas sua fome era tão grande quanto a deles, o tipo de fome que nunca se satisfazia, e depois de poucos anos de treinamento ele tomou a decisão de que nunca mais seria servido por último. Depois de umas poucas vitórias, seus irmãos de matilha tinham parado de o desafiar.

Ele continuava evitando a fúria de Alfa Brock, apesar de ter ficado mais alto do que ele no último ano. Z reparou que até Brock tinha deixado de parecer ansioso para comprar brigas com ele por um tempo e direcionava a maior parte da crueldade para manipular e debochar de Ran.

Ou melhor, Ômega Kesley.

Ficou claro desde o começo que Ran era o mais fraco. Z tinha esperanças de que fosse só pela idade e pelo tamanho, mas logo ficou óbvio que seu irmão não tinha a força moral necessária para conquistar um espaço de respeito na matilha.

Pior de tudo, ele não parecia entender por que ficava no final da cadeia. Idolatrava Brock, imitava o jeito como ele falava e tentava duplicar seus movimentos durante as lutas, embora não tivesse a força para executar a maioria. Ele tinha até começado a afiar as unhas.

Z ficava doente de ver. Às vezes, tinha vontade de puxar o irmão para o lado e o sacudir e explicar que ele não estava ajudando a si

mesmo. Ao se submeter a tudo que Brock fazia, só estava se tornando um alvo mais fácil.

Ainda assim, Ran nunca deu nenhuma indicação de querer a ajuda de Z, e assim Z o deixou em paz. Viu o irmão se agarrar pateticamente a Brock esperando reconhecimento e ganhando só migalhas.

Z estava vendo o irmão roer um dos ossos abandonados por Brock, a refeição agora reduzida a poças de sangue e pedaços de carne queimada, quando sentiu os aromas.

Tantos aromas. O de Jael entre eles, mas os outros eram desconhecidos. Quarenta... talvez cinquenta...

Ele virou a cabeça na direção da porta principal do refeitório, a testa franzida.

Alguns momentos de conversa agitada e mastigação se passaram até os soldados ao redor dele fazerem silêncio. Uma hesitação, pois taumaturgos nunca iam ao refeitório antes de todos se afastarem das mesas e correrem para formar suas filas, limpando comida do queixo.

Jael entrou junto com os outros 49 taumaturgos, todos de casacos pretos. Eles se espalharam e formaram um funil a partir da entrada. O olhar de Jael encontrou sua matilha e se apertou. Um aviso sutil.

Z empertigou os ombros até os músculos começarem a reclamar.

O silêncio era ensurdecador depois do caos do banquete. Z encontrou um pedaço de carne preso em um molar e tentou removê-lo sem mexer muito o queixo.

Eles esperaram.

De repente, um novo aroma. Uma coisa floral e quente que o lembrou sua mãe.

Uma mulher saiu da caverna larga com um vestido fino que ondulava aos pés dela e um véu transparente que cobria o rosto e descia abaixo dos cotovelos. Acima do véu havia uma coroa branca delicada, entalhada da cintilante pedra de regolito.

Z ficou feliz de não ser o único a ofegar. Ele afastou o olhar imediatamente de Sua Majestade e olhou para a frente, para a parede preta da caverna. Suas palmas começaram a suar, mas ele resistiu à vontade de limpá-las na calça ou procurar restos de carne no rosto.

O pedaço de carne felizmente se soltou e ele o engoliu.

— Senhores — disse a rainha. — Estou aqui para parabenizá-los pelo progresso que vocês fizeram como soldados do meu novo exército formidável. Tenho monitorado seu treinamento há muitos meses e estou satisfeita com o que vi.

Uma agitação baixa se espalhou entre eles, um suave movimento. Z não sabia como ela podia tê-los observado sem eles saberem. Talvez os treinamentos tivessem sido gravados.

— Vocês estão todos cientes — continuou a rainha — de que estão entre os soldados considerados para uma missão única que vai ajudar nas hostilidades entre Luna e a Terra. É uma posição de honra, reservada para os que superaram os confins do passado, as limitações dos corpos e o medo do desconhecido. Eles serão meus soldados mais valorosos, escolhidos não só pela força e coragem, mas também pela inteligência, malícia e adaptabilidade. Minha corte e eu faremos nossas seleções finais em breve.

As palavras dela ficaram borradas nos pensamentos de Z, e ele não conseguiu pensar em mais nada além de uma gota de suor descendo pela têmpora e como os dedos estavam começando a tremer com energia demais sem poder ser descarregada.

A rainha, que estava tão imóvel quanto os soldados até agora, um pedaço de pano sem face falando com eles, ergueu um braço e fez sinal para os taumaturgos.

— Tenho certeza de que não preciso lembrar seus taumaturgos que os que estiverem no controle das matilhas selecionadas receberão avanço imediato em seu status na corte.

Z ousou olhar para Jael e viu que seus olhos escuros tinham ficado ferozes, o maxilar firme.

— Senhores.

Z voltou a olhar para a parede.

— Seus taumaturgos pediram a oportunidade de demonstrar alguns dos melhores soldados. Estou ansiosa pela demonstração.

— Ela girou os dedos no ar, e os taumaturgos se espalharam na multidão.

A caminhada de Jael estava tensa quando ele chegou até a matilha.

— Alfa Brock — disse ele —, você vai lutar. Nada de dentes, nada de garras. Quero mostrar sua habilidade. Entendido?

Brock bateu com o punho no peito.

— Sim, mestre Jael. Quem será meu oponente?

O olhar de Jael se deslocou até Beta Wynn. Embora tecnicamente todos os Betas tivessem o mesmo ranking na matilha, todos mantinham um registro mental de vitórias e derrotas, de

sucessos e fracassos, e todos sabiam que Wynn não ficava muito atrás de Brock em suas habilidades.

Mas Jael soltou o ar lentamente.

— Ze'ev.

Os olhos de Z se arregalaram, e ele olhou para mestre Jael, o rosto tomado de calor. Mas Jael não demonstrou humor nem insegurança, só uma determinação severa enquanto andava pelos outros e parava na frente dele. Seus olhares se encontraram, e foi com um certo choque que Z percebeu que estava mais alto do que Jael também.

— Ela quer um show — disse ele. — Desta vez, não se segure.

A testa de Z tremeu, mas ele tentou permanecer neutro enquanto saudava o taumaturgo.

Seus pensamentos entraram em frenesi quando eles marcharam para dentro do maior salão de treinamento. Sua Majestade tinha sido escoltada até uma plataforma em uma ponta e colocada em um trono para que pudesse observar os procedimentos com conforto.

Cinquenta matilhas. Cinquenta lutas.

O estômago de Z estava embrulhado quando eles começaram. Ele não conseguia se concentrar nas lutas. Só via os olhos escuros de Jael, ouvindo as palavras dele sem parar. *Desta vez, não se segure.*

Será que Jael achava que ele fingia as derrotas? Jael acreditava que ele era capaz de derrotar Brock ou só queria garantir que ele fosse durar o máximo possível?

Somente uma vez ele olhou para o oponente e viu que Brock estava fazendo uma careta furiosa. Ele obviamente não achava que

Z fosse um oponente digno, não na frente da própria rainha.

Ran também estava de cara feia, e, embora ninguém presente esperasse que ele fosse escolhido como um dos exemplos de Jael, Z teve a sensação de que Ran fantasiara com uma chance assim para se provar novamente.

Finalmente, chegou a vez deles.

Jael fez uma reverência para Sua Majestade e os apresentou: Alfa Brock lutando contra Beta Kesley.

Z sentia o cheiro de sangue das lutas anteriores, ainda quente e salgado, se misturando com o pó de regolito. Ele e Brock foram até o círculo de lutas e se encararam.

Somente quando assumiu postura de luta foi que ele sentiu o pânico e a confusão diminuírem.

Ele não vencias todas as lutas, mas mais vencias do que perdia. Tinha se tornado forte e rápido. Não faria papel de bobo na frente de Sua Majestade.

E, se eles a impressionassem, talvez ela escolhesse a matilha deles para sua missão especial. Ele nunca teria que passar pelo resto das cirurgias. Nunca se tornaria um animal irracional do exército dela.

Os olhos de Brock faiscaram. Havia um ardor no olhar dele que Z não reconheceu, mas sabia que carregava uma promessa de dor.

Brock foi para cima dele primeiro com um gancho direito apontado para seu maxilar. Z desviou com facilidade... facilidade demais. Brock fintou no último momento e enfiou o outro punho na lateral de Z, que travou os dentes e recuou para retaliar com um chute frontal na barriga do adversário.

Eles se afastaram um do outro quicando, as mãos erguidas na frente do rosto. Um filete de suor desceu pela coluna de Z.

Ele apertou os olhos, observando a forma como o corpo de Brock oscilava, reparando como ele contraiu o punho esquerdo brevemente.

Havia um chute circular a caminho.

Assim que ele pensou, Brock se deslocou e mirou com o pé na cabeça de Z.

Ele o pegou e puxou, jogando Brock de lado.

Z dançou para longe do alcance de Brock, ofegante. O sal estava começando a fazer seus olhos arderem. Brock não ficou caído por muito tempo. Ele mostrou os dentes afiados e partiu para cima...

Soco nas costelas. Cotovelada na cara. Chute lateral.

Ele viu tudo acontecendo um instante antes de realmente acontecer. *Bloquear. Bloquear. Pular. Atacar.*

Dentes quebraram quando ele deu um soco para cima e acertou o maxilar de Brock. E um gancho esquerdo na lateral.

Brock recuou, o rosto contorcido em fúria. Era difícil Z esconder sua própria surpresa com a habilidade recém-descoberta.

Mas não era nova. Era resultado de anos ficando de lado, observando e estudando e inspecionando cada luta, cada briga, cada soco dado, cada vitória vencida. Ele sabia como Brock lutava.

E desconfiava que, se tivesse que lutar com cada membro da gangue, veria os mesmos sinais, reconheceria os mesmos truques e dicas.

Ele podia vencê-los.

Podia vencer todos.

Brock esticou o pescoço para o lado, e Z ouviu o ruído da espinha dele estalando. Sacudiu-se como um cachorro e assumiu a postura de novo.

Seus olhos faiscavam.

Fortalecido, Z atacou.

Soco. Bloqueado.

Cruzado. Bloqueado.

Gancho para cima. Bloqueado.

Joelhada...

Z ofegou, a dor cortando seu abdome quando cinco unhas afundaram na lateral cortando a carne acima da bacia. Brock apertou e enfiou os dedos mais fundo na carne. Z quase caiu e se apoiou no ombro de Brock com um grunhido estrangulado.

— Posso até te matar, mas nunca vou deixar que você ganhe esta luta — sussurrou Brock no ouvido dele.

Ele soltou de uma só vez e recuou. Sem apoio, Z caiu sobre um dos joelhos. Ele apertou as mãos nos ferimentos, sem ousar olhar para Jael e para a rainha, para ver se alguém tinha reparado ou se importava de Brock ter desobedecido as regras que Jael tinha apresentado para eles.

Mas, não. Eles eram animais selvagens. Predadores que agiam por instinto e sede de sangue.

Quem esperaria uma luta justa de tais monstros?

Ela só queria um show.

Ele ouviu um rosnado e não percebeu de primeira que estava vindo da própria garganta. Ousou olhar para a frente. A postura de

Brock tinha relaxado. Havia sangue até o primeiro nó dos dedos dele.

Nos cantos da visão de Z faiscaram brilhos vermelhos. A lateral do seu corpo latejava.

— Melhor ficar no chão — disse Brock.

Z rosnou.

— Você vai ter que me matar.

Ele se levantou do chão e partiu para a frente. Por um momento, Brock pareceu sobressaltado, mas logo estava bloqueando golpes de novo, defendendo cada avanço. Mas Z era rápido, e finalmente um soco acertou a bochecha de Brock.

Com um rugido, Brock tentou acertar o ferimento de Z, que desviou e segurou Brock pelo pulso, puxando-o para tão perto que sentiu o cheiro de carne no hálito dele. Com a mão livre, segurou a garganta de Brock. E hesitou.

Mate-o.

As palavras penetraram na cabeça dele como a longa noite chegava nas cidades: sorrateira e plena. Tomaram conta dele, a ordem chegando aos seus desejos e à sua fome e ao seu desespero e descendo até os dedos pulsantes.

Quero ver como você faria.

Ele rangeu os dentes.

As narinas de Brock se dilataram. Seus olhos brilharam com desdém quando ele sentiu a indecisão de Z.

Z sentiu a mudança no peso do oponente e soube que estava vindo. Unhas na lateral do corpo, dor obliterante, os pontos brancos na visão.

Com um rugido, soltou o pulso de Brock e segurou a parte de trás da cabeça do oponente.

Crec.

Ele largou o corpo no chão antes da luz se apagar nos olhos de Brock.

O coração de Z estava batendo dolorosamente, o sangue como um tsunami nos ouvidos.

Mas do lado de fora tudo estava em silêncio. Um silêncio completo e infinito.

Ele lambeu os lábios salgados e afastou o olhar de Brock e do pescoço todo torto e errado.

Sua matilha o estava observando com descrença e espanto, mas, para sua surpresa, não parecia haver ódio ali.

Seu olhar se manteve firme. *Todos* o olhavam boquiabertos. As outras matilhas, os taumaturgos. Todos, exceto Jael, que não parecia exatamente satisfeito, mas também não parecia surpreso.

Somente quando a rainha se levantou foi que ele ousou olhar para ela. A cabeça estava inclinada para o lado, e ele imaginou uma expressão pensativa por trás do véu.

— Limpo e eficiente — disse ela, unindo as mãos para três aplausos sólidos. Ela não tinha aplaudido nenhuma das outras lutas. Ele não sabia o que queria dizer. — Muito bem... Alfa.

Seu estômago se embrulhou, mas a rainha já estava gesticulando para o corpo ser removido, para as lutas continuarem, e Z teve que caminhar até sua matilha antes que ela se arrependesse do elogio. Suas palavras o seguiram, tão suaves e gentis quanto um sino.

Muito bem, *Alfa*.

Ele tinha matado Brock, e, pela lei da matilha, agora assumiria o lugar dele como o líder incontestável.

Era o novo Alfa.

Z parou na frente dos irmãos da matilha. Nenhum deles parecia surpreso com as palavras da rainha. Todos souberam no momento em que Brock caiu no chão.

Enquanto ele olhava, cada um levou o punho ao peito em respeito mudo. Em aceitação silenciosa da sua vitória. Até seu irmão o saudou, mas lá só havia amargura. Lá só havia raiva pelo sucesso de Z.

Z assentiu duas vezes; uma para reconhecer a demonstração de respeito e uma para o irmão, para que Ran soubesse que ele tinha visto a decepção.

Ele passou por todos e foi na direção do alojamento. Não ligava se Jael ficaria furioso ou se boatos da insolência dele se espalhassem por toda Luna quando ele saísse de lá.

Sabia que a matilha de Jael seria escolhida para a missão da rainha por causa dele. Eles se tornariam seus soldados especiais e valiosos. Seus corpos não seriam alterados novamente.

Com aquela morte, ele tinha cuidado para que ela nunca o transformasse em um monstro.

Ele tinha tanta certeza disso quanto que, em algum lugar da superfície, o longo, longo dia estava chegando.



Guia de Carswell para ser uma pessoa de sorte





CARSWELL BOTOU O PENTE EMBAIXO DA TORNEIRA E O PASSOU PELO cabelo, ajeitando a parte de trás para ficar arrumada e impecável e a frente espetada da forma certa. Boots estava sentada na bancada observando-o com seus olhos amarelos de pupilas finas e ronronando pesadamente, apesar de ter quase dez minutos que ele tinha parado de fazer carinho nela.

— O objetivo de hoje — disse ele para a gata, ou talvez para o espelho — são dezoito univs. Acha que consigo?

A gata piscou, ainda ronronando. O rabo envolveu as patas quando Carswell desligou a torneira e botou o pente ao lado dela.

— Eu nunca consegui ganhar tanto em uma hora de almoço — continuou ele, passando uma gravata azul fina pela cabeça e prendendo o nó no pescoço —, mas dezoito univs vão nos deixar com um total de mil e quinhentos. O que significa — ele arrumou a gola da camisa — que o banco vai promover minha conta para “jovem profissional” e aumentar a taxa de juros mensal em dois por cento. Com essa taxa, isso cortaria quase dezesseis semanas do meu plano de cinco anos. — Carswell esticou a mão para o alfinete de gravata que ficava num pratinho de cristal ao lado da pia. O uniforme escolar só permitia toques pessoais nos menores

acessórios, o que levou a uma moda entre as garotas de prender pedras preciosas nos sapatos e os garotos a exibirem brincos de diamantes. Mas Carswell só tinha aquele alfinete de gravata, que tinha comprado com suas economias em vez de pedir aos pais, porque ele sabia que a mãe insistiria para que comprasse algo de bom gosto (significando *de marca*). Não foi um grande contratempo. O alfinetinho de aço tinha custado só três univs e passado a ser sua marca registrada.

Uma pequena espaçonave. Uma Rampion 214, para ser preciso.

Sua mãe, como era de se esperar, odiou o alfinete quando reparou nele pela primeira vez quase duas semanas depois.

— Querido — dissera ela com aquele tom doce que beirava o condescendente —, tem uma vitrine inteira de acessórios de espaçonaves na Tiff's. Por que não vamos lá depois da aula pra você escolher uma coisa bonita? Uma nave de corrida, uma nave de frota ou uma daquelas antigas de que você gostava? Lembra-se de todos aqueles pôsteres que você tinha nas paredes quando era pequeno?

— Eu gosto das Rampions, mãe.

Ela fizera uma careta. Literalmente.

— O que é uma nave Rampion, pelas estrelas?

— Uma nave de carga — dissera seu pai. — De uso militar, não é, filho?

— Sim, senhor.

— Uma nave de carga! — Exaltada, sua mãe botara as mãos nos quadris. — Por que você ia querer logo um alfinete de gravata de uma nave de carga?

— Não sei — dissera ele, dando de ombros. — Eu gosto.

E gostava mesmo. A Rampion tinha o volume de uma baleia, mas a elegância de um tubarão, e exercia uma atração sobre ele. Além do mais, havia algo interessante em uma nave que era puramente utilitária. Não chamativa, não exagerada, não luxuosa. Não como todas as coisas que seus pais compravam.

Era só... útil.

— Apresentável? — perguntou ele, coçando o pescoço de Boots. A gata abaixou a cabeça de um jeito que era quase realista e ronronou.

Ele pegou o blazer cinza do uniforme na maçaneta da porta e desceu a escada. Seus pais estavam à mesa de café da manhã (que era diferente da mesa formal da sala de jantar no aposento ao lado), os olhos grudados nos tablets, enquanto Janette, uma das empregadas, enchia as canecas de café e acrescentava duas colheres de açúcar na da mãe dele.

— Bom dia, jovem capitão — disse Janette, puxando a cadeira dele para longe da mesa.

— Não o chame assim — repreendeu o pai de Carswell sem olhar para a frente. — Você pode chamá-lo de “capitão” depois que ele conquistar o posto.

Janette só piscou para Carswell enquanto pegava o blazer da mão dele e o pendurava nas costas da cadeira.

Carswell sorriu para ela e se sentou.

— Bom dia, Janette.

— Vou trazer suas panquecas já, já. — Ela terminou com um movimento labial de *capitão* e com outra piscadela antes de ir para a

cozinha.

Sem se dar ao trabalho de olhar para os pais ocupados, Carswell puxou a mochila em sua direção no chão e pegou o tablet. Mas, quando o estava ligando, seu pai limpou a garganta.

Alto.

Intimidador.

Carswell olhou para cima pelos cílios, sem erguer o rosto. Devia ter percebido a camada extra de frieza sobre eles naquela manhã, mas como notar a diferença?

— Gostaria de um copo de água, senhor?

Como resposta, seu pai jogou o tablet na mesa. A xícara de café tremeu.

— A escola encaminhou seus boletins esta manhã — disse ele, fazendo uma pausa de efeito dramático antes de acrescentar: — Não estão nos nossos padrões.

Não estão nos nossos padrões.

Se Carswell ganhasse um univ para cada vez que ouviu que uma coisa não estava nos padrões deles, sua conta bancária estaria no nível “investidor iniciante” agora.

— Que pena — disse ele. — Sei que quase tentei desta vez.

— Não banque o espertinho com seu pai — retrucou sua mãe com um tom desinteressado antes de tomar um gole de café.

— Matemática, Carswell. Você está mal em *matemática*. Como espera ser piloto se não souber ler gráficos e diagramas e...

— Eu não quero ser piloto — disse ele. — Quero ser capitão.

— Ser capitão — rosnou seu pai — começa com ser um ótimo piloto.

Carswell quase não conseguiu segurar o revirar de olhos. Também já tinha ouvido aquela frase algumas vezes.

Um corpo quente roçou nas suas penas, e Carswell olhou para baixo e viu que Boots o tinha seguido e agora estava passando o rosto na panturrilha dele. Ele estava esticando a mão para fazer carinho nela quando seu pai gritou:

— Boots, pra fora!

A gata parou de ronronar e de se esfregar na perna de Carswell na mesma hora, se virou e foi na direção da cozinha, o caminho mais curto para o quintal.

Carswell fechou a cara enquanto olhava a gata se afastar com a cauda em pé de alegria. Ele gostava muito de Boots, às vezes até achava que a amava, como se ama um animal com quem se cresceu, mas então lembrava que ela não era um animal. Era um robô programado para seguir instruções como qualquer androide. Ele pedia um gato de verdade desde os quatro anos, mas seus pais só riam da ideia e listavam todos os motivos para Boots ser superior. Ela nunca ficaria velha e nem morreria. Não soltava pelos nos belos móveis e nem subia nas cortinas caras e nem precisava de caixa de areia. Somente levaria ratos parcialmente devorados para casa se eles mudassem a programação dela para isso.

Seus pais, Carswell tinha aprendido muito jovem, gostavam de coisas que faziam o que lhe mandavam, quando lhe mandavam. E isso não incluía felinos determinados.

Nem garotos de treze anos, no fim das contas.

— Você precisa começar a levar isso a sério — disse seu pai, arrancando-o dos pensamentos quando a portinhola de gatos se

fechou atrás de Boots. — Você nunca será aceito em Andrômeda desse jeito.

Janette voltou com o prato de panquecas, e Carswell ficou grato pela desculpa para afastar o olhar do pai enquanto as cobria com manteiga e xarope. Era melhor do que o risco da tentação de dizer o que ele realmente queria dizer.

Ele não queria ir para a Academia Andrômeda. Não queria seguir os passos do pai.

Claro que ele queria aprender a pilotar. Queria *desesperadamente* aprender a pilotar. Mas havia outras escolas de voo, de menos prestígio talvez, mas pelo menos não exigiam que ele vendesse seis anos da sua vida para os militares para que pudesse receber ordens de mais homens que se pareciam e falavam como seu pai e gostavam dele menos ainda.

— Qual é o seu problema? — perguntou seu pai, virando um dedo para Janette. Ela começou a retirar a louça dele. — Você era bom em matemática.

— Eu sou bom em matemática — disse Carswell, e enfiou mais panqueca na boca do que deveria.

— É? Nem parece.

Ele mastigou. E mastigou. E mastigou.

— Acho que devíamos contratar um professor particular — disse sua mãe, passando o dedo pelo tablet.

— É isso, Carswell? Você precisa de um professor particular?

Carswell engoliu.

— Eu não preciso de professor particular. Sei fazer tudo, só não tenho vontade de fazer.

— O que isso quer dizer?

— Quer dizer que tenho coisas melhores a fazer. Entendo todos os conceitos, então por que deveria perder dias inteiros da minha vida fazendo aqueles exercícios idiotas? Sem mencionar — ele fez um gesto amplo, para tudo, para nada. Para o lustre que carregava automaticamente com base na quantidade de luz solar que entrava pelos janelões do chão ao teto. Para os sensores na parede que detectavam quando uma pessoa entrava em um aposento e configuravam o termostato para a preferência pessoal dela. Para o gato robótico sem cérebro — que estamos cercados de computadores o tempo *todo*. Se eu precisar de ajuda, uso um deles para entender. Então, que importância tem?

— É importante porque mostra *foco*. *Dedicação*. *Diligência*. Características importantes que, acredite se quiser, costumam ser encontradas em *capitães de espaçonaves*.

Com uma careta de desprezo, Carswell cortou a pilha de panquecas com a lateral do garfo. Se sua mãe tivesse reparado, teria dito para ele usar uma faca, mas ela estava ocupada demais fingindo que estava em uma mesa diferente.

— Eu tenho essas características — murmurou ele. E tinha, ele sabia que tinha. Mas por que desperdiçar foco e dedicação e diligência em uma coisa idiota como o dever de casa de matemática?

— Então prove. Você está de castigo até essas notas alcançarem a média.

Ele levantou a cabeça.

— De castigo? Mas minhas férias de julho começam semana que vem.

Seu pai se levantou e prendeu o tablet no cinto do uniforme... o impecável uniforme azul e cinza do coronel Kingsley Thorne, Frota da República Americana 186.

— Sim, e você vai passar as férias no quarto fazendo *dever de casa de matemática* se não puder mostrar para mim e para o seu professor que você vai começar a levar isso a sério.

O estômago de Carswell deu um nó, mas seu pai saiu da sala de café da manhã antes que ele pudesse argumentar.

Ele não podia passar as férias de julho de castigo. Tinha grandes planos para essas duas semanas. De um modo geral, envolviam um projeto empreendedor que começava com mandar Boots subir nas árvores frutíferas da propriedade dos vizinhos e terminava com ele vendendo cestas de limões e abacates perfeitamente maduros para todas as velhinhas do bairro. Ele seduzia os vizinhos para esvaziarem as contas bancárias desde que tinha sete anos e tinha se tornado bom nisso. No verão anterior, tinha até conseguido fazer a família Santos pagar sessenta e cinco univs por uma caixa de laranjas “suculentas e premiadas” sem terem ideia de que ele tinha colhido as frutas na laranjeira deles naquele dia mesmo.

— Ele não está falando sério, está? — disse Carswell, se virando para a mãe. — Ele não vai me deixar de castigo as férias inteiras?

Sua mãe, talvez pela primeira vez naquela manhã, afastou os olhos do tablet. Ela piscou para ele, e ele desconfiou de que ela não tinha ideia de qual era a punição dada por seu pai por suas notas baixas. Talvez nem soubesse sobre o que foi a discussão.

Depois de um momento, o suficiente para deixar a pergunta se dissolver no ar entre os dois, ela disse:

— Está pronto pra aula, querido?

Bufando, Carswell assentiu e enfiou mais dois pedaços de panqueca na boca. Pegou a mochila, empurrou a cadeira e jogou o blazer no ombro.

Seu pai queria ver melhora nas notas? Tudo bem. Ele encontraria um jeito de fazer acontecer. Pensaria em alguma solução que lhe desse a liberdade de que ele precisava nas férias, mas não incluísse decorar fórmulas chatas de matemática todas as noites. Tinha coisas mais importantes a fazer com seu tempo. Coisas que envolviam transações de negócios e coleta de pagamentos. Coisas que um dia o levariam a comprar sua própria espaçonave. Nada chique. Nada caro. Apenas algo simples e prático, uma coisa que pertenceria a ele e só a ele.

Seu pai saberia então como ele era focado e dedicado, na hora que ele estivesse dando o fora dali.



JULES KELLER PASSOU PELO ESTIRÃO DE CRESCIMENTO CEDO E FICOU uma cabeça mais alto do que todo mundo da turma, e já tinha até uma penugem clara no queixo. Infelizmente, ainda tinha a capacidade cerebral de um pelicano.

Esse foi o primeiro pensamento de Carswell quando Jules bateu a porta do seu armário e Carswell quase não conseguiu afastar o dedo a tempo.

— Bom dia, sr. Keller — disse ele, abrindo um sorriso simpático.
— Você está especialmente vibrante esta manhã.

Jules olhou do alto do nariz para ele. O nariz no qual uma espinha vermelha de tamanho considerável parecia ter surgido da noite para o dia. Essa era a outra coisa sobre Jules. Além do peso e do corpo e dos pelos, o estirão de crescimento tinha lhe dado um caso trágico de acne.

— Quero meu dinheiro de volta — disse Jules, uma das mãos ainda plantada no armário de Carswell.

Carswell inclinou a cabeça para o lado.

— Dinheiro?

— O negócio não funciona. — Jules enfiou a mão no bolso e tirou uma latinha redonda com um rótulo de ingredientes exóticos que prometiam pele limpa e sem acne em duas semanas. — E estou cansado de olhar pra sua cara metida o dia todo, como se você achasse que eu sou idiota.

— Claro que funciona — disse Carswell, tirando a latinha da mão dele e a erguendo para inspecionar o rótulo. — É a mesma coisa que eu uso, e olha pra mim.

Aquilo não era completamente verdade. A lata em si estava vazia do creme facial absurdamente caro quando ele a tirou da lata de lixo ao lado da penteadeira da mãe. E apesar de às vezes ter usado o produto de alta qualidade, a lata estava agora cheia de uma mistura simples de hidratante barato e algumas gotas de corante alimentício e extrato de amêndoas que ele tinha encontrado na despensa.

Ele não achava que fosse fazer *mal* para a pele de ninguém. Além do mais, estudos mostravam o benefício de placebos havia

anos. Quem tinha dito que não podiam curar acne adolescente com a mesma eficácia de uma dor de cabeça irritante?

Mas Jules, evidentemente nem um pouco impressionado com as evidências que Carswell tinha apresentado, o pegou pela gola da camisa e o empurrou contra os armários. Carswell desconfiava que não era para olhar melhor sua pele impecável.

— Quero meu dinheiro de volta — repetiu Jules, bufando por entre dentes.

— Bom dia, Carswell — disse uma voz mais alegre.

Carswell desviou o olhar para trás do ombro de Jules, sorriu e assentiu para a morena com sardas que estava olhando timidamente para ele.

— Bom dia, Shan. Como foi o recital de ontem à noite?

Ela deu risadinhas, já vermelha, e baixou a cabeça.

— Foi ótimo. Que pena que você não pôde ir — disse ela antes de se virar e sair andando rapidamente pela multidão até um grupo de amigas que estava esperando perto do bebedouro. Juntas, elas começaram a provocá-la enquanto andavam pelo corredor.

Jules empurrou Carswell nos armários de novo, chamando sua atenção de volta.

— Eu *disse*...

— Que quer seu dinheiro de volta, sim, sim, eu ouvi. — Carswell ergueu a lata. — E tudo bem. Não tem problema. Vou transferir no almoço.

Jules limpou a garganta e o soltou.

— Mas é claro que você vai perder todo o progresso que fez até agora.

— Que progresso? — disse Jules, se irritando de novo. — Essa coisa não funciona!

— Claro que funciona. Mas leva duas semanas. Está escrito aqui. — Ele apontou para o rótulo, e Jules rosnou.

— Já tem *três*.

Carswell revirou os olhos e jogou a lata de uma das mãos para a outra.

— É um *processo*. Tem *passos*. O primeiro passo é — ele baixou respeitosamente a voz para o caso de Jules não querer que a natureza sensível da conversa deles fosse ouvida —, você sabe, limpar a primeira camada de células mortas da pele. Esfoliação. Mas uma esfoliação bem profunda, intensa e *totalmente natural*. Isso leva duas semanas. No segundo passo, solta toda a oleosidade e sujeira que estão presas no fundo dos seus poros; esse é o passo no qual você está agora. Em mais uma semana, vai chegar no terceiro passo. Hidratar sua pele para que tenha um brilho constante e saudável. — Ele puxou os lábios para o lado e deu de ombros. — Você sabe, como eu. Estou dizendo, funciona. E se tem uma coisa que eu conheço, essa coisa são produtos de cuidados da pele. — Ele abriu a tampa e cheirou o creme. — Sem mencionar... não, deixa pra lá. Você não quer. Não vale nem mencionar. Vou levar de volta e...

— Sem mencionar o quê?

Carswell limpou a garganta e se inclinou para a frente até Jules ter abaixado a própria cabeça na pequena reunião deles.

— Está provado que o aroma te torna mais atraente pras garotas. É praticamente um afrodisíaco em forma de aromaterapia.

Uma ruga surgiu entre as sobrancelhas do Jules, e Carswell reconheceu a confusão. Ele estava prestes a explicar o que era um afrodisíaco quando uma terceira pessoa apareceu ao lado deles.

— Oi, Carswell — disse a capitã da equipe de líder de torcida, segurando o cotovelo dele. Ela era uma das garotas mais bonitas da escola, com o cabelo preto denso e a covinha em uma das bochechas. Também era um ano mais velha e uns dez centímetros mais alta do que Carswell, o que não era muito incomum naquela época. Diferentemente de Jules, Carswell não tinha chegado nem perto do estirão de crescimento, e estava começando a ficar de saco cheio de esperar, apesar de nenhuma das garotas parecerem se incomodar de ter passado na frente dele no departamento da altura desde o sexto ano.

— Bom dia, Elia — disse Carswell, botando a lata de creme facial no bolso. — Que momento perfeito! Você pode me fazer um favor?

Ela arregalou os olhos com entusiasmo evidente.

— Claro!

— Você pode me dizer como é o cheiro do meu bom amigo Jules aqui pra você?

O rosto de Jules ficou vermelho na mesma hora e, com um rosnado, ele empurrou Carswell nos armários de novo.

— O que você...!

Mas ele parou de repente. Os dentes de Carswell ainda estavam vibrando quando Elia se inclinou para a frente e seu nariz quase tocou no pescoço de Jules. Ela cheirou.

Jules tinha se tornado uma estátua.

Carswell ergueu uma sobrancelha cheia de expectativa.

Elia se balançou nos calcanhares, refletindo por um momento, enquanto o olhar se desviava para o teto. E então...

— Amêndoas, eu acho.

— E... você gosta? — perguntou Carswell, arriscando.

Ela riu, o som um tilintar convidativo. Jules ficou mais vermelho.

— Definitivamente — disse ela, embora fosse para Carswell que ela estava sorrindo. — Me lembra uma das minhas sobremesas favoritas.

Jules o soltou e, novamente, Carswell ajeitou o paletó.

— Obrigado, Elia. Ajudou muito.

— Foi um prazer. — Ela prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Eu queria saber se você vai ao Baile da Paz semana que vem.

O sorriso dele foi ao mesmo tempo ensaiado e instintivo.

— Ainda não decidi. Eu talvez precise preparar o jantar pra minha avó doente nesse dia. — Ele esperou com expectativa enquanto o olhar de Elia se enchia de admiração. — Mas se eu acabar indo ao baile, você vai ser a primeira que vou convidar pra ir comigo.

Ela sorriu e se balançou nas pontas dos pés por um momento.

— Bom, eu diria sim — retrucou ela, parecendo tímida por um momento. — Só para o caso de você não ter certeza. — Ela se virou e praticamente saiu saltitando pelo corredor.

— Bem — disse Carswell, tirando a lata do bolso. — Acho que nossa negociação está concluída, então. Como falei, vou devolver seu pagamento integralmente no segundo tempo. Claro que o preço de venda do produto aumentou em vinte por cento, então, se você mudar de ideia depois, infelizmente vou ter que cobrar...

Jules arrancou a lata da mão dele. Seu rosto ainda estava vermelho, a sobrancelha ainda estava contraída, mas a raiva tinha sumido dos olhos dele.

— Se nada tiver mudado em três semanas — disse ele, com voz grave e ameaçadora —, vou enfiar o resto desse creme pela sua goela.

Bom, *a maior parte* da raiva tinha sumido dos olhos dele, pelo menos.

Mas Carswell só sorriu e deu uma batidinha simpática no peito do Jules na hora que o hino da República Americana começou a tocar nos alto-falantes da escola.

— Que bom poder esclarecer as coisas pra você.

Virando-se, Carswell passou o pulso na frente do armário para destrancar o mecanismo de identificação e pegou seu material tão educado e casual quanto podia.



ELE ENTROU NA AULA DE LITERATURA QUATRO MINUTOS ATRASADO, a mochila pendurada em um ombro enquanto desabotoava o blazer. Sentou-se no único lugar que tinha sobrado, na fileira da frente, bem no meio.

— Que gentileza sua se juntar a nós, sr. Thorne — disse a professora Gosnel.

Carswell cruzou os tornozelos, inclinou a cadeira para trás e abriu um sorriso largo para a professora.

— O prazer é todo meu, professora Gosnel.

Ela suspirou, mas ele viu o canto da boca tremer enquanto ela digitava uma coisa no tablet. Em momentos, as telas embutidas nas carteiras da sala de aula se iluminaram com o trabalho do dia. *Grandes dramaturgos do primeiro século da terceira era* estava escrito no alto, seguido de uma lista de nomes e de qual dos seis países da Terra cada dramaturgo era.

— Hoje, quero que todo mundo escolha um artista da lista — disse a professora, andando na frente da sala — e uma peça da coleção de trabalhos desse artista que lhe pareça interessante. No meio da aula, vamos nos dividir em pares e vocês podem se revezar para ler a peça que encontraram junto com seu parceiro e discutir quais temas se relacionam com nosso mundo de hoje.

Um dedo bateu na base do pescoço do Carswell delicadamente, o símbolo universal de “escolhi você”. Carswell se esforçou para lembrar quem estava sentado atrás dele quando ele se sentou e se era alguém com quem ele não se importaria de formar um par. Era Destiny? Athena? Blakely? Ah, espadas, ele esperava que não fosse Blakely. Quando ela começava a falar, era difícil lembrar como era ter paz e sossego.

Ele desviou o olhar para o lado, na esperança de conseguir ver o reflexo da pessoa misteriosa nas janelas antes de aceitar a parceria, e de repente viu quem era a garota sentada ao lado dele.

Kate Fallow.

Ele apertou os olhos, pensativo.

Apesar de estarem na mesma escola desde pequeninhos, ele duvidava que tivesse trocado mais de cinquenta palavras com Kate a vida toda. Ele não achava que fosse pessoal. Era só que seus

caminhos não tinham se cruzado muito. Como evidenciado por aquele momento, ela preferia se sentar na frente, enquanto ele fazia o possível para ir parar em algum lugar bem lá atrás. Em vez de ir a eventos esportivos e festivais da escola, Kate sempre parecia correr para casa quando as aulas acabavam. Ela era a melhor da turma e todos gostavam dela, mas não era popular, e passava a maior parte do tempo de almoço com o nariz enfiado no tablet. Lendo.

Aquela era só a segunda vez que Carswell Thorne parava para pensar em Kate Fallow. Na primeira vez, questionou por que ela gostava tanto de livros e se tinha alguma coisa a ver com o motivo de ele gostar de espaçonaves. Porque podiam levar qualquer pessoa para bem longe.

Desta vez, ele estava tentando imaginar qual era a nota dela de matemática.

Houve um baque quando Carswell apoiou as pernas da frente da cadeira no chão e ele se inclinou pelo corredor.

— Você deve conhecer todos esses escritores, não é?

Kate levantou a cabeça. Olhou para ele por um momento antes de seus olhos surpresos olharem para a pessoa atrás dela e depois para Carswell.

Ele sorriu.

Ela piscou.

— C-como é?

Ele chegou mais perto, para ficar sentado bem na beirada da cadeira, e passou a ponta da caneta stylus na tela dela.

— Todos esses dramaturgos. Você lê tanto, aposto que já leu todos.

— Hum. — Ela seguiu a ponta da caneta até que... pronto, ali estava, a cor nas bochechas. — Não, não todos. Talvez... talvez metade?

— É? — Carswell apoiou o cotovelo no joelho e aninhou a bochecha. — Quem é seu favorito? Estou precisando de uma recomendação.

— Ah. Bom, hum. Bourdain escreveu peças histórias muito boas... — Ela parou de falar e engoliu em seco. Com força. Ergueu os olhos para ele e pareceu surpresa de ele ainda estar prestando atenção nela.

Carswell também estava um pouco surpreso. Fazia muito tempo que ele não olhava para Kate Fallow, e ela parecia mais bonita agora do que ele lembrava, mesmo sendo o tipo de beleza que era encoberta por gente como Shan e Elia. Kate era mais curvilínea e corpulenta do que a maioria das garotas da turma, mas também tinha os maiores e mais calorosos olhos castanhos que ele achava que já tinha visto.

Além do mais, havia algo de enternecedor numa garota que parecia surpresa por apenas um momento de atenção dele. Mas talvez isso fosse só a voz do ego dele.

— Tem algum tipo de peça de que você gosta? — sussurrou Kate.

Carswell retorceu os lábios em pensamento.

— Histórias de aventura, acho. Com muitos lugares exóticos e fugas ousadas... e piratas espaciais ousados, naturalmente. — Ele deu uma piscadela em seguida e ficou olhando, satisfeito consigo

mesmo, enquanto via a boca de Kate se transformar em um pequeno e surpreso O.

A professora Gosnel limpou a garganta.

— É para ser um estudo *individual*, sr. Thorne e srta. Fallow. Mais vinte minutos e vocês podem formar um par.

— Sim, professora Gosnel — disse Carswell sem hesitar, enquanto uma vermelhidão subia pelo rosto de Kate e alguns alunos riam atrás. Ele se perguntou se Kate já tinha sido repreendida por uma professora na vida.

Ele voltou a olhar para Kate e esperou, talvez cinco ou seis segundos, para que o olhar dela subisse com hesitação novamente. Apesar de ser *e/le* quem a estava encarando, quem se virou para a cadeira, toda vermelha, foi ela.

Sentindo-se bem-sucedido, Carswell foi ler os nomes. Alguns pareciam familiares, mas não o suficiente para ele citar algum dos trabalhos dos autores. Ele revirou o cérebro tentando lembrar exatamente o que deveria estar fazendo naquele momento.

Mas Kate Fallow se inclinou e bateu com a caneta stylus em um nome da lista. Joel Kimbrough, Reino Unido, nascido em 27 T.E. Sua lista de trabalhos surgiu na tela, com títulos como *Pistoleiro espacial na nona lua* e *O fuzileiro e os marcianos*.

Carswell sorriu para Kate, mas ela já tinha voltado a atenção para a própria tela, sem sinal do tom vermelho da pele sumir.

Os vinte minutos seguintes foram passados examinando as extensas obras de Joel Kimbrough enquanto sua mente imaginava várias situações em que ele poderia fazer Kate Fallow o ajudar com

o dever de matemática... preferivelmente que o deixasse copiar para ele não precisar dedicar mais tempo para aquele desperdício.

Quando a professora Gosnel finalmente os mandou escolherem um parceiro, Carswell puxou a cadeira para perto da de Kate sem hesitar.

— Quer trabalhar junto?

Ela olhou para ele com a mesma surpresa da primeira vez.

— *Eu?*

— Claro. Você gosta de histórias, eu gosto de aventuras. É o par perfeito, você não acha?

— Hum...

— Carswell? — sussurrou uma voz atrás dele. Ele olhou. Blakely estava sentada atrás dele, tão inclinada por cima da carteira que estava quase com o nariz no ombro dele. — Achei que você e eu poderíamos fazer juntos.

— Er... um segundo. — Ele levantou um dedo para ela e se virou para Kate e continuou falando. — Na verdade, tem uma coisa que eu já queria perguntar havia um tempo.

Kate ficou de queixo caído enquanto Carswell fingia insegurança e chegava a cadeira mais perto.

— Você sabe que a gente está na mesma turma de matemática?

Ela piscou duas vezes. E assentiu.

— Bom, eu estava pensando, se você não estiver ocupada e quiser, a gente pode estudar juntos um dia desses. Talvez depois da aula. — Ele abriu um dos seus melhores sorrisos, ensaiado e preciso.

Kate não poderia ter ficado mais perplexa, nem se ele tivesse feito a proposta de eles se mudarem para o Estado da Colômbia juntos e se tornarem fazendeiros de café.

— Você quer... estudar? Comigo?

— Quero. Matemática, especificamente. — Ele massageou o pescoço. — É que eu não estou indo muito bem. Preciso da sua ajuda. — Ele acrescentou súplica à sua expressão e viu os olhos de Kate Fallow se arregalarem e se suavizarem ao mesmo tempo. Aqueles olhos lindos e enormes.

Carswell ficou surpreso de sentir uma cutucada atrás do esterno e de repente estava quase ansioso pela hora de estudos com Kate Fallow, o que era uma virada um tanto inesperada.

Porque, claro, ela diria sim.

Mas foi Blakely quem falou em seguida.

— *Carswell*. Nós temos que começar o trabalho, você não acha?
— Havia uma rispidez na voz dela que Kate devia ter reparado. Uma coisa que indicava ciúme.

Com um olhar para Blakely, Kate pareceu mais nervosa do que nunca. Mas ela assentiu e deu de ombros, desajeitada.

— Claro. Tudo bem.

Carswell abriu um sorriso.

— Ótimo. Além do mais, odeio pedir isso, mas posso dar uma olhada no dever de hoje? Tentei fazer ontem à noite, mas fiquei completamente perdido. Tantas equações...

— Sr. Thorne — disse a professora Gosnel, parando de repente entre ele e Kate —, estamos na aula de literatura. Talvez você possa usar seu tempo para discutir *literatura*.

Ele inclinou a cabeça para trás e a encarou.

— Ah, nós estamos discutindo literatura, professora. — Ele limpou a garganta, clicou na tela e abriu o trigésimo nono trabalho publicado de Kimbrough, *Abandonado no labirinto do asteroide*. — Como você pode ver, o dramaturgo Joel Kimbrough usava temas de solidão e abandono, nos quais o protagonista é obrigado a superar não só obstáculos externos como monstros espaciais e motores de espaçonave defeituosos, mas também o desespero interior que acompanha a completa solidão. Seus trabalhos costumam usar o vasto vazio do espaço como símbolo de solidão e das batalhas que cada um de nós enfrenta contra nossos demônios pessoais. No final, os protagonistas superam seus sentimentos de insegurança só *depois* que aceitam a ajuda de um assistente improvável, como um androide ou um alienígena ou — sua boca se inclinou para o lado — uma garota bonita que por acaso tem mira perfeita quando recebe uma arma poderosa de raios.

Uma onda de risadinhas se espalhou pela turma, confirmando a desconfiança de Carswell de que ele agora tinha plateia.

— Então, veja só — disse ele, indicando novamente a tela —, eu estava só dizendo para a srta. Fallow que os temas dos trabalhos de Kimbrough têm a ver com minha luta pessoal com o dever de matemática. É comum que eu me sinta perdido, confuso, sem esperanças... mas, ao juntar minhas forças com uma garota bonita que entende os problemas nos quais tenho que trabalhar, posso superar os obstáculos e alcançar meu objetivo final. No caso, notas altas em matemática. — Ele balançou um ombro e acrescentou só por garantia: — E em literatura, é claro.

A professora Gosnel olhou para ele com os lábios repuxados, e ele percebeu que ela ainda estava irritada, embora estivesse ao mesmo tempo tentando esconder o fato de que estava achando graça. Ela suspirou.

— Só *tente* se ater à tarefa, sr. Thorne.

— Sim, professora Gosnel. — Ele olhou para Kate, e apesar de ela não o encarar, ela estava mordendo o lábio inferior e quase sorrindo.

O resto da turma ainda estava rindo quando a professora Gosnel se virou para a própria tela e começou a listar alguns dos termos literários que os alunos tinham que usar para discutir seus trabalhos; eram palavras como *temas*, *obstáculos* e *simbolismo*. Carswell deu um sorrisinho debochado.

Mas uma voz soou no meio da falação baixa, alta o suficiente para chegar a Carswell, mas não tanto para que parecesse intencional.

— Se é de uma garota bonita que ele precisa para resolver seus “problemas”, que azar que Kate Fallow foi o melhor que ele conseguiu encontrar.

Alguém soltou uma gargalhada. Algumas garotas deram risadinhas antes de botarem as mãos sobre a boca.

Carswell olhou para trás e viu Ryan Doughty sorrindo com deboche para ele. Era um amigo de Jules. Ele olhou de cara feia para o sujeito antes de se virar para Kate. O sorriso dela tinha sumido e os olhos estavam tomados de humilhação.

Carswell fechou a mão em um punho apertado e teve a vontade repentina e inesperada de dar um soco na boca do Ryan Doughty.

Mas enquanto a turma se acalmava, ele ignorou o sentimento e novamente puxou a cadeira para mais perto da de Kate.

— Então, como eu estava dizendo antes — continuou ele, oscilando entre a casualidade e o nervosismo —, será que a gente pode almoçar juntos hoje, no pátio? — Ele teria que cancelar o jogo de cartas da tarde, o que o deixaria atrasado, mas se conseguisse enviar o dever de hoje durante a aula de matemática, completo e dentro do prazo, esse seria o caminho mais rápido para começar a melhorar as notas. E ele só tinha uma semana para mostrar para o pai que as coisas estavam melhorando antes das férias de julho. — O que você me diz?

O queixo de Kate estava caído de novo e o rubor no rosto tinha voltado com tudo.

— *Carswell?*

Suspirando, ele não escondeu a cara feia quando se virou para Blakely.

— Sim, Blakely?

A cara feia dela deixou a dele no chinelo.

— Achei que você e eu formaríamos a dupla hoje.

— Hã... não sei, Blakely. É que eu já convidei a Kate, mas... — Ele deu um sorriso tímido na direção da Kate. — Ela não me respondeu ainda.

Blakely resmungou.

— Bom, então acho que a gente devia cancelar também nosso encontro para o baile. Assim, vocês dois podem ir lutar contra obstáculos e alcançar objetivos juntos.

Ele se sentou mais ereto.

— Hã?

— Semana passada — disse Blakely, curvando os dedos na beirada da carteira — eu perguntei se você ia ao Baile da Paz e você disse que eu seria a garota que você convidaria se fosse. Estou com esse plano desde esse dia.

— Ah, *certo*.

Carswell estava perdendo as contas de para quantas garotas tinha dito alguma versão disso, o que provavelmente era um planejamento ruim da parte dele, mas, na ocasião em que Blakely fez a pergunta, ele tinha esperanças de fazer com que ela investisse em seu fundo para Enviar o Carswell para o Acampamento Espacial.

— Infelizmente, parece que vou ter que cuidar dos filhinhos dos meus vizinhos no dia do baile. São trigêmeos de dois aninhos. — Ele balançou a cabeça. — Dão trabalho, mas eles são tão fofos que é impossível não amá-los.

A raiva de Blakely se transformou em adoração calorosa.

— Ah.

Carswell piscou.

— Mas se não precisarem de mim, você vai ser a primeira a saber.

Ela empertigou os ombros com o elogio.

— Mas você quer fazer o trabalho junto comigo hoje?

— Ah, eu adoraria, Blakely, mas já falei com a Kate... Hã, Kate?

Kate estava com a cabeça baixa, o cabelo caindo sobre o rosto de forma que ele só via a ponta do nariz dela. Seu corpo tinha

assumido uma nova postura de tensão, os nós dos dedos brancos enquanto ela segurava a stylus.

— Tudo bem — disse ela sem olhar para ele. — Sei que a professora vai me deixar trabalhar sozinha. Pode trabalhar com a sua namorada.

— Ah... ela não... nós não...

Blakely segurou o braço dele.

— Está vendo, Kate não se importa. Você disse que escolheu Joel Kimbrough?

Carswell limpou a garganta e olhou primeiro para Blakely e depois para Kate, agora escondida atrás de um muro invisível.

— Hum, tudo bem. — Ele se inclinou na direção da Kate de novo. — Mas nosso almoço ainda está de pé? Pra eu poder dar uma olhada naquele dever?

Kate prendeu o cabelo atrás da orelha e o olhou com irritação e inteligência. Seu olhar dizia que ela sabia exatamente o que ele estava fazendo... ou tentando fazer. Com ela. Com Blakely. Com todas as garotas de quem ele já tinha pedido algum favor. Carswell ficou surpreso de sentir uma pontada de vergonha descer pela espinha.

O maxilar dela tremeu.

— Acho que não. E a gente nem devia mesmo estudar junto, afinal.

Ela se virou, colocou os fones de ouvido e a conversa acabou. O sentimento que ficou foi de uma decepção que Carswell não conseguiu identificar, mas não achava que tivesse muito a ver com matemática.



— ROYALS DE SETE CARTAS — DISSE CARSWELL, DISTRIBUINDO OUTRA mão de cartas. — Ases funcionam como coringas. Trincas vencem a banca.

— Por que nunca jogamos com duplas vencendo a banca? — perguntou Anthony, pegando as cartas e as arrumando nas mãos.

Carswell deu de ombros.

— Podemos jogar assim se você quiser. Mas as apostas vão ser menores. Com menos risco, o pagamento é menor.

— Com trincas está bom — disse Carina, cutucando a lateral de Anthony com o cotovelo. — Anthony só está com medo de perder *de novo*.

Anthony fez cara feia.

— É que parece que as chances ficam meio desiguais a favor do Carswell, só isso.

— O que você quer dizer? — Carswell balançou a mão em cima das apostas. — Perdi as últimas três jogadas seguidas. Vocês estão acabando comigo aqui.

Carina ergueu as sobrancelhas para Anthony como quem diz *Viu? Faz as contas*. Anthony ficou em silêncio e jogou sua aposta no bolinho. Eles estavam jogando com fichas recolhidas do bufê do refeitório: azeitonas eram microunivs, batatas chips valiam um e fatias de jalapeño valiam cinco univs. O difícil era impedir Chien, sentado à esquerda de Carswell com o apetite de uma baleia, de comer tudo entre rodadas.

Todos os dias, no fim da aula, Carswell, como “banca”, dividia os ganhos e as perdas entre as contas reais dos jogadores. Ele baseava seu sistema no mesmo que os cassinos do vale usavam, o que permitia que ele vencesse uns 60 por cento das vezes. Era o suficiente para ter um lucro constante, mas também para dar aos jogadores vitórias frequentes o suficiente para eles voltarem. Era uma das suas empreitadas mais lucrativas até o momento.

Carina levou a rodada seguinte sem grande dificuldade, mas em seguida veio outra na qual ninguém conseguiu vencer as trincas ou mais da banca, o que acabou com a onda de perdas de Carswell. Ele afastou o sorriso do rosto enquanto puxava a aposta de pedaços de comida para sua pilha cada vez menor.

Ele fez as contas rapidamente em pensamento. Estava no mesmo ponto do começo do horário de almoço, quase onze univs. Mais sete o levariam ao objetivo do dia e ele passaria ao nível seguinte na conta poupança.

Sete univs. Uma quantia tão baixa para praticamente todo mundo da escola, para quase todo mundo de toda a cidade de Los Angeles. Mas, para ele, eram o mesmo que dezesseis semanas de liberdade. Dezesseis semanas longe dos pais. Dezesseis semanas de total independência.

Carswell passou o polegar pelo alfinete de gravata da Rampion para ter sorte e distribuiu outra mão de cartas.

Quando as apostas começaram, ele ergueu o rosto e viu Kate Fallow sentada no muro baixo de pedras que envolvia o pátio, a saia plissada do uniforme esticada sobre os joelhos. Ela estava lendo no tablet, o que não era surpresa, mas era estranho vê-la lá fora.

Carswell não tinha ideia de onde ela costumava passar o horário de almoço, mas tinha quase certeza de que não era naquele pátio, onde *e/e* sempre podia ser encontrado.

As apostas terminaram, e Carswell começou a distribuir a segunda rodada de cartas, mas agora estava distraído. Seu olhar ficava se desviando para Kate. Vendo como ela sorria para alguma coisa na tela. Puxava distraidamente o lóbulo da orelha e batia com os calcanhares no muro. Parecia suspirar com um toque de saudade.

Talvez ela fosse para o pátio todos os dias e ele nunca tivesse notado. Ou talvez ela tivesse ido naquele dia porque ele sugeriu, mesmo que a proposta tivesse sido recusada.

De qualquer modo, estava claro pelo olhar distante no rosto dela que ela não estava no pátio no momento, não de verdade, e ele não podia deixar de imaginar onde ela estava.

Santas espadas. Ele estava se apaixonando por *Kate Fallow*? De todas as garotas que sorriam e babavam e davam risadinhas, todas as garotas que lhe dariam o dever de matemática em troca de apenas um elogio galanteador, ele de repente não conseguia tirar os olhos da mais estranha e isolada da escola?

Não, tinha que ser outra coisa. Ele devia estar confundindo seu desespero para aumentar as notas de matemática e cancelar a punição do pai com algo que se parecia com interesse romântico. Ele não gostava de Kate Fallow. Só queria que Kate Fallow gostasse *dele* para que pudesse copiar o dever de matemática dela.

Assim como ele enganava todo mundo.

Ali estava de novo. Aquela sensação peculiar de vergonha.

— Rá! Trinca do mesmo naipe! — disse Chien, botando as cartas no chão. Os outros jogadores gemeram, e Carswell levou um momento para olhar as mãos de todos e confirmar que Chien tinha mesmo ganhado a rodada. Normalmente, ele conseguia verificar a mão vitoriosa com um olhar rápido, mas estava distraído demais.

Quando Chien recolheu seus ganhos, Carswell determinou que devia ter parado quando estava ganhando, afinal. Tinha voltado a oito univs ganhos no dia, dez atrás do seu objetivo.

Boots não ficaria impressionada.

— Muito bem, Chien — disse ele. — Outra rodada?

— Não vamos ter tempo se nossa banca ficar com a cabeça no espaço de novo — disse Anthony. — Qual é seu problema?

Ele se encolheu, as palavras lembrando a pergunta do pai naquela manhã.

— Nada — respondeu ele, embaralhando as cartas. — Só estava com uma coisa na cabeça.

— Ah, eu vi o que ele estava olhando — disse Carina. — Ou devo dizer *quem*?

Chien e Anthony seguiram o gesto de Carina.

— Kate Fallow? — perguntou Anthony com uma careta que dizia que ele duvidava que *e/a* fosse a pessoa que tinha chamado a atenção de Carswell.

Carswell baixou a cabeça e redistribuiu uma nova rodada de cartas, mas ninguém as pegou.

— Ele estava flertando com ela na aula de literatura mais cedo — disse Carina. — Sinceramente, Carswell. Todo mundo sabe que você flerta com qualquer uma, mas precisa mesmo fazer todas as

garotas da escola ficarem enfeitiçadas por você? Por acaso é algum tipo de conquista masculina que você decidiu emplacar?

Foi fácil para Carswell voltar ao seu papel mais confortável. Ele aninhou o queixo em uma das mãos e se inclinou na direção de Carina com um sorrisinho sugestivo.

— Por quê? Está se sentindo excluída?

Carina gemeu e o empurrou, ao mesmo tempo que os alto-falantes anunciaram o fim do horário de almoço. Um gemido subiu de todo o pátio, mas foi logo substituído por sons de passos voltando para os prédios e amigos se despedindo dos outros pelos noventa minutos em que ficariam separados.

Carswell recolheu as cartas que tinha distribuído e as guardou na bolsa.

— Vou contar os ganhos — disse ele, afastando uma mosca que estava zumbindo em volta da pilha de comida.

— Como vamos saber que você não vai tirar um pouco? — perguntou Chien com desconfiança evidente.

Carswell só deu de ombros.

— Você pode ficar e contar os seus ganhos se quiser, mas aí seremos dois atrasados pra aula.

Chien não discutiu mais. Claro que um univ ou dois perdidos não era nada para nenhum deles, então que importância teria se Carswell tirasse um pouco dos ganhos deles?

Quando terminou de inserir os valores no tablet e anotou um lembrete para transferir o dinheiro entre as contas quando chegasse em casa, o pátio estava vazio, exceto por ele e as gaivotas que estavam indo pegar os restos de comida abandonados. Carswell

guardou o tablet na bolsa ao lado do baralho e a pendurou no ombro.

O segundo sinal tocou. Os corredores estavam abandonados quando Carswell seguiu para a aula de história da segunda era. Ele chegaria alguns minutos atrasado pela segunda vez naquele dia, mas a professora gostava dele, então não se preocupou.

Mas no meio do silêncio entremeado com o som de seus próprios passos e as conversas abafadas atrás de portas de sala de aula fechadas, ele ouviu um grito frustrado.

— Para! Devolve!

Carswell parou e voltou para o corredor que levava ao salão tecnológico.

Jules Keller estava segurando um tablet acima da cabeça, sorrindo, com Ryan Doughty e Rob Mancuso ao lado.

E lá estava Kate Fallow, o rosto vermelho e as mãos nos quadris numa pose de raiva e determinação, apesar de Carswell conseguir perceber dali que ela estava tremendo e tentando não chorar.

— O que você tem aqui, afinal? — perguntou Jules, espiando a tela e passando as páginas com os polegares. — Alguma foto de sacanagem?

— Ela olha muito pra essa tela — disse Rob com uma risada debochada.

Carswell encolheu os ombros, primeiro de constrangimento por Kate, mas também com aquele sentimento inevitável de que uma coisa ruim estava prestes a acontecer. Ele se preparou e seguiu pelo corredor. Ninguém parecia ter reparado nele ainda.

Kate levou os ombros até o pescoço e esticou a mão.

— Só uns livros. Agora devolve. *Por favor.*

— É, livros de sacanagem, provavelmente — disse Jules. — Você nunca conseguiria um encontro de verdade mesmo.

O lábio inferior de Kate começou a tremer.

— Falando sério, nem tem jogos aqui nem nada — comentou Jules com aparente repulsa. — É o tablet mais chato de Los Angeles.

— Acho que a gente devia ficar com ele — disse Ryan. — Ela não está usando direito, obviamente.

— Não, é meu!

— Oi, cavalheiros — disse Carswell na mesma hora que esticou a mão e pegou o tablet na mão de Jules. Ele precisou ficar nas pontas dos pés, coisa que odiava, mas ver a surpresa e a confusão no rosto de Jules fez valer a pena.

Claro que o olhar não durou muito.

Carswell deu alguns passos para trás, e a mão de Jules se fechou.

— Que coincidência — disse ele. — Eu estava vindo procurar a Kate. Que bom que vocês a encontraram por mim. — Ele ergueu as sobrancelhas para Kate e inclinou a cabeça na direção do corredor. — Vem.

Ela limpou a primeira lágrima que começou a descer pela bochecha. Passou os braços pela própria cintura e desviou dos garotos para ir até ele, mas Carswell não tinha dado dois passos quando Jules o pegou pelo ombro e o virou.

— Por acaso ela é sua namorada agora? — perguntou ele, as narinas se dilatando, e se Carswell não soubesse, acharia que

parecia ciúme.

E até que fazia sentido. Debochar e intimidar uma garota seria *exatamente* o jeito de Jules tentar mostrar afeição. Parecia combinar com a cabeça confusa dele.

Carswell segurou um suspiro. Talvez pudesse dar aulas básicas de flerte depois do horário da escola. Muita gente ali parecia precisar de ajuda.

O quanto ele podia cobrar por aquilo?

— Agora — disse ele, voltando a atenção para o idiota à sua frente e colocando a mão no braço de Kate — ela é a garota que vou acompanhar até a aula. Fique à vontade pra espalhar os boatos que quiser.

— Ah, é? Que tal o boato de que te deixei com olho roxo porque você não ficou cuidando da sua vida?

— Não sei se as pessoas vão acreditar nisso, considerando que...

O punho acertou o olho do Carswell mais rápido do que ele acharia possível, jogando-o contra a fileira de armários com um estrondo metálico.

O mundo se inclinou e ficou borrado, e ele achou que Kate podia ter gritado e alguma coisa caído no chão, o tablet dela caindo da mão dele, mas ele só conseguia pensar: *Espadas e ases e estrelas, isso doeu.*

Ele nunca tinha levado um soco. Sempre supôs que seria fácil se recuperar, mas agora tinha o desejo instintivo de se encolher e cobrir a cabeça com os dois braços e bancar o morto até tudo passar.

— Carswell! — gritou Kate segundos antes de Rob o pegar pelo cotovelo e o puxar para longe dos armários. O punho do Jules o acertou na barriga e agora ele devia estar com uma costela quebrada. Carswell estava de joelhos enquanto Ryan o chutava e todos os seus sentidos eram compostos de dor e grunhidos e gritos de Kate. Ele acharia que duraria bem mais do que aquilo, mas...

Uma voz rouca atravessou a névoa de punhos e pés, e Carswell foi deixado em paz, encolhido no piso da escola. Estava com gosto de sangue na boca. Seu corpo todo estava latejando.

Quando seus sentidos começaram a registrar os arredores novamente, ele percebeu que o vice-diretor Chambers tinha acabado com a briga, mas Carswell estava tonto demais para entender as palavras irritadas dele.

— Carswell? — disse uma voz doce, suave e horrorizada.

Seu olho esquerdo já estava inchando e fechando, mas ele abriu o direito e viu que Kate estava agachada ao seu lado. Os dedos estavam acima do seu ombro, como se ela estivesse com medo de tocar nele.

Ele tentou sorrir, mas a expressão devia ter sido parecida com uma careta.

— Ei, Kate.

Os olhos dela estavam tomados de solidariedade, o rosto ainda vermelho, mas não estava chorando mais, e Carswell gostava de pensar que pelo menos tinha posto um fim naquilo.

— Você está bem? Consegue ficar de pé?

Ele se apoiou e se sentou, o que foi um começo. Kate ajudou um pouco, mas ainda parecia hesitante.

— Ai — murmurou ele. Seu abdome estava latejando e machucado. Ele se perguntou se eles tinham mesmo quebrado uma costela.

Ases, que constrangedor. Ele investiria em um bom simulador de artes marciais depois daquilo. Talvez boxe. Nunca ficaria do lado perdedor de uma briga novamente se pudesse evitar, quer estivesse em número menor ou não.

— Você está bem, sr. Thorne? — perguntou o sr. Chambers.

Carswell apertou os olhos e viu que dois professores da tecnológica tinham se juntado a eles com os braços cruzados ao lado de Jules e dos amigos. Todos estavam de cara feia. Rob até parecia meio culpado, ou talvez fosse só o ódio de ter sido pego.

— Maravilhoso — disse Carswell. — Obrigado por perguntar, sr. Chambers. — Ele fez uma careta e massageou o ponto na lateral que era a origem da pontada de dor.

O sr. Chambers deu um suspiro alto.

— Você sabe que brigar é contra a política da escola, sr. Thorne. Infelizmente isso pede uma suspensão de uma semana. Para vocês quatro.

— Espera, não! — disse Kate. E, para a surpresa de Carswell, ela entrelaçou os dedos com os dele. Ele olhou para as mãos unidas e para o perfil dela e duvidava que ela tivesse percebido o que tinha feito. — Carswell estava me defendendo. Eles pegaram o meu tablet e não queriam devolver. Não é culpa dele!

O vice-diretor estava balançando a cabeça, e apesar de Carswell perceber que ele se sentia mal com a decisão, ele também estava

com uma expressão que sugeria que não houvesse nada que pudesse fazer.

— Regras da escola, srta. Fallow.

— Mas não é justo. Ele não fez nada de errado!

— Nossa política é de tolerância zero. Sinto muito, mas não podemos abrir exceções. — O sr. Chambers olhou para os outros garotos. — Sr. Keller, sr. Doughty, sr. Mancuso, me sigam para minha sala para podermos chamar seus pais. Srta. Fallow, por que você não ajuda o sr. Thorne a ir ver o medidroide? — Ele tentou ser solidário quando encarou o único olho aberto do Carswell novamente. — Vamos chamar seus pais mais tarde.

Com o queixo encostando no peito, Carswell falou um palavrão baixinho. Também era contra as regras da escola, mas o sr. Chambers deixou passar.

— Srta. Fallow, vou alertar sua professora para abonar sua falta neste tempo.

— Obrigada, sr. Chambers — murmurou ela, cheia de resignação.

Quando Jules e os amigos foram levados, Carswell se apoiou em Kate e se levantou sobre pernas bambas com outra série de palavrões e grunhidos.

— Sinto muito — sussurrou Kate enquanto ele passava o braço pelos ombros dela, e o levou na direção da sala do medidroide.

— Não foi culpa sua — disse ele entre os dentes. Se bem que, agora que ele tinha o esforço extenuante da caminhada em que se concentrar, a dor quase parecia estar passando. Quase. — Pegou seu tablet?

— Peguei. Obrigada. E peguei sua mochila. — Ela bufou com raiva. — Não acredito que vão suspender você. Não é justo.

Ele tentou dar de ombros, mas o que saiu foi um sacolejo do braço livre.

— Eu já ia ficar de castigo nas férias. Uma suspensão não pode piorar isso.

— De castigo? Por quê?

Ele olhou para ela e não conseguiu segurar um sorriso irônico, apesar de fazer a bochecha dolorida doer mais.

— Nota ruim em matemática.

Ela ficou vermelha.

— Ah.

Carswell apertou a mão sobre as costelas e percebeu que, ao aplicar uma certa pressão, dava para aliviar um pouco do incômodo.

— É, estou de castigo até minha nota voltar a subir. Claro que isso não vai acontecer agora que não posso nem ir à aula. — Ele tentou rir como se aquilo não o incomodasse, mas percebeu logo como a ideia era ruim, e o som virou uma espécie de tosse dolorida. — Ah, bem. Vou ter mais tempo pra recuperar o tempo perdido com minhas leituras do Joel Kimbrough.

Ela tentou rir, talvez para fazê-lo se sentir melhor, mas o som não foi nada autêntico, assim como a risada dele.

— Quando terminar, sei que você vai conseguir escrever um trabalho incrível explorando os paralelos entre os perigos de viagens espaciais e andar pelos corredores da escola e percorrer os status sociais e... e...

— E os pais.

A risada dela foi menos forçada desta vez.

— E os pais, claro.

— Desconfio que os marcianos sempre foram símbolo dos pais nos livros dele.

— Deve ser isso, considerando que são tão... alienígenas.

— E apavorantes.

Desta vez, a risada dela não foi nada forçada, e Carswell teve uma sensação calorosa e carinhosa por baixo de tanta dor. Desejou poder rir com ela sem sentir uma pontada de dor dentro do crânio.

— Acha que a professora Gosnel me daria um ponto a mais?

— Tenho certeza que sim — disse Kate. Mas sua solidariedade logo voltou. — Só que não ajudaria sua nota de matemática.

— Verdade. Se ao menos estudar fórmulas de álgebra fosse tão divertido quanto aventuras espaciais bregas.

— Ah, se fosse. — Kate repuxou os lábios e olhou para ele em meio à cabeleira. E respirou fundo. — Vou deixar você copiar meu dever de matemática.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Até... até sua nota subir. E quando voltarmos das férias, posso te ajudar a estudar se você ainda quiser.

— Obrigado. — Ele sorriu e nem precisou fingir gratidão, apesar do alívio que acompanhou a sensação de vergonha. Sabia que ela sentia culpa, que estava com a sensação de que devia alguma coisa a ele. Sabia que estava se aproveitando daqueles sentimentos.

Mas ele não discutiu e não rejeitou a proposta dela. Porque, no fundo, já estava contando as horas que isso pouparia e o dinheiro

que poderia ganhar com esse tempo. Já estava indo além da Kate e do tablet e da risada gentil e também da dor da sua primeira briga.

Ele já estava seguindo para o objetivo seguinte, para o sonho seguinte, para o obstáculo seguinte. Carswell sorriu só até o ponto de começar a doer e passou o polegar pelo alfinete da gravata.

Só para dar sorte.



Depois que o sol passar





AOS NOVE ANOS DE IDADE, LUA CRESCENTE ERA A SOLDADO DE INFANTARIA mais jovem do grande exército de guerreiros de Luna. Ela estava em posição de sentido na fileira da frente de seu pelotão, as costas rígidas como uma tábua e os braços retos nas laterais. Sentia orgulho de seu serviço à rainha. Já tinha sido elogiada por sua bravura e até ganhado uma medalha de coragem da Comandante-General Sybil Mira depois da batalha de...

— *Crescente.*

A voz da mestra interrompeu a fantasia, e Cress levou o punho ao coração em saudação.

— Sim, comandante, hum, quer dizer, mestra?

Algumas crianças mais velhas riram na fila, e Cress sentiu as bochechas ficarem vermelhas. Apesar de ter fixado o olhar respeitosamente nos beliches da parede oposta, ela agora olhou para a mestra Sybil, que estava no fim do alojamento comprido e estreito. Seus lábios estavam apertados e brancos.

Cress engoliu em seco e baixou a mão. Seu corpo tremeu, imitando a mesma postura dócil das outras crianças quando elas fizeram a fila para a retirada de sangue mensal. Claro que ela não era soldado de verdade. Não tinha nem certeza de o que a palavra

infantaria significava. Mas isso não a impedia de fantasiar, de se imaginar em um lugar melhor do que ali. Em *qualquer lugar* que não fosse aquele.

Ela não entendia por que os outros cascudos ficavam tão satisfeitos em aceitar sua existência reprimida, por que debochavam dela por tentar escapar, mesmo que a fuga fosse só na mente dela. Mas o que eles mais faziam era debochar. Pelo menos até quererem alguma coisa dela; aí ficavam doces como mel.

As narinas de Sybil se dilataram e ela inspirou com impaciência.

— Você ouviu o que eu disse, Crescente?

Cress pensou, mesmo sabendo que era inútil. Seu rosto ficou mais vermelho quando ela balançou a cabeça.

— Eu estava dizendo para o resto dos seus colegas que recebemos provas de que alguém invadiu recentemente a rede do programa educacional voltado para a juventude mais promissora de Luna. — Seus olhos cinzentos se apertaram na direção de Cress. — Não fiquei surpresa de descobrir que as atualizações haviam sido copiadas e que agora estava sendo transmitidas *aqui*, nos alojamentos dos cascudos. Você pode explicar isso, Crescente?

Ela engoliu em seco e se encolheu novamente, e seu ombro bateu no garoto ao lado.

— Eu... hum...

— Foi ideia minha — disse Calista, que estava perto da frente da fila. Os olhos penetrantes de Sybil se voltaram para ela. — Não fique com raiva de Cress. Fui eu que pedi pra ela. Eu só achei... *nós* só achamos...

Sybil esperou sem expressão nenhuma no rosto, mas Calista pareceu ter perdido a determinação. Um silêncio tomou conta do alojamento, e apesar de a temperatura estar estática, Cress começou a tremer.

Finalmente, Arol falou:

— Nós achamos que isso poderia nos ensinar a ler. — Ele limpou a garganta. — Quer dizer, os de nós que não sabem...

Ou seja, a maioria. Cress tinha conseguido baixar um aplicativo para leitores iniciantes no nódulo holográfico alguns anos antes e ela e dois outros conseguiram fazer o curso todo antes de Sybil descobrir e bloqueá-lo para eles. Eles tentaram ensinar aos outros, aos que queriam aprender, mas sem papel e sem tablets era um processo lento e tedioso.

Mas a maioria queria saber. Havia algo de libertador naquilo. De poderoso.

Ela achava que Sybil sabia disso; senão, não se oporia.

Sybil começou a andar pela fila olhando para cada um deles, embora a maioria das crianças baixasse o olhar quando ela passava. Ela se movia como um gato. Um gato orgulhoso e mimado, que caçava por esporte, não sobrevivência. O guarda que a acompanhara estava esperando junto à porta, a atenção voltada para a parede mais distante, ignorando todos.

— Se fosse importante vocês terem a habilidade de leitura — disse Sybil —, não acham que eu teria providenciado para que aprendessem? Mas vocês não estão aqui para estudar. Estão aqui porque temos esperança de *curar* vocês. Estão aqui para fornecer sangue de cascudo para podermos estudar sua deficiência e talvez

um dia podermos saber como consertar. Quando esse dia chegar, vocês serão reintroduzidos como cidadãos plenos de Luna. — As palavras dela ficaram severas. — Mas, até esse dia, vocês não têm lugar na sociedade civilizada e nenhum propósito além do sangue que corre pelas suas veias. *Ler* é um privilégio que vocês não conquistaram.

Ela parou na frente de Cress e se virou para olhar para ela. Cress se encolheu, mas queria não ter feito isso. Não haveria medalha de coragem hoje.

Ler era um privilégio que ela não tinha conquistado. Só que... ela sentia que tinha, sim. Aprendeu a linguagem dos computadores e das redes e aprendeu a linguagem das letras e sons, e fez tudo isso sozinha. Isso não era *merecer*?

Não importava agora. Conhecimento era uma coisa que Sybil nunca poderia tirar dela.

— Crescente.

Ela tremeu e se obrigou a olhar. Preparou-se para uma reprimenda; Sybil parecia bem zangada.

Mas Sybil só disse:

— Seu sangue será tirado primeiro hoje, e depois você vai se preparar para partir. Tenho uma nova missão para você.



CRESS SEGUROU A ATADURA NO COTOVELO ENQUANTO SEGUIA A mestra pelos túneis subterrâneos que ligavam os alojamentos dos cascudos ao restante da capital de Luna. Os cascudos ficavam separados da

sociedade porque, supostamente, eram *perigosos*. Eles não podiam ser manipulados pelo dom lunar, o que significava que representavam uma ameaça para a rainha e para o resto da aristocracia, os lunares que eram capazes de manipular a mente das pessoas ao redor. Na verdade, foi um cascudo furioso que matou o rei e a rainha anteriores, levando ao banimento de todos os cascudos.

Cress tinha ouvido a história umas cem vezes, essa *prova* de que pessoas como ela não eram adequadas para conviver com outros lunares. De que eles precisavam ser consertados para que se confiasse neles. Mas ela continuava sem conseguir entender.

Ela sabia que não era perigosa, e boa parte dos outros cascudos eram crianças como ela. Quase todos foram tirados das famílias quando eram recém-nascidos.

Como alguém poderoso como a rainha Levana podia ter medo de alguém como *ela*?

Mas por mais que tentasse obter uma explicação melhor de Sybil, ela era repreendida. *Não discuta. Não faça perguntas. Me dê seu braço.*

Pelo menos, desde que Sybil descobriu a afinidade de Cress com computadores, ela tinha começado a prestar mais atenção. Algumas das outras crianças estavam começando a ficar frustradas. Diziam que Cress estava virando a favorita. Ficavam com ciúmes porque Sybil a levava para fora do alojamento; ninguém *nunca* saía do alojamento, e Cress tinha até ido ao palácio algumas vezes, uma história que os menores nunca se cansavam de ouvir, apesar de Cress só ter entrado pelas passagens dos criados e ter sido levada

direto para o centro de controle de segurança. Ela não viu a sala do trono e nem nada interessante, e obviamente não viu a rainha em pessoa. Ainda assim, era mais do que qualquer pessoa dos alojamentos tinha visto, e elas adoravam ouvi-la contar a história repetidas vezes.

Ela desconfiava que Sybil fosse levá-la novamente ao palácio, mas a mestra entrou em um lugar aonde nunca tinha ido antes. Cress quase tropeçou nos próprios pés de surpresa. O guarda, andando ao alcance de um braço dela (porque, afinal, ela era *perigosa*), a olhou com expressão gelada.

— Aonde estamos indo, mestra?

— Para a doca — respondeu Sybil, sem fingimento.

Para a doca.

A doca de espaçonaves?

Cress franziu a testa. Nunca tinha ido à doca. Sybil precisava que ela programasse um equipamento de vigilância especial em uma das naves reais? Ou que atualizasse os parâmetros das naves que podiam entrar e sair de Artemísia?

Ou...

Seu coração disparou, mas ela fez o melhor para controlá-lo. Não podia ter esperanças. Não devia se permitir ficar empolgada. Porque a ideia de que Sybil poderia levá-la a algum lugar em uma espaçonave... de que ela poderia estar a caminho do *espaço*...

Sua ansiedade quase passou do limite suportável. Ela sabia que não devia se permitir desejar aquilo, mas desejava mesmo assim. Ah, as histórias que ela contaria. As criancinhas se reuniriam em volta dela para ouvir tudo sobre sua aventura espacial. Começou a

olhar ao redor com novos olhos tentando registrar mentalmente cada detalhe que pudesse levar para todos depois.

Mas aqueles corredores eram tão sem graça, com paredes de pedra polida, que não havia muito para contar. Ainda não.

— Mestra — ela arriscou perguntar —, o que você quer que eu faça na doca?

Sybil ficou em silêncio por tanto tempo que Cress começou a se arrepender de ter perguntado. Talvez ela a tivesse irritado. Sybil não gostava que lhe fizessem perguntas rudimentares. Não gostava muito quando Cress falava além de dizer *Sim, mestra* e *Claro, mestra* e *Eu ficaria feliz em completar a tarefa para você, mestra*.

E apesar de Cress nunca ter gostado de Sybil, de morrer de medo dela desde que conseguia se lembrar, ainda queria que Sybil gostasse *dela*. Queria que a mestra sentisse orgulho. Imaginava Sybil se gabando sobre ela para a rainha, contando para Sua Majestade sobre a jovem prodígio aos cuidados dela que podia ser tão mais útil para a coroa se não estivesse presa naquele alojamento horrível o tempo todo. Cress tinha esperança de que, se conseguisse impressionar Sybil, um dia a rainha reparasse nela. Talvez oferecessem um emprego a ela e ela pudesse provar que cascudos não são perigosos, afinal. Que eles querem fazer parte da sociedade e serem lunares bons e leais como qualquer um. Talvez, só talvez, a rainha a ouvisse.

— Você lembra — disse Sybil, arrancando Cress de uma fantasia na qual a própria rainha Levana estava elogiando Cress por seu serviço brilhante e essencial à coroa — quando perguntei sobre

conduzir vigilância mais extensa sobre os líderes da União Terráquea?

— Sim, mestra.

— Você me disse que nosso software atual não era adequado para a vigilância que nós tínhamos em mente. Que as atualizações se corrompiam ou caíam com facilidade. Que o próprio ato de obter atualizações de áudio ao vivo da Terra sem dúvida seria notado e provavelmente rastreado até nós. Isso está correto?

— Sim, mestra.

Sybil assentiu.

— Seu trabalho tem sido valiosíssimo para mim ultimamente, Crescente.

Os lábios de Cress se abriram. Era raro ouvir qualquer coisa remotamente parecida com um elogio vinda de Sybil, e seu peito se aqueceu com aquelas palavras. Elas viraram uma esquina, e o corredor terminou em uma porta dupla enorme.

— Acredito — continuou Sybil, sem olhar para Cress enquanto encostava as pontas dos dedos em um escâner na parede — que resolvi todos os dilemas que nos impediam de alcançar nossos objetivos.

As portas se abriram. Cress foi atrás de Sybil até uma plataforma ampla que envolvia um espaço abobadado gigantesco cheio dos corpos brancos cintilantes de aeronaves reais. O chão embaixo delas brilhava e jogava a sombra das naves no teto preto. No final da doca, a barreira enorme entre a área com atmosfera controlada e o espaço sideral estava selada.

Mais do que isso; havia *gente*.

Não muitas, mas pelo menos umas doze, andando em volta de uma das naves maiores. Estavam longe demais para ver com clareza, mas Cress identificou roupas de cores vibrantes, e um dos homens estava usando um chapéu enorme e...

Sybil segurou o cotovelo de Cress e a puxou na direção oposta. Cress ofegou e foi cambaleante atrás dela.

— Não olhe para eles — disse Sybil.

Cress franziu a testa. Seu braço ainda estava doendo, mas ela resistiu à vontade de o soltar da mão de Sybil.

— Por quê? Quem são?

— São membros das famílias de Artemísia e não gostariam de serem observados por uma *cascuda*. — Sybil arrastou Cress por uma rampa até o piso principal da doca e soltou o cotovelo dela quando as duas se separaram dos aristocratas pelas formas elegantes das espaçonaves. Era desconcertante estar andando no piso iluminado. Era como andar em uma estrela. Cress estava tão distraída que se chocou com Sybil quando ela parou abruptamente.

Sybil olhou para ela, o lábio tremendo, e não respondeu ao pedido de desculpas de Cress. Ela só se virou e assentiu para o guarda, que abriu a porta de uma nave de passeio pequena. Não caberiam mais de três ou quatro passageiros lá dentro, mas, ao mesmo tempo que era pequena, a nave também era luxuosa. Uma tira fina de luzes envolvia o teto. Um nódulo holográfico projetava a imagem de uma fonte borbulhante de água em um canto. Os bancos atrás do piloto eram cobertos de um tecido que fazia os cobertores dos alojamentos parecerem sacos de ração de animal.

Sybil gesticulou para Cress entrar, e o convite foi tão inesperado que Cress só conseguiu parar e olhar para o interior da nave sem acreditar.

— É sério? — sussurrou ela. — Eu... nós vamos sair de Artemísia? — Ela se sentiu momentaneamente tonta... com euforia, mas talvez um pouco por causa do sangue que havia sido retirado.

— Nós vamos sair de Luna — disse Sybil. — Agora, entre.

A boca de Cress ficou seca. *Sair de Luna?* Era mais do que ela ousava desejar. Um passeio em uma espaçonave. Uma verdadeira viagem pelo espaço. Os outros cascudos sentiriam tanta inveja.

Com a pulsação disparada, ela subiu na nave e se acomodou no banco mais distante. Sybil se sentou virada para ela e desligou na mesma hora a holografia de fonte de água, como se a achasse irritante. O guarda se sentou no lugar do piloto, e logo Cress sentiu a vibração suave dos motores nas solas dos pés.

Sua empolgação crescente entrou em conflito com uma ansiedade quase igual quando a nave subiu, pairou acima dos outros veículos estacionários e começou a deslizar na direção da saída enorme. A mestra Sybil não tinha lhe dado qualquer indicação sobre qual era esse novo trabalho que ela teria que fazer. Embora tivesse conseguido completar com sucesso todas as tarefas que lhe deram antes, ela sentia que havia algo diferente naquela. Era maior. Mais importante.

Podia ser sua chance de provar à Sybil e a todo mundo que ela era mais do que só uma cascuda. Ela era valiosa. Merecia ser cidadã de Luna.

Ela não podia falhar.

Com a respiração trêmula, ela puxou o cabelo por cima do ombro e começou a enrolar as pontas nos pulsos. Tinha pensado em cortá-lo um ano antes, mas as outras garotas a convenceram de não fazer isso. Disseram que seu cabelo era lindo, que ela tinha sorte de crescer tão denso e forte. Que ela seria louca de cortar, e por isso não cortou. Agora, achava que tinha se tornado uma espécie de segurança para ela. Era comum ficar mexendo no cabelo quando estava nervosa.

A porta dupla enorme se abriu, fazendo a doca toda vibrar, e agora eles estavam em uma câmara de espera aguardando que as portas se fechassem novamente e a nave pudesse ser liberada no espaço. A expectativa a estava sufocando.

Ela estava saindo de Luna. Saindo de *Luna*. Nunca, em todos os seus sonhos, achou que *ela*, uma cascuda humilde e esquecida, teria a chance de ver a vida além dos biodomos protetores de Luna.

Mas ali estava ela, com apenas nove anos e partindo em sua primeira grande aventura.

As portas enormes e antigas de metal se abriram e foram lentamente se afastando. Revelaram primeiro a paisagem deserta e branca de Luna, cheia de crateras e imóvel. E, além disso... além do horizonte... além de Luna...

Estrelas.

Estrelas como ela nunca tinha visto, nunca tinha imaginado ver. O céu estava cheio delas. E no meio, orgulhoso e lindo e bem na frente dos olhos dela, estava o planeta Terra.

A nave começou a se adiantar novamente, aos poucos, mas pegando velocidade quando abandonou a força gravitacional fraca

de Luna e se afastou da superfície.

Cress só percebeu que tinha colocado as mãos nas janelas quando a respiração embaçou na superfície. Ela recuou e deixou evidentes duas marcas de mãos que emolduravam perfeitamente o planeta azul.

As palavras enigmáticas de Sybil se repetiam na cabeça dela. Estaria ela levando Cress para a *Terra*?

Realmente resolveria todas as questões que Cress tinha apontado em relação a espiar os terráqueos. Ela tinha que chegar mais perto. Precisava de equipamentos melhores e mais tempo, mas, mais do que tudo, precisava diminuir a distância física entre eles.

Será que Sybil estava pedindo que fosse uma espiã? Os terráqueos não desconfiariam de uma criança como ela, e ela era cascuda, perfeitamente adequada para se misturar com os terráqueos, que não tinham dom. Podia se infiltrar nas bases de dados do governo. Podia controlar todas as atualizações da imprensa do planeta. Podia obter segredos de todos os oficiais de governo e as mensagens particulares de todos os cidadãos. Podia ser a melhor espiã da história lunar.

E, melhor do que tudo, ela não seria mais apenas uma cascuda presa em um alojamento e obrigada a tirar sangue de quatro em quatro semanas. Ela teria um céu azul. Andaria com os pés descalços em grama de verdade. Nadaria na água do mar e subiria no alto de arranha-céus e iria ao teatro e dançaria na chuva e...

Ela reparou em Sybil a observando e só então percebeu que estava com um sorriso enorme na cara. Ela o fechou o mais

rapidamente que conseguiu.

— Quanto tempo vamos levar para chegar lá? — perguntou ela.

— Horas — disse Sybil, tirando um tablet de dentro do casaco branco de taumaturga. — Seu primeiro objetivo será acessar as anotações das reuniões semanais entre o imperador Rikan e seu gabinete de conselheiros. Sugiro que você comece a planejar como vai conseguir isso.

Cress apertou os lábios e assentiu com ansiedade, os pensamentos já borbulhando com ideias. Sem dúvida, a reunião tinha um secretário androide gravando anotações, possivelmente até fazendo gravações de áudio ou vídeo, e desde que esse androide tivesse conectividade com a rede...

Ela encostou a cabeça no assento e se virou para olhar para o planeta de novo enquanto refletia, com códigos e quebras de segurança vibrando nos pensamentos.

Estrelas, como o planeta era bonito. Mais deslumbrante do que ela tinha imaginado. As imagens projetadas dos nódulos holográficos não lhe faziam justiça. Como cintilava e brilhava e se movia, sempre se movia, com as nuvens brancas sempre agitadas. Era como se o planeta em si fosse um organismo vivo.

Ela começou a cantarolar enquanto pensava e sonhava e planejava. Cantarolava muito enquanto trabalhava. Ajudava-a a canalizar os pensamentos às vezes, mas naquele dia seus pensamentos estavam desconjuntados demais para ficarem focados. Como sua vida já estava diferente em comparação com o período da manhã. Com que rapidez tudo tinha mudado.

A viagem prosseguiu em silêncio, exceto pelo toque suave dos dedos de Sybil no tablet e Cress cantarolando baixinho. O piloto não falou nada. Era quase como se ele nem estivesse lá, mas, por outro lado, todos os guardas agiam assim. Eram invisíveis. Ela não os culpava. Trabalhar para a mestra Sybil costumava fazê-la desejar ser invisível também.

Ela voltou o olhar para a Terra. Lembrava-a de uma cantiga que uma das garotas mais velhas lhe ensinou anos antes que Cress ainda amava cantar para as crianças no apagar das luzes.

*Doce Lua Crescente, no céu a brilhar,
Quer cantar sua canção para a Terra ao passar?
Sua melodia mais doce, um ritmo a rimar
Uma cantiga de sonhos felizes a flutuar.
Mande a floresta dormir, a montanha descansar,
Embaie o oceano, e os desertos pode beijar.
Doce Lua Crescente, no céu a brilhar,
Você canta sua música tão doce depois do sol se retirar.*

Cress percebeu que o guarda estava olhando para ela pelo reflexo da janela. Ela enrijeceu ao perceber que estava cantando em voz alta. Ele afastou o olhar rapidamente, mas Sybil também estava olhando para ela agora.

Não só olhando. *Fazendo cara feia.*

Cress engoliu em seco.

— Desculpe.

Sybil botou o tablet no colo e voltou a atenção integral para Cress.

— Você não deve nem se dar conta de como essa música é antiga. É uma cantiga que é cantada em Luna talvez desde a época da colonização.

— Eu sabia disso — disse Cress antes que pudesse se segurar. Era sua música favorita. Ela já tinha pesquisado.

Sybil apertou os olhos de forma quase imperceptível.

— Então você deve saber que a música foi composta em uma época em que a Terra e Luna eram aliados. Alguns consideram que seja uma canção que simboliza a paz entre os dois planetas. Alguns acham que não é patriótica hoje... que sugere solidariedade com os terráqueos.

As bochechas de Cress ficaram quentes de novo e ela se sentou mais ereta e balançou a cabeça.

— Não é por isso que eu gosto. Eu só gosto... quer dizer, tem meu nome na música. *Lua Crescente*. Às vezes eu acho... Fico me perguntando se meus pais escolheram meu nome por causa da música.

A taumaturga deu uma gargalhada debochada e abrupta, dando um susto em Cress.

— É altamente improvável — disse Sybil, olhando pela janela. — Pelo que me lembro dos seus pais, eles não eram dados a esse tipo de devaneio.

Cress a encarou.

— Você conheceu meus pais?

Sybil ficou em silêncio por um tempo, sem expressão no rosto além de uma inclinação arrogante da boca. Finalmente, ela voltou a atenção a Cress.

— A única coisa que você precisa saber sobre seus pais é que eles ofereceram você voluntariamente para ser morta no infanticídio de cascudos. — Os olhos dela cintilaram de satisfação com a crueldade que estava demonstrando. — Sua mãe mesma colocou você nos meus braços. Ela só disse: “É cascuda. Que humilhação.”

As palavras atingiram Cress com mais crueldade do que deveriam. Claro que ela sabia que os pais a tinham entregue para ser morta. Essa era a lei; apesar de a maioria dos cascudos não ser morta, só escondida, os civis não sabiam disso. Seus pais achavam que ela estava morta, e Sybil nunca se cansava de lembrar aos cascudos como eles eram *indesejados*. Que, se não fosse ela os salvando, estariam todos mortos e que ninguém lamentaria a morte deles.

Mas Sybil nunca tinha contado aquela parte. *Humilhante*.

Ela fungou e virou o rosto antes que Sybil pudesse ver as lágrimas surgindo nos olhos dela.

Pela janela, Cress viu que eles estavam se aproximando de alguma coisa. Outra espaçonave? Ela apertou os olhos e se inclinou para a frente. Era esférico, com três apêndices enormes como asas se inclinando para fora.

— O que é aquilo?

Sybil mal virou a cabeça.

— É um satélite.

Cress apertou os dois punhos em volta do cabelo.

— Nós vamos bater.

Um sorrisinho surgiu na boca de Sybil.

A nave deles começou a se deslocar mais devagar. Cress ficou olhando, hipnotizada, o satélite ficar cada vez maior pela janela até ocupar toda a vista. Havia uma garra do lado de fora, já estendida. O guarda se acoplou nela na primeira tentativa, e a nave tremeu. Uma cacofonia veio em seguida: baques e sacolejos e maquinário vibrando e chiados e batidas. Uma escotilha estava se projetando do satélite e grudou na lateral da nave, criando um túnel para eles saírem.

Cress franziu a testa. Eles iam parar para reabastecer? Para pegar suprimentos? Para providenciar sua nova identidade secreta de terráquea?

A porta da nave deles se abriu, e Sybil saiu para o túnel e fez sinal para Cress ir atrás. O guarda ficou bem atrás dela.

A escotilha era estreita e tinha cheiro de metal e ar reciclado. Uma segunda porta estava fechada no final do corredor, mas se abriu quando eles se aproximaram.

Cress se viu em uma salinha redonda. Havia uma mesa envolvendo o espaço, e as paredes acima eram cobertas de telas invisíveis, posicionadas de forma a serem vistas de qualquer ponto do aposento. Só uma parede estava vazia, notadamente vazia.

Uma sensação de medo surgiu no estômago de Cress, mas ela não conseguiu identificar o que significava. Sybil tinha chegado para o lado e estava observando Cress, esperando. Mas Cress não sabia o que ela estava esperando.

Havia uma segunda porta, idêntica àquela pela qual elas tinham entrado; talvez outra escotilha para uma segunda nave, pensou ela. E uma terceira porta levava a...

Ela deu um passo à frente com insegurança.

Era um banheiro. Uma pia. Uma privada. Um pequeno chuveiro.

Ela se virou. Estava toda arrepiada.

— Tem um sistema de água reaproveitada — disse Sybil, falando como se elas estivessem no meio de uma conversa. Abriu um armário alto. — E alimentos não perecíveis suficientes para durarem de seis a oito semanas, embora eu vá repor seus suprimentos a cada duas ou três semanas, ou conforme o necessário, quando eu vier verificar seu progresso. Sua Majestade espera que dê grandes passos na nossa vigilância da Terra agora que você está tão meticulosamente equipada com as exigências precisas que você especificou. Se descobrir que precisa de mais alguma coisa para o seu trabalho, providenciarei o que faltar para você.

O estômago de Cress estava se contraindo em um nó agora, a respiração ficando ofegante enquanto ela olhava para as telas invisíveis. Para os nódulos holográficos. Para os processadores e receptores e placas de dados.

Os equipamentos mais modernos. Todos eles.

Era exatamente o que ela precisava para espionar a Terra.

— Eu... vou morar aqui? — disse ela em um gritinho. — Sozinha?

— Por um tempo, sim. Você disse que precisava ficar mais perto da Terra, Crescente. Eu lhe dei o que pediu para servir à Sua Majestade. É isso que você quer, não é?

A menina começou a assentir sem perceber. Havia lágrimas nos olhos dela, mas ela as afastou com a palma da mão.

— Mas onde eu vou dormir?

Sybil foi até a parede vazia e apertou um botão. Uma cama saiu da parede. Era maior do que o beliche que Cress tinha no alojamento, mas isso não a animou muito.

Sozinha. Ela ia ser deixada ali, *sozinha*.

— Você tem suas primeiras ordens — disse Sybil. — Precisa de mais alguma coisa?

Cress não conseguia lembrar quais tinham sido as primeiras ordens. Estava tão concentrada em ir para a Terra. Tão empolgada com as árvores e os oceanos e as cidades...

E agora ela não tinha nada disso. Não tinha nem o alojamento e nem os outros cascudos.

— Quanto tempo? — perguntou ela, a voz tremendo. — Quanto tempo tenho que ficar aqui?

Como Sybil ficou em silêncio, Cress se obrigou a encarar o olhar dela. Esperava encontrar solidariedade, gentileza, *qualquer coisa*.

Ela não devia ter tido esperanças. Sybil só parecia irritada com a fraqueza de Cress.

— Você vai ficar aqui até seu trabalho terminar. — Depois de um momento, suas feições se suavizaram. — Claro que, se seu trabalho for satisfatório, talvez quando você terminar nós possamos discutir sua volta para Artemísia... como cidadã legítima de Luna.

Cress fungou alto e inclinou a cabeça para trás o máximo que ousou para segurar as lágrimas.

Cidadã legítima de Luna. Não só uma cascuda. Não prisioneira. Não um segredo.

Ela olhou ao redor de novo. Ainda estava horrorizada, mas também mais determinada do que em qualquer outro momento.

— Tudo bem, mestra. Vou fazer o melhor que puder para agradar Sua Majestade.

Um brilho de aprovação surgiu nos olhos de Sybil. Ela assentiu e indicou o guarda, que se virou sem cerimônia e marchou de volta para a nave.

— Sei que vai, Crescente. — Ela se virou para seguir atrás dele pela porta. Não houve palavra de despedida, nem sorriso tranquilizador, nem abraço reconfortante.

A porta bateu, e a mestra Sybil foi embora e pronto.

Cress estava sozinha.

Ela ofegou e expirou e foi até uma das pequenas janelas com a intenção de vê-los partir do satélite e voltar para Luna.

Um brilho na janela em frente chamou sua atenção. Ela se virou e foi até lá.

A Terra era tão grande que quase ocupava o visor inteiro.

Seu corpo todo estava tremendo quando ela subiu na mesa e se encolheu junto ao armário olhando para o planeta azul. Azul e verde e dourado. Ela cantaria por um tempo antes de começar a trabalhar. Isso a acalmaria. Cantar sempre a deixava melhor.

Doce Lua Crescente, no céu a brilhar...

Ela só conseguiu cantar essa parte, e as lágrimas vieram com tudo, afogando todo o resto.



A princesa e o guarda





— SOCORRO, SIR CLAY! ME SALVE! — WINTER SE ESCONDEU ATRÁS DO forte de almofadas. Apesar de a fortaleza ser resistente, ela sabia que não impediria a chegada dos vilões para sempre.

Por sorte, no momento mais oportuno, sir Jacin Clay pulou em defesa dela, brandindo o lendário Sabre de Luz Terráqueo, que na realidade era uma espada de madeira de treino que ele ganhou do pai no sétimo aniversário.

— Você nunca vai pegar a princesa! — gritou Jacin. — Vou protegê-la com a minha vida, seu demônio terráqueo! — Ele golpeou o ar enquanto Winter abandonava a parede de almofadas e corria para baixo da cama.

— Sir Clay! Atrás de você!

Jacin se virou de frente para ela na mesma hora que Winter pulou para cima.

— Princesa? — perguntou ele, os olhos tremendo de incerteza.

Winter abriu um sorriso malicioso e o agarrou pela cintura, jogando os dois no colchão.

— Ahá! — gritou ela. — Eu o atraí para minha armadilha! Você acreditou que eu era sua amada princesa, mas era só meu glamour enganando você. Sou Vil Velamina, a famosa pirata espacial!

— Não é possível que você seja Vil Velamina — disse Jacin com um ofego de horror fingido. — O que você fez com minha princesa?

— Ela está aprisionada na minha espaçonave. Você nunca mais vai vê-la. *Mua-ha-ha!*

— Não! Vou resgatá-la!

Jacin, que estava começando a superar Winter na altura, jogou-a facilmente para fora da cama. Ela gritou e caiu no chão com um baque. Não foi uma queda grande, mas o joelho dela ardeu onde bateu no tapete.

Jacin ficou de pé, se apoiou no colchão macio e apontou a ponta da espada para ela.

— Na verdade, fui eu que atraí você para uma armadilha, sua pirata fedorenta. Está agora exatamente onde quero. — Ele esticou a mão e segurou uma das borlas no dossel da cama de Winter. — Basta puxar esta corda e um alçapão vai se abrir embaixo de você, e você vai cair direto no... — Ele hesitou.

— Ah... no jardim! — sugeriu Winter, os olhos se iluminando. — Na jaula do Ryu! E o lobo está muito, muito faminto e sem dúvida vai comer a pirata!

Jacin fez cara feia pra ela.

— Você está planejando sua própria morte?

— Isso foi a princesa falando. Eu estava implantando o pensamento diretamente no seu cérebro. Velamina me amarrou, mas não estou inconsciente.

Jacin começou a rir.

— O que ela falou, então. — Ele fez um gesto exagerado para puxar a borla. A cortina nem se mexeu, mas Winter entrou na

brincadeira e gritou de dor e rolou no tapete como se tivesse sido jogada num covil com o lobo selvagem mais perigoso de todos os tempos.

Jacin apontou a espada para o teto.

— Agora preciso encontrar minha princesa e devolvê-la em segurança para o palácio, onde serei recompensado com grande honra.

— *Honra?* — comentou Winter com desdém. — Você não vai pedir riquezas nem nada? Tipo uma mansão em AR-4?

Jacin balançou a cabeça e olhou sonhador para o espaço.

— Ver o sorriso da minha princesa quando ela for levada ilesa para casa é a única recompensa de que preciso.

— Eca, que nojo. — Winter jogou uma almofada na cabeça dele, mas Jacin desviou e pulou da cama.

— Agora... com a pirata vencida, só preciso encontrar a espaçonave dela.

Winter apontou para as portas de vidro que levavam à varanda.

— Está lá fora.

Com o peito estufado como um herói orgulhoso, Jacin foi até lá.

— Espere! — Winter ficou de pé e pegou um cinto no armário. Ajeitou os cachos em volta do rosto tentando deixar Vil Velamina para trás e voltar ao seu papel de princesa doce e recatada.

Na varanda, ela fez gestos exagerados para se amarrar à amurada.

— Você sabe que, se alguém olhasse para cá agora, a pessoa acharia que você está mesmo encrencada, né? — disse Jacin, olhando para ela com apreensão.

— Pffft. Ninguém acreditaria que você seria capaz de me manipular com tanta facilidade.

O maxilar dele tremeu, mas só um pouco, e Winter sentiu uma pontada de culpa. Apesar de fingir que não, ela sabia que Jacin era sensível ao fato do seu dom lunar estar se desenvolvendo pouco. Com quase oito anos de idade, ele deveria estar começando o treino de glamour e manipulação emocional, mas estava ficando evidente que Jacin tinha herdado a falta de capacidade do pai. Ele era quase tão desprovido de dom quanto um cascudo.

Winter sabia que era ruim, uma vergonha até, ter tão pouco talento, principalmente ali, na capital Artemísia.

Por outro lado, o dom *dela* tinha começado a se desenvolver quando tinha apenas quatro anos e estava ficando mais forte a cada dia. Ela já se reunia uma vez por semana com um professor, o mestre Gertman, que disse que ela estava se transformando em uma das pupilas mais talentosas que ele já tinha ensinado.

— Tudo bem, estou pronta — disse ela, enrolando o cinto no pulso.

Jacin balançou a cabeça.

— Você é maluca, isso sim.

Ela mostrou a língua para ele, jogou o cabelo para trás do ombro e contorceu o rosto em consternação.

— Será que não tem um herói forte e corajoso pra me salvar desses piratas horríveis? Socorro! Socorro!

Mas Jacin continuou com a testa franzida, a atenção capturada por algo atrás do ombro dela.

— Quem é aquela pessoa na sala do trono?

Winter olhou para trás. Seus aposentos ficavam na ala particular do Palácio de Artemísia, onde a família real dormia, no mesmo corredor do quarto do seu pai e da madrasta. Eles estavam no terceiro andar, com uma vista maravilhosa do lago Artemísia abaixo, e ela conseguia ver boa parte da ala oposta, que envolvia o outro lado do lago.

No centro do palácio ficava a sala do trono. Era o único aposento que tinha uma varanda projetada sobre as águas do lago, sem amurada e sem barreiras oferecendo proteção caso alguém chegasse perto demais da beirada.

E havia uma mulher parada lá observando a água abaixo.

Winter não a reconheceu, mas o uniforme de criada do palácio ficou claro mesmo de longe.

— O que ela está fazendo? — perguntou ela.

Ela mal tinha terminado de falar e Jacin já tinha se virado e saído correndo.

Com o coração disparado, Winter soltou com dificuldade o cinto dos pulsos.

— Espera, Jacin! Me espera!

Ele não esperou, e só passou pela cabeça de Winter usar o dom para obrigá-lo a esperar quando ele já estava fora do quarto. Ela finalmente conseguiu desenrolar o cinto. Com uma expressão apressada na direção da sala do trono, aliviada por ver que a mulher não tinha se movido, ela correu atrás de Jacin.

Seus guardas, os *de verdade*, levaram um susto quando ela saiu no corredor e foram atrás correndo enquanto ela disparava pela escada percorrendo as curvas familiares de pedras brancas do

palácio. Ninguém tentou impedi-la, mas guardas e nobres e taumaturgos tiveram que sair do caminho quando ela passou correndo.

De longe, Winter viu o cabelo louro de Jacin desaparecer pelas portas pretas enormes da sala do trono. As portas estavam quase fechadas quando ela enfiou o braço entre elas e entrou.

Jacin estava poucos passos dentro da sala, e Winter quase se chocou com ele, mas só se apoiou no seu braço esticado.

— *Não!* — disse a mulher, ofegante. — Tirem-na daqui. Vossa Alteza não precisa ver isso. — A voz dela estava trêmula e falhada, os olhos vermelhos. Era jovem, com talvez vinte e poucos anos, e era bonita de uma forma natural. Não havia glamour criando a pele rosada e nem o cabelo castanho denso, mas também não tinha glamour escondendo o afundamento das bochechas e nem o pânico louco nos olhos. Tudo na expressão dela sugeria debilitação, desespero e um coração partido que mais tarde Winter entenderia.

A mulher estava a menos de um passo da beirada da varanda. Ela pretendia pular.

Por vontade própria.

Winter estava de queixo caído. Como alguém poderia desejar aquilo para si mesmo?

— Por favor — disse Winter, dando um passo hesitante à frente. — Recue agora. Vai ficar tudo bem.

Jacin colocou a mão no ombro de Winter, como se pretendesse segurá-la, mas com um movimento dos pensamentos ela fez com que ele colocasse a mão ao lado do corpo. Ouviu a inspiração insatisfeita dele, mas o ignorou e foi para fora do seu alcance.

Atrás dela, Winter ouviu o barulho dos passos dos guardas quando a alcançaram, a batida das portas quando entraram.

Mas eles eram apenas guardas. Tinham tanto talento quanto Jacin e o pai de Winter, o que queria dizer quase nenhum. Eles não podiam ajudar aquela pobre mulher.

Mas ela podia. *Ela podia salvá-la.*

Winter engoliu em seco e deu outro passo.

A mulher tinha começado a chorar.

— Por favor — suplicou ela. — Por favor, vá embora, Vossa Alteza. Por favor, me deixe fazer isso. — Ela escondeu o rosto atrás das mãos, e Winter reparou em um hematoma roxo-amarelado no braço dela.

— Vai ficar tudo bem. Pode confiar em mim.

Só volte.

A mulher se encolheu e sua expressão começou a mudar. Não estava mais assustada, mas sombria e determinada. Ela firmou o maxilar e olhou para as ondas suaves. O lago era insondavelmente profundo e se estendia para o horizonte até onde dava para ver.

Seu dedo do pé voltou para perto da beirada.

Um horror se expandiu no peito de Winter. A mulher precisava de ajuda, precisava da ajuda *dela*...

Ela apertou os punhos e, com a mente, tentou alcançar aquele dedo do pé. Sabia do perigo; se fizesse a mulher perder o equilíbrio sem querer, poderia jogá-la da varanda enquanto tentava salvá-la.

Mas foi instintivo, assim como desde suas primeiras aulas com mestre Gertman.

Ela foi cuidadosa. Foi lenta e gentil. Levou sua vontade até o dedo do pé daquela mulher e a sola do pé e o tornozelo e subindo pelo joelho até a coxa.

Ela botou o pé da mulher com firmeza no chão.

A mulher choramingou.

— Não. Por favor. *Por favor.*

— Está tudo bem — disse Winter, puxando a outra perna agora. Um passo.

Um segundo passo.

A mulher recuou muito lentamente para longe da beirada da varanda.

Depois do terceiro passo, ela cedeu, perdendo as forças, e Winter permitiu que ela caísse no piso de vidro.

O alívio tomou conta de Winter e ela correu até a mulher, se ajoelhou ao seu lado e colocou a mão no seu ombro. Os soluços dela ficaram mais profundos.

— Você está bem agora — disse Winter. — Está em segurança.

Como a mulher só chorou mais, Winter se esforçou para consolá-la. Convenceu a mulher de que era verdade, ela *estava* em segurança e tudo ficaria bem. Projetou emoções agradáveis na superfície da mente dela. Era a mais difícil das manipulações dentre as que os lunares eram capazes de fazer: mudar não só a visão da pessoa ou forçar o corpo a fazer sua vontade, mas mudar a profundidade dos pensamentos dela.

Mas Winter acreditava que era capaz. Tinha que conseguir. Era o que estava treinando para fazer.

Ela escolheu felicidade. Um cobertor macio de alegria se acomodando por cima dos pensamentos da mulher. Somente parou quando um sorriso grato se abriu no rosto da mulher, aquecendo Winter até a alma.

— O-obrigada, princesa — disse a mulher, a voz apática e trêmula.

Winter sorriu para ela.

— De nada.

Ela quase tinha se esquecido de Jacin e dos guardas a observando, até mais passos soarem na sala.

— O que significa tudo isso?

Ela parou, toda sensação de consolo se esvaindo pelas pontas dos dedos. Como se uma corda tivesse sido cortada, a criada gemeu e caiu de lado.

Engolindo em seco, Winter olhou para trás. Sua madrasta, a rainha Levana, junto com um grupo de guardas e seus dois taumaturgos de ranking mais alto, Sybil Mira e Aimery Park, estavam olhando a cena com cara feia. Winter e Jacin e a mulher cujo sorriso tinha desaparecido em uma expressão vazia.

O guarda pessoal de Winter gaguejou a explicação que conseguiu, e Winter afastou o olhar sem conseguir aguentar a careta de reprovação da madrasta.

— Parece que a garota precisa de assistência. — Foi o taumaturgo Park que falou, a voz como um riacho suave sobre pedras lisas. Ele tinha a voz mais linda dentre todas as pessoas da corte, mas ouvi-la sempre arrancava arrepios da coluna de Winter.

— Ela *precisa* ser mandada de volta ao trabalho — disse a rainha Levana. — Não vou tolerar indolência no meu palácio. Se ela voltar a criar alguma perturbação, vai ser levada à corte. Agora quero todos fora da minha sala do trono neste instante.

A criada se curvou toda, inerte como uma boneca.

Winter tentou dar à criada uma sensação de tranquilidade quando os criados a arrastaram para fora, mas a expressão da mulher era de tanta desolação que ela não tinha como saber se tinha conseguido.



— O QUE ACONTECEU NA SALA DO TRONO HOJE, WINTER?

O coração dela deu um pulo e ela inclinou a cabeça para trás para olhar o pai, que estava botando de lado o livro holográfico de histórias que tinha acabado de ler. As emoções de Winter ficaram confusas a tarde toda, divididas entre orgulho por ter salvado a pobre mulher e consternação por ela ter precisado ser salva.

Ali, no palácio, eles estavam sempre cercados por riquezas de arte e esplendor, comida e entretenimento. Os trabalhadores, até os criados regulares, tinham fama de serem tratados com mais justiça em Artemísia do que em qualquer outro lugar de Luna. O que poderia ser tão ruim a ponto de a mulher considerar tirar a própria vida?

— Havia uma criada que ia... ela ia pular da sala do trono, no lago — disse Winter. — Acho... acho que ela queria se matar. Eu impedi.

O pai dela assentiu, e ela percebeu que ele já tinha ouvido a história, provavelmente dos guardas que estavam em serviço na ocasião. Todo mundo gostava do pai dela. Apesar de ser casado com a rainha, os outros guardas ainda o tratavam como amigo, e mais de uma vez Winter e Jacin se encrencaram quando seus guardas pessoais contaram as travessuras dos dois para ele.

— Você está bem?

Ela assentiu.

— Mas não entendo por que ela queria fazer aquilo.

O pai dela ficou em silêncio por um longo tempo até apertar o braço em volta dos ombros de Winter, puxando-a contra o peito. Os batimentos dele eram reconfortantes e firmes.

— Sinto orgulho de você por tentar fazer a coisa certa — disse ele por fim, embora o jeito como falou fizesse Winter franzir a testa. *Tentar?* — Mas preciso que você entenda que muitas vezes há outras maneiras de ajudar uma pessoa sem ser manipulando-a com seu dom. Costuma ser melhor conversar primeiro e depois tentar pensar na melhor forma de ajudar. — Ele hesitou e acrescentou: — Quando você usa seu dom numa pessoa sem a autorização dela, está tirando a escolha e o livre-arbítrio dela, e isso não é justo.

Winter se afastou, não mais reconfortada pelos batimentos dele. Ela se virou para olhar para ele.

— Ela ia pular. Ela teria morrido.

— Eu entendo, Winter. Não estou dizendo que você fez uma coisa errada, e sei que estava fazendo o que achou que era o certo a fazer. E talvez fosse. Mas... está ficando claro que vai ser talentosa, bem mais talentosa do que eu. E apesar de ter orgulho de

você, também sei que ter o dom forte pode às vezes nos levar a tomar decisões ruins. Decisões que podem magoar as pessoas à nossa volta se não formos cuidadosos.

Winter contraiu o maxilar e ficou surpresa com a dor e a raiva que surgiram na barriga. Seu pai não entendia. Ele não podia entender; afinal, não poderia ter ajudado aquela mulher. Não como ela.

Winter salvou a vida da mulher. Era uma heroína.

Seu lábio começou a tremer, e o rosto do pai se suavizou. Ele a puxou para perto de novo e beijou sua cabeça.

— Você não está encrocada. Espero que aquela garota tenha a ajuda de que precisa agora e que agradeça a você um dia. Só preciso que você saiba... tem pessoas neste palácio e em toda Luna que veem a manipulação como a forma mais rápida pra resolver todos os problemas. Apesar de ser útil às vezes, raramente é a única forma, e nem mesmo a melhor. E a pessoa que você manipularia... ela merece ter uma escolha. Você entende?

Ela assentiu, mas tinha quase certeza de que ele *não* entendia.

Winter amava o pai com todo o coração, mas ele jamais saberia o que era ajudar uma pessoa com um mero pensamento. Dar felicidade ou mudar a forma como a pessoa via o mundo.

Ela usaria seu dom para ajudar as pessoas. Para deixar Artemísia melhor.

Salvar aquela criada foi só o começo.



DURANTE OS MESES SEGUINTEs, WINTER SE CONCENTROU MAIS NOS estudos do que nunca. Seu glamour ficou mais forte. Seus pensamentos se tornaram mais precisos. Ela treinava com Jacin quando podia, embora, depois daquela primeira conversa com o pai, ela tivesse passado a tomar o cuidado de sempre pedir a permissão dele.

Ficava de olho na criada que ainda estava viva por causa dela. Winter sempre reservava um sorriso especial para ela, e cada vez que seus caminhos se cruzavam no palácio, ela fazia questão de lhe dar uma dose especial de emoções agradáveis.

Garantiu que a mulher sentisse orgulho do excelente trabalho que fazia no palácio.

Alimentava sua alegria por viver numa cidade tão bonita.

Ela a fazia se sentir amada e apreciada, segura e calma; era um gotejo regular de todas as boas emoções que Winter conseguia pensar em dar a ela para que nunca mais pudesse ter a tentação de tirar a própria vida.

Um ano se passou, dois, três... mas Winter começou a notar uma mudança no que tinha começado a pensar como companheirismo silencioso entre ela e a criada. Reparou que, quando a mulher via Winter se aproximando, muitas vezes mudava a direção antes que ela pudesse chegar perto o suficiente para alterar seus pensamentos. A criada a estava evitando.

Winter não conseguia entender por quê.

Mas, uma tarde, durante a sessão semanal com mestre Gertman, ele disse para Winter que ela tinha se tornado tão forte no uso do dom e que tinha excedido tanto as expectativas dele que poderia ter

talento suficiente para se tornar taumaturga um dia. Era uma grande honra. Um papel reservado apenas para os lunares mais talentosos no reino todo.

Winter se empertigou como um pavão a tarde toda. Gabou-se com Jacin e ficou irritada porque ele não pareceu tão impressionado quanto ela achou que deveria.

Ela foi para a cama naquela noite com um sorriso satisfeito nos lábios.

Horas depois, foi acordada pelo som ensurdecedor de um tiro vindo do quarto do pai.

Ela teria pesadelos por anos. O sangue do pai. O taumaturgo que tinha atirado nele, agora caído, também morto no canto do quarto. Winter ainda de camisola e a sensação de lágrimas incrédulas nas bochechas e sua incapacidade de se mover, como se os dedos dos pés estivessem costurados no tapete.

Tudo o que aconteceu com Selene estava voltando. Em um momento a pessoa que ela mais amava no mundo estava lá, depois não estava mais. Selene, levada pelo fogo e pela fumaça. Seu pai, por um taumaturgo e uma arma.

Nos anos futuros, não seria do sangue e nem dos olhos mortos do pai e nem dos guardas correndo por ela de que Winter se lembraria melhor.

Seria da madrasta. Da rainha. Destruída por um choro tão tocante que Winter achou que nunca pararia de ecoar em sua cabeça. Aqueles berros assombrariam seus pesadelos pelo resto da vida.

Aos nove anos, Winter tinha começado a perceber que não era normal uma rainha ser casada com um guarda. Tinha começado a entender que havia algo estranho naquela união, até constrangedor.

Mas ao ouvir o choro da madrastra à noite, ela entendeu por que Levana tinha escolhido seu pai. Ela o amava. Apesar dos boatos e dos olhares de reprovação, ela o amava.

A partir daquela noite, Winter passou a ter medo de taumaturgos. Eles não eram membros honrados da corte. Não eram seus amigos e nem seus aliados.

Ela nunca seria um deles, por mais elogios que seu dom lhe proporcionasse.



WINTER ACORDOU NO SUSTO, O CHORO DA MADRASTA AINDA ECOANDO na cabeça, restos do pesadelo. Estava coberta de suor frio.

O assassinato do seu pai tinha acontecido anos antes, e havia meses que ela não sonhava com aquilo, mas o choque e o horror eram os mesmos todas as vezes.

Sem se dar ao trabalho de esperar a pulsação desacelerar, Winter se levantou da cama. Mexeu no armário procurando um chinelo de sola macia e prendeu os cachos antes de ir para o corredor.

Se o guarda de vigia na porta dela ficou surpreso de vê-la acordada no meio da noite, ele não demonstrou. Não era uma ocorrência rara. Houve uma época em que ela saía do quarto quase todas as noites para a ala do palácio onde os guardas e suas

famílias moravam quando o pesadelo realmente a atormentava. Naquelas noites em que ela e Jacin preparariam canecas de chocolate quente cremoso e assistiriam novelas idiotas nos nódulos holográficos. Quando ele fingia que não reparava nela chorando quando encostava o rosto no ombro dele.

Mas, naquela noite, ela não foi para a ala particular dos guardas.

Ao se aproximar da via principal do palácio, ela ouviu uma conversa ecoando nas janelas. Ruído de pés com botas. Duas criadas sussurrando com tristeza numa alcova, levando um susto e fazendo uma reverência quando repararam em Winter ali.

Ela seguiu a agitação e a encontrou acontecendo em uma das bibliotecas.

O taumaturgo Aimery Park estava perto de uma janela. Estava com o casaco carmim, apesar de ser o meio da noite.

— Vossa Alteza, o que está fazendo acordada?

Winter não gostava do taumaturgo Park, apesar de ser esperta o suficiente para não demonstrar. Ela nem sabia identificar o que havia nele que deixava seus nervos vibrando quando ele estava perto.

Ele sempre sorria quando a via, mas era o sorriso de um abutre.

Sem querer mencionar o pesadelo, Winter respondeu:

— Achei que ouvi alguma coisa.

Ele assentiu.

— Uma coisa trágica ocorreu, jovem princesa. Você não precisa ver.

Ele olhou pela janela e, apesar do aviso, não impediu Winter de ir até outra janela, onde dois guardas estavam olhando para o jardim.

Winter ofegou.

Havia um corpo caído no chafariz abaixo da janela. A cuba cheia de sangue. Membros virados em ângulos estranhos.

Ela soube, apesar de estar longe demais para ver, que era a criada. A que ela tinha salvado anos antes, quando era só uma criança. Que Winter alimentava com felicidade por mais de metade de sua jovem vida. Pelo menos era o que achava que fazia.

Winter cambaleou para trás.

— Ela estava doente, princesa — disse Aimery. — É terrível, mas essas coisas acontecem.

Sem conseguir falar com a emoção que lhe travava a garganta, Winter se virou e saiu do local. Andando no começo, depois indo mais rápido, *mais rápido*. Atrás dela, ouviu o barulho familiar de botas quando seu guarda a seguiu. Ele que corresse. Ele que fosse atrás.

Ela correu o mais rápido que conseguiu, os braços em movimento, os pés mal tocando no chão frio.

Quando chegou à ala onde os guardas moravam, ela passou pelo pai de Jacin, sir Garrison Clay, indo assumir seu próximo turno de trabalho. Ele era guarda do palácio, como o pai de Winter tinha sido. Eles passaram pelo treinamento juntos anos antes e ficaram amigos desde o começo; era por isso que ela conhecia Jacin por toda a vida.

— Alteza — disse Garrison, os olhos se arregalando quando ele a viu e percebeu o que devia ser uma expressão de choque. — O que houve?

— Jacin está acordado?

— Acho que não. Você está bem?

Ela assentiu e sussurrou:

— Foi só outro pesadelo.

A expressão dele foi de compreensão quando ele se virou e seguiu na direção do apartamento onde morava com Jacin e a esposa, junto com dois outros guardas e suas famílias, todos no mesmo espaço que tinha o quarto de Winter. Ele a deixou entrar com um aperto paternal de ombro antes de ir embora; não era aceitável um guarda se atrasar para o dever, mesmo que a própria princesa tivesse aparecido na porta dele.

Jacin ainda estava dormindo, mas ele tinha sono leve, e seus olhos se abriram quando Winter abriu a porta. A respiração pesada da mãe dele podia ser ouvida vinda da cama do outro lado do quarto.

— O que foi? — sussurrou ele, se levantando.

Winter deu um passo à frente, mas hesitou. Durante anos, foi a coisa mais natural do mundo subir na cama com ele. Afinal, ele a consolou mais vezes do que ela era capaz de contar depois que seu pai morreu.

Mas ultimamente ela sentia alguma coisa mudando. Jacin tinha quatorze anos agora e não era mais o garoto magrelo com quem ela passou a infância. Parecia que ele ficava mais alto e mais forte a cada dia.

Ela também tinha passado por mudanças recentes, só não tinha certeza se ele tinha reparado.

De repente, mesmo sem nunca ter se importado com os sussurros da corte sobre “adequação” e “decoro”, Winter se viu

questionando o significado de sua amizade mais antiga e querida.

— Winter?

— Ela morreu — gaguejou ela. — A criada. Ela... pulou de uma janela para o jardim. Ela...

Ela começou a chorar.

O rosto de Jacin se contorceu, e ele esticou os braços para ela.

Todas as suas preocupações sumiram e ela escondeu o rosto no peito dele. Era idiota de pensar que ficar mais velha mudava alguma coisa. Aquele era e sempre seria o único lugar que era todo seu.



— BOA TARDE, SIR OWEN — DISSE WINTER AO SAIR DOS APOSENTOS na manhã seguinte.

Ela fez uma reverência para o guarda, sentindo-se culpada por tê-lo feito correr atrás dela por metade do castelo na noite anterior, mas ele não olhou para ela nem respondeu ao cumprimento. E era assim que os guardas agiam. Eles estavam lá para servir e proteger, além de agir como alvo e escudo para qualquer invasor que pudesse querer fazer mal à família real. Eles não eram amigos. Não eram confidentes.

Mas Winter não conseguia simplesmente ignorá-los sempre, como eles a ignoravam.

Ela percorreu o corredor para ir à aula e viu Jacin a esperando assim que virou a esquina para pegar o elevador. Ela sorriu, uma reação instintiva, mas o sorriso sumiu assim que ela percebeu a expressão dele. A testa estava franzida.

Ele olhou uma vez para o guarda dela, que estava atrás a uma distância respeitável, e inclinou a cabeça para perto dela.

— Encontraram um bilhete.

— Bilhete?

— Da criada. A que... — Ele não precisou terminar. — Meu pai está na equipe que conduz a investigação. Foi encontrado no alojamento da criada. Provavelmente não será divulgado publicamente, mas ele leu antes de ser confiscado.

— E era... um bilhete de suicídio? — perguntou ela, o coração disparado. As palavras a deixaram arrepiada. Suicídio sempre era recebido com desconfiança na sociedade deles. Todo mundo sabia, até princesas de doze anos, que um aparente suicídio podia ter sido um assassinato provocado por manipulação. Era assim que a maioria das execuções formais da rainha acontecia, afinal. Era só entregar ao condenado uma lâmina afiada e deixar que eles tirassem a própria vida.

Mas a coroa não tinha monopólio do dom lunar, por mais que a rainha pudesse desejar. Nenhuma morte podia ser provada como verdadeiro suicídio e poucos assassinatos eram resolvidos.

— O que dizia? — perguntou Winter.

— Não foi assassinato. Ela realmente pretendia se matar. — A voz de Jacin permaneceu baixa quando eles entraram no elevador, junto com o guarda estoico, e ele não disse mais nada até eles saírem e deixarem o guarda alguns passos para trás.

Winter franziu a testa. Por mais que tivesse esperado que fosse um mal-entendido, ela não estava surpresa. Ninguém estava manipulando a mulher na sala do trono antes de Winter a salvar. Ou

achar que a tinha salvado. Ela não conseguia deixar de imaginar quantas tentativas a mulher tinha feito de tirar a própria vida até conseguir.

— Mas por quê?

Jacin olhou em volta pelo corredor. Alguns jovens aristocratas estavam passando, provavelmente por terem acabado de terminar as aulas do dia, e quando reparavam na princesa, eles paravam para olhar para ela. Winter os ignorou. Ela estava acostumada a ser observada.

Jacin fez cara feia para todos e pareceu aliviado quando eles passaram.

— Tem certeza de que quer saber?

Ela não tinha certeza nenhuma, mas assentiu mesmo assim. O que podia levar uma pessoa a tomar uma decisão daquelas? O que podia fazer alguém pensar que não havia outras opções? Principalmente porque havia médicos e especialistas que podiam garantir que a pessoa nunca mais se sentisse triste, solitária ou assustada.

Jacin engoliu em seco.

— Ela estava grávida.

Winter parou de andar. Jacin parou junto, a testa toda franzida.

— Grávida?

Não esclarecia nada. Ela só sabia de mulheres que ficavam felizes por descobrirem uma gravidez.

Jacin contraiu o maxilar. Tinha passado de uma expressão triste a uma de raiva em um piscar de olhos. Seus olhos azuis,

normalmente tão brilhantes, estavam agora tomados de uma fúria que Winter raramente via.

— O bilhete dizia que o taumaturgo Park é... era o pai.

Ela ficou olhando para ele.

— Evidentemente, ele a estava manipulando havia muito tempo.

— Jacin afastou o olhar, furioso. — Ninguém sabe exatamente há quanto tempo estava acontecendo. Nem... que métodos ele estava usando para... — O rosto dele estava ficando mais vermelho, a respiração errática, os dedos brancos.

Que métodos.

Isso era um horror do qual Winter sabia, embora poucos falassem sobre o assunto. A manipulação dos fortes sobre os fracos. Era possível forçar uma pessoa a fazer *qualquer coisa*, e embora houvesse leis contra isso, com os poderosos entre a elite e a lei, quem os impediria?

Ela relembrou o desespero nos olhos da mulher, o desespero que foi ficando mais forte ao longo dos anos.

Winter apertou a mão na barriga. A boca ficou ardendo e amarga de repente, e ela não conseguiu engolir com rapidez suficiente. Ela vomitaria.

— Desculpe. — Jacin segurou seu cotovelo. — Eu não sabia se devia contar. Eu sei... Sei que você tem que vê-lo...

Só na corte. Ela só teria que vê-lo na corte.

Mesmo assim, seria muito.

— Vão fazer alguma coisa com ele? — perguntou ela.

Mas Jacin não precisou responder.

Aimery era um grande favorito da rainha. Não haveria repercussão nenhuma por aquele crime.

Winter fechou bem os olhos e recebeu um abraço breve de Jacin antes de se afastar. Ele ficou com ela pelo resto da caminhada até a aula, mas ela mal reparou na presença dele enquanto sua mente avaliava a informação terrível.

O desespero da mulher.

Os hematomas que ela às vezes tinha nos braços, só parcialmente cobertos pelas mangas do uniforme.

E Aimery olhando para ela da biblioteca. *“Essas coisas acontecem...”*

Ela parou de repente ao lado de uma planta num vaso e se inclinou e vomitou na terra. Jacin e o guarda correram para perto dela. A mão firme de Jacin tocou suas costas, reconfortante. O guarda perguntou se devia chamar um médico.

Ela balançou a cabeça.

— Foi alguma coisa que eu comi — disse ela, cuspiendo o mais delicadamente que conseguiu. — Mas... talvez, se um criado puder limpar...

— Vou chamar alguém agora mesmo.

Nada mais foi dito, mas Winter não se sentiu melhor. Seu estômago ainda estava embrulhado.

Ela tinha salvado a mulher. Acreditava que tinha sido um salvamento.

Mas, na verdade, ela só a devolveu às garras do torturador. Permitiu que ele continuasse abusando dela por anos, e a mulher

nem poderia ter lutado contra aquilo, não com Winter a obrigando a ficar feliz, satisfeita, *a continuar aceitando*.

Winter não a salvou coisa nenhuma.



— VOCÊ ESTÁ DISTRAÍDA HOJE, ALTEZA.

Winter afastou o olhar da criada que era presença constante nas aulas. A que mantinha o olhar baixo e as mãos unidas no colo. Que não dizia nada. Que era apenas uma ferramenta da educação de Winter. Ao longo do ano anterior, Winter fez a garota rir e ficar eufórica, dançar e tocar no nariz, cair em sono profundo. Mas ainda não sabia o nome dela.

— Vossa Alteza? — disse mestre Gertman. — Ouviu o que eu disse?

Winter sorriu para o professor.

— Peço desculpas. Ainda estou... um pouco chateada, acho, por causa da criada. No outro dia.

— Ah, sim. Soube que foi a mesma garota que você não deixou pular da sala do trono quando era criança. — Mestre Gertman entrelaçou os dedos. — Mas não deve se preocupar, princesa. Coisas trágicas acontecem às vezes, até aqui em Artemísia.

Trágicas. *Trágicas*. Todo mundo falava como se a palavra tivesse significado.

Mas era a morte da mulher a tragédia, ou era a vida dela?

Winter olhou de novo para a criada, esperando para ser manipulada. Ela tinha uma vida boa no palácio, não tinha? Winter

nunca fazia nada horrível com ela durante os treinamentos, nunca a machucava nem a obrigava a machucar a si mesma. Ela lhe dava ilusões bonitas para ver. Só alimentava emoções felizes ao cérebro dela.

Pelo serviço, a garota e a família recebiam boas recompensas. Era melhor do que as pessoas dos setores externos podiam esperar.

Não era?

Mas, ao olhar para ela agora, Winter notou pela primeira vez em uma brancura de tensão nos nós dos dedos da garota.

Ela estava tensa. Talvez até com medo. De *Winter*? Do professor? De um dos outros alunos que eram treinados ali durante o dia?

O mundo todo de Winter estava girando, e ocorreu a ela com clareza repentina que aquilo era errado. As aulas, o treinamento. Os taumaturgos. Todo o dom lunar. O poder que os fortes, como ela e a rainha e Aimery, tinham sobre os fracos. Como aquela criada. Como Jacin.

Como seu pai.

Era exatamente o que ele tinha tentado dizer para ela tantos anos antes.

— Tente de novo, princesa — pediu o professor. — Você foi tão bem semana passada.

Ela olhou para o mestre Gertman de novo.

— Desculpe. Estou um pouco tonta. Não estou me sentindo bem e... Você pode repetir suas instruções, por favor?

— Só um glamour básico, Vossa Alteza. Que tal tentar mudar a cor do seu cabelo?

Winter levantou a mão e pegou uma mecha dos cachos pretos densos. Podia fazer isso. Já tinha feito muitas vezes antes.

A criada inspirou fundo para se preparar.

Winter soltou o cabelo e passou os dedos por cima dele. A beleza era o objetivo de glamuores simples, e ela invocaria o glamour da mulher mais bonita que ela conhecia, da mulher mais bonita que *todo mundo* conhecia. Sua madrastra, a rainha Levana. A mulher mais bonita de Luna.

A parte difícil era se fazer parecer mais velha. Para um glamour ser eficiente, era preciso acreditar que você era como queria que os outros o vissem. E embora Winter tivesse facilidade para mudar o cabelo cacheado e o tom escuro da pele e para se tornar mais alta ou mais baixa ou mais magra ou mais curvilínea, fazer-se parecer *madura*, com toda a graça e experiência da madrastra, exigia um foco mental que ela ainda estava desenvolvendo.

Mas estava melhorando. O mestre Gertman a elogiava com frequência.

Um dia, seria poderosa.

Um dia, ela poderia ser tão forte quanto um taumaturgo.

Ela olhou para o alto da cabeça da criada.

— Sinto muito — sussurrou ela. — Não consigo.

O professor franziu a testa.

Winter massageou o pescoço como se estivesse constrangida e abriu um sorriso fraco.

— É que estou muito cansada. E distraída. Acho que devíamos tentar de novo outro dia. Se não houver problema, mestre Gertman.

Ele não desfranziu a testa. A criada não se moveu, não deu nenhum sinal que indicasse que tinha ouvido Winter e que ficava feliz de a princesa não a manipular naquele dia. Era como se ela não estivesse presente.

Finalmente, mestre Gertman se encostou e assentiu.

— Claro, Vossa Alteza. É melhor ir descansar. Vamos tentar de novo semana que vem.

Ela se levantou e deu o sorriso mais bonito que conseguiu. O professor ficou corado.

— Obrigada, mestre. — Ela fez uma reverência e foi embora da sala.

Jacin ainda estava esperando no corredor, onde ela o tinha deixado. Ele se levantou com surpresa.

— Já acabou?

Winter fechou a porta da sala do professor e sustentou o olhar de Jacin. Os olhos dele refletiam a luz das janelas enormes que ocupavam a parede do corredor. Seu amigo estava ficando bonito mesmo e nunca precisaria de um glamour para melhorar isso.

As palmas das mãos dela ficaram quentes e úmidas de repente.

Sua decisão inesperada a assustou, mas ela sabia que não mudaria de ideia.

— Tomei uma decisão, Jacin.

Ele inclinou a cabeça para ela.

Todas as melhores pessoas — como Jacin e seu pai e sir Garrison Clay e os criados que sorriam com gentileza nos

corredores e não pareciam incomodados por não terem pele perfeita e nem cílios grossos e escuros —, nenhuma delas usava glamour. Elas não manipulavam as pessoas ao redor.

Winter não queria ser como sua madrasta e os taumaturgos.

Ela queria ser como as pessoas que amava.

Aproximou-se de Jacin porque mais ninguém podia ouvir agora. Porque sua decisão iria contra tudo que a sociedade dela representava, tudo que valorizava.

— Eu nunca vou usar meu dom — sussurrou ela. — Nunca mais.



FOI MAIS FÁCIL DO QUE ELA ESPERAVA DEPOIS QUE A DECISÃO FOI tomada. Exigiu algumas mudanças de hábito, sem dúvida. Se ela queria que um criado levasse alguma coisa, tinha que pedir em vez de só impor o pedido à mente dele. Se queria ficar mais bonita para uma festa, teria que chamar um estilista para corar suas bochechas e deixar suas pálpebras brilhando em vez de criar a ilusão na mente primeiro.

Ela nunca esqueceu a promessa. Foi fiel à sua palavra.

Mestre Gertman ficou confuso quando todo o progresso que eles fizeram no ano anterior desapareceu ao longo de uma única semana. Winter era persistente com as desculpas. Ela fingia tentar. Foi bem convincente. Mas, depois de cada tentativa falsa, a criada franzia a testa e balançava a cabeça, tão confusa quanto o professor.

Um mês depois que Winter jurou não usar mais o dom, ela passou pela criada fora do horário das aulas e, pela primeira vez, a garota sorriu para ela de uma forma que sugeria que elas tinham um segredo.

Ela se perguntou se a garota sabia que Winter estava só fingindo. Perguntou-se se a garota ficava grata pelos descansos semanais das manipulações que eram feitas com ela pelo resto dos alunos do professor.

— Chama-se doença lunar — disse Jacin enquanto eles passavam uma tarde nos aposentos de Winter. Apesar de haver boatos circulando sobre os dois, de que passavam mais tempo um com o outro do que era adequado, Winter e Jacin se recusavam a serem intimidados pelas caras feias e pelos comentários ácidos da corte. Além do mais, ela sabia que seus guardas nunca diriam nada. Eles respeitavam demais a família de Jacin para acrescentar combustível a essa fofoca vergonhosa.

Jacin passou a mão pela holografia de estudos de medicina que brilhava no meio do aposento. Houve uma época em que eles exibiam histórias de aventura e jogos de realidade virtual usando o nódulo holográfico, mas agora era mais comum que Jacin quisesse estudar livros de anatomia e textos de psicologia. Em um ano, ele se candidataria para uma ocupação, e estava determinado a ser médico desde que Winter se lembrava.

Ver como ele ficava animado quando falava sobre esse assunto aquecia o coração dela, mas ela também tinha medo quando pensava nos anos que ele passaria longe. Poderia ser colocado em qualquer clínica médica por toda Luna. Havia uma pequena chance

de ficar em Artemísia, na clínica médica ou em um dos laboratórios, mas era bem mais provável que fosse parar nos setores externos, menos desejáveis, pelo menos nos primeiros anos de treinamento.

Winter odiava a ideia de Jacin partir, mesmo que temporariamente, mas nunca diria nada por medo de ele abrir mão do sonho para ficar com ela. Ela jamais se perdoaria se ele fizesse isso.

— Doença lunar? — Ela botou a mão na bochecha, sentada de pernas cruzadas no tapete e olhando para a holografia. Mostrava um diagrama sem graça do cérebro.

— Esse é o termo comum. O nome oficial é Psicose de Supressão Bioelétrica.

— Nunca ouvi falar.

— É muito rara. Acontece quando um lunar com o dom decide não usá-lo por um período prolongado. A única cura conhecida é... bom, começar a usar o dom de novo. — O maxilar de Jacin estava contraído quando ele virou a holografia para um lado e depois para o outro. — Mas não acontece com muita frequência, afinal por que motivo um lunar com dom deixaria de usá-lo? — Ele olhou para ela e pareceu preocupado, mas não crítico. Desde que Winter contou para ele sua decisão, ele nunca tentou persuadi-la a mudar de ideia.

— E o que faz? — perguntou ela, se encostando no sofá. — Essa doença lunar?

Os ombros dele murcharam.

— Faz a pessoa ficar maluca.

Ela inclinou a cabeça para um lado e segurou a risada, mas por pouco.

— Bom, eu *já* sou maluca, então não me parece tão ruim.

O lábio dele tremeu, mas o sorriso foi desanimado.

— Estou falando sério, Winter. As pessoas que sofrem disso têm alucinações frequentes. Às vezes, bem ruins. De serem perseguidas ou atacadas. De ver... monstros.

Ela abandonou o jeito brincalhão e observou o diagrama do cérebro, mas era só um cérebro. O quanto aquilo podia ser assustador?

— Eu já tenho pesadelos e sobrevivo bem a eles — declarou ela.

— Vou sobreviver a isso também.

Jacin hesitou.

— Eu só quero que você esteja pronta. E... — Ele fixou o olhar nela. — Se você algum dia mudar de ideia, vou entender. Todo mundo entenderia. Você não precisa fazer isso, Winter. Você pode manipular as pessoas sem ser cruel, sabe?

Ela balançou a cabeça.

— Eu não achei que estivesse sendo cruel quando afastei aquela mulher da beirada da varanda.

Jacin baixou o olhar.

— Tem que ser assim — disse Winter. — Vou aceitar esse efeito colateral. Vou aceitar qualquer quantidade de monstros que minha mente quiser me dar, mas não vou me tornar um.



ELA ESTAVA COMEÇANDO A ACHAR QUE JACIN SÓ ESTAVA TENTANDO botar medo nela com aquele papo de doença e psicose. Cinco meses

tinham se passado, e ela se sentia mais com os pés no chão do que nunca; mais no controle das próprias decisões e da força de vontade do que em toda a vida. Seu décimo terceiro aniversário estava chegando e sua escolha de viver só com as habilidades que não exigiam manipulação a tornou mais ciente de quais eram essas habilidades.

A educação, no fim das contas, acabava sendo quase tão eficiente quando você queria que alguém fizesse alguma coisa por você. E a gentileza gerava mais admiração duradoura do que qualquer quantidade de controle mental.

A notícia da falta de dom dela estava se espalhando. Embora ninguém pudesse a chamar de cascuda, estava ficando aparente que suas habilidades lunares eram inferiores às dos outros filhos e filhas das famílias de Artemísia. Alguns achavam uma pena que a amada princesa estivesse se revelando de mente tão fraca, mas outros, ela sentia, não se deixavam enganar tão facilmente pelos fracassos de Winter. Os criados tinham começado a abrir sorrisos de apreciação quando ela passava. Os olhares de medo que ela notava na presença da madrasta sumiam perto dela, e isso por si só a deixou mais feliz e mais forte do que qualquer número de aulas tinha feito.

Também havia mudanças na forma como os membros da aristocracia de Artemísia agiam perto dela, embora Winter achasse que tinha menos a ver com o dom e mais com o estirão de crescimento que tinha finalmente chegado, obrigando as costureiras a trabalharem dobrado para manter ajustadas as barras das saias

que tocavam no chão e as mangas que não podiam subir pelos antebraços.

— Vossa Alteza está crescendo e se tornando uma bela dama. — Isso foi o que ela ouviu um dos taumaturgos dizer na corte, e embora a rainha tivesse rido com deboche para discordar, Winter viu vários acenos de cabeça concordando antes de baixar a cabeça timidamente. — É claro que nenhuma beleza poderia competir com a sua, Minha Rainha — continuou o taumaturgo —, mas todos sentiremos orgulho de ter uma princesa tão bonita entre nós. Ela dá orgulho à corte, na minha opinião.

— Ela vai dar orgulho à nossa corte e a essa família — disse Levana com ironia — quando aprender a controlar o glamour como uma nobre adequada. Até lá, não passa de uma decepção. — Ela olhou para Winter de cara feia. — Para mim e, sem dúvida, para o pai.

Winter se remexeu na cadeira, constrangida.

Mas isso não a fez mudar de opinião.

Além do mais, seus instintos lhe diziam que Levana estava enganada. Seu pai *sentiria* orgulho.

Quanto à própria Levana, Winter não podia deixar de imaginar se era inveja o que a fez ser agressiva. Só que inveja de quê? De alguém a ter chamado de bonita quando todo mundo sabia que a rainha Levana era a mais bonita de todas?

Absurdo.



A RAINHA, QUE NUNCA AGIU DE FORMA CALOROSA COM WINTER, NEM quando ela era criança, foi ficando ainda mais fria nas semanas seguintes. Sempre observando Winter com olhos alertas, os lábios vermelhos retorcidos de irritação. Winter não conseguia imaginar por que Levana a vigiava. Ela tinha um conceito vago de sua aparência além do que Jacin lhe dizia e dos elogios que outras pessoas faziam. Os espelhos tinham sido banidos de Artemísia desde antes da morte do seu pai.

— Você está linda como sempre, Vossa Alteza — disse o superintendente Dunlin, dando um beijo leve na mão de Winter. Ela se arrancou desses pensamentos e se obrigou a não se encolher. Embora o baile acontecendo no salão estivesse lotado e com música e gargalhadas altas, ela sabia que a madrastra estava sempre por perto e sempre vigiando. Não ficaria feliz de ver Winter desdenhando do respeito da corte. Por mais nojenta e melequenta que alguns deles a fizessem sentir.

— Você continua gracioso, superintendente Dunlin — disse ela, e apesar de ter aberto um sorriso, foi um sorriso reservado.

— Meu filho tem feito muitos elogios a você desde que a viu na sua comemoração de aniversário — comentou ele, chamando o filho com um gesto. Alasdair era um pouco mais velho do que Jacin, mas mais baixo e significativamente mais redondo, e tinha o mesmo tipo de charme do pai.

Mas ele sorriu para Winter como se não tivesse a menor noção desse fato e também beijou a mão dela.

— É um prazer revê-lo, Alasdair — disse Winter.

— O prazer é *todo* meu. — O olhar de Alasdair desceu para o peito de Winter, e o estômago dela se contraiu.

Ela soltou a mão da dele, mas sua repulsa foi momentânea. Um segundo depois, estava tomada de satisfação pelo elogio, feliz com a bajulação. Ela *estava* amadurecendo, e era bom saber que os homens bonitos e solteiros da corte estavam reparando...

Winter precisou pedir licença para não fazer papel de boba. Olhou para a madrastra, que a estava observando com curiosidade, na mesma hora que a taumaturga-chefe Sybil Mira falava sobre alguma coisa qualquer.

A rainha Levana ergueu a sobrancelha, e Winter fez rapidamente uma reverência para ela antes de sair do salão.

Os sentimentos de bajulação sumiram dos ombros dela, aos poucos no começo, depois cada vez mais rápido, até que só sobrou um sentimento de repulsa.

Aquele verme imundo a manipulou. A *ela*. Apesar de ela esperar glamoures da corte, só a rainha e seus taumaturgos ousavam influenciar as emoções de Winter. Alasdair nem foi particularmente sutil, o que provocou uma repulsa ainda maior, por saber a facilidade com que ele a pegou despreparada. Ela tremeu, sentindo-se mais violada do que imaginar que um truque mental básico a faria sentir. Sabia que alguns lunares conseguiam erguer barreiras nas mentes, mas era preciso treino e uma habilidade que ela não tinha. Ela *odiava* aquela corte. Odiava as mentiras e toda a fraude.

— *Winter?*

Ela parou.

O corredor estava silencioso ali, mas não completamente deserto, pois mulheres iam e vinham do banheiro. Os guardas do palácio pareciam estátuas junto às paredes. Ela permitiu que seu olhar percorresse a fileira de rostos, pensando que talvez o pai de Jacin, Garrison Clay, estivesse entre eles... mas, não. Ela não conhecia nenhum daqueles homens.

Winter...

Ela tremeu. Sua respiração ficou entrecortada.

— Vossa Alteza, está tudo bem? — perguntou uma das criadas ali perto.

Winter a ignorou e saiu correndo na direção da voz.

Era ele. *Era ele.*

Ela escorregou por uma esquina, afastando-se da ala particular da família real, onde o tinha visto vivo pela última vez, na direção do alojamento dos guardas. O lugar onde seu pai morava antes de Winter nascer. Antes de Levana tomar Evret Hayle como marido e unir os destinos delas para sempre.

Winter...

A voz rouca e calorosa, do jeito que ela lembrava.

Winter...

Ela viu o sorriso largo. Lembrou como ele era alto, como era forte. Como conseguia jogá-la no ar e pegar todas as vezes.

Winter... Winter...

— Winter!

Ela ofegou e se virou na hora que Jacin segurou seu cotovelo. Ela piscou para afastar o atordoamento. Olhou para o corredor, para

além do alojamento dos guardas, na direção do corredor dos criados.

Vazio.

— O que você está fazendo aqui?

Ela encarou Jacin de novo. Ele estava olhando para o vestido dela, a testa franzida.

— Por que você não está no baile?

— Eu o ouvi — disse ela, segurando a mão de Jacin com as suas. Apertou tanto que uma parte dela teve medo de esmagar os dedos dele, mas ele nem piscou.

— Quem?

— Meu pai. — A voz dela falhou. — Ele estava aqui. Estava me chamando e eu... eu o segui e... e...

Os batimentos dela começaram a desacelerar. A compreensão dissipou a surpresa ao mesmo tempo que a confusão de Jacin virou preocupação.

Ela o soltou e apertou a palma da mão na testa. Sem febre. Não estava doente.

Antes de ela ter tempo de sentir medo do que aquilo significava, ele a abraçou, disse à amiga que tudo ficaria bem. Ele estava lá. Sempre estaria.

Essa foi a primeira das alucinações.

Elas continuaram acontecendo.

Ficaram piores.

Bestas famintas saíam das sombras à noite, arranhando o chão embaixo da cama dela.

Corpos caíam de candelabros acima das mesas do salão de jantar.

Um colar de pedras preciosas apertava o pescoço dela e a estrangulava.

Normalmente, Jacin estava por perto, como estivera a vida dela toda. Fazia brincadeiras e a forçava a rir do absurdo do truque que sua mente estava pregando. Falava com ela durante cada episódio com racionalidade firme, sem deixar espaço para que ela duvidasse de suas palavras. Ele a abraçava e a deixava chorar, e foi durante um desses abraços que Winter percebeu com toda a força e clareza de uma explosão solar...

Estava apaixonada por ele. Sempre tinha sido apaixonada por ele.



— EU TROUXE UMA COISA — DISSE JACIN, ABRINDO UM SORRISINHO travesso quando a viu. Ele estava esparramado em um banco do jardim, as pernas esticadas à frente do corpo. Parecia que ele nunca pararia de crescer, apesar de suas pernas e braços já não combinarem mais com o corpo.

Ele estava segurando uma caixa branca com o desenho da marca favorita de balas de Winter.

Ela arregalou os olhos.

— Das pequenas?

— Minha mãe me levou para comprar botas novas hoje de manhã e a fiz parar e comprar um pouco.

Winter subiu no banco e se sentou no encosto para ficar com os pés embaixo do joelho de Jacin. Apesar de os biodomos de Luna terem controle de temperatura e clima, sempre era um pouco mais frio perto do lago, o que justificava a proximidade. Ela não hesitou assim que a caixa foi aberta para colocar uma das balas favoritas na boca. A explosão agridoce de maçã derreteu na língua.

— Será que você quer uma? — disse ela com a boca cheia, fingindo ressentimento ao esticar a caixa na direção de Jacin.

Ele deu um sorrisinho.

— Tão generosa, *Vossa Alteza*.

Ela franziu o nariz para ele e comeu mais uma.

Houve uma época, pouco depois de perceber o quanto amava o melhor amigo, em que ela ficou tímida e sem jeito. Quando achou que precisava ser uma dama sempre que estivesse perto dele, como esperavam que fosse na presença de qualquer pretendente... se um dia *tivesse* um pretendente. Ela sorria com pudor quando ele fazia piadas e só tocava nele timidamente e se sentava como uma princesa quando eles estavam juntos.

Aquela época durou umas três horas, até Jacin a olhar de um jeito estranho e perguntar o que havia de errado com ela.

Não fazia sentido fingir ser uma pessoa diferente agora. Jacin conhecia todos os seus segredos, todos seus hábitos e seus defeitos. Não daria para escondê-los, e, além do mais, aquelas três horas só serviram para deixá-lo incomodado, não apaixonado.

Uma voz fria interrompeu a comilança de balas, disparando uma pontada de ansiedade na coluna dela.

— Winter.

Uma única palavra, seu próprio nome, que carregava mais medo do que mil ameaças.

Jacin deu um pulo e ficou de pé enquanto limpava restos de bala da boca e fazia uma reverência para a rainha.

Winter foi mais lenta, mas também fez uma reverência enquanto a língua soltava pedaços de bala do meio dos dentes.

— Oi, madrasta — disse ela.

O olhar fulminante da rainha estava direcionado a Jacin.

— Você está dispensado, Jacin. Vá procurar alguma forma de ser útil.

— Sim, Vossa Majestade — replicou ele, ainda curvado, e um segundo depois estava indo para longe delas, na direção do palácio. A rigidez do caminhar deixou Winter curiosa se ele estava imitando o andar dos guardas ou se Levana estava controlando os membros dele.

— Precisa de alguma coisa, madrasta?

Levana olhou para ela por muito tempo.

Muito tempo.

Winter não conseguiu perceber nada por trás do glamour, da expressão plácida, da beleza deslumbrante. Tinha ouvido boatos ultimamente de que *ela*, Winter, a princesa desajeitada com cabelo incontrolável, podia talvez ultrapassar um dia a beleza da rainha. Ela ria cada vez que ouvia essa besteira, sabendo que só podia ser um elogio vazio.

Finalmente, um lado dos lábios de Levana se curvou para cima. Talvez a intenção fosse ser reconfortante, mas não deu certo.

— Venha comigo, Winter.

Ela se virou e foi na direção do palácio sem esperar para ver se Winter iria atrás, porque é claro que iria.

— Você está passando tempo demais com aquele garoto — disse Levana quando elas passaram embaixo do pórtico e entraram nos corredores iluminados do palácio. — Está ficando mais velha. Não é mais criança e logo vai ter pretendentes e talvez até pedidos de casamento. É preciso ficar ciente do que é adequado e de quais são as expectativas. Essa é sua função nesta família. É o papel que você vai representar em nome da coroa.

Winter manteve o olhar voltado para o chão. Nada que a rainha estava dizendo era novidade para ela, mas o assunto nunca tinha sido abordado de forma tão aberta. Ela *sabia* o que era esperado dela, e se casar com o filho de um guarda do palácio não era. Ignorou o fato de que Levana tinha se casado com um homem da classe trabalhadora quando era apenas uma princesa. O pai de Winter. Um humilde guarda do palácio.

A zombaria e o escárnio da corte continuavam até o presente, treze anos depois do casamento e quatro depois da morte do pai dela. Era um erro que Winter não teria permissão de cometer.

Ela se casaria por conveniência política.

Jacin partiria e se tornaria médico, e ela talvez não o visse nunca mais.

— Claro, madrastra — replicou ela. — Jacin é só meu amigo.

Era verdade. Ele era um amigo, mas um amigo pelo qual ela arrancaria o próprio coração.

Levana a levou até o elevador e elas subiram até o andar mais alto, onde ficava o solar da rainha. Era um palácio particular onde

Winter raramente entrava.

O aposento era lindo, no lugar mais alto de toda Artemísia. As paredes eram feitas de vidro e dava para ver a cidade inteira, até as extremidades do domo e além, a paisagem desolada de Luna. Ao longe, no horizonte, ela viu o brilho dos outros setores próximos.

Passou pela cabeça de Winter, pela primeira vez, como era estranho sua madrastra estar sozinha. Sem taumaturgos andando atrás. Sem um membro afetado da corte tentando conquistar favores. Somente havia um guarda parado na porta do solar, e Levana mandou que ele saísse.

O estômago de Winter começou a ficar embrulhado.

— Mestre Gertman me disse que você não está melhorando nas suas aulas — disse Levana, indo até a escrivaninha. — Na verdade, ele disse que você não demonstra sinal de dom lunar há quase um ano.

Winter sentiu a dor da traição, apesar de saber que não era justo. O professor estava fazendo o trabalho dele e manter a rainha informada sobre o progresso de Winter fazia parte disso.

Seu professor não podia ser culpado por suas escolhas.

Winter baixou o olhar e se esforçou para parecer constrangida.

— É verdade. Não sei o que houve. Achei que as coisas estavam indo bem, mas... bom, teve aquele suicídio. Lembra? Da criada que se jogou no chafariz?

— O que tem?

Winter moveu os ombros com tristeza.

— Eu tentei impedir o suicídio dela uma vez antes. Usei meu dom para levá-la para longe da beirada da sala do trono e deu certo.

Achei que fiz tão bem. Mas então... depois que ela morreu, parece que meu dom começou a enfraquecer. — Ela franziu e balançou a cabeça. — Não sei qual é o meu problema. Eu tento. Me esforço tanto. Mas parece... que meu dom está quebrado.

Para sua surpresa, havia lágrimas surgindo por trás dos cílios.

Que atriz ela estava se tornando.

Levana deu um sorriso de escárnio. Não pareceu nem um pouco solidária.

— Eu tinha esperanças de que você fosse progredir bem e pudesse se tornar uma pessoa útil nesta corte, mas parece que você acabou puxando mesmo seu pai. — Ela fez uma pausa. — Você sabe que ele também não era muito bom com o dom.

Winter assentiu.

— Os guardas nunca são.

Ela não tinha ideia se sua mãe, a sua mãe biológica, era habilidosa com o dom. Ninguém nunca falava dela, e ela sabia que não devia perguntar.

— Mas nós sabemos, não é, que você não é tão desprovida de talento quanto seu pai, porque o mestre Gertman me disse que em um determinado momento você demonstrou ser maravilhosamente promissora. Na verdade, acha que você já foi uma das alunas de mais destaque que ele já teve e está perplexo pela sua atual falta de habilidade. Fico me perguntando se não é por causa de algum... trauma psicológico. Talvez relacionado ao suicídio?

— Pode ser, mas não sei como resolver. Talvez eu precise ir a um médico e não a um professor. — Winter quase não conseguiu segurar a risadinha. *Médico*. O que receitariam para a garota que

estava ficando maluca, que ouvia monstros batendo na porta todas as noites?

Mas ela não quis mencionar isso. Ela sabia o que havia de errado. Sabia como fazer as visões pararem. Mas não cederia a eles. Era mais forte do que os monstros.

— Não — disse Levana. — Tenho outra ideia, princesa. Um pouco de motivação adicional para ajudar com seus estudos.

Ela abriu uma gaveta com um sorriso sereno. Cada movimento foi gracioso e preciso. A rainha se movia como uma dançarina, sempre. Tão controlada. Tão linda de observar, mesmo agora, apesar da crueldade que Winter sabia que havia por baixo da beleza.

Ela esperou, na expectativa de um plano de aula ou alguma instrução trivial para praticar o dom.

Mas a rainha pegou uma faca.

O cabo era entalhado com cristal leitoso, e a lâmina era de obsidiana preta. Como a madrasta, era ao mesmo tempo ameaçadora e requintada. O estômago de Winter ficou embrulhado. Sua cabeça girou pelo susto, mas seus pés estavam grudados no tapete.

— Madrasta?

— Você vai aprender a usar seu dom, Winter. Não vai constranger a mim e a essa coroa mais do que já fez. — Levana andou na direção dela e lhe entregou a faca pelo cabo.

Winter demorou um tempo, mas acabou se obrigando a pegar a faca. Sua mão estava tremendo, mas ela sabia que estava pegando a faca por vontade própria. Não estava sendo coagida.

Ainda.

Ela já tinha visto essa cena acontecer dezenas de vezes na sala do trono. Criminosos sendo condenados à morte autoinfligida.

— Não estou entendendo.

— Você é uma menina muito bonita. — A expressão de Levana permaneceu composta. O braço de Winter continuava tremendo. — Nós não íamos querer estragar essa beleza, não é?

Winter engoliu em seco.

— Manipule-me, Winter. Vá em frente.

— O quê? — gritou ela, segura de que tinha ouvido errado. Ela só tinha treinado em criados maleáveis no passado. Nem sabia se podia manipular a madrasta, nem que tentasse... e não ia tentar. Não *podia*, não depois de se esforçar tanto para se libertar dos instintos lunares.

Mas o que a rainha estava planejando?

Imagens de sua própria garganta sendo cortada surgiram nos pensamentos de Winter.

Seu coração disparou.

— Prove que é capaz de uma simples manipulaçãozinha— disse Levana. — Que não é um desperdício do meu tempo e da minha proteção. Que não é o escárnio de princesa que o povo de Artemísia acha que você é. Apenas uma manipulação pequenininha e... deixo você ir.

Winter olhou para a faca na mão.

— Ou — prosseguiu Levana, o tom ficando mais áspero —, se você falhar, lhe darei um novo motivo para praticar seu glamour. Eu

lhe darei algo para *esconder*. Acredite, sei como essa motivação pode ser forte. Entendeu?

Winter não entendeu.

Mas assentiu mesmo assim.

Seus dedos apertaram o cabo frio da faca.

— Vá em frente. Até deixo que você escolha a manipulação que vai executar. Um glamour. Uma emoção. Me faça pegar essa faca de você se puder. Não vou resistir. — O sorriso de Levana estava paciente, quase maternal, isso se Winter soubesse como era um sorriso maternal.

Demorou muito, muito tempo para o sorriso sumir.

Muito, muito tempo para Winter avaliar sua escolha.

Sua decisão.

Sua promessa.

Eu nunca vou usar meu dom. Nunca mais.

— Desculpe — sussurrou Winter, a garganta seca. — Não consigo.

A rainha sustentou seu olhar. Passiva no começo, antes de Winter ver uma fagulha de fúria nos olhos dela, uma raiva que ardia de ódio. Mas logo passou e foi substituída por mera decepção.

— Que seja.

Winter se encolheu quando sua mão começou a se mexer por vontade própria. Ela fechou bem os olhos para não ver a expressão de distanciamento de Levana e teve a visão de novo. Um corte fundo na garganta. Sangue escorrendo pelo chão.

Sua respiração parou quando a ponta da faca roçou no pescoço. Seu corpo ficou rígido.

Mas a faca não cortou sua garganta. Continuou subindo, subindo, até a ponta afiada encostar no canto do olho direito.

Seu estômago ficou embrulhado. Sua pulsação acelerou.

Ela ofegou quando a lâmina cortou a pele macia embaixo do olho e foi arrastada lentamente pela bochecha. Sentia lágrimas se acumulando atrás das pálpebras pela dor que ardia e queimava, mas manteve os olhos fechados e se recusou a deixar que caíssem.

A lâmina parou no maxilar e a mão desceu, levando a faca junto.

Winter engoliu em seco com tremor, tonta de pavor, e abriu os olhos.

Não estava morta. Não tinha perdido um olho. Sentia o sangue escorrendo pela bochecha e pelo pescoço e se acumulando na gola do vestido, mas foi só um corte. Era só sangue.

Ela piscou rapidamente, afastando as lágrimas antes que pudessem traí-la, e encarou o olhar duro da madrastra.

— E então? — disse Levana por entre dentes. — Quer tentar de novo antes que sua beleza seja mais maculada?

Beleza, pensou Winter. Claro. Era tão importante para a rainha e tão pouco para ela. A dor ela era capaz de tolerar. A cicatriz ela era capaz de aceitar.

Uma nova determinação empertigou sua coluna. Ela não permitiria que a rainha vencesse a batalha. Recusava-se a se entregar aos jogos mentais da rainha.

— Não consigo.

A faca se aproximou do rosto dela de novo e fez uma linha paralela ao lado da primeira. Desta vez, ela manteve os olhos

abertos. Não estava mais com medo de chorar, embora o sangue parecesse lágrimas quentes e grossas na bochecha.

— E agora? — perguntou Levana. — Vamos, Winter. Uma simples manipulação. Prove que tem valor para esta corte.

Winter sustentou o olhar dela. O rosto da madrastra tinha perdido a expressão calma. Ela estava abertamente furiosa. Até os ombros tremiam com a raiva controlada.

As duas sabiam que não era mais questão de uma princesa debochando da família real. Levana devia ter sentido o desafio silencioso crescendo dentro dela.

A rainha podia obrigar qualquer pessoa fazer *qualquer coisa*. Só precisava pensar e sua vontade era feita.

Mas não aquilo. Ela não podia forçar Winter a fazer aquilo.

Foi uma luta para Winter esconder o sorriso orgulhoso do rosto quando ela disse com firmeza:

— Não vou fazer.

Levana rosnou e a faca subiu novamente.



QUANDO A RAINHA A LIBEROU, WINTER SE RECUSOU A SAIR CORRENDO para o quarto. Andou como realeza, a cabeça erguida e os pés estalando com passos firmes no mármore. Ela nem considerou usar o glamour para esconder os três cortes e o sangue que escorria pelo pescoço e manchava o vestido. Sentia orgulho. Seu ferimento era prova de que ela tinha participado de uma batalha e sobrevivido.

As pessoas pararam para olhar, mas ninguém perguntou sobre os três cortes na pele. Ninguém a parou. Seus guardas, jurados para defender a princesa a todo custo, não disseram nada.

Seria provado que a rainha estava errada. A pele de Winter ficaria marcada permanentemente, mas ela não permitiria que as cicatrizes a intimidassem ao ponto da submissão. Os ferimentos se tornariam sua armadura e um lembrete constante da sua vitória.

Ela podia estar ferida. Podia estar *maluca*. Mas não seria derrotada.

Quando chegou à ala de seus aposentos particulares, ela parou.

Jacin a estava esperando do lado de fora do quarto. Ao lado dele estava a taumaturga-chefe Sybil Mira com seu casaco branco impecável.

Jacin estava olhando para o chão, o rosto tenso.

Sybil estava sorrindo, a mão no ombro de Jacin. Quando os dois olharam para Winter...

Jacin pareceu chocado primeiro, embora o sentimento tivesse virado rapidamente horror, enquanto Sybil...

Winter tremeu.

Sybil Mira não pareceu nem um pouco surpresa, nem um pouco solidária. Levana devia ter contado a ela o que planejava. Talvez até tivesse sido ideia de Sybil; Winter sabia que a taumaturga-chefe tinha muita influência sobre a rainha.

— O que houve? — perguntou Jacin, se soltando da mão de Sybil e correndo até ela. Ele foi colocar a mão na bochecha ensanguentada, mas hesitou. Cobriu a mão com a manga primeiro e encostou o tecido nela.

— Devo chamar um médico, Vossa Alteza? — perguntou Sybil, enfiando as mãos nas próprias mangas.

— Estou bem, obrigada. Pode chegar para o lado para eu poder entrar nos meus aposentos.

— Se você tem certeza de que não posso ajudar.

Sybil chegou para o lado e até curvou a cabeça, mas um sorriso divertido permaneceu em seus lábios enquanto Winter passava. Jacin ficou com ela, passo a passo, aplicando pressão na bochecha em que ela não tinha ousado tocar. Não tinha parado de arder, e a dor era um lembrete persistente do que ela tinha aguentado e das escolhas que tinha feito. Jamais se arrependeria daquelas escolhas, com ou sem cicatrizes.

— Quem fez isso? — perguntou Jacin enquanto ela passava pela porta do quarto, deixando o guarda pessoal do lado de fora.

— Eu, claro — respondeu ela, e ele ficou olhando sem entender. Winter deu uma risada amarga. — *Minha mão*.

Os olhos dele arderam de ódio.

— A rainha?

Ela só precisou ficar em silêncio para confirmar.

A raiva surgiu no rosto dele, mas Jacin se virou rápido demais para Winter apreciar a intensidade do sentimento. Ele a puxou para o banheiro e a sentou na beirada da banheira. Em minutos, tinha limpado os ferimentos e aplicado uma camada generosa de bálsamo cicatrizante.

— Eu não devia ter saído do seu lado — murmurou ele entre dentes enquanto aplicava o curativo improvisado com tiras de

algodão. Winter ficou impressionada de ele conseguir manter as mãos tão calmas enquanto a expressão estava tão furiosa.

Ele seria um ótimo médico.

— Você não tinha escolha — disse ela. — Nenhum de nós tinha.

— Por que ela faria isso com você? É inveja?

Ela encarou o olhar dele.

— Por que a rainha sentiria inveja de mim?

A raiva dele ferveu.

— Como isso a beneficia?

— Ela disse que queria que eu aprendesse a usar meu dom para que eu parasse de ser o deboche da corte. Achou que, se eu... Ela achou que isso me motivaria a aprender a usar meu glamour.

A compreensão surgiu no rosto dele.

— Para esconder as cicatrizes.

Ela assentiu.

— Também acho que queria me lembrar que eu... que eu pertenço a ela. Que não sou nada além de um peão no jogo dela, a ser usado como ela achar adequado. — Ela relaxou, abandonando a postura que tinha lutado tanto para manter. — Mas não sou peão dela. Me recuso a ser.

Jacin se levantou, as mãos torcendo uma toalha por um momento, parecendo querer continuar trabalhando, continuar limpando, continuar fazendo o curativo, mas já tinha feito tudo que podia. Finalmente, bufando, ele se sentou ao lado dela na beirada da banheira.

— Se ela achar que você não está usando seu dom intencionalmente, ela pode ver como um ato rebelde. — O tom dele

estava controlado agora, embora os dedos não tivessem misericórdia da toalha. — Acho que ela sente inveja. Porque as pessoas gostam de você. Respeitam você. E você não precisa manipulá-las para isso.

— Eu não estou tentando fazer nada — disse Winter. — Só... só não quero ser como ela. Como eles!

Jacin sorriu, mas foi um sorriso cansado.

— Exatamente. O que poderia ser mais ameaçador do que isso?

Winter murchou os ombros ainda mais e apoiou o rosto nas mãos, tomando o cuidado para não apertar a bochecha machucada. Em seguida, franziu a testa e olhou para Jacin com o canto de olho.

— O que a taumaturga Mira queria?

Ele inspirou fundo. Por um momento, ela achou que ele não diria nada, mas finalmente falou.

— Ela veio me dizer que preciso encontrar uma nova moradia se meu plano é ficar em Artemísia até meu estágio começar ano que vem.

Ela franziu mais a testa.

— Moradia nova? Por que você não poderia ficar aqui no palácio?

— Porque meus pais vão embora.

Ela se empertigou.

— Meu pai foi transferido para um dos setores externos como segurança.

O coração dela disparou.

— Rebaixamento? Mas... por quê?

Jacin começou a balançar a cabeça, mas parou e a encarou. Na mesma hora, Winter soube o motivo.

Ela estava passando tempo demais com aquele menino.

Ela estava *apaixonada* por aquele menino.

E isso não se encaixaria nos planos perfeitamente construídos de Levana para ela. Isso causaria problemas para a rainha e as alianças que planejava cimentar usando a mão de Winter como preço.

Ao enviar a família para longe, o garoto também iria embora.

Ela apertou a mão sobre a boca.

— Meus pais parecem não se importar — disse Jacin. — Acho que os dois estão aliviados por saírem de Artemísia. Tanta política. — *E manipulações*. Foi o que ele não disse, mas não precisava.

— Você vai me deixar — sussurrou ela.

Jacin repuxou os lábios. Pareceu apavorado ao enfiar a mão por baixo do braço dela e entrelaçar os dedos. Suas mãos encaixavam como chave na fechadura. Havia anos que eles não davam as mãos, e ela desejou que nunca tivessem parado.

— Não — disse ele. — Não vou deixar você.

Ela ergueu os olhos. A rigidez determinada no maxilar dele a surpreendeu.

— Mas para onde você vai se não pode ficar aqui? — perguntou ela. — Além do mais, quando seu estágio começar, você vai ter mesmo que ir embora e...

— A taumaturga Mira me deu outra opção. Ou... — Ele engoliu em seco. — A rainha me deu outra opção. Fui convidado a entrar

para a guarda do palácio. Posso começar o treinamento no começo da semana que vem.

Ela arregalou os olhos e puxou a mão.

— Não. *Não*. Jacin, você não pode fazer isso. E ser médico? E...?

— Eu poderia ficar com você, Winter. Poderia ficar aqui, no palácio.

— Até te enviarem para um dos setores externos.

— Não vão fazer isso.

— Como você pode ter certeza?

— Porque serei o guarda mais leal que Sua Majestade já viu.

A expressão dele estava fechada. Assombrada.

A mão de Winter afrouxou-se na dele.

Levana a ameaçaria, talvez até ameaçasse sua *vida*.

Talvez já tivesse feito isso, e foi assim que fizeram Jacin pensar no assunto.

Ele faria qualquer coisa que pedissem se achasse que a estava protegendo.

— Você sabe que fazemos teste de aptidão aos quatorze anos, não é? — disse Jacin, sem conseguir olhar para ela. — Tive um resultado bom para um papel potencial de piloto. A taumaturga Mira disse que poderia me usar como guarda pessoal e piloto.

— Não, Jacin. Você não pode fazer isso. Se fizer isso, nunca vai conseguir sair.

Ele soltou a mão dela, se levantou e começou a andar pelo banheiro.

— Não sei mais o que fazer. Não posso deixar você aqui, principalmente agora, depois disso. — Ele moveu a mão na direção da bochecha dela, e Winter pousou a mão sobre a toalha. O sangue ainda não tinha penetrado.

— Não quero que você seja guarda, Jacin. Não depois... do que aconteceu com meu pai... — A voz dela falhou.

Morto por um taumaturgo, sem possibilidade de se defender. Porque ele era fraco. Jacin era fraco. *Ela* era fraca.

Contra a rainha e a corte, eles não tinham nenhuma esperança. Peões. Só peões.

— Acho que você devia ir — disse Winter.

Ele olhou para ela, magoado.

— Com seus pais, eu quis dizer. Acho que você devia ir com eles. Em um ano, se candidate ao estágio médico e seja o médico que sempre quis ser. É isso que você quer, Jacin. Ajudar as pessoas. *Salvar* as pessoas.

— Winter, eu...

Ela ofegou, o olhar grudado na parede acima do ombro de Jacin. Havia uma janela de vidro jateado ali que deixava luz suficiente entrar para deixar o aposento rosado e dourado.

Mas a luz estava sendo bloqueada.

Por sangue.

Sangue carmim, denso, grudento, escorrendo do concreto que prendia a vidraça, descendo lentamente pelas laterais e se acumulando no parapeito.

Ela começou a tremer. Jacin se virou e acompanhou o olhar. Ficou em silêncio por um tempo antes de perguntar: — O quê? O

que houve? — Ele olhou para ela.

Algo pingou no antebraço de Winter.

Ela inclinou a cabeça.

O teto.

Estava coberto.

Vermelho por toda parte. O gosto de ferro na língua. Sua boca estava tomada.

Seu peito tremeu com pânico e náusea. Ela se levantou e girou em um círculo completo enquanto via o sangue descer do teto, encharcar o papel de parede dourado e a madeira, se acumulando no ladrilho do chão.

— Winter. O que foi? O que você está vendo?

O sangue chegou aos dedos dos pés dela.

Ela se virou e passou por ele, correndo, para fora do banheiro.

— Winter!

O quarto dela não estava diferente. Ela parou bem no meio. O sangue fazia uma cachoeira acima da cama, manchava os lençóis de carmim, molhava o tapete embaixo dos pés dela. A porta do corredor tinha uma cortina de sangue escorrendo do alto.

Não dava para passar.

Não dava para fugir.

Winter cambaleou e oscilou nas pernas fracas, tropeçando na direção da única saída: as portas que levavam à varanda. Ouviu Jacin gritando atrás e esperou que ele fosse junto, esperou que ele não ficasse preso lá no fedor sufocante, no gotejar incessante...

Ela abriu as portas.

Bateu com a barriga na amurada protetora. Suas mãos agarraram a parte superior. O sangue não parava de se aproximar. Saindo do quarto, pingando da varanda, escorrendo até o jardim.

Era o palácio. O palácio todo estava sangrando.

Encheria o lago todo.

Ofegando e com dificuldade de respirar, ela passou uma perna por cima da amurada e se jogou.

Braços se fecharam em volta dela na hora que seu centro de gravidade pendeu para a frente. Seu estômago pareceu despencar, mas Jacin a puxou de volta para o quarto. Ela gritou e arranhou, exigindo que ele a soltasse. Se ele não a soltasse, ela se afogaria. Eles seriam engolidos vivos...

Ele a arrastou até o tapete quente e grudento e prendeu os dois pulsos dela dos lados da cabeça.

— Winter, pare! — gritou ele, se inclinando e apertando a bochecha na dela para tentar acalmá-la. — Está tudo bem, Winter. Você está bem.

Ela virou a cabeça e tentou mordê-lo. Ele puxou a cabeça, e ela quase conseguiu morder sua orelha. Ela gritou de frustração, se debateu e chutou, mas Jacin se recusou a ceder.

— Você está bem — sussurrou ele sem parar. — Estou aqui.

Winter não sabia quanto tempo a alucinação durou. Quanto tempo ela lutou tentando fugir do sangue que cascadeava por todas as superfícies do quarto. Um quarto que já tinha parecido um santuário.

Santuário.

Não existia lugar seguro. Não em Artemísia. Nem em toda Luna.

Exceto... *Jacin*.

Quando os gritos dela viraram um choro histérico, Jacin finalmente passou de segurá-la como um carcereiro a abraçá-la como seu melhor amigo.

— É por isso — sussurrou ele, e Winter se deu conta de que, em algum momento, ele também tinha começado a chorar. — É por isso que não posso abandoná-la, Winter. É por isso que nunca vou embora.



O PESADELO VEIO DE NOVO. E DE NOVO. FORAM SEMANAS ASSIM, semanas incessantes.

Tiros.

Olhares vazios.

Sangue espirrado nas paredes do quarto.

Só que, daquela vez, a rainha não apenas se encolheu junto ao marido morto e chorou e chorou e chorou.

Daquela vez, ela usou a faca que tinha usado para esfaquear o taumaturgo e fez três linhas retas na bochecha do pai de Winter.

Winter tentou ficar forte por saber que cada vez que procurava a segurança de Jacin, a decisão dele de ficar se fortaleceria. Assim, ela se balançava na cama e tentava sussurrar um consolo para os próprios cobertores.

Até a noite em que ela não suportou mais.

Com ele era o único lugar onde ficava segura.

Com a camisola ainda úmida de tanto passar medo, ela correu para fora do quarto fingindo não reparar no guarda noturno indo atrás.

Jacin a abraçaria. Jacin a consolaria. Jacin afastaria os pesadelos.

Só que... Jacin tinha ido embora.

Foi o que lhe disseram quando ela chegou e bateu na porta do apartamento que os Clays dividiam com duas outras famílias.

Ele e a família foram transferidos no dia anterior e ela nem soube, ele nem falou para ela, nem se despediu.

Rebaixado. Transferido. *Para longe.*

Chocada e arrasada, Winter voltou. Andou cegamente na direção do corredor principal do castelo.

Para longe.

Ela tinha dito para ele ir. Acreditara que era o melhor. Era a única forma de ele ter alguma chance de felicidade. Ele tinha que sair de Artemísia. Que ir para longe da rainha. Para longe *dela*.

Mas ela não acreditou que ele iria.

Jacin.

Seu mais querido amigo.

Seu *único* amigo.

Assim como Selene. Assim como seu pai.

Todos se foram.

— Win... princesa?

Ela ficou paralisada.

Virou-se lentamente.

Era ele, mas não era ele.

Uma alucinação.

Porque aquele não podia ser seu Jacin, usando o uniforme engomado de um guarda em treinamento, o cabelo louro para trás das orelhas, sem comprimento suficiente para ser preso. Ele estava com os braços rígidos ao lado do corpo, como se estivesse esperando para executar ordens.

Nem um sorriso.

Nem um brilho de provocação nos olhos.

Quase nenhum reconhecimento.

— Jacin — sussurrou ela para o fantasma que se parecia com seu melhor amigo.

O pomo de Adão dele subiu e desceu com o que pareceu ser um movimento doloroso de engolir em seco. Ele firmou o maxilar e bateu os calcanhares de um jeito estranho. O olhar foi desviado para longe dos olhos dela, para a parede ao longe com a mesma expressão vaga que todos os guardas faziam. O mesmo vazio.

— Devo acompanhá-la até seus aposentos... princesa?

Um guarda inteirinho.

Winter, por hábito, empertigou os ombros. Uma defesa. Ela se esconderia por trás de educação e graça.

Uma princesa inteirinha.

Era estranha a rapidez com que tudo começava a parecer normal.

Ela se deu conta de que eles já tinham feito aquele jogo. Cem vezes antes.

Ele, o guarda leal. Ela, a princesa que ele precisava proteger.

— Sim — disse ela, o mais alto que sua voz permitiu. — Obrigada... Sir... Clay.

Um leve movimento de cabeça da parte dele.

— Escudeiro Clay, Vossa Alteza. Guarda em treinamento.

— Escudeiro Clay. — Ela engoliu em seco, se virou lentamente de costas para ele e andou atordoada pelos corredores.

Ele foi atrás. Respeitoso e distante.

Por cima do ombro, ela lançou um sorriso nervoso.

— Se não estiver ocupado demais com seu treinamento mais tarde, escudeiro Clay, acho que eu talvez precise ser salva de um pirata.

A pálpebra dele tremeu. Ele não olhou para ela e não sorriu... mas ela viu, só por um momento. Viu a luz que surgiu nos olhos dele.

— Seria uma honra, princesa.



A pequena androide





MECH 6.0 ESTAVA JUNTO À PAREDE DE CARREGAMENTO DO HANGAR, uma de centenas de sentinelas mudos observando os passageiros passarem com os carrinhos flutuantes de bagagem e a falação animada. Na frente dela, a enorme *Triton* ocupava de forma imponente o centro do hangar, diminuindo a multidão, enquanto recepcionistas escaneavam os chips de identificação dos convidados e os guiavam a bordo. A viagem inaugural de uma aeronave era sempre uma ocasião festiva, mas aquela parecia mais vibrante do que o habitual, pois a *Triton* estava prestes a firmar o recorde de maior cruzador a ser lançado. Havia garçons distribuindo taças de champanhe aos passageiros que subiam a bordo e seus pertences eram levados; as mulheres estavam usando seus melhores quimonos e *hanboks* e vestidos de festa, e uma orquestra ao vivo tinha sido contratada como entretenimento.

Atrás do ambiente festivo, a nave parecia ameaçadora para Mech 6.0, com os painéis de metal polido e janelinhas redondas cintilando sob a luz do hangar. Não pareceu tão grande quando tinha começado a trabalhar nela passando fios e soldando peças e prendendo os painéis de proteção. Na ocasião, quase chegou a achar que ela e seus irmãos eram uma parte daquela besta enorme

de metal. Mil peças móveis formam uma máquina eficiente. Mas agora o resultado do trabalho deles estava pronto para zarpar, e ela não se sentia mais ligada a tudo. Só diminuída por sua magnificência.

E talvez um pouco abandonada.

Enquanto os convidados riam e conversavam e discutiam sobre em quantos cruzadores espaciais já tinham estado e sobre a beleza da aeronave nova e sobre todos os confortos que as propagandas prometiam, Mech 6.0 observava e ouvia e sentia a vibração da eletricidade aquecendo suas entranhas.

— Todos a bordo! A *Triton* zarpa em dez minutos. *Alerta de dez minutos!* Todos a bordo!

A multidão foi diminuindo. O bipe monótono dos verificadores de identidade passaram a um ritmo ocasional. Uma rampa subiu para a nave e se fechou com um baque que vibrou por todo o piso do hangar e pelos trilhos de Mech 6.0. Em seguida, a segunda rampa e a terceira.

— Esperem! — A voz de uma mulher ecoou pelo hangar, seguida do movimento rápido de passos. — Estamos chegando! Estamos aqui — disse ela, sem fôlego e puxando uma garotinha.

— Bem na hora — disse uma das recepcionistas, escaneando o pulso da mulher. — Podem embarcar.

A mulher agradeceu profusamente e tirou uma mecha de cabelo desgrehado do rosto. Apertando novamente a mão no pulso da garota, ela empurrou o carrinho flutuante e subiu a rampa correndo.

O escâner de Mech 6.0 percebeu que uma coisa pequena e achatada se soltou da mochila da garotinha e flutuou na direção da

receptionista, que não percebeu. Sua programação a alertou da incongruência, e ela procurou a reação apropriada.

Se encontrasse alguma coisa que um humano tinha perdido ou que tivesse sido roubada, ela tinha que devolver.

Mas não podia interromper o processo de embarque, principalmente depois que o capitão tivesse mandado que a aeronave fosse fechada e preparada para decolagem.

Assim que a rampa começou a subir do chão, Mech 6.0 soube que sua oportunidade de devolver o objeto para a menina tinha sido perdida. Ela manteve o escâner conectado ao pequeno cartão até a rampa se inclinar para cima e o cartão escorregar e cair girando pelo ar. Passar por todos os receptionistas que estavam tirando as cordas das filas, passar pelas formas de estátua de seus irmãos e irmãs, passar pelos músicos contratados, até cair junto aos trilhos da Mech 6.0 e ficar preso lá.

O rugido dos motores da aeronave chamou a atenção dela para a *Triton* de novo, e seu escâner foi erguido mais e mais quando o teto do hangar começou a se abrir. As engrenagens estalaram e roncaram e revelaram primeiro um brilho provocante de luar, mas logo a abertura se encheu de estrelas. Lentamente, uma galáxia inteira se abriu acima do hangar.

Era lindo. Mech 6.0 amava aquele momento; esperava-o cada vez que completavam um novo projeto e preparavam para enviá-lo para o céu. Aquele vislumbre rápido da galáxia não se parecia com nada no mundo, um mundo que costumava ser cheio de coisas mecânicas e ferramentas e dos espaços escuros e sombrios dentro de uma aeronave silenciosa e solitária.

Ela tinha passado a entender que a galáxia era uma coisa enorme e luminosa e infinita.

Uma onda de eletricidade sobressaltou Mech 6.0, como uma fagulha direto no processador que ficava protegido pelo painel que ela tinha no tronco. Com o susto, ela virou a cabeça para espiar a fileira de androides idênticos, à esquerda primeiro e depois à direita.

Além de eles parecerem não ter sentido a onda repentina, nenhum deles estava olhando para o céu acima. Rígidos e desinteressados, eles permaneciam olhando para a frente.

Mech 6.0 voltou a atenção para a aeronave, que subia do chão e pairou no campo magnético abaixo do teto do hangar. Os propulsores arderam por um momento, e a nave subiu mais e mais, passando pelo teto antes de voar graciosamente para o céu estrelado e desaparecer.

Quando a comemoração acabou e a multidão começou a se dispersar, os músicos passaram a guardar os instrumentos. O teto enorme se fechou e estalou, isolando-os de novo, e pouco depois que o espaço foi esvaziado, as luzes se apagaram com três estrondos altos, mergulhando os androides mecânicos no breu e no silêncio.

Quatro minutos se passaram, durante os quais Mech 6.0 ainda estava se lembrando da vista das estrelas, que ela sabia que estavam sempre lá, mas sempre fora do alcance. Mas então se lembrou do cartão perdido da menina.

A luz do seu sensor se acendeu, criando um círculo azul-pálido ao seu redor. Seus vizinhos viraram a cabeça, talvez de curiosidade, mas mais provavelmente com reprovação, mas ela os ignorou e

virou o escâner para seu trilho. Esticou o braço, pegou o cartão na pinça acolchoada e o ergueu.

Era fino e rígido, como uma folha de alumínio, e um lado tinha um texto com letras elegantes e cintilantes: *Holografias de celebridades, Kit de colecionador, 39ª edição. 124 T.E.*

Ela virou o cartão e uma holografia pálida e tremeluzente subiu e começou a girar. Ela estava olhando para um garoto adolescente que parecia ligeiramente familiar, com cabelo preto desgrenhado e um sorriso relaxado.

Mech 6.0 sentiu a ventoinha tremer de um jeito estranho e se perguntou se havia algo errado com suas peças. Se continuasse, ela teria que alertar o mecânico de manutenção. Mas esse pensamento foi fugidio, quando abriu o compartimento oco de armazenamento no abdome e guardou dentro o cartão holográfico. Talvez ela devolvesse um dia, pensou, embora seus cálculos estatísticos lhe dissessem que provavelmente nunca aconteceria.



DOIS DIAS SE PASSARAM ATÉ QUE MECH 6.0 RECEBESSE UMA NOVA tarefa, junto com quatorze dos seus irmãos andróides mecânicos. Ela ficou em fila com os outros enquanto Tam Sovann, o dono do estaleiro, andava pela parte inferior do projeto inspecionando o trem de pouso e discutindo os planos com o novo cliente, Ochida Kenji. Ochida-shifu era um homem de meia-idade com poucos pelos no rosto e um terno com aparência de muito caro. Sua aeronave era um iate recreativo, luxuoso e espaçoso o suficiente para quem podia pagar

por luxo e espaço. Mech 6.0 escaneou a nave enquanto esperava suas instruções, plugando as informações na base de dados. Uma Orion Classic do ano 94 T.E., uma das aeronaves mais caras da sua época e uma das mais populares para reforma na década anterior. O nome *Filho das Estrelas* tinha sido pintado perto do nariz, mas tinha se apagado com o tempo.

— A carroceria está em boas condições, Ochida-shifu — disse Tam —, mas teremos que fazer uma reforma completa no motor para deixá-la dentro de todos os regulamentos, e remodelar o interior para incluir todos os confortos modernos vai exigir a remoção de todos os painéis. Mas estou confiante de que cumpriremos seu prazo e também manteremos a personalidade original da nave.

— Sua reputação fala por si — replicou Ochida Kenji. — Não tenho dúvida de que ela está em boas mãos.

— Excelente. Quero apresentá-lo ao engenheiro que cuidará da reforma. Este é Wing Dataran, uma das nossas estrelas mais brilhantes.

Como um reflexo programado, o sensor de Mech 6.0 se virou para o grupo. Embora Wing Dataran já trabalhasse no estaleiro havia quase um ano, seus caminhos nunca tinham se cruzado. A *Triton* era grande demais, e ela nunca tinha sido designada para nenhum dos projetos menores dele.

Mas sabia tudo sobre ele. Ela o conectou à base de dados da rede na primeira vez que o viu, assim como fazia com todos os seus empregadores humanos, mas algo nele manteve aquele perfil em destaque na memória dela. Um jovem engenheiro de hardware que

foi contratado assim que saiu da universidade tecnológica, onde se especializou em motores de espaçonaves com concentração adicional em design de interiores e sistemas mecânicos.

Por motivos que não computava completamente, ela percebia seu sensor o procurando com frequência na multidão de andróides e técnicos, e cada vez que o via, sua ventoinha dava aquele pulinho estranho, como aconteceu quando ela viu a holografia. Só agora ela percebia que havia similaridades entre Dataran e a figura holográfica. Não só da forma como todos os humanos eram similares, com os dois olhos e os narizes projetados e as mãos carnudas com cinco dedos. Mas Dataran e o garoto na holografia tinham maçãs pronunciadas e corpos magros que indicavam uma graça específica. E os dois fizeram a ventoinha dela pular.

O que significava isso?

Dataran pegou um tablet no cinto de ferramentas depois que eles terminaram as apresentações.

— Já comecei a trabalhar em alguns planos iniciais — disse ele, mostrando uma coisa na tela para Ochida —, mas quero discutir com você qualquer pedido especial que possa ter antes de finalizá-los. Especificamente as novas funções de luxo, que podem exigir ainda mais do motor. Quero cuidar para que esteja completamente...

Ele parou de falar, os olhos fixados em uma coisa atrás de Ochida. Todos seguiram o olhar dele, inclusive Mech 6.0.

Uma garota tinha saído da nave, usando um quimono laranja e branco.

— Ah, aí está você, minha princesa — disse Ochida, fazendo sinal para ela se aproximar. — Você estava dentro da nave esse tempo todo?

— Só estava me despedindo — respondeu a garota, descendo pela rampa. — Quando eu a vir de novo, vai ser como conhecer uma nave completamente nova.

— Não fale besteira. Você e eu vamos estar envolvidos em cada passo do caminho para ter certeza de que minha garotinha receba a nave que ela quer. — Ochida passou um braço pelos ombros dela e ergueu uma sobrancelha para Tam Sovann. — Se não for problema.

— Claro que não. Vamos gostar das suas opiniões e queremos que você fique totalmente satisfeita com o resultado final.

— Que bom, que bom. Cavalheiros, esta é minha filha, Miko. Posso ter minhas opiniões e minha carteira, mas é ela que vocês têm que agradar com essa reforma. Pensem na nave como sendo dela, não minha.

Miko inclinou a cabeça de forma respeitosa na direção do dono do estaleiro e de Dataran, que ficou mais ereto quando seus olhares se encontraram.

— Este lugar é muito agitado — disse Miko, olhando para as naves de tamanhos e estados de construção variados, para todos os homens e mulheres e andróides andando em volta de trens de pouso e empurrando caixas enormes de ferramentas para lá e para cá. — Como vocês conseguem manter tudo organizado?

— Cada projeto tem uma equipe diferente — respondeu Tam —, e cada uma se concentra naquele projeto do começo até o fim. Nós achamos que é a forma mais eficiente para os nossos funcionários.

O olhar dela pousou em Dataran de novo.

— E você vai estar na nossa equipe?

As bochechas dele ficaram rosadas, Mech 6.0 reparou. Talvez estivesse mais quente do que o habitual no hangar, embora ela não fosse equipada com medidores de temperatura atmosférica para ter certeza.

— Sim, Ochida-mèi — gaguejou ele. — Eu serei seu engenheiro. Serei quem... vai agradar... er... — Ele ficou mais vermelho.

— Pode me chamar de Miko — disse ela com um sorriso simpático. — Sei um pouco sobre mecânica, mas talvez eu aprenda alguma coisa nova com você durante esse processo.

Ele abriu a boca para responder, mas nenhum som saiu.

— Por que não botamos esses andróides para começarem a desmontar a parte externa? — sugeriu Tam. — E, Dataran, talvez você possa levar Ochida-mèi para visitar o estaleiro enquanto assinamos alguns papéis.

— C-claro — disse ele, guardando o tablet com dificuldade no cinto. Ele pegou uma correntinha pequena e brilhante, que voltou a guardar no bolso. — Se você quiser.

— Eu gostaria muito.

Quando o pai a empurrou para a frente, Miko ergueu a mão até a nuca para ajeitar o cabelo que estava preso num coque, e o sensor de Mech 6.0 captou uma coisa pequena e escura que sugeria uma anormalidade... uma marca de nascença, talvez. Ou uma tatuagem?

Quando seu processador recebeu a primeira série de instruções, Mech 6.0 ocupou um lugar perto da frente da nave, onde poderia

soltar parafusos enquanto mantinha o sensor virado para o hangar agitado. Ela viu Dataran mostrar várias máquinas e modelos de nave e tentou adivinhar o que ele poderia estar dizendo para Ochida Miko. O uso de cada ferramenta? A história das naves? Que eles tinham o sistema mais eficiente de trabalho de andróides de todos os estaleiros da Comunidade das Nações Orientais?

Ela o viu apresentar a garota para diferentes mecânicos e engenheiros por quem passaram.

Por um tempo, eles desapareceram na quase completa WindWalker800, e Mech 6.0 só conseguiu vislumbrá-los pelas janelas do cockpit. Ela reparou que os dois estavam sorrindo.

Dataran levou Miko ao depósito de peças, à sala de pintura, até pela central de carregamento dos andróides, e embora Mech 6.0 não pudesse ouvi-los, ela reconheceu com frequência as covinhas da risada dele e reparou que os olhares dele foram ficando mais ousados, se voltando para a garota com frequência cada vez maior, assim como os dela para ele.

Quando Dataran estava abrindo o portão e levando Miko para as plataformas suspensas sobre o suprimento de água e os tanques de combustível, Mech 6.0 percebeu que tinha parado de trabalhar.

Ela voltou seu sensor para o painel da aeronave que só tinha dois parafusos o prendendo no casco e olhou para os irmãos ao lado. Todos já tinham tirado pelo menos três painéis.

Isso era muito estranho. Não só sua estranha fixação pelos humanos, mas o fato de superar sua necessidade de completar sua tarefa. Talvez houvesse mesmo algo de errado com ela.

Sim, teria que verificar com a manutenção quando o turno acabasse.

Quando ela estava removendo seu primeiro painel, alguém gritou. Mech 6.0 se virou a tempo de ver um dos enormes guindastes se inclinar com uma carga pesada demais, o braço esticado oscilando perigosamente por um momento que se prolongou por séculos até chegar no ponto de virar. O braço enorme de metal caiu na direção da plataforma suspensa, os parafusos se soltando e os cabos se arrebetando no ar.

Ainda na passarela suspensa, Miko gritou.

Dataran a empurrou para fora do caminho.

O braço do guindaste bateu na cabeça dele e o som reverberou na cobertura de plástico duro de Mech 6.0. Ele já estava inconsciente antes que seu corpo caísse no tanque de graxa abaixo.

Miko gritou de novo, agarrada na amurada da passarela. O guindaste caiu com força, e um dos cabos se soltou do teto. A plataforma virou para o um lado, mas os cabos restantes aguentaram firme.

Mech 6.0 não parou por um tempo para avaliar a situação e nem para calcular a melhor sequência de ações... já estava rolando na direção dos contêineres. Em volta dela, as pessoas estavam gritando e as máquinas frearam e pararam, passos trovejaram e a passarela bamba balançou acima. Alguém gritou pedindo uma escada ou uma corda, mas Mech 6.0 já estava com os ímãs ativados para recolher os parafusos dos painéis, e com precisão determinada, viu-se subindo pela lateral do tanque enorme, as pinças abertas nas laterais de metal, puxando o corpo para cima.

Foi uma subida desajeitada, para a qual seu corpo não tinha sido feito, e seus trilhos bateram na lateral do tanque e seus braços procuravam apoio. Suas juntas gemeram com o peso. Mas ela subiu na beirada, cuja largura quase não era suficiente para ela ficar de pé.

O tanque de graxa estava preto como o céu da noite sem estrelas. Preto e apavorante.

Mech 6.0 se inclinou e caiu dentro dele.

Ela afundou rápido, e apesar de ligar imediatamente a luz do sensor no brilho máximo, não ajudou muito. Esticando o braço o mais longe possível, ela procurou no fundo do tanque sabendo que ele estava lá em algum lugar, ele estava, estava...

Aqui.

Ela apertou as pinças e puxou seu corpo para perto dele pelo óleo viscoso. Estava penetrando por seus painéis agora, bloqueando seus plugues, entrando no carregador. Mas estava com ele.

Mech 6.0 passou os braços pelo tronco de Dataran e o puxou para cima. Ele era mais pesado do que ela esperava, e lhe ocorreu que os parafusos que ligavam seus braços a seus encaixes talvez não aguentassem, mas ela não parou. Ao encontrar a parede do tanque, ela firmou as pinças na lateral de novo e começou a subir. Não havia mais luz, não havia sentidos além do som das pinças e o trilho batendo na parede, e o corpo dele pesando enquanto ela levava os dois para cima, para cima, para cima...

Eles surgiram na superfície. Os sons chegaram com tudo, mais gritos e ofegos. Alguém o pegou, e Mech 6.0 mal conseguiu cair de

cara para baixo na beirada do tanque antes de seu programa reconhecer comportamento autodestrutivo e cortar a energia dos membros.

Ela ficou deitada, vazia e indefesa, enquanto a graxa pingava do sensor. Ela começou a identificar formas humanas na plataforma e seu áudio captou uma discussão sobre toalhas e vias aéreas e pulmões e sangue na cabeça e tudo pareceu demorar tanto, a graxa interferindo nos sentidos dela, mas logo ele começou a tossir e vomitar e respirar e os humanos comemoraram. Quando tinham finalmente limpado o rosto dele para ser seguro que abrisse os olhos, Dataran olhou ao redor para todos os humanos primeiro. Depois, pela primeira vez, ele olhou para ela.



DATARAN TINHA SIDO LEVADO PARA UM HOSPITAL, E MECH 6.0 ESTAVA na manutenção de andróides, os membros sendo limpos, ou o máximo possível, por um homem de macacão verde que ficava balançando a cabeça.

— Isso também não vai dar para salvar — disse ele, estalando a língua enquanto inspecionava os plugues de entrada. Ele não estava fazendo um trabalho de limpeza muito bom, pensou Mech 6.0, e ela estava se sentindo cada vez mais lenta e esgotada.

Começou a passar pela cabeça dela que talvez não pudesse ser consertada. Que talvez ele nem fosse tentar.

O homem suspirou e girou na cadeira para poder digitar uma coisa em um netscreen na parede. Mech 6.0 olhou para o próprio

corpo, as juntas e frestas dos painéis manchadas de marrom quase preto da graxa. Pelo menos sua visão estava restaurada e seu processador parecia estar funcionando, ainda que mais lento do que o habitual.

Ela ficou surpresa de ver uma coleção de parafusos ainda grudada na lateral do corpo de quando estava removendo o painel da Orion Classic. Ela moveu as pinças na direção deles, feliz de ver que a coordenação entre sensor e pinça ainda funcionava, e tirou um a um e os colocou na mesa do mecânico. Ela esticou a pinça para o último parafuso e puxou.

E parou. Puxou mais um pouco. Não era um parafuso, mas o elo de uma corrente que ia até suas costas. Ela deu um puxão na corrente, e o que tinha se grudado magneticamente a ela se soltou. Ela se viu olhando um medalhão, o qual desconfiava que seria de ouro se não estivesse preto de graxa.

Sua memória viu Dataran botando uma corrente de volta no bolso.

Aquilo pertencia a ele.

O mecânico se virou para ela, e ela escondeu o medalhão nas costas. Ele estava olhando para ela com desconfiança e balançando a cabeça quando a porta se abriu e o dono do estaleiro entrou.

— E então?

O mecânico balançou a cabeça.

— O corpo está destruído. Eu poderia passar umas duas semanas tentando limpar, mas não vejo sentido. É melhor conseguir um novo.

Tam franziu a testa enquanto olhava a androide de cima a baixo.

— E o processador, a fiação... Dá para salvar?

— Deve haver algumas peças que podemos guardar para usar depois. Vou começar a desmontá-lo amanhã para ver o que temos. Mas, quanto ao processador e ao chip de personalidade... já deviam estar ruins mesmo antes da graxa.

— Por que você acha isso?

O mecânico passou a manga pela testa úmida.

— Você viu como os outros andróides reagiram quando Dataran caiu?

— Acho que não fizeram nada.

— Exatamente. Essa deve ser a reação deles. Continuar trabalhando, não se envolver com dramas e perturbações. O que este fez... não é normal. Tem alguma coisa errada com ele.

Uma fagulha se acendeu na cabeça de Mech 6.0. Ela tinha começado a desconfiar daquilo, mas ouvir uma confirmação era preocupante.

— O que você acha que é?

— Quem sabe? Nós ouvimos histórias de vez em quando. De andróides cuja inteligência artificial chega a um ponto de aprendizagem em que desenvolvem tendências quase humanas. Raciocínio não prático, reações quase emocionais. Há muitas teorias sobre por que acontece, mas o importante é que não é bom.

— Não sei se concordo. — O dono cruzou os braços sobre o peito. — Esse andróide mecânico pode ter salvado a vida de Dataran hoje.

— Sei disso e agradeço às estrelas. Mas o que vai fazer na próxima vez que houver alguma situação? O fato é que um andróide

imprevisível é um androide perigoso. — Ele deu de ombros. — Meu conselho: envie o computador para ser reprogramado ou destrua completamente.

Tam apertou os lábios em uma linha e observou o corpo de Mech 6.0. Ela apertou o medalhão na pinça de três dedos.

— Tudo bem — disse Tam. — Mas vamos nos preocupar com isso amanhã. Acho que precisamos de uma noite de descanso.

Eles a deixaram na mesa da sala do mecânico e, quando as luzes do estaleiro foram apagadas, Mech 6.0 se deu conta de que era a primeira noite da sua existência que ela não era conectada num carregador.

Porque carregá-la não era necessário. Porque, no dia seguinte, ela seria desmontada e botada numa prateleira, e as peças dela que não estivessem em condição de serem aproveitadas seriam enviadas para o ferro-velho.

No dia seguinte, ela deixaria de existir.

Ela analisou aquelas palavras por um tempo, o processador trabalhando e chiando, tentando calcular as horas e minutos que restavam de sua existência antes que houvesse só um buraco negro onde antes ficava sua consciência.

Ela se perguntou se Dataran pensaria uma única vez na androide defeituosa que salvou a vida dele e foi destruída por isso.

Dataran. Ela tinha uma coisa que pertencia a ele. Estava em seu código devolver para ele se pudesse. Ela levou o medalhão até o sensor e escaneou suas dimensões, a pequena dobradiça e o pequeno mecanismo de fechamento. Foi um desafio abri-lo com suas pinças desajeitadas, mas ela finalmente conseguiu...

E a galáxia se expandiu para ela.

A holografia ocupou a sala inteira. O sol e os planetas, as estrelas e nebulosas, asteroides e cometas e toda a beleza do espaço contida naquele medalhão pequeno e simples.

Mech 6.0 o fechou e guardou o universo em sua pequena prisão novamente.

Não. Ela não podia ficar. Não podia suportar se perder na escuridão para sempre quando ainda havia um universo inteiro que ela nunca tinha visto.



MECH 6.0 NUNCA TINHA SAÍDO DO ESTALEIRO DESDE QUE FOI PROGRAMADA e construída e comprada. Descobriu rapidamente que o mundo era caótico e barulhento e lotado de tantas informações sensoriais que ela tinha medo de que suas sinapses desgastadas acabassem fritas antes mesmo de ela chegar ao destino.

Mas ela tentou se concentrar no mapa de Nova Pequim e no perfil que tinha encontrado na rede quando entrou na primeira rua de barracas de mercado, lotada de barris de especiarias e cobertores trançados pendurados em araras e netscreens emitindo ruído em todas as superfícies.

— Gatos robóticos, dois pelo preço de um, só hoje! Sem sujeira, só ronronados!

— Depressão? Baixa energia? Infertilidade? Seja qual for seu problema... nós temos a cura! Temos até as mais novas gotas preventivas contra a febre azul, testadas e aprovadas!

— Vinho de ameixa, vinho de arroz, venha experimentar uma amostra!

— Liquidação de androides servos, agora é hora de um upgrade! Novos modelos acabaram de chegar!

Ela manteve o sensor voltado para baixo e tentou não chamar atenção. A rede estava cheia de histórias de roubo de androide, e ela estava com medo de que, por estar espremida com tantos humanos, fosse acabar capturada e entregue a um novo dono, que sem dúvida mandaria desmontá-la assim que descobrisse os danos.

Ela viu uma barraca comum onde a listagem dizia que estaria. As paredes estavam cheias de prateleiras bambas de tantas ferramentas e peças de androide e tablets ultrapassados empilhados.

Mech 6.0 rolou até a mesa que bloqueava a entrada. Havia uma garota parada perto dos fundos da barraca, usando luvas grossas e calça cargo, examinando uma coisa com um tablet. Ela fez uma pausa, bateu os dedos na tela e mexeu em algumas coisas na prateleira antes de examinar outro item.

— Com... licença — disse Mech 6.0, os sensores estalando com o esforço. Ela não tinha muitas oportunidades de falar no estaleiro, e o longo trajeto já tinha esgotado sua fonte de energia.

A garota olhou para ela.

— Ah... desculpe! Falo com você em um minuto. — Ela terminou de incluir os dados em que estava trabalhando e prendeu o tablet no cinto. — Como posso ajudar?

— Estou procurando... Linh Cinder.

— Encontrou. — A garota inclinou a cabeça para o lado e franziu a testa. — Sua caixa de voz está falhando?

— O corpo... todo — respondeu Mech 6.0. — Comprar... novo?

Linh Cinder demorou um momento e assentiu.

— Ah, claro. Posso fazer isso. Seu dono está por perto?

Mech 6.0 sentiu uma queda repentina de energia, mas ficou aliviada de ver que foi uma perda temporária. Agora que tinha encontrado a mecânica, ela desligou a base de dados da rede para preservar o máximo de energia que pudesse.

— Não tenho dono.

Linh Cinder franziu a testa. Seu olhar se desviou para o vendedor de andróides do outro lado.

— Ah. Entendi. — Ela esticou a mão até o tablet de novo e o botou na mesa entre as duas antes de digitar alguns comandos. — Bom. Tudo bem, posso encomendar um corpo mecânico substituto hoje, mas costuma levar uma semana para chegar, a não ser que o armazém do centro tenha em estoque. Você é um 6.0, certo? Não parece que tem. Você se importa de esperar uma semana?

— Posso... esperar aqui?

— Hã... — Cinder hesitou e olhou por cima do ombro para a barraca, cheia de máquinas e caixas de ferramentas. Ela deu de ombros. — Claro, acho que posso abrir um espaço para você. — Ela apertou o rabo de cavalo e se sentou em uma cadeira que tinha sido empurrada para baixo da mesa. — Mas, se você não tem dono... como planeja pagar por isso?

Pagar.

Dinheiro. Moeda. Univs. Para servir de compensação por bens e serviços.

Androides não eram pagos.

— Troca — disse Mech 6.0

— Troca? — Cinder desceu o olhar para o corpo maltratado de Mech 6.0. — Pelo quê?

Mech 6.0 abriu o compartimento do abdome. As pinças encontraram o medalhão de metal na corrente e se fecharam nele.

Sua ventoinha ficou lenta... quase parou.

Ela soltou o medalhão, remexeu de novo e suas pinças encontraram o cartão holográfico. Ela o colocou na mesa.

Cinder tirou a luva da mão direita, pegou o cartão e o virou para ler as palavras nas costas antes de o virar para que a holografia se projetasse da superfície.

— Um cartão holográfico do príncipe Kai — murmurou ela, esfregando a testa com a mão enluvada. — Porque é disso que eu preciso. — Ela suspirou e olhou para Mech 6.0 de novo. — Me desculpe, mas isso só vale uns vinte microunivs. Só pagaria um parafuso. — Ela pareceu lamentar de verdade quando devolveu o cartão. Mech 6.0 o pegou delicadamente.

— Você tem mais alguma coisa?

Seu processador pulsou. *O medalhão.*

Mas não era dela. Pertencia a Dataran, e ela o devolveria a ele. Quando tivesse um novo corpo. Quando o visse de novo.

Sua fonte de energia caiu de novo. As cores do mundo ficaram fracas pelo olho do sensor.

— Mais... nada.

Cinder franziu a testa com solidariedade.

— Então sinto muito. Não posso ajudar.

Mech 6.0 analisou a situação de novo e calculou o valor potencial do medalhão e a importância de receber um corpo novo e logo. Mas, apesar do raciocínio lógico estar dizendo que o medalhão poderia ser valioso a ponto de valer a troca, havia um novo fator envolvido no cálculo. O valor do seu único bem, uma coisa que tinha sido de Dataran. O valor do sorriso dele quando ela o devolvesse a ele.

Ela sabia que a decisão era ilógica, que ela não devolveria nada se não conseguisse o corpo novo, mas mesmo assim se viu segurando o cartão holográfico contra o corpo e se virando. E foi nessa hora que percebeu que não tinha para onde ir e que não iria muito longe. Ela viu o vendedor de andróides usados no caminho e uma escuridão surgiu em sua visão, levando todas as cores.

Seu trilho estalou quando ela começou a se deslocar pela multidão.

— Espera.

Ela fez uma pausa e se virou para olhar para a mecânica, que estava passando os dedos nas têmporas de novo, deixando uma mancha escura na pele.

— Você me lembra uma amiga minha. Iko também é androide — disse ela. E acrescentou, indicando o cartão: — Além do mais, minha irmãzinha adora esse cara aí. Então... olha, acho que tenho uma coisa. Espera aí.

Ela se levantou da cadeira e foi até os fundos da barraca. Mech 6.0 esperou Linh Cinder mexer em uma variedade de peças.

— Bom, ela não é uma grande melhoria — disse ela —, mas eu tenho isto.

Ela voltou de trás de uma estante com o corpo de uma garota sobre o braço. Empurrando uma caixa de ferramentas com o ombro, ela botou a garota na mesa com um baque. Um braço inerte caiu na direção de Mech 6.0 e seu escâner viu unhas perfeitamente arrumadas, a curva natural dos dedos, as veias azuis leves debaixo da pele.

De repente, ela viu a marca quase invisível no pulso da garota. Um código de barras. Era uma androide-acompanhante.

— Ela tem quase trinta anos — disse Cinder — e está em condições ruins. Eu só estava guardando pelas peças.

Ela ajustou a cabeça para que Mech 6.0 pudesse ver o rosto, que era lindo e convincentemente real, com íris escuras e cabelo preto liso. Com o olhar vazio e o rubor rosado nas bochechas, ela parecia estar morta, mas há pouco tempo.

— Se me lembro bem, havia algo de errado com a caixa de voz dela. Acho que ela tinha ficado muda, e o último dono não queria ter o trabalho de trocar. Ela também tinha tendência a picos de energia ocasionais, então talvez você queira substituir a fiação e conseguir baterias novas o mais rápido possível. — Cinder tirou um pouco de poeira da testa da androide-acompanhante. — Além disso tudo, por ela ser tão velha, não sei se vai ser compatível com seu chip de personalidade. Você talvez perceba uns travamentos estranhos. Mas... se a quiser...

Em resposta, Mech 6.0 lhe entregou o cartão holográfico.



— ENTÃO VOCÊ É... ELETRICISTA? — DISSE TAM SOVANN, ESCANEANDO o perfil dela com o tablet.

Mech 6.0 assentiu e sorriu, como tinha visto humanos fazerem. Ela demorou quase duas semanas para montar um perfil de rede e conseguir roubar roupas de trabalho que coubessem, apesar de ir contra tudo que seu código de androide lhe dizia. Ainda assim, ela foi adiante e voltou para o estaleiro e agora estava lá, com um corpo humanoide e uma identidade convincente e o medalhão de Dataran no bolso.

— E sua especialidade são naves clássicas de passeio e cruzadores, especialmente as linhas de luxo... impressionante. — Ele olhou para a frente de novo como se tentando decidir se o perfil era crível.

Ela continuou sorrindo.

— E você é... muda.

Ela assentiu.

Ele apertou os olhos com desconfiança por um momento antes de olhar o perfil de novo.

— Bom, nós trabalhamos mesmo com muitas linhas de luxo como essas...

E ela sabia.

— ... e tive uma perda alta de eletricistas ultimamente.

Ela também sabia.

— Eu teria que começar com um salário básico até você provar que é capaz de fazer o trabalho. Você entende isso.

Ela assentiu. Por nunca ter recebido um salário, ela nem sabia o que faria com o salário base baixo.

— Tudo bem. Bom. Vamos fazer uma experiência — disse ele, como se não conseguisse acreditar que estava falando aquilo. Mech 6.0 não sabia se tinha sido sua mudez que não o convenceu ou o fato de que seu corpo de acompanhante era estranhamente atraente, mesmo com a roupa feia de trabalho. — E como é seu nome mesmo? — perguntou ele antes de fazer uma careta para o sorriso paciente dela. — Certo, desculpe, hã... — Ele olhou o perfil de novo. — Hoshi... Estrela.

Mech 6.0... não, *Hoshi Estrela* assentiu.

Ele apertou os olhos com desconfiança, mas deu de ombros.

— Se você diz. Muito bem. Bem-vinda a bordo, Hoshi-mèi. Tenho um projeto que acho que será perfeito para você. Por aqui.

Ela se preparou antes de se levantar da cadeira. Seu chip de personalidade não estava sincronizado direito com o corpo antiquado da acompanhante, e Linh Cinder estava certa: tinha provocado um travamento peculiar que se manifestava sempre que ela andava. O esforço fazia uma dor subir dos fios das pernas até o peito, esquentando suas sinapses. Na primeira vez que aconteceu, ela ofegou e caiu na calçada e ficou sentada tremendo no chão por quase uma hora enquanto uma luz ofuscante dominava seus sentidos.

Dor.

Ela não conhecia dor; andróides não deviam poder sentir isso. Mas ela não tinha dúvida de que era isso. Assim como o cérebro humano usava a dor para reconhecer quando uma coisa estava muito errada, seu processador estava avisando que aquele corpo não era dela. Que aquela combinação não podia durar.

Na terceira vez que aconteceu, ela pensou em voltar ao mercado e suplicar para que Linh Cinder a tirasse do corpo, mas acabou se recusando a fazer isso antes de ver Dataran de novo. Com o tempo, a dor estava ficando mais suportável, ainda que só porque ela estava aprendendo a compartimentalizá-la para longe do resto das entradas sensoriais.

Ela trincou os dentes, se levantou e seguiu Tam-shìfu para o estaleiro.

Começou a procurá-lo assim que entrou no hangar enorme. Seus olhos foram de humano em humano procurando um corpo gracioso e um sorriso fácil. Estava preocupada desde que foi embora, morrendo de medo de ele não ter se recuperado completamente da queda na graxa, morrendo de medo de ela não ter chegado nele a tempo.

Apesar de seu olhar se desviar de um canto do espaço a outro enquanto eles andavam, não havia sinal do jovem engenheiro.

— Aqui estamos — disse Tam, indicando o iate espacial, a Orion Classic. Durante as duas semanas anteriores, a parte externa ficou quase completa, mas Estrela achava que a interna ainda estava sendo trabalhada. — Essa nave é para um dos nossos melhores clientes e ele não quer poupar em nada. Mas é claro que o cronograma está apertado, como sempre. Vou trazer as plantas

elétricas para você. E... ah! Você vai se reportar diretamente a Wing-jūn aqui. Dataran, venha conhecer nossa mais nova eletricista.

Ele surgiu na frente da nave, um tablet na mão e uma stylus presa na orelha, e uma onda de eletricidade percorreu o corpo de Estrela tão rápido que ela achou por um momento que sofreria uma fusão de verdade. Mas não foi isso que aconteceu, e quando ele inclinou a cabeça educadamente, ela se lembrou de inclinar a sua educadamente também.

— É um prazer conhecê-la — disse ele. — Você vai trabalhar na Orion Classic conosco?

Ela sorriu, mas Tam já estava balançando a mão.

— Isso mesmo, ela diz que é especialista nos clássicos. Mantenha-a ocupada. Vamos ver o que ela é capaz de fazer, certo?

— Ele olhou para o tablet. — Tenho que ver as naves de corrida. Dataran, você se importa de mostrar a ela o que tem para fazer?

— De jeito nenhum, senhor.

Tam já estava indo embora antes mesmo de ele terminar de falar, e Dataran riu.

— Não leve para o lado pessoal. Ele é assim com todo mundo.

O sorriso gentil dele fez a dor de ficar em pé sumir quase completamente dos pensamentos dela, e Estrela abriu um sorriso esperançoso.

— Desculpe, não sei seu nome.

Com os cílios tremendo, ela abriu os lábios, mas claro que nada saiu. Ela fez uma careta e bateu com a mão na garganta. Dataran franziu a testa.

— Você perdeu a voz?

Ela deu de ombros. Era quase isso.

— Ah. Então, hã. Devo chamar você... — Ele franziu a testa, sem conseguir pensar em nada adequado.

Ela se animou, segurou a manga dele e o puxou até a frente da nave, onde indicou o nome que tinha sido pintado na lateral. *Filho das Estrelas*.

— Hã... Estrela?

Quando ela sorriu de novo, ele riu.

— Não foi tão difícil. É um prazer conhecê-la, Estrela.

Ela se esforçou para falar pelos olhos, pelos lábios esticados, pelos dedos trêmulos, que tinham soltado a manga dele e estavam com medo de tocá-lo novamente. *Sou eu*, pensou ela, querendo que ele entendesse. *Fui eu que salvei você. Fui eu que encontrei seu medalhão. Sou eu, sou eu, sou eu.*

Mas Dataran só virou a cabeça para o trem de pouso.

— Venha, vou mostrar a casa de máquinas e até onde fomos com a fiação até agora, o que não foi muito. Nós estamos precisando da sua ajuda.

Antes de se virar, ele olhou para a janela do cockpit um andar acima e sua boca se ergueu rapidamente de um lado.

Estrela seguiu o olhar.

Ochida Miko e seu pai estavam sentados no cockpit. Ele parecia estar ensinando alguma coisa a ela indicando controles diferentes, mas Miko tinha visto Dataran do lado de fora e não parecia estar prestando atenção.

Estrela tinha a sensação de que o sorriso tímido de Miko não foi para ela e nem o pai dela verem.



— AH, É LINDO! — DISSE MIKO, SENTANDO-SE DO OUTRO LADO DE Dataran.

Estrela sabia que ela estava falando sobre a nave que estava prestes a sair do hangar, uma nave moderna e chamativa que tinha sido encomendada para o evento anual que era a Corrida Espacial a Netuno (que todo mundo sabia que era uma falácia: a corrida terminava oficialmente em Júpiter, mas os patrocinadores alegavam que não soava da mesma forma). Era *mesmo* uma nave linda, com os propulsores alongados e um nariz afiado como uma agulha. Os pintores tinham se superado e criado uma montagem bem realista da silhueta de Nova Pequim no corpo.

Mas Estrela não ligava muito para a nave. Sua atenção tinha voltado para o teto, que se abriu e revelou o céu infinito. Embora sua nova vida como humana tivesse lhe dado a oportunidade de olhar para céu noturno sempre que ela desejava, seus olhos nunca se cansavam. Era uma sensação de enormidade e eternidade, desejo de ver o que o universo tinha a oferecer, mesmo para alguém pequeno e sem importância como ela.

Ela achava que Miko não tinha olhado para cima nem uma vez desde que o teto se abriu para permitir a saída da nave. Claro, *ela* já tinha ido ao espaço incontáveis vezes. Iria novamente assim que a Orion Classic estivesse terminada, em duas ou três semanas no máximo. Ochida-shifu estava ficando cada vez mais impaciente, pedindo que eles acelerassem o trabalho, que trabalhassem mais horas por dia, que terminassem antes.

Miko e Dataran, por outro lado, pareciam ficar cada vez mais infelizes a cada etapa completada da reforma. O ritmo de Dataran ficou até mais lento conforme o prazo de entrega da nave ia chegando.

Ela afastou o olhar quando Dataran começou a explicar as diferentes características da nave de corrida, indicando as curvas elegantes na parte de trás, a força por trás dos propulsores de foguete e assim por diante. Estrela estava mais interessada no som da voz dele do que nas palavras. Nas inflexões sutis. Na pronúncia cuidadosa de termos muito técnicos. Na forma como ele falava mais rápido quando algo lhe parecia genial. Ouvi-lo era como ser conectada a um carregador e sentir a corrente suave de eletricidade a aquecer e encher de vida.

Ela olhou para ele, e o sorriso satisfeito sumiu de seus lábios.

Dataran tinha entrelaçado os dedos com os de Miko e estava segurando a mão dela sobre o joelho enquanto a outra mão fazia imagens explicativas no ar.

Algo piscou no peito de Estrela; uma fagulha, talvez, ou um surto de energia. Ela fechou os dedos e apertou as mãos com a vontade de se mover e arrancar a mão de um da mão do outro. De empurrar Miko para o lado. De envolver o pescoço de Miko com os dedos.

Ela fez uma careta, se virou e esperou o brilho branco sumir da visão.

Não era a primeira vez que pensamentos tão horríveis surgiram na cabeça dela. Geralmente, ela gostava da companhia de Miko. Era uma garota inteligente que falava só o suficiente para impedir Estrela de se sentir estranha por não poder participar da conversa e

que insistia para que Estrela fizesse caminhadas ocasionais com ela em um parque próximo quando achava que Estrela estava trabalhando demais.

Mas quando elas estavam com Dataran, o que acontecia com muita frequência, Estrela se via deixando a simpatia de Miko de lado e encontrava uma parte mais sombria de sua programação. Ela achava que devia ser outra falha, esse estranho desejo de fazer mal a um ser humano, que parecia surgir só quando Dataran encontrava uma forma sutil de tocar em Miko. Quando colocava a mão em seu cotovelo ou tirava uma mecha de cabelo do ombro.

Esses pequenos momentos faziam Estrela sentir como se estivesse se desintegrando por dentro.

Talvez os defeitos de funcionamento estivessem piorando. Talvez um novo processador ajudasse. Já tinha ganhado dinheiro o suficiente para comprar um? Ela não sabia e precisava comparar com a necessidade de uma fonte de energia que não ameaçasse morrer perto do fim de cada dia de trabalho.

— Estrela? Você está bem?

Ela abriu os olhos e se obrigou a olhar para Dataran. Uma espiada rápida confirmou que as mãos deles permaneciam entrelaçadas, mas ela forçou os lábios a se curvarem para cima e a cabeça a balançar mesmo assim.

A preocupação permaneceu presente no olhar de Dataran, mas um grito de comemoração surgiu da plateia, e a nave de corrida levantou voo. Dataran e Miko voltaram a atenção para o espetáculo.

Estrela tentou se concentrar na nave, até mesmo no céu estrelado, mas não conseguiu tirar da cabeça a imagem de seus

dedos pálidos em volta do pescoço de Miko. Perturbou-a saber que seu processador era capaz de imaginar uma coisa tão horrível, e as palavras do mecânico do estaleiro surgiram na cabeça dela.

O fato é que um androide imprevisível é um androide perigoso.

Ela era imprevisível?

Ela era perigosa?

Sentiu o tremor nos fios assim que a nave levantou voo com outro grito de comemoração.

Sua energia estava acabando.

Ela mudou as configurações internas para poupar energia e o mundo ficou em tons de cinza, o som nos ouvidos dela um zumbido confuso quando seus receptores de áudio pararam de organizar e catalogar as informações.

Colocou a mão no ombro de Dataran e ficou de pé. O movimento foi acompanhado de uma pontada de dor que ameaçou derrubá-la. Ela fez uma careta e esperou um momento para depois acenar em despedida.

— Aonde você vai? — Dataran apontou para a nave. — Só vai demorar uns minutos. Podemos pegar o aerodeslizador juntos.

Sua ventoinha girou mais rápido. No seu terceiro dia no estaleiro, ela inventou um endereço que era próximo do dele, e muitas vezes eles iam embora juntos quando o dia de trabalho acabava. Às vezes, Miko se juntava a eles, e Estrela achava que ela e Dataran talvez tivessem planos que não a envolviam, mas eles sempre tomavam o cuidado de não sugerir que ela era uma invasora indesejada.

Esses trajetos de aerodeslizador ouvindo Dataran falar e rir eram alguns dos melhores momentos de sua curta existência.

Mas, daquela vez, ela fez que não. Precisava encontrar um lugar para se carregar, e rápido.

Ele não esperava que ela explicasse, um benefício inesperado de ser muda, e simplesmente assentiu, ainda com a testa franzida, e a deixou ir.

Mas Estrela só tinha andado uns doze passos quando sentiu a energia se esvair das pernas. Avisos vibravam em sua consciência, mas chegaram tarde demais. Ela começou a cair. Sua cabeça bateu no chão duro, e ela ficou deitada com os braços tremendo tanto que teve medo de se soltarem dos ombros.

Ela ouviu os gritos de Miko e Dataran mesmo no meio do rugido caótico nos ouvidos. Em pouco tempo, eles estavam ao lado dela virando-a com cuidado. Ela observou o rosto deles e reconheceu choque, medo, pânico, incerteza. Dataran estava falando, mas ela não conseguiu compreender. Miko estava com a mão apertada na testa dela.

Seu processador começou a ganhar vida, os programas se reiniciando. Apesar de ainda não ter controle das pernas, conseguiu novamente entender as perguntas preocupadas de Dataran caindo sobre ela como estrelas cadentes.

Miko colocou a mão no braço de Dataran e disse, com autoridade calma:

— Traga um pouco de água.

Com um movimento frenético de cabeça, ele se levantou. Quando estava longe, Miko suspirou, o olhar cheio de solidariedade

quando ela prendeu uma mecha do cabelo de Estrela atrás da orelha.

— O desmaio parece ter passado, mas fique parada.

Estrela tremeu de constrangimento por saber que Dataran a tinha visto assim.

— Desculpe se a ofendo ao fazer esta pergunta — sussurrou Miko, olhando na direção para onde Dataran tinha ido —, mas... você é uma androide-acompanhante, Estrela-mèi?

Estrela arregalou os olhos e tentou se sentar, mas só conseguiu quando Miko passou um braço embaixo dos ombros dela e a ergueu. Percebeu que a ideia de Miko saber seu segredo a apavorava, mas o sorriso de Miko foi gentil.

— Não se preocupe. Acho que Dataran não reparou em nada e não vou contar a ninguém. Você é muito... convincente. — Ela baixou os cílios e murmurou: — Mas semelhantes se reconhecem.

Estrela a observou. *Semelhantes se reconhecem*. As palavras se repetiram em sua cabeça, mas ela parecia não conseguir computá-las.

Miko esticou a mão até a nuca, onde Estrela tinha reparado na mancha escura estranha várias vezes desde a volta, sempre rapidamente coberta.

— Eu não sou androide — disse ela, balançando a cabeça. Limpou a garganta e ousou encarar o olhar de Estrela de novo. — Mas sou ciborgue.

Ciborgue. A definição estava em sua base de dados, mas Estrela duvidava de sua precisão. Miko? A linda e jovem Miko?

Miko olhou ao redor para verificar se ninguém ouviria. Elas estavam sentadas perto da cabine de pintura, que oferecia uma boa vista da decolagem da nave, mas sem a multidão, e ninguém estava prestando atenção nelas.

Miko se sentou nos calcanhares e puxou a manga ampla do quimono de seda. Estrela viu, hipnotizada, quando Miko enfiou os dedos na pele do cotovelo e começou a puxar. Uma camada perfeita e fina de pele desceu pelo braço como uma manga bem costurada, e por baixo havia um braço feito de polímero leve de fibra de carbono, o mesmo material do qual o corpo de Estrela era feito.

Assim que Estrela viu, Miko botou a pele no lugar mexendo na parte sintética até as beiradas estarem unidas e imperceptíveis.

Surpresa, Estrela apontou para o caminho que Dataran tinha tomado.

— Ele sabe — disse Miko. — Conte para ele assim que... bem... — Ela olhou para as mãos protéticas, agora unidas no colo. — Assim que me dei conta de que estava me apaixonando por ele. Tive certeza de que acabaria com tudo. Que não ia mais querer se envolver comigo quando soubesse. Mas... ele não é assim, não é? — Um rubor alegre surgiu nas bochechas dela, mas sumiu na hora que ela olhou para as fileiras de naves em vários estados de trabalho. E, na mesma fileira, para a *Filho das Estrelas*. — Não que importe. Assim que a nave estiver pronta, vamos embora, e nada vai fazer meu pai mudar de ideia. Ele acha que é para o meu próprio bem, mas...

Estrela inclinou a cabeça, querendo que ela continuasse.

— Nós vamos embora da Comunidade das Nações Orientais porque ele tem medo de eu ser escolhida para o recrutamento de ciborgues se ficar. Sei que a seleção é aleatória e que as chances são pequenas, mas ele está convencido de que os sorteios tendem a escolher ciborgues femininos, principalmente jovens. Não sei como ele botou isso na cabeça, mas... Foi por isso que comprou a nave, por isso que insiste tanto para que terminem o mais rápido possível. E, quando ficar pronta... vou ter que me despedir.

Estrela achou que viu um brilho nos olhos de Miko, mas sumiu rapidamente.

— Eu deveria ficar grata. Sei disso. Ele está tendo tanto trabalho só pela minha segurança. Mas não consigo evitar a sensação de que prefiro correr meus riscos com o recrutamento se for para ficar com Dataran.

Ela afastou o olhar. Conhecia muito bem o sentimento. A dor que percorria suas vértebras quando ela andava. A tortura de ver como os olhos dele grudavam no *obi* colorido que envolvia o corpo de Miko. Como era sofrida aquela vida de silêncio e anseio.

Mas como valia a pena quando os olhos dele encontravam os dela, e ela ainda lembrava a expressão de descrença e gratidão que ele fez quando ela o tirou do tanque de graxa.

— Tome, costumo ter um carregador portátil — disse Miko, empurrando a bolsa na direção dela. — Dataran voltará logo e vai ser difícil eu explicar por que você não vai beber a água, a não ser que pareça recuperada. O receptáculo fica no seu pescoço?

Estrela assentiu e se esforçou para sentir gratidão quando Miko abriu o painel atrás da orelha dela e inseriu o fio do carregador, mas

ainda havia algo sombrio, que a fazia enfiar as pontas dos dedos nas coxas. Uma impaciência com Miko, uma irritação latejante com a presença dela.

Desde que voltou para o estaleiro, Estrela pensou na partida de Miko como um fim (e um começo), e a sensação foi ficando cada dia mais forte. Ela só estava passando o tempo até Miko ir embora. Depois, compraria um corpo novo que não se rebelasse cada vez que ela andava e devolveria o medalhão que continha toda a galáxia para Dataran e explicaria tudo para ele. Contaria que algo no sorriso dele a transformou ainda na época em que não devia ser possível ser transformada. Contaria que foi ela que salvou a vida dele porque algo nele a tornou imprevisível e talvez perigosa, e ela não podia existir em um mundo sem ele.



ESTRELA PASSOU O DEDO PELA TELA EMBUTIDA NA PAREDE E AS LUZES do cockpit se apagaram. Ela o girou no sentido horário; as luzes se acenderam gradualmente. No sentido anti-horário, foram escurecendo. Uma batida aqui para aumentar a temperatura, ali para baixar. Ela testou todos os comandos: tocar música, ajustar o sistema de filtragem de ar, trancar a porta do cockpit, aquecer o piso do cockpit, fazer um pedido pelo sistema automático de bebidas.

Confiante de que tudo estava funcionando como deveria, ela fechou o painel dos fios embaixo da tela e recolheu as ferramentas que tinha usado, prendendo-as no cinto. Fez uma pausa, se preparou para andar e foi na direção da saída principal da nave. Seu

corpo gritou enquanto ela andava, e ela soube que o esforço estava começando a cobrar um preço ao sistema. Durante semanas, ela se esforçou para ignorar a dor e a certeza de que, mais cedo ou mais tarde, o corpo de androide-acompanhante se rebelaria e rejeitaria a personalidade instalada, e havia ocasiões em que ela sentia como se estivesse sustentando o corpo por pura força de vontade.

Mas não demoraria para poder comprar um corpo novo. Só mais um pouco.

Uma voz fez seu pé parar, e ela fez uma pausa na rampa de saída. *Dataran*.

Ela se virou e olhou para a sala comunal que dividia a frente da nave e o alojamento. Uma variedade de assentos confortáveis, incrementados com almofadas de seda e mantas de caxemira, envolvia um aquário que ia do piso ao teto. Os peixes coloridos foram levados para a nova casa dias antes e pareciam satisfeitos de nadarem distraidamente pelo recife de corais artificial.

Estrela foi na direção dos aposentos de Miko, encostada na parede, ciente de que era uma coisa que ela não teria feito quando era Mech 6.0. Espionar, ser sorrateira, xeretar. Androides não tinham sido feitos para serem curiosos.

Mas ali estava ela, parada ao lado da porta, ouvindo os soluços de uma garota chorando.

— Se pudéssemos falar com seu pai... mostrar o quanto nos amamos...

— Ele nunca vai aceitar. Ele não acha que você possa me proteger.

Dataran soltou um suspiro irritado.

— Eu sei, eu sei. E também não suportaria se acontecesse alguma coisa com você. Só preciso de tempo... Posso conseguir uma nave. Não vai ser assim, nem parecida com nada com que você esteja acostumada, mas...

— Isso não importa. Eu iria para qualquer lugar com você — disse ela, chorando. — Mas, Dataran...

— Mas o quê?

O choro dela ficou mais alto.

— Você quer mesmo viver a vida toda com um ciborgue?

Ela ousou chegar mais perto, mudando de posição para poder observar pelo vão entre as portas de mogno. Aqueles aposentos estavam prontos. A nave estava quase terminada, exceto por alguns detalhes na parte da frente.

A partida estava marcada para dali a dois dias.

Ela os viu parados perto da escrivaninha com o netscreen de Miko, e Dataran a estava abraçando, uma das mãos na nuca dela, ela com o rosto apoiado no ombro dele.

Memorizando a pose, Estrela levou a mão à nuca e enfiou as pontas dos dedos no próprio cabelo. Tentou imaginar como devia ser.

— Miko, por favor — sussurrou Dataran. — Seus braços podiam ser cabos de vassoura, por mim.

Estrela ajustou a interface de áudio para ficar tão alta que conseguia ouvir o movimento de tecido, a respiração dele, as fungadas dela.

— Eu só me preocupo com o que tem aí dentro.

Ele se afastou o suficiente para botar a mão em cima de um crisântemo pintado na seda do quimono dela. Logo abaixo da clavícula.

Ela seguiu o movimento. Sentiu no próprio peito, a mão se apoiando, com uma leve maciez da camada de pele sintética. Mas sem batimento, sem pulsação.

— Você é perfeita, Miko, e linda, e eu te amo. Quero me casar com você.

As palavras, ditas com um tom de voz tão baixo, foram como um tiro na cabeça de Estrela. Ela se encolheu e cambaleou para trás, apertando a mão sobre a orelha. Mas era tarde demais. Aquelas palavras, ainda fumegantes, estavam gravadas na sua base de dados.

Miko ofegou, e eles se separaram e se viraram para a porta.

Dataran chegou lá em um momento, abriu a porta e os dois foram tomados de alívio quando viram que era ela.

— Ah, pelas estrelas — sussurrou Miko, colocando a mão artificial sobre o coração real que batia. — Achei que era o meu pai.

Estrela fingiu um pedido de desculpas, deu um passo na direção deles e indicou as luzes que contornavam a sala, depois o painel de controle na parede. Ergueu as sobrancelhas em forma de pergunta.

Era mentira. Ela tinha verificado todos os aposentos no dia anterior e sabia que houve uma época em que ela não teria sido capaz de falsidade, mesmo que implícita.

— Ah... sim, sim, tudo parece estar funcionando perfeitamente — disse Dataran, passando a mão pelo cabelo.

Ele parecia nervoso enquanto Estrela se sentia destruída.

— Tenho que terminar de arrumar minhas coisas — murmurou Miko, parecendo tão entusiasmada quanto se estivesse se mudando para uma cela de prisão, não para o luxuoso iate. Ela baixou a cabeça e foi até a porta. — Tantas malas para trazer ainda...

— Miko, espere. — Dataran segurou o pulso de Miko, mas olhou para Estrela. Ela se virou para inspecionar o painel de controle eletrônico. — Eu tenho que tentar — sussurrou ele, baixando a cabeça na direção de Miko. — Tenho que pelo menos perguntar a ele...

— Ele não vai dizer sim.

— Mas, se dissesse... Se eu pudesse convencê-lo de que cuidaria de você, de que amo você... Você diria sim?

Estrela encostou distraidamente as pontas dos dedos na tela.

— Você sabe que diria — respondeu Miko, a voz baixa falhando na última palavra. Ela fungou e limpou a garganta. — Mas não importa. Ele não vai dizer sim. Não vai me deixar ficar.

Os passos macios dela foram na direção da saída da nave.

Ousando olhar para trás, Estrela viu que Dataran tinha encostado a testa na parede, os dedos enfiados no cabelo. Com um suspiro pesado, ele passou as palmas das mãos pelo rosto e olhou para ela. Ela reparou em círculos escuros embaixo dos olhos dele e numa palidez que parecia errada nele.

— Ochida-shifu... ele está preocupado com a segurança dela... — disse ele, como se explicando, e afastou o olhar. — E eu também, para ser sincero. Mas, se ela for embora, pode ser que eu nunca mais a veja. Se eu pelo menos... Se eu tivesse uma nave, mas... — Ele balançou a cabeça e se virou para poder se encostar

na parede, como se talvez caísse no chão sem se apoiar. — Eu estava economizando pra comprar uma. Há anos, já. E quase juntei o suficiente, junto com um medalhão holográfico antigo que devia bastar pra pagar a diferença, mas eu o perdi naquele tanque de graxa idiota.

Estrela apertou a mão no quadril onde o medalhão estava dentro do bolso. Ela o guardou, esperando chegar o momento perfeito para devolvê-lo para ele, mas a hora nunca parecia certa. E à noite, quando estava sozinha, ela o abria e era engolida pelas estrelas e pensava em como a vida seria quando Miko fosse embora. Haveria tantas chances, tantas oportunidades...

— Me desculpe, Estrela. Eu não devia falar assim dos meus problemas. Não é justo considerando que você não pode me contar os seus.

Ele a encarou de novo, e ela afastou a mão do bolso e fechou os dedos. Miko iria embora em dois dias. Só dois dias. E então... e então...

Dataran sorriu, mas foi um sorriso exausto e sem o calor que tantas vezes interrompeu o fluxo de eletricidade nos membros dela.

— Você tem algum problema sobre o qual gostaria de falar, Estrela?

Ela assentiu.

— Acho que você poderia escrever. Eu leria se você quisesse.

Ela baixou o olhar e balançou a cabeça. Na sala, o aquário borbulhou e zumbiu, o som que deveria ser calmante agora tomando a nave toda e a afogando.

— Eu entendo — disse Dataran. — Eu não devo ter sido o melhor... ouvinte desde que nos conhecemos. Mas eu me pergunto o que se passa na sua cabeça às vezes. Miko gosta de você, sabe. Acho... ela não falou, mas eu acho que você talvez seja a única amiga que ela tem.

Estrela afastou o olhar. Apertou os punhos. Em seguida, tomando coragem para o encarar de novo, ela levantou a mão e bateu com o dedo no peito oco. Dataran estava olhando, mas com insegurança. Ele não entendeu.

Estrela deu um passo na direção dele e bateu com o mesmo dedo no coração dele.

Ele piscou e abriu a boca para falar, mas Estrela se inclinou para a frente e o beijou antes que ele pudesse. Só um selinho, mas ela tentou botar todas as palavras não ditas no gesto. *Sou eu, sempre fui eu, e eu posso ter salvado a sua vida, mas eu não seria nada se não fosse você. Eu seria só mais um androide mecânico e não saberia como é amar alguém tanto que eu abriria mão de tudo por essa pessoa.*

Mas quando ela se afastou, ele parecia chocado e horrorizado e culpado, e ela soube que ele não tinha entendido. Ela saiu antes que Dataran pudesse falar. Ele não a chamou e não foi atrás dela.

Estrela fugiu da nave e continuou andando até estar fora do hangar, fora do estaleiro, uma única androide solitária debaixo de um céu matinal enorme, para enfiar a mão no bolso e pegar o medalhão e um universo que não significava nada para ela sem ele.



DIFERENTEMENTE DO LANÇAMENTO DA *TRITON*, O LANÇAMENTO DA *Filho das Estrelas* foi um evento particular. Alguns antigos colegas de trabalho e conhecidos de Ochida-shifu foram lhes desejar uma boa viagem junto com a equipe do estaleiro, mas só isso. Nenhum amigo de Miko. Talvez Dataran estivesse certo e ela não tivesse nenhum, o que fazia Estrela se perguntar se era por ela ser rica e protegida, por ser tímida ou por ser ciborgue.

Ela não conseguiu tirar os olhos de Dataran, com os ombros encolhidos no meio da multidão, os olhos observando a nave quando os motores foram ligados e os ímãs de levitação embaixo do piso do hangar vibraram ao ganhar vida. Ele devia estar com esperanças de ter um vislumbre de Miko pelas janelas, embora todas, exceto a do cockpit, fossem tão pequenas que era uma esperança impossível. Estrela se perguntou se eles tinham se visto em algum momento desde que ela os encontrou dois dias antes. As palavras que ela tinha ouvido ainda ecoavam em sua cabeça, e ela sofria com a lembrança quase tanto quanto sofria por causa do beijo.

Ela não via Dataran desde aquela manhã. Estava evitando-o. Sem conseguir suportar a dor dele pela perda de Miko e a coisa gentil e sensata que ele dizia para explicar por que Miko era quem ele amava e por que Estrela nunca seria, mesmo depois que Miko fosse embora.

Enquanto ela olhava, a multidão se moveu em volta de Dataran. Uma figura se moveu graciosamente entre os corpos.

Estrela inclinou a cabeça e apertou os olhos. Observando. Esperando.

Dataran levou um susto e virou a cabeça. Seu olhar pousou em Miko, que estava usando um macacão simples, e ele recuou de surpresa. O sorriso dela estava tímido e intenso quando ela chegou mais perto dele e sussurrou. Ela levantou a mão e uma coisa pequena cintilou na palma. Embora Estrela estivesse longe para ver, ela soube que era o medalhão. Seu medalhão. Sua galáxia.

Dataran balançou a cabeça com descrença e olhou para a nave. Quase começando a sorrir, ele tomou Miko nos braços e a beijou.

Estrela apertou as pontas dos dedos nos lábios. Imaginando.

Seu braço ficou fraco, e ela deixou que caísse no colo. Não demoraria agora. Sentia o corpo começando a se rebelar. Estava na dor que era quase constante agora, uma sensação de pontadas que maltratavam suas pernas mesmo quando ela estava apenas sentada. Estava na perda frequente de controle nos membros trêmulos. Estava na escuridão que tomava sua visão e no fato de ela sempre pensar que seria a última vez, até que, depois de um longo e agonizante momento, ela voltava à consciência.

Passos soaram na sala e pararam na porta. Estrela virou a cabeça.

— Um minuto para decolagem — disse Ochida-shifu. — Quer vir se sentar comigo no cockpit?

Ela balançou a cabeça e ajustou a manga do quimono de seda para que ele visse a placa de metal dos braços. A pele sintética

tinha sido fácil de retirar, e embora ver as partes de androide fosse desconcertante, o membro a lembrava as pinças de três pontas de seu corpo de Mech 6.0 e havia uma familiaridade reconfortante nisso.

Ochida suspirou pesadamente atrás dela.

— Estou fazendo isso por você, Miko. É melhor assim. Ele é só um garoto, você vai superar.

Como Estrela não respondeu, ele bufou e se afastou da porta.

— Tudo bem. Fique com raiva. Faça birra se quiser. Mas bote o enxerto de pele de volta antes que estrague o material. Seja o que for que você queira demonstrar, não está funcionando. O lembrete do que você é só me convence mais de que estou tomando a decisão certa.

Ele foi embora.

Estrela voltou o olhar para a janela, para o hangar, para a multidão. Centenas de androides mecânicos enfileirados na parede de carregamento. Miko. E Dataran.

Poucos minutos tinham se passado quando ela ouviu os ímãs serem acionados e a nave se erguer do chão. A multidão comemorou. Dataran passou o braço em volta de Miko, que estava sorrindo. Apesar de Estrela achar que Miko não a via, ela quase sentiu como se as duas estivessem se olhando naquele momento, e que Miko sabia exatamente a decisão que Estrela tinha tomado. Ela também sabia que tinha sido a certa.

Os propulsores foram acionados e a nave estava saindo do hangar sobre a cidade ampla e cintilante de Nova Pequim. E Dataran sumiu.

Cansada de repente, Estrela apoiou a cabeça na janela. Sua entrada de áudio foi reduzida a um zumbido baixo e distante, enquanto a *Filho das Estrelas* disparava pelos filetes de nuvens, e o céu passava de azul a rosa-azulado e a laranja-pálido.

Sua ventoinha estava lutando dentro do tronco, indo cada vez mais devagar...

E então, de forma tão repentina que ela quase não viu, o espaço se abriu à frente dela. Preto e enorme e infinito e cheio de mais estrelas do que ela era capaz de observar. Mais estrelas do que ela era capaz de computar.

Era muito melhor do que uma holografia.

Seus fios vibraram quando os restos de energia os percorreram. Seus dedos tremeram e ficaram imóveis.

Ela estava sorrindo quando se imaginou como mais uma estrela no mar de milhões, e seu corpo decidiu que já tinha aguentado o suficiente. Sentiu o exato momento em que sua fonte de energia falhou e o zumbido de eletricidade se extinguiu.

Mas ela já estava enorme e brilhosa e infinita.



O mecânico





O AERODESLIZADOR ESTAVA ESPERANDO DO LADO DE FORA DO PORTÃO noroeste do palácio. Kai fingiu indiferença ao atravessar o caminho do jardim, o corpo leve de androide de Nainsi debaixo do braço e uma mochila com um moletom com capuz no outro ombro. Ele fingiu que não estava com medo de ser notado. Não tinha como não ser rastreado. Ele tinha não um, mas *dois* chips de identificação embaixo da pele, e sua equipe de segurança era especialista em ficar de olho nele.

Não era segredo que ele estava saindo.

Mas ele também não queria que fosse de conhecimento público.

O dia estava mais quente do que tinha ficado a semana toda, e a umidade fez o cabelo dele grudar na nuca. O portão do jardim se abriu sem som, mas ele sentiu a câmera de segurança acima seguindo seus movimentos. Ele a ignorou e se aproximou do aerodeslizador com a mesma confiança e postura ereta com a qual tinha aprendido a fazer todas as tarefas, por mais trivial que fosse. Moveu o pulso com a identificação embutida no escâner do aerodeslizador e a porta se abriu revelando um interior espaçoso por trás de janelas de vidro escurecido. Alto-falantes escondidos emitiam as notas tranquilizadoras de uma flauta. Embora o ar lá

dentro tivesse sido resfriado até uma temperatura agradável, um balde de gelo no canto ainda estava coberto de condensação. Exibia uma variedade de águas com sabor e chás gelados.

Kai empurrou Nainsi para dentro antes de se acomodar em um dos bancos acolchoados. A porta se fechou, e ele se deu conta de que, apesar da tranquilidade do interior do aerodeslizador, seu coração estava disparado.

— Boa tarde, Vossa Alteza Imperial. Qual é seu destino? — perguntou o aerodeslizador com uma voz feminina artificial.

Ele limpou uma gota de suor antes que descesse da têmpora.

— O mercado no centro da cidade.

O aerodeslizador se ergueu da rua e deslizou para longe do palácio, fazendo a volta pelo muro externo antes de descer a colina na direção de Nova Pequim. Pelo vidro escuro, Kai viu a cidade cintilando com ondas de calor, as janelas e estruturas de metal brilhando embaixo do sol da tarde.

Ele amava sua cidade. Amava seu país.

Arriscaria qualquer coisa para protegê-lo.

Kai inspirou fundo, soltou o tablet do cinto e abriu a rede. O perfil que tinha pesquisado semanas antes o recebeu na página principal.

linh cinder, profissional de mecânica

localização: mercado semanal de nova pequim, barraca nº 771

480 avaliações; 98,7% de aprovação

Não havia foto do mecânico, nem da oficina, mas Linh Cinder tinha reputação de ser o melhor mecânico da cidade, e sua

aprovação era maior do que a de qualquer pessoa que Kai tivesse pesquisado. Ele tinha ouvido falar de Linh Cinder por um dos mecânicos do palácio encarregados da manutenção dos andróides reais. Como eles não conseguiram diagnosticar Nainsi direito depois dos testes básicos, o nome de Linh Cinder surgiu como a melhor chance de consertar a andróide.

Claro que todos acharam que Kai era louco por se dedicar tanto a um andróide.

Nós podemos comprar um novo, disseram. Incluir no orçamento do palácio. É procedimento padrão. Ela é só uma andróide-professora, afinal, programada com alguns aplicativos de assistência. É fácil de substituir, Vossa Alteza. Não é para você se preocupar.

Mas estavam enganados. Nainsi não era fácil de substituir. As informações que ela tinha (ou que Kai esperava que ela tivesse) não eram fáceis de substituir.

Ele guardou o tablet no cinto e puxou a andróide para perto para espiar a luz do sensor que estava preta havia dias. Mais uma vez, procurou o minúsculo botão de ligar. Mais uma vez, nada aconteceu.

Ele suspirou, apesar de já ter perdido a esperança de Nainsi acordar e revelar todos os segredos. A célula de energia dela estava carregada e, de acordo com o teste diagnóstico, tudo estava funcionando direito. Ninguém conseguia descobrir qual era o problema, e o momento não podia ter sido pior.

— Estamos tão perto — sussurrou ele para si mesmo.

Ele se encostou no banco e passou a mão pelo cabelo. A frustração vinha crescendo dentro da sua caixa torácica havia

semanas agora, desde que aquela taumaturga lunar, Sybil Mira, tinha chegado em visita numa “missão diplomática”. Ela era uma bruxa. Uma bruxa sinistra e controladora de mentes. Só de saber que ela estava no palácio, Kai já ficava tenso. Era como se ele sentisse os olhos dela o seguindo ou a respiração dela em sua nuca, apesar de ela nem estar no mesmo aposento que ele. Não sabia se era paranoia sua ou um truque lunar, mas sabia que mal podia esperar que ela o deixasse em paz, assim como sua família e seu país.

E então, seu pai ficou doente.

Não, não *doente*. Seu pai estava com a peste. Seu pai estava morrendo e não havia nada que Kai pudesse fazer para impedir.

E agora, aquilo. O mal funcionamento de Nainsi bem quando ele tinha *certeza* de que ela tinha descoberto uma coisa útil, uma coisa valiosa.

Uma coisa sobre o paradeiro da princesa Selene.

Ele sabia que era um risco. Se Sybil Mira ou qualquer lunar descobrisse que ele estava tentando encontrar a princesa perdida, poderia haver uma catástrofe política entre a Terra e Luna. Sabia que a rainha Levana não perdoaria rapidamente o fato de Kai estar tentando com tanta determinação usurpar o poder dela.

Mas era um risco que valia a pena. Encontrar Selene e colocá-la de volta no trono lunar era sua melhor chance (e possivelmente a única) de se livrar da rainha Levana e das ameaças dela à Comunidade. Ameaças de guerra. Ameaças de escravidão em massa.

Quase pior: ameaça de aliança de *casamento*.

Não podia ser permitido. Ele tinha que encontrar a verdadeira herdeira lunar antes que fosse tarde demais.

Ele e Nainsi estavam pesquisando havia meses, e apesar de ter havido incontáveis alegações falsas e becos sem saída, ultimamente ele tinha certeza de que estavam chegando em algum lugar. Nainsi tinha ouvido falar de um médico lunar que desconfiavam que tivesse envolvimento com o desaparecimento da princesa perdida e também de um potencial relacionamento com uma mulher terráquea anos antes.

Era uma esperança frágil, a mais frágil de todas, mas os instintos de Kai diziam que havia mais. Ele tinha mandado que Nainsi descobrisse o máximo de informações que pudesse sobre o médico e a mulher terráquea, e dois dias depois... nada.

Nainsi estava morta para o mundo.

Foi o suficiente para fazer com que ele tivesse vontade de enfiar a cabeça no painel de controle do aerodeslizador.

— Estamos nos aproximando do centro da cidade — disse a voz robótica, arrancando Kai dos pensamentos. — Onde gostaria de descer?

Ele olhou pela janela. As ruas estavam cobertas de sombras dos arranha-céus em todas as direções. As fachadas das lojas brilhavam com propagandas em telões e com andróides-acompanhantes impecáveis exibindo as novidades da moda dos mais modernos aparelhos. A um quarteirão dali, ele viu o começo do mercado, composto de barracas espremidas e uma multidão de pessoas.

— Aqui está ótimo — respondeu ele, enfiando a mão na mochila e tirando o moletom cinza com capuz que tinha levado do palácio, a peça de roupa mais discreta que ele tinha.

O aerodeslizador foi até o meio-fio. Os ímãs zumbiram quando desceu no chão.

— Devo esperar aqui pelo seu retorno?

— Por favor — disse ele, enfiando os braços nas mangas e puxando o zíper. — Não devo demorar.

Ele pensou em dar um horário específico: *Se eu não voltar em uma hora, devo ter sido encontrado por paparazzi e garotas gritando e é melhor você enviar o esquadrão de segurança real atrás de mim.* Mas só de pensar ele já se sentiu melodramático, então puxou o capuz sobre a cabeça e saiu do aerodeslizador, arrastando consigo o corpo de Nainsi em formato de pera.

Kai não tinha andado muito quando seus sentidos foram tomados pelo caos do mercado. O cheiro de capim-limão, gengibre e carne fritando. Os sons de crianças rindo e vendedores gritando e anúncios agudos de promoções. O calor sufocante que, mesmo na sombra, penetrava pelo moletom e o envolvia em um casulo sufocante. Ele abriu o moletom de leve enquanto andava, mas não ousou tirar o capuz. A última coisa que queria era atrair atenção.

E o problema de ser o príncipe da coroa era que ele *sempre* chamava atenção.

Príncipe da coroa e imperador em breve.

Não, não podia pensar nisso agora. Isso acabaria com ele. A ideia de perder o pai, e para a mesma peste destruidora que levou sua mãe anos antes. A ideia de subir ao trono. A ideia de todas as

peessoas que contariam com ele para que fizesse o melhor, para que tomasse as melhores decisões. Era demais. Ele não estava pronto. Ainda não. Talvez nunca ficasse.

Kai engoliu a bile subindo pela garganta. Só tinha uma prerrogativa naquele dia: confirmar que Linh Cinder era capaz de consertar Nainsi.

Quando Nainsi fosse consertada, ele podia prosseguir com a busca pela princesa.

Ele soltou o ar lentamente e, quando inspirou de novo, deixou os aromas da comida de rua e do incenso o puxarem de volta ao mercado. Ousou levantar a cabeça o suficiente para se localizar. Embora sua mãe o tivesse levado ao mercado algumas vezes quando ele era novo, havia anos que não voltava lá, e ele precisou de um momento para encontrar os números desbotados nas barracas, pintados nas coberturas e molduras de metal. Virou-se para a direita e caminhou pela multidão passando por barris de arroz e mesas de mangas, tapetes feitos à mão e netscreens e tablets a preço de banana, provavelmente falsificados.

Ele finalmente encontrou. Sabia que era a barraca da mecânica antes mesmo de ver o número pintado: 771. Um labirinto de prateleiras de armazenamento ocupava o espaço, cheias de pinças enferrujadas de androide, painéis de aerodeslizadores amassados, cestos de parafusos e porcas, e mil ferramentas diferentes cujo uso Kai não conseguia nem imaginar. Uma mesa ocupava a entrada, coberta com uma lona cheia de graxa e uma variedade de fios e chaves de fenda. Um pequeno pé de metal de androide-

acompanhante, ou talvez até de ciborgue, aparecia no meio da confusão. Era tão inesperado e aleatório que Kai quase riu.

Mas sua diversão foi diminuída pela decepção.

Apesar da porta rolante estar aberta, não havia ninguém na barraca.

Ele franziu a testa e botou Nainsi na mesa com um baque alto.

OuvIU um ofego e outro baque, e uma garota apareceu de debaixo da mesa massageando a cabeça. Ela olhou para Kai, a expressão fechada de irritação.

Mas ficou paralisada.

Ele percebeu o exato momento em que ela o reconheceu.

O sorriso dele foi instintivo. Um pouco pedido de desculpas, um pouco educação. E um pouco charme porque, de todas as coisas que ele esperava que acontecesse naquela ida ao mercado, conhecer uma garota bonita com cabelo desganhado e luvas de trabalho sujas não era uma delas.

— Sinto muito — disse ele. — Eu não percebi que tinha alguém aí atrás.

Ela ficou olhando para ele por mais um momento, dois, três e se levantou e baixou a cabeça em uma reverência desajeitada.

— Vossa Alteza.

Kai fez uma careta e olhou para trás, para a multidão. Ninguém o tinha reconhecido ainda. Ele se virou rapidamente e se inclinou na direção da garota.

— Talvez, hum... — ele passou os dedos na frente dos lábios em movimento de zíper —, sobre essa coisa de Alteza?

Ela assentiu, mas ainda estava com aquela expressão perplexa no rosto, e ele não tinha certeza absoluta de ela ter entendido a importância de ele ficar incógnito.

— Certo. É claro. Como... posso... o senhor está? — Ela fez uma pausa, apertou bem os lábios e baixou o olhar para o peito dele. Ele percebeu que ela estava constrangida com a própria reação, mas ela não corou. Ao menos, ainda não.

— Estou procurando um tal de Linh Cinder — disse Kai, ainda se sentindo mal por tê-la sobressaltado. — Ele está por aí?

Ela mexeu na beirada da luva. Ele achou que ela fosse tirar as luvas, pois deviam estar quentes e incômodas como o moletom dele. Mas ela não fez isso.

— Eu... eu sou Linh Cinder.

As sobrancelhas de Kai subiram de surpresa. Aquilo não podia estar certo. Talvez ele tivesse ouvido errado. Talvez Linh Cinder fosse o sobrenome que ela recebeu do tio que cuidava de mecânica ou algo assim.

Aquela garota *talvez* tivesse a idade de Kai, mas ele achava que era ainda mais nova.

Ele colocou a mão na cabeça de Nainsi e se inclinou para a frente.

— Você é Linh Cinder?

— Sim, Vossa Alte... — Ela hesitou de novo e mordeu o lábio inferior para segurar o título real. Aquele gesto pequeno e constrangido foi surpreendentemente charmoso.

— O mecânico?

A garota, *Cinder*, assentiu.

— Como posso ajudar?

Kai olhou para o alto da cabeça dela.

Linh Cinder.

O renome. A reputação. A taxa de aprovação.

O melhor mecânico de Nova Pequim era... uma adolescente?

Kai ficou intrigado. Estava achando graça, mas, mais do que isso, estava *impressionado*. Afinal, ainda precisava de ajuda para instalar o software cada vez que fazia o upgrade de tablet. Enquanto isso, aquela garota tinha um negócio de mecânica.

Kai sempre foi curioso sobre pessoas em geral. Torin dizia que era uma das qualidades que um dia fariam dele um imperador forte. E agora, estava ansioso para saber mais. Como ela entrou no ramo? Onde aprendeu a fazer aquilo tudo? Quantos anos *tinha*?

Mas Linh Cinder, ignorando a surpresa de Kai, ainda estava olhando para o peito dele. Ainda estava mordendo o lábio inferior.

Kai se abaixou e entrou diretamente no campo de visão dela para forçá-la a encará-lo. Somente quando teve certeza de que ela estava olhando foi que sorriu de novo. Ele queria ser simpático, até reconfortante, mas pela forma como os olhos dela se arregalaram, ele achou que talvez a tivesse sobressaltado ainda mais.

Pelo menos quando ele se empertigou de novo, o olhar dela ficou nele.

O cabelo dela estava preso em um rabo de cavalo alto na cabeça, com uma franja desgrenhada por cima das sobrancelhas e das orelhas. Ela parecia nem ter pensado no cabelo e nas roupas naquele dia, talvez nunca. Era bonita, mas não de forma excepcional. Não era *chamativa*, ao menos até se olhar para ela.

Kai percebeu com uma certa surpresa que estava olhando.

E foi assim que reparou em uma mancha de graxa na testa dela, meio coberta pela franja.

Outra gargalhada ficou presa nos pulmões.

Era tão fofo e tão distante das garotas com penteados perfeitos e carregadas de joias que ele costumava encontrar que seus dedos formigaram para ir até a testa dela por cima da mesa e tirar a mancha.

Ele repreendeu os dedos. Repreendeu a si mesmo. Precisava se controlar.

— Você não é bem o que eu esperava — disse ele, torcendo para ela não ter percebido como isso estava longe da verdade.

— Bem, o senhor também... o que eu... hum... — Cinder limpou a garganta e baixou o olhar de novo, desta vez até Nainsi. Ela puxou a androide para perto. — O que está errado com o androide, Vossa Alteza?

Kai murchou os ombros de leve e não sabia se foi de decepção, alívio ou um pouco de cada. Nainsi. Ele tinha ido até lá por causa de Nainsi. E a princesa Selene. E salvar o mundo da rainha Levana e da raça cruel e odiosa dela.

— Não consigo ligá-la. Ela estava funcionando bem num dia, e no outro, parou.

Cinder virou a androide na mesa.

— Já teve problemas com ela antes?

— Não. — Kai afastou o olhar da mecânica e olhou para a mesa. Sua atenção se focou de novo no pezinho mecânico, e ele o pegou.

— Ela passa por uma avaliação completa dos mecânicos da realeza a cada mês, e este é o primeiro problema que de fato já apresentou.

O pé era pequeno, menor do que a mão dele, da palma até as pontas dos dedos, e parecia que deveria ter sido jogado em um compactador de lixo séculos antes. As juntas estavam rígidas e barulhentas quando ele mexeu nos dedos e os vãos entre as placas estavam cheios de graxa. Um amontoado de fios surgia da cavidade do tornozelo e ele não pôde deixar de questionar o que cada um fazia. Como um punhado de fios podia imitar as pequenas habilidades motoras? Ele ficava impressionado cada vez que pensava, embora, para ser sincero, nunca tivesse pensado tanto assim antes.

Ele reparou numa digital borrada na lateral do pé e limpou com a manga, depois percebeu que Cinder estava olhando.

Ele ficou paralisado, sem saber por que sentia que tinha sido pego fazendo uma coisa que não deveria.

Mas em vez de mandá-lo deixar as coisas dela em paz, Cinder disse simplesmente:

— O senhor não está com calor?

Ele piscou. Quase tinha esquecido o calor e a umidade, mas as palavras dela trouxeram as sensações de volta. Sentiu o suor na nuca, o cabelo grudado no pescoço.

— Morrendo — confessou ele. — Mas estou tentando ser discreto.

Depois de um momento em que ele achou que ela pudesse dizer mais alguma coisa, Cinder olhou para Nainsi de novo e abriu o painel nas costas dela.

— Por que os mecânicos da realeza não a consertaram?

— Eles tentaram, mas não conseguiram. Uma pessoa sugeriu que eu a trouxesse para você. — Kai botou o pé de volta na mesa e voltou o olhar para as prateleiras que ocupavam a barraca atrás dela. Eram tantas ferramentas, peças e objetos. Tantos mistérios. — Dizem que você é o melhor mecânico de Nova Pequim. Eu esperava encontrar um velho.

Ele falou como piada, mas ela não riu.

— Dizem? — disse ela, sem desviar a atenção do interior de Nainsi. Ele queria que ela dissesse alguma coisa, que desse alguma indicação de como tinha conseguido aquela reputação tão rápido, mas ela somente respondeu: — Às vezes os robôs simplesmente se desgastam. Talvez seja hora de trocar por um modelo novo.

Ele levou um segundo para perceber que ela estava falando de Nainsi.

Kai balançou a cabeça, mas ela não estava olhando para ele.

— Receio não poder fazer isso. Ela contém informações secretas. É uma questão de segurança nacional que eu as recupere... antes que outra pessoa o faça. — Ele queria parecer misterioso. Queria parecer *espirituoso*, mesmo sendo verdade.

Cinder ergueu o olhar, o rosto cheio de especulação.

Ele tentou falar com indiferença.

— Só estou brincando. Nainsi foi meu primeiro androide. Tem valor afetivo.

O silêncio breve dela foi desconcertante.

— Segurança nacional. Engraçado.

Foi o elogio mais seco que ele já tinha ouvido. Ela não tinha achado graça. Se ele não soubesse, acharia que ela sabia que ele estava mentindo.

Talvez, uma vozinha sussurrou na cabeça dele, ele quisesse que ela pensasse que estava mentindo. Queria que ela acreditasse que ele tinha uma questão de vida ou morte que exigia a ajuda dela. Talvez estivesse tentando impressioná-la, ao menos um pouco.

O que era absurdo.

Ele era um príncipe.

Ele era o príncipe.

Talvez o título em si não fosse muita coisa, mas Kai tinha passado a vida tornando-o mais do que um título. Tinha estudado a história e a política do país, tinha ido a jantares oficiais e interrogado os membros do gabinete do pai sobre aspectos de política pública. Tinha assistido aos discursos do pai várias vezes até conseguir escrever um discurso perfeito todo seu. Foi só quando era adolescente que se deu conta de que seu pai tinha pessoas que escreviam discursos para ele. Tinha determinado muito tempo antes que não permitiria que seu direito de nascença não fosse merecido, que os livros de história não o condenariam como um imperador indigno. E embora talvez ainda vivesse incomodado por dúvidas todos os dias, ele sabia lá no fundo que estava fazendo o melhor possível.

E havia muito, muito tempo que ele não encontrava alguém que não se impressionava com isso.

Também havia muito, muito tempo que ele não se importava.

— Modelo Tutor 8.6 — disse Cinder, lendo o painel de Nainsi. — Parece estar em perfeitas condições.

Kai abriu a boca para concordar, mas, antes que pudesse, Cinder levantou o punho e bateu com força na lateral da cabeça esférica de Nainsi. Kai deu um pulo de surpresa. A androide ia caindo da mesa, mas Cinder a pegou com facilidade e a colocou de pé. Ela parecia quase, *quase* tímida quando falou:

— O senhor ficaria surpreso com a frequência com que isso funciona.

Kai riu, meio constrangido. Não tinha mais certeza de quem estava tentando impressionar quem... ou se algum dos dois estava conseguindo.

— Tem certeza de que é Linh Cinder? O mecânico?

Uma voz aguda os interrompeu, acompanhada do barulho de trilhos de um androide na rua.

— Cinder! Consegui!

Kai se virou e viu um androide servo se aproximando deles, a luz azul do sensor piscando com animação.

O androide botou um segundo pé robótico na mesa, a cobertura brilhosa e limpa em comparação ao velho.

— É uma grande melhoria em relação ao antigo, com pouquíssimo uso, e a fiação parece compatível. Além disso, consegui negociar o preço com o vendedor para apenas seiscentos univs.

A mecânica pegou o pé novo e o guardou atrás da mesa.

— Bom trabalho, Iko. Nguyen-shìfu ficará feliz em ter um pé de reposição para o seu androide-acompanhante.

— Nguyen-shìfu? — repetiu o androide. — Não computei.

Com um sorriso nervoso, Cinder inclinou a cabeça na direção de Kai.

— Iko, por favor, cumprimente nosso cliente... Sua Alteza Imperial.

O androide inclinou a cabeça bulbosa para trás. Embora androides não tivessem gênero, muitos chips de personalidade eram programados para se identificar mais com o gênero masculino ou o feminino, e ficou claro pela voz aguda que aquele androide era ela. Era uma ligação fácil para Kai. Afinal, aquela Iko tinha um estilo de corpo parecido com Nainsi, que ele sempre viu como *ela* também.

O sensor da androide piscou quando escaneou o rosto de Kai.

— Príncipe Kai — disse ela, a voz assumindo o tom inesperado de um suspiro. — É ainda mais bonito pessoalmente.

Kai riu. Foi uma gargalhada repentina e incontrolável que explodiu dele antes que ele pudesse segurar.

— Já é o suficiente, Iko. Entre no estande.

A androide obedeceu e passou por baixo da toalha de mesa.

Ainda sorrindo, Kai se apoiou na estrutura firme da porta de correr do estande.

— Não se vê uma personalidade como essa todo dia. Você mesma a programou?

Cinder começou a sorrir também, e, embora tivesse um toque irônico, Kai sentiu que tinha vencido alguma coisa.

— Acredite ou não, já veio assim. Desconfio que tenha um erro de programação, e provavelmente foi por isso que minha madraستا

pagou tão barato por ela.

— Eu não tenho nenhum erro de programação! — A voz irada de Iko soou atrás de uma das prateleiras amontoadas.

Kai riu de novo. Cinder olhou para ele rapidamente e voltou a afastar o rosto.

A olhar para Nainsi.

O motivo para ele estar ali. O motivo tão importante.

Por que ele estava tão distraído?

Kai abriu um pouco o zíper do moletom. O calor estava ficando insuportável. A camisa estaria encharcada de suor quando ele voltasse para o aerodeslizador, e ele estava grato por ainda não ter encharcado o moletom.

— Então, o que você acha? — perguntou ele.

— Precisarei executar o diagnóstico dela. Levará alguns dias, talvez uma semana. — Cinder empurrou uma mecha de cabelo para trás da orelha e se sentou em uma cadeira.

Só então Kai percebeu que ela estava tremendo um pouco. Talvez estivesse desidratada.

Ele pensou em oferecer de ir buscar água, mas lembrou que ela tinha uma androide-assistente para fazer essas coisas. Então exibiu o pulso com a identificação implantada e perguntou:

— Você precisa de pagamento adiantado?

Cinder sinalizou para descartar a sugestão antes mesmo que ele tivesse terminado.

— Não, obrigada. Será uma honra para mim.

Ele abriu a boca para protestar, mas hesitou. Não era incomum que acontecesse aquilo quando estava negociando com pequenos

comerciantes; eles pareciam achar que tê-lo como cliente era pagamento suficiente ou talvez a publicidade que ganharia com aquilo. Discutir por pagamento costumava fazer o vendedor fingir ofensa e ele sentir que estava se gabando.

Ele baixou a mão e voltou a atenção para Nainsi.

— Suponho que não haja nenhuma esperança de tê-la de volta antes do festival.

— Acho que não será problema. — Cinder fechou o painel de controle de Nainsi. — Mas sem saber o que há de errado com ela...

— Eu sei, eu sei. — Ele enfiou os polegares nos bolsos do moletom e se balançou para trás nos calcanhares. Desde que tinha começado a procurar a princesa Selene, era seu sonho anunciar a sobrevivência dela e a iminente retomada do trono no baile anual. Afinal, era uma comemoração de paz mundial. Ele não conseguia pensar num presente maior para o país do que livrá-los da rainha Levana, seu inimigo mais sorrateiro e traiçoeiro. — É apenas pensamento positivo.

— Como vou avisá-lo quando ela estiver pronta?

— Envie uma mensagem ao palácio. — Kai fez uma pausa e se lembrou de Sybil Mira, a capanga da rainha lunar. Lembrou como era importante que ela não desconfiasse de que ele estava procurando a princesa desaparecida ou fazendo qualquer coisa que minasse o reinado de Levana. Rapidamente, acrescentou: — Você estará aqui novamente na semana que vem? Eu também poderia vir ao mercado.

A voz de Iko soou ao fundo.

— Ah, sim! Estamos aqui todos os dias de mercado. O senhor deveria passar por aqui novamente. Seria ótimo.

Cinder se encolheu.

— O senhor não precisa...

— Será um prazer.

Não era mentira. Além de isso permitir que ele mantivesse a negociação toda em segredo, também significava que ele pegaria Nainsi em pessoa em vez de mandar entregá-la com um assistente anônimo no palácio. Significava que ele veria Linh Cinder de novo.

Talvez pudesse descobrir mais sobre ela.

Talvez a fizesse sorrir. Um sorriso *de verdade*.

Talvez...

Talvez precisasse de outro hobby.

Ele se despediu dela com um movimento de cabeça. Ela retribuiu o gesto, mas não se levantou e nem se curvou; apenas educação profissional sem a cortesia real com a qual ele estava acostumado. Era renovador.

Kai puxou o capuz sobre o rosto de novo, se virou e voltou para o meio da multidão.

Sentia-se mais leve do que em dias quando voltou ao aerodeslizador. Sabia que nada estava resolvido, ainda não. Seu pai ainda estava morrendo, seu país ainda estava em perigo, e Nainsi ainda estava impossibilitada de compartilhar os segredos.

Mas havia algo em Linh Cinder. Algo capaz e confiante, mesmo ela tendo ficado um pouco nervosa ao falar com ele. Havia algo nela que ia além da reputação inesperada.

O nó no peito dele afrouxou, mas só um pouco. Linh Cinder resolveria seu problema. Ele sabia. Ela consertaria Nainsi, e ele poderia recuperar as informações perdidas sobre a princesa. Ele encontraria Selene e, pela primeira vez em gerações, a Terra teria uma verdadeira aliada em Luna.

Kai estava otimista quando deixou o mercado para trás. Mais otimista do que nas últimas semanas.

Aquela mecânica mudaria tudo.



Algo velho, algo novo





CINDER FECHOU A MALA COM UM SUSPIRO POR TER TERMINADO. IKO tinha ficado no pé dela a semana toda sobre o que ia levar ou não, insistindo em uma variedade de vestidos e sapatos desconfortáveis e revirando os olhos para os lembretes constantes de Cinder de que elas passariam a maior parte da viagem em uma *fazenda*. Com vacas e galinha e lama.

— Não é porque você não é mais rainha — disse Iko, as mãos fechadas e apoiadas nos quadris — que tem que voltar a ter a aparência de quem acabou de sair de uma casa de máquinas.

Juntas, elas finalmente concordaram em algumas calças confortáveis e blusas leves, além de um único vestido arrumado simples verde-esmeralda.

— Só por garantia — insistira Iko.

Cinder deu um passo para trás e olhou para a mala com uma certa trepidação, tentando determinar o que tinha esquecido, mas ela sabia que o nervosismo provocando o nó no seu estômago não tinha nada a ver com o que vestiria e nem com o fato de poder esquecer alguma coisa. Afinal, havia lojas na Terra.

Não, ela estava nervosa por estar partindo.

Pela primeira vez desde sua abdicação oficial, ela estava saindo de Luna.

Ela tinha voltado à Terra só uma vez desde que tomou seu lugar no trono lunar. Cumpriu a promessa e foi a acompanhante de Kai no baile da Comunidade do ano anterior, e tinha sido... apavorante. Mas também extraordinário. As pessoas da Terra ainda não sabiam lidar bem com o fato de que um de seus amados líderes estava saindo não muito secretamente com uma lunar, e justo uma lunar ciborgue. Houve protestos. Houve incontáveis esquetes de comédia criticando um romance que a maior parte do mundo classificava como não convencional e até ofensivo. Houve olhares invejosos e odiosos de outros convidados e transmissões ao vivo criticando tudo, do vestido de Cinder à sua postura e o seu senso de humor sarcástico (melhor dizendo, *de mau gosto*).

Ela teria ficado humilhada ou possivelmente furiosa se não fossem também as coisas incríveis que aconteceram naquela viagem.

Iko foi uma das estrelas do baile, a primeira androide a receber um convite oficial.

Dezenas de crianças pediram a Cinder para autografar seus tablets, chamando-a de exemplo e heroína.

Houve a alegria dela de ver os amigos de novo.

Houve todos os terráqueos que *não estavam* contra ela. Na verdade, os críticos eram minoria, pelo menos de acordo com as atualizações e lembretes frequentes de Iko. Houve muita gente que a defendeu contra a indignação popular, lembrando ao mundo que

ela era a garota que os tinha salvado de Levana e só demonstrou lealdade à Terra e uma coragem que merecia ser elogiada.

E, claro, houve Kai. O jeito como ele olhou para ela quando ela saiu da espaçonave para a plataforma do palácio de Nova Pequim ficou guardado na memória dela. Sentia uma saudade enorme da Terra. Apesar do esforço que precisou fazer para salvar o país do qual sabia tão pouco, Luna nunca pareceu ser seu lar, nem mesmo depois de dois anos morando lá. Ela achava que estava com saudade de Nova Pequim, apesar de sua vida com Adri nunca ter lhe passado a sensação de lar também.

Somente naquele momento, ao ver o sorriso de Kai e ser envolvida pelos braços dele, ambos ignorando o fato de que o mundo estava assistindo, foi que ela percebeu que *e/e* era o lar do qual sentia falta.

Nos meses seguintes, o relacionamento com a Terra foi ficando mais forte, e parecia que os cidadãos da Comunidade das Nações Orientais estavam aceitando gradualmente a escolha romântica incomum do imperador. A abdicação de Cinder não atrapalhou. A partir do momento que ela anunciou seu plano de dissolver a monarquia lunar e organizar eleições para um sistema de governo democrático, o povo da Terra se alegrou. Para eles, era a maior declaração política do mundo. A promessa de que nunca mais haveria uma rainha Levana.

Os lunares não ficaram tão animados com a decisão dela, mas quando as indicações foram feitas e as campanhas de eleição começaram, a mentalidade do país mudou. Havia um potencial no sistema que não existia na monarquia: todos seriam representados,

e todos os filhos tinham chance de se tornarem líderes. Era uma nova forma de pensar, principalmente para as pessoas dos setores externos, e Cinder ficou imensamente aliviada quando seu plano ganhou tração. Quando os resultados foram liberados, quase todos os cidadãos tinham votado.

Ela nunca tinha sentido tanto orgulho de uma realização, nem mesmo na revolução que encerrou o reinado de Levana.

Uma batida soou na porta, e Iko entrou quicando como um canguru.

— Eles chegaram! Acabei de receber o comunicado da segurança do porto. A Rampion chegou!

— Que bom — disse Cinder, com um movimento de cabeça firme, olhando para a mala. — Estou pronta para ir.

Iko fez uma pausa para observar a mala com a testa franzida, sem acreditar.

— Isso é tudo que você vai levar?

— É. Por quê? Quantas malas você está levando?

— Três, e isso depois que cortei várias coisas. — Ela botou a mão no braço de Cinder. — Não se preocupe. Se você ficar sem roupas, eu empresto algumas minhas. Kinney? — Iko olhou para trás. — Você pode ser um fofo e levar a bagagem da embaixadora Linh-Blackburn para a doca?

Cinder seguiu o olhar dela. Liam Kinney estava parado perto da porta, os braços cruzados sobre o peito. Kinney foi um dos guardas reais que ficou ao lado de Cinder durante a revolução, e ela passou a considerá-lo um amigo. Ele não era mais guarda *real*, não havia *realeza* para proteger, mas ele aceitou assumir a posição de

proteger o novo Grande Ministro e seu parlamento de representantes eleitos, e Cinder ficou feliz em recomendá-lo.

— Com prazer — respondeu Kinney, com ironia. — Na verdade, eu tinha esperanças de que, se viesse me despedir, alguém me pedisse para fazer trabalho braçal.

Iko deu de ombros.

— Se você não quer fazer o esforço de carregar nada, pare de ter músculos tão impressionantes.

Cinder segurou uma gargalhada, e Kinney deu um passo à frente para pegar a mala na cama. Apesar de estar fingindo cara feia, ela detectou uma vermelhidão em volta das orelhas dele.

— Pelo menos a sua tem metade do peso da mala da Iko — disse ele, olhando para Cinder com gratidão.

— Eu só estava com o seu conforto em mente — disse Cinder. — Obrigada, Kinney.

Ele fez uma reverência, um hábito que foi impossível tirar dele.

— Meu turno começa em uma hora, então não estarei na doca para me despedir, mas eu queria desejar boa viagem às duas.

— Tente manter esse novo Grande Ministro fora de confusão enquanto eu estiver fora.

— Farei o melhor possível. — Ele foi na direção da porta e um sorriso tão rápido e discreto foi trocado entre ele e Iko que Cinder quase não viu. Iko só afastou o olhar dele depois que ele saiu.

— Ele poderia estar indo conosco, sabe — disse Cinder, olhando ao redor uma última vez.

Iko balançou a cabeça.

— Ele tem uma ética de trabalho sofrivelmente intensa. É uma das características mais irritantes dele.

Cinder riu.

— Bom, ninguém é perfeito.

— Fale por você. — Iko se virou para ela e bateu palmas com animação. — Está pronta? Podemos ir?

Cinder inspirou fundo de novo.

— Acho que sim. — Ela franziu a testa. — Você não acha que é um erro ir embora, acha?

— Erro?

— É que... o novo parlamento apenas assumiu o cargo seis semanas atrás. E se alguma coisa der errado? E se precisarem de mim?

— Eles podem mandar uma mensagem. — Iko botou as mãos nos ombros de Cinder. — Você é embaixadora na Terra agora, Cinder. Está na hora de ir para a Terra e começar a embaixadorizar.

Cinder inclinou a cabeça para o lado.

— Essa palavra não existe.

— Deveria. Além do mais, o Grande Ministro teve mais assistência e transição para a nova posição do que você quando assumiu o trono. Ele vai ficar bem. — Ela passou o braço no de Cinder e a puxou para a porta. — Agora, vamos. Paris espera!

— Nós não vamos a Paris.

— É perto o suficiente para mim.

Cinder deixou a resistência de lado quando ela e Iko foram andando pelo palácio que virou quartel-general do governo. O

mármore branco. As janelas de vidro enormes. O mar de estrelas no céu preto.

Ela não conseguia decidir se estava triste ou animada de ir embora. Iko ficou falando sem parar com entusiasmo e suas preocupações começaram a passar, e ela estava certa. Apesar de Cinder estar muito envolvida na transição do sistema de governo dando conselhos aos líderes eleitos sempre que possível desde que eles assumiram a posição, seu papel já estava ficando questionável. Foi decidido bem cedo que ela continuaria envolvida na política lunar, mas como conselheira e embaixadora, como Winter. Ela estava em uma posição única de continuar mediando o relacionamento entre a Terra e Luna, afinal, e...

Kai.

Ela estava desesperada para ver Kai de novo. Para beijá-lo. Para estar nos braços dele. Para rir das piadas irônicas e ver os olhos dele se enrugarem quando ele ria das dela.

Era fácil para Cinder justificar seu desespero porque, por menos romântico que pudesse ser, ela sabia que, juntos, ela e Kai tinham o poder de fazer mais contra os preconceitos entre seus povos do que qualquer volume de discussão política.

Quando ela e Iko entraram nas docas das espaçonaves que ficavam embaixo do palácio, a Rampion foi a primeira coisa que ela viu. Era enorme em comparação com a maioria das naves de passeio reais alinhadas em fileiras. A cobertura de metal estava surrada e velha, o volume transportador de carga quase exagerado em comparação aos designs modernos que a cercavam. Mas era

linda, e a rampa de carga abaixada era mais receptiva do que qualquer tapete vermelho.

Thorne e Cress estavam esperando no fim da rampa e, quando Cress e Iko se viram, deram um gritinho. Thorne e Cinder fizeram uma careta e em seguida todos sorriram e se abraçaram como se não se vissem havia anos, apesar de ainda se encontrarem com uma certa regularidade. A função de Thorne e Cress de distribuir o antídoto da letumose na Terra os levava a Artemísia cada vez que havia um novo surto, e foram esses momentos intermitentes de amizade fácil que ajudaram Cinder a manter a sanidade enquanto ela lutava para entender as complicações dos sistemas de transporte lunar, das políticas de comércio e da delegação da educação.

Com os braços passados nos ombros de Cinder e de Iko, Thorne as guiou pela rampa.

— Como é ser leiga de novo, srta. Linh?

— Maravilhoso — disse ela. — Nunca mais quero ouvir as palavras *Vossa Majestade*.

— Nunca? Nunca mais? — Thorne ergueu a sobrancelha para ela. — E se houvesse um *Imperial* no meio? Isso te faria mudar de ideia?

Cinder contraiu o maxilar, feliz porque a provocação dele não era capaz de gerar rubor nela. Com uma cutucada de cotovelo na lateral do corpo dele, ela se soltou do braço.

— Como a nave está aguentando?

— Bom disfarce — disse Thorne, tirando o outro braço dos ombros de Iko e passando o polegar no cinto. — Mas, como sua

pergunta é pertinente, vou permitir. O sistema de compressão está com um barulho há um mês mais ou menos.

Cinder olhou para o teto do compartimento de carga, apesar de não conseguir ouvir nada com o sistema desligado.

— Eu falei pra ele levar ao mecânico quando estávamos em Dublin semana passada — disse Cress.

— E eu falei que já temos uma mecânica — retrucou Thorne, apontando para Cinder.

Cress deu de ombros num pedido de desculpas.

— Tudo bem — disse Cinder. — Eu até que sinto saudade do trabalho. Vou olhar quando estivermos no ar.

Thorne bateu as mãos uma na outra.

— Que ótimo, então vamos iniciar essa viagem diplomática. Nave, erga a rampa! Vocês só se sentem e relaxem, estaremos na Terra em pouco tempo. — Ele se virou para seguir para o cockpit e acrescentou por cima do ombro: — Estou praticando decolagens, aliás. Acho que vocês vão ter uma surpresa agradável.

Assim que ele saiu de perto, Cress se virou para Iko e Cinder com uma careta.

— Ele não melhorou em nada — sussurrou ela. — Vamos voltar para o alojamento. Tem mais lugar pra gente se segurar lá.

Cress foi na frente pelo corredor estreito da Rampion com ar de uma anfitriã recebendo convidados importantes em casa. Cinder sorriu para as costas dela pensando na mudança que era em relação à primeira vez que Cress subiu a bordo da Rampion... toda tímida e constrangida e sem conseguir dizer mais do que duas palavras sem se esconder atrás de Thorne.

Ela as levou para um dos aposentos pequenos da tripulação, um quarto que estava vazio. Na verdade, quando Cress estava abrindo a porta, passou pela cabeça de Cinder que aquele foi o *seu* quarto no breve tempo que ela procurou pelo abrigo da nave. Ela entrou com uma sensação de nostalgia e surpresa... e começou a rir na mesma hora.

O quarto estava cheio de papel crepom e tule brancos, velas novas e lanternas de vidro, fitas e saquinhos de seda cheios de amêndoas com cobertura de açúcar.

Iko levou um susto e passou o dedo por um laço enorme de tule.

— Isso tudo é para o casamento?

Cress assentiu, mas sua expressão foi de preocupação quando ela olhou ao redor, para os enfeites espalhados.

— Lobo nos mandou levar o que achássemos que podia ser necessário, então paramos numa loja de casamentos na República e limpamos o estoque. — Ela mordeu o lábio inferior e olhou para Iko. — Mas depois que enfiamos tudo aqui, eu comecei a pensar se as coisas não eram meio chamativas.

Iko deu de ombros.

— Dá pra trabalhar com coisas chamativas.

A Rampion começou a roncar. Cress e Iko se posicionaram na cama de baixo do beliche que ocupava uma parede da cabine, mas Cinder andou pela confusão de cestas cheias de pétalas de rosas e vasos de vidro vazios e panos de linho até chegar à janela redonda no fundo do quarto.

Cress estava certa. As decolagens de Thorne continuavam horríveis. Mas ela não se afastou da janela enquanto a cidade

branca de Artemísia não tinha sumido e virado um brilho de luz na superfície de crateras da lua.



O POUSO FOI MELHOR, TALVEZ PORQUE CINDER ESTIVESSE TÃO ENTRETIDA com o monólogo animado de Iko sobre tradições de casamento europeias que nem reparou direito nos sacolejos e batidas da nave. No espaço, ela consertou a peça solta que estava causando o barulho e passou o resto do longo voo conversando com Thorne e Cress, ouvindo sobre os passeios e aventuras que eles fizeram entre entregas de antídotos. Ao que parecia, Thorne tinha escolhido como seu objetivo pessoal garantir que Cress visse e vivenciasse tudo que tinha sonhado em ver e vivenciar, e era uma meta que ele estava levando a sério. Cress não parecia estar reclamando, embora estivesse claro pela forma como eles se apoiavam um no outro que era a companhia dele, e não os museus e monumentos, que realmente importava para ela.

— Com que frequência vocês foram visitar Lobo e Scarlet? — perguntou Iko, batendo com os pés em uma caixa no compartimento de carga quando Thorne desligou os motores da nave.

— Algumas vezes por ano — respondeu Cress. — Scarlet construiu uma pista de pouso ao lado do hangar para o Thorne parar de esmagar as plantações dela. — Ela olhou na direção do cockpit. — Espero que ele não tenha errado.

Elas ouviram o rosnado de Thorne no cockpit.

— Eu não errei!

A rampa rugiu e estalou quando começou a descer, e Cinder se levantou, surpresa com a forma como o coração disparou.

Primeiro veio o céu, uma faixa de azul impossível na beirada da rampa. Em seguida, o ar fresco. Um ar que vinha de árvores e plantas, não de um tanque de reciclagem, e vinha acompanhado do aroma de terra mexida e feno doce e animais não tão doces. Havia tantos ruídos distantemente familiares. Aves trinando. Galinhas cacarejando. Uma brisa assobiando pela abertura que a rampa criou. E também... vozes. Uma cacofonia de vozes. *Vozes demais.*

Foi só quando a rampa estava na metade da abertura que Cinder os viu. Não Lobo e Scarlet e seus amigos, mas... *jornalistas.*

— É ela! Selene! Vossa Majestade!

Cinder deu um passo para trás e sentiu a serenidade sumir, deixando para trás a mesma tensão com que ela viveu por dois longos anos. Aquela sensação de estar sob os holofotes, de ter responsabilidades, de precisar atender a *expectativas...*

— Por que você abdicou do trono? — gritou alguém.

— Como é voltar pra Terra? — perguntou outra pessoa.

— Você vai ao baile da Comunidade das Nações Orientais de novo este ano?

— O futuro casamento lunar-terráqueo é uma declaração política? Você quer dizer alguma coisa sobre a união?

Um tiro alto soou no caminho de cascalho. Os jornalistas gritaram e se dispersaram, alguns se escondendo atrás do trem de pouso da Rampion, outros correndo para a segurança de seus aerodeslizadores.

— Eu vou dar uma declaração — disse Scarlet, recarregando a espingarda que tinha nos braços enquanto andava na direção deles. Lançou um olhar penetrante para os jornalistas que ousaram olhar para ela. — E essa declaração é: Deixem minha convidada em paz, seus abutres lamentáveis famintos por notícias.

Com uma bufada de frustração, ela olhou para Cinder, que estava agora na companhia dos outros no alto da rampa. Scarlet estava exatamente como Cinder lembrava, só que mais agitada. Os olhos tinham uma expressão irritada e aturdida quando ela indicou a fazenda atrás de si.

— Bem-vindos à França. Vamos entrar antes que eles enviem os andróides jornalistas. *Eles* não são tão fáceis de espantar.



SCARLET SOLTOU UM GEMIDO QUANDO FECHOU A PORTA DEPOIS QUE OS hóspedes entraram.

— Eles começaram a aparecer duas semanas atrás. Tentaram acampar nos campos de beterrabas como se fossem os donos daqui! Tive que chamar a polícia quatro vezes por invasão de propriedade particular, mas, sinceramente, acho que eles estão tão atordoados com toda essa atenção da imprensa quanto eu. — Ela suspirou e se apoiou na porta. — Eu queria um casamento tranquilo e íntimo, não um *circo*.

Thorne se apoiou no corrimão da escada.

— É o primeiro casamento conhecido entre um lunar e uma terráquea em gerações, o noivo é um híbrido de lobo e humano que

passou por bioengenharia, e você convidou o imperador da Comunidade das Nações Orientais e uma ex-rainha lunar. O que esperava?

Scarlet olhou para ele de cara feia.

— Vou me casar com o homem que eu amo e convidei meus *amigos* pra comemorarem conosco. Eu esperava um pouco mais de privacidade.

— Sinto muito — disse Cinder. — Devíamos ter tentado ser mais discretos com nossos planos.

Scarlet balançou a cabeça.

— Não é sua culpa. O cronograma de viagens de Kai é de conhecimento público, então não dava pra impedir isso, infelizmente. — Ela riu com deboche. — Só fique feliz por você não estar aqui pra ver a multidão de garotas gritando quando *e/le* chegou.

Cinder ficou mais ereta.

— Ele já chegou?

Scarlet assentiu.

— Chegou ontem à noite. E Winter e Jacin vieram do Canadá hoje de manhã. Todos estão aqui, então agora eu só preciso sobreviver aos próximos três dias de caos até o casamento e tudo vai ter passado. — Ela massageou a testa. — Pelo menos supondo que os vampiros lá fora não tentem invadir a cerimônia. Sabe, a pior parte é que eles ficam tentando transformar isso tudo numa grande declaração política. “A Terra e Luna, finalmente unidas!” “Garota terráquea torturada por Levana aceita se casar com um soldado lunar!” É revoltante. — Ela suspirou. — Ele não está *aqui*, Cinder.

Cinder voltou a atenção para Scarlet ao perceber que tinha ignorado boa parte do que ela havia dito enquanto olhava pelas portas para a cozinha e para a sala e tentava prestar atenção em passos vindos do andar de cima.

— O quê?

lko riu, mas Scarlet escondeu a irritação com um sorrisinho compreensivo.

— Lobo os levou pra conhecer a fazenda. Eles voltam daqui a pouco.

— Claro. Desculpe. Eu não...

Scarlet fez um gesto para descartar o pedido de desculpas.

— Tudo bem. Além do mais, se alguém entende o que é ter o relacionamento tratado como gesto político, esse alguém é você.

Cinder baixou os olhos, sem saber se a ideia era fazer com que ela se sentisse melhor.

— Ei, Cinder — disse Thorne, andando pela abertura que separava a entrada de uma salinha humilde. — Lembra quando viemos aqui antes? Quando éramos dois fugitivos malucos fugindo da lei?

— Você quer dizer quando descobrimos a toca secreta embaixo do hangar onde fiquei em coma por oito anos da minha vida, depois fui transformada em ciborgue por um cirurgião misterioso antes de ser dada pra uma família que não me queria? Sim, Thorne, bons tempos.

Thorne piscou.

— Eu estava me referindo àquela loura linda que nos encontrou e quase teve um ataque cardíaco. Ei, ela vai ao casamento?

— O nome dela é Émilie — respondeu Scarlet —, e, sim, ela vai estar. Por favor, tente não flertar com ela na frente da sua namorada. Já tenho drama demais pra aguentar esta semana.

Cress deu de ombros.

— Não me incomoda mais tanto assim. Além do mais, ele já deve ter dito que a ama, o que mais ele pode dizer?

Thorne olhou para o teto, pensando.

— É verdade. Eu talvez tenha dito isso. Sinceramente, não lembro.

Cress revirou os olhos, mas se estava guardando algum ressentimento, Cinder não conseguiu detectar. Ela decidiu não contar que Thorne tinha *realmente* declarado amor à primeira vista quando Émilie desmaiou na porta da casa.

Dobradiças chiaram nos fundos da casa, com passos soando em seguida e a voz sonhadora de Winter se espalhando pelos corredores estreitos da casa.

— Mas vou ter uma oportunidade de tirar o leite dela antes de irmos? Eu nunca tirei leite de uma vaca. Acho que seria boa nisso.

— Claro que seria — disse Jacin com uma risada. — Ela só vai ficar olhando pra você sem entender nada o tempo todo, como todos os outros animais que caem nos seus encantos.

— Que encantos? — perguntou Winter, batendo com o ombro em Jacin quando eles contornaram a base da escada. — Eu não sou hipnotista.

— Tem certeza?

Eles pararam quando viram todo mundo no saguão.

— Vocês chegaram! — gritou Winter. Ela se jogou em Cinder e deu um abraço nela antes de abraçar Thorne, Cress e Iko.

Lobo também chegou com eles e exibiu uma fileira de dentes afiados quando sorriu para os recém-chegados. E, ao lado dele...

— Eu falei que aquele som era o suave rugido dos motores da Rampion — disse Kai —, mas todos insistiram que era só mais um aerodeslizador da imprensa passando. — As mãos dele estavam enfiadas nos bolsos, e ele estava vestido de forma mais casual do que Cinder estava acostumada a ver, com uma camiseta de botão de algodão com as mangas dobradas até os antebraços e uma calça jeans escura. Ela nunca imaginou que a vida na fazenda podia cair bem para ele, mas ele parecia tão à vontade lá quanto em qualquer lugar.

Cinder cruzou os braços sobre o peito.

— Você é especialista em níveis de som de espaçonaves, é?

— Que nada — respondeu Kai. — Eu passei o dia inteiro esperando ouvir esse som.

Ela sorriu para ele, sentindo a pulsação acelerar como as batidas das asas de um beija-flor. Ele sorriu para ela.

— Ases — disse Thorne com um gemido baixo. — Eles nem se beijaram ainda e já estão me deixando enjoado.

O comentário dele foi seguido de um grunhido sofrido, mas Cinder não sabia qual dos amigos tinha dado um tapa nele. Kai revirou os olhos, pegou a mão de Cinder e a puxou para o fundo do corredor. Eram só alguns passos. Não havia nem uma parede ou porta os separando dos outros, mas momentos depois era como se eles estivessem sozinhos.

Secreta e maravilhosamente sozinhos.

— Como foi o voo? — sussurrou Kai, tão perto que ela imaginou sentir as vibrações das batidas do coração dele no ar.

— Ah, você sabe — murmurou Cinder. — Thorne estava pilotando, então foi um fluxo constante de experiências de quase morte. Como está a vida de imperador?

— Ah, você sabe. Coletivas de imprensa. Reuniões de gabinete. Fãs apaixonadas aonde quer que eu vá.

— Então também é um fluxo constante de experiências de quase morte?

— Basicamente. — Ele chegou mais perto enquanto conversavam. Cinder estava quase pressionada na parede, entre um gancho na parede com um macacão pesado pendurado e uma pilha de botas lamacentas no chão. — Já foi o suficiente de conversa sobre trivialidades?

— Suficiente pra mim — disse Cinder, enfiando as mãos no cabelo dele e o puxando para perto.



café da manhã em 20 minutos.

Cinder resmungou baixinho por causa da mensagem na escuridão das suas pálpebras. Abriu os olhos e espiou a luz fraca do sol que entrava pela janelinha do quarto. A familiaridade da Rampion a cercava, bem distante do luxo do Palácio de Artemísia, mas mais confortável para ela mesmo agora. O gorgolejar de um

tanque de água pelas paredes de metal. Os aromas de aço e ar circulando. O colchão firme demais na cama de baixo do beliche.

No entanto, a sensação de um braço enlaçando sua cintura era coisa nova.

Ela sorriu e fechou os olhos de novo, dispensando o comunicado de Scarlet. Ela e Kai tinham ficado acordados até tarde demais; raios de sol estavam aparecendo no horizonte quando finalmente adormeceram. Eles andaram pelas plantações, as mãos entrelaçadas, satisfeitos de todos os jornalistas terem ido dormir. Sentaram-se no degrau na entrada da fazenda, olhando para a lua no céu quase sem nuvens. Acabaram nos aposentos da tripulação onde Kai dormiu durante o tempo que passou na nave, encolhidos na cama de baixo falando, falando, falando, até as palavras ficarem arrastadas na boca, e as pálpebras pesadas demais para ficarem abertas.

Era quase como se eles não tivessem ficado separados, e Cinder não conseguia evitar uma sensação de alívio por saber que a presença dele era tão tranquilizadora agora quanto sempre tinha sido. Ela sentia que podia contar qualquer coisa para ele e, a julgar pelos medos e irritações e frustrações que ele tinha contado para ela, achava que ele era da mesma opinião.

Com um suspiro pesado, ela se virou de costas. Kai gemeu em protesto e mudou de posição para encostar o rosto no travesseiro ao lado da cabeça dela.

— Scarlet está fazendo café da manhã — disse ela. A voz estava rouca das horas falando e rindo.

— Que horas são? — murmurou Kai no travesseiro.

Cinder verificou o relógio na cabeça.

— Quase nove.

Kai gemeu de novo. Eles não podiam ter dormido por mais de 4 horas. Ela achava que Lobo e Scarlet estavam acordados desde o amanhecer cuidando da fazenda. Devia ter sido por pouco que não se encontraram.

— Vamos — disse ela, segurando o braço de Kai. — Vai ser um grande dia.

Kai tremeu quando a mão de metal tocou nele, e Cinder se encolheu.

— Pelas estrelas, como essa mão fica fria — murmurou ele. Deitando-se de costas, Kai pegou a prótese com suas duas mãos e a aqueceu como faria com dedos gelados em um dia de inverno. Cinder se sentou e olhou para ele. Os olhos dele ainda estavam fechados. Podia estar dormindo de novo se não fossem as mãos esfregando a mão de metal dela. A camisa estava amassada, o cabelo estava desganhado no lençol.

— Kai?

Ele grunhiu em resposta.

— Eu te amo.

Um sorriso sonolento surgiu nos lábios dele.

— Eu também te amo.

— Que bom. — Ela se inclinou e lhe deu um beijo rápido. — Porque vou tomar banho primeiro.



A CASA ERA PEQUENA DEMAIS PARA ACOMODAR TODOS. WINTER E Jacin ficaram com o quarto de hóspedes, e os demais ficaram na Rampion, e todos seguiram pelo caminho juntos depois de tomar banho e se vestir. Os jornalistas estavam a todo vapor de novo, gritando perguntas e tirando fotos, mas Lobo e Jacin tinham erguido uma simples barreira de cordas na noite anterior e, pelo menos agora, os jornalistas se contentaram em ficar atrás para não correr o risco de despertar a ira de Scarlet.

Cinder tentou ignorá-los, mas a presença deles a deixava cem vezes mais ciente do calor da mão de Kai na sua lombar.

A casa estava com cheiro de bacon e café forte quando eles entraram. Jacin estava sentado à mesa redonda da cozinha, cortando um croissant em pedaços menores, enquanto Scarlet, Lobo e Winter se agitavam em volta dele com uma variedade de aventais estampados. Até Lobo estava com um pano azul quadriculado em volta da cintura.

— Peguem um prato — ordenou Scarlet, apontando com uma colher de madeira para uma pilha de pratos na bancada. — Vamos comer na sala. Fica muito apertado aqui.

Cinder fez o que ela mandou e se serviu de um doce de canela, bacon, caçarola de batata, cebola e pimentão e um cacho de uvas roxas. Em seguida, foi para a sala, onde Iko estava esperando com uma perna por cima do braço de uma cadeira de balanço. Ela suspirou quando Cinder se sentou no chão ao lado dela.

— Não quero ouvir uma palavra sobre o quanto isso está delicioso — disse Iko.

— Está horrível — replicou Cinder, partindo um pedaço de bacon no meio. Depois de engolir, acrescentou: — Principalmente o bacon. Você *odiaria* bacon.

Os outros chegaram em seguida e foram ocupando o sofá e quase todos os lugares disponíveis no tapete surrado. Lobo e Scarlet chegaram por último.

— É melhor que um de vocês comece a planejar o almoço — disse Scarlet, desamarrando o avental e ocupando o último lugar no sofá. Lobo lhe entregou um prato de comida e se sentou entre os pés dela, apoiou um braço no joelho dela e começou a comer com avidez.

Thorne ergueu o garfo.

— Que tal eu sair pra comprar?

— Combinado — respondeu Scarlet, batendo com o garfo no dele.

Lobo parou de se balançar na cadeira e se inclinou para a frente.

— Nos contem o que vai rolar no grande dia. Vocês se divertiram planejando? Com o que estão mais animados?

Scarlet encostou a cabeça no sofá.

— Estou mais animada pra que acabe e pra que aquelas pessoas idiotas da imprensa vão embora, pra podermos ter nossas vidas de volta.

Lobo fez carinho no joelho dela e continuou comendo.

Cress franziu a testa.

— Você não está animada por se casar?

— Ah, claro — disse Scarlet. — Essa parte vai ser boa. Mas eu nunca quis um grande casamento e não esperava que virasse esse

festival. — Ela se empertigou de novo. — Não que eu esteja arrependida de ter convidado vocês — acrescentou ela, olhando diretamente para Kai e Cinder, com um último olhar para Winter. — Obviamente, eu quero vocês aqui. É que... — Ela deu um grande suspiro.

— Nós entendemos — disse Kai, abrindo uma laranja. — Como vivi com paparazzi a vida toda, não desejaria pra ninguém.

— Você não acha que vão interromper a cerimônia, acha? — perguntou Iko.

Scarlet deu de ombros.

— Espero que tenham integridade. Se bem que é tradição a noiva e o noivo irem para a cerimônia pelas ruas da cidade e cortar fitas que as crianças teoricamente prepararam pra nós. Mas não consigo imaginar andar pelo caminho que leva à casa com aqueles monstros lá fora, então não sei se isso vai acontecer.

Cinder limpou a garganta.

— Essa tradição... é importante pra você?

Scarlet fez um ruído debochado.

— A única tradição que me importa é dizer *sim*.

Houve um suspiro de alívio quase visível por toda a sala, e Cinder fez uma careta, certa de que tinha sido óbvio para Scarlet, mas ela estava ocupada passando manteiga em uma fatia de pão e não pareceu reparar em nada de incomum. Kai olhou para Cinder e fez uma mímica de limpar suor da testa. Ela sufocou uma risada.

— Conta mais — disse Winter. — Sei bem pouco sobre seus costumes terráqueos, e seria útil para o meu papel de embaixadora cultural um dia. — Ela botou a mão na bochecha, quase

escondendo as cicatrizes. — Mas o que mais quero saber é que tradições Scarlet Benoit-Kesley acha importantes.

— Ah, não sei — replicou Scarlet. — Vamos trocar alianças e fazer votos, mas vocês também fazem isso em Luna, não fazem?

Winter assentiu.

— Você vai carregar um buquê?

— Provavelmente. Pensei em colher o que houvesse no jardim no dia.

— Você tem esquema de cores? — perguntou Iko.

Scarlet hesitou.

— Hum... branco?

— Vai ter bolo? — perguntou Cress.

Scarlet sorriu.

— De certa forma. Émilie vai trazer *croquembouche*, que é uma pilha grande de bolas de massa com caramelo em cima. É delicioso.

— Ouvi falar de uma tradição — disse Thorne — em que os convidados têm que fazer uma barulheira do lado de fora do quarto dos noivos na noite de núpcias até vocês nos darem doces e nos mandarem embora.

Scarlet olhou para ele de cara feia.

— É, faz o favor de não fazer isso.

— Quantas pessoas vão comparecer? — perguntou Kai.

Outro gemido de Scarlet.

— A porcaria da cidade toda, pelo que eu sei. Não sei bem como vai ser, pois não convidei todo mundo. Pequena e íntima, eu fiquei dizendo. Somente amigos próximos, falei para eles. Mas em uma cidade pequena, acho que todo mundo acha que entra nessa

categoria. Se dependesse de mim, seriam só as pessoas que estão aqui. — Ela fez uma pausa. — Bom, e Émilie. Porque ela vai trazer a sobremesa.

Lobo se levantou e começou a recolher os pratos vazios para levar para a cozinha. Depois que ele saiu, Iko se inclinou para a frente e bateu palmas.

— Já sei! Por que você não nos mostra seu vestido? Estou *doida* pra ver.

Scarlet inclinou a cabeça.

— Você não pode esperar mais dois dias?

— De jeito nenhum. Por favor.

Com um movimento de ombros, Scarlet se levantou.

— Vamos, está lá em cima. — Ela saiu da sala com Iko logo atrás. Cinder fez que ia atrás, mas hesitou e olhou para os rapazes.

— Tudo bem aqui? — perguntou ela.

Thorne fez uma saudação.

— Sem problema. É só distraí-la pelo tempo que você puder.

Lobo voltou da ida à cozinha e colocou a mão enorme no ombro de Cinder, tão pesada que ela deu um pulo de surpresa.

— Não deixe que ela desça sem Algo Velho — sussurrou ele.

— Algo Velho?

Ele assentiu.

— Ela vai explicar. Ela não falou nada antes, mas sei que é uma das tradições importantes pra ela.

— É melhor irem logo — disse Jacin, cutucando Winter, Cinder e Cress na direção da escada. — Vocês têm que fazer isso, e nós temos *decorações* pra fazer.

Ele não tentou esconder a repulsa com a ideia, e Cinder riu com a imagem mental de Jacin decorando qualquer coisa.

Ela se virou e subiu rapidamente para o segundo andar, mas parou na metade da escada. Cress se chocou nela e quase derrubou Cinder de joelhos, mas ela se segurou no corrimão e se firmou.

— O que é? — perguntou Cress.

— Nada — disse Cinder, tentando afastar a onda de lembranças que surgiu. Ela subiu aquela escada uma vez antes, quando ela e Thorne foram para a fazenda procurando por Michelle Benoit. Quando foram procurar respostas sobre o passado de Cinder. — É que é estranho estar aqui de novo — comentou ela, para si mesma e para Cress e Winter. — Estar aqui e não me sentir caçada e nem com medo. — Ela olhou para trás e deu de ombros. — É uma grande diferença da última vez que eu estive aqui.

Com um sorriso que esperava parecer espontâneo, ela subiu o resto da escada.

O segundo andar tinha um pequeno corredor e três portas, duas delas fechadas. A porta aberta era de um quarto com os cobertores desarrumados, a cortina desbotada do sol e um smoking grande pendurado em um gancho na parede. Iko estava sentada na cama desarrumada com os joelhos junto ao peito vendo Scarlet brigar com uma proteção de roupa. Assim que Cinder e as outras entraram, Scarlet se virou na direção delas dizendo “*Voilà!*” e mostrou o vestido para elas verem.

Um ofego coletivo foi emitido por Iko, Cress e Winter, seguido de uma rodada de *oohs* eufóricos. Cinder teve que rir do drama todo.

Mas o vestido *era* lindo e a cara de Scarlet. Um vestido simples de algodão branco com gola de coração acentuada por um tecido transparente que seguia até o pescoço e terminava com viés branco. A saia era ampla e ia até os joelhos de Scarlet. Havia uma faixa vermelha amarrada na cintura com um laço simples combinando com o colete e a gravata vermelha do smoking.

— É perfeito! — disse Iko, saindo da cama para tocar no vestido. Ela passou os dedos com adoração pela faixa e na saia ampla. — Simples e lindo... como você, Scarlet. — Ela deu um suspiro sonhador. — Você *tem* que experimentar pra nós.

Scarlet descartou a sugestão.

— Vocês vão ver em mim em dois dias.

— Ah, por favor — pediu Cress, juntando as mãos embaixo do queixo. Os olhos suplicantes de Iko se juntaram a ela, mas Scarlet só balançou a cabeça e foi guardar o vestido no saco de novo.

— Não quero correr o risco de sujar de nada.

— Dá sorte! — disse Winter de repente, os olhos brilhando de malícia.

Scarlet fez uma pausa.

— O que dá sorte?

— Em Luna — respondeu Winter, cruzando as mãos como se estivesse citando palavras de um guia de etiqueta de casamento —, é considerado sorte para a noiva colocar o vestido por pelo menos uma hora por cada um dos três dias antes do casamento. E como seu noivo é lunar, acho que deveríamos seguir algumas das tradições dele, você não acha?

— Uma *hora*? — disse Scarlet. — Isso é meio demais, você não acha?

Winter deu de ombros.

Com um suspiro pesado, Scarlet disse:

— Tudo bem, eu visto. Mas não vou ficar usando por uma hora. Tenho coisas a fazer. — Ela saiu do quarto carregando o vestido, e elas ouviram o clique do banheiro no corredor um momento depois.

— Eu nunca ouvi falar dessa tradição — disse Cress.

— É porque eu inventei — confessou Winter.

Ele sorriu para ela.

— Muito bem. Agora, rápido. — Ela correu até o smoking e o tirou do gancho, passando-o para Cress, que o passou para Cinder. — Leva para Lobo antes que ela volte.

Cinder correu para a escada e sussurrou. Em segundos, Kai apareceu no saguão abaixo com uma guirlanda de fitas e rosas nos ombros. Cinder deu um sorrisinho.

— Está divertido aí?

— Surpreendentemente, até que está. Acontece que Thorne tem um talento estranho pra essas coisas de casamento. Ele diz que é porque Cress fica vendo coisas de casamento há meses, mas... acho que ele está gostando.

A voz de Thorne soou estrondosa na sala:

— Não deboche de um cara por ter bom gosto!

— Aqui, entregue isto para Lobo — pediu Cinder, entregando o smoking para Kai. Ele fez sinal de positivo e se afastou.

Cinder ouviu o clique da porta, se virou e viu Scarlet saindo do banheiro com o vestido branco.

— Preciso de alguém pra fechar o zíper — disse ela, puxando os cachos por cima de um ombro e virando as costas para Cinder.

— Hum, melhor deixar Winter fazer isso — disse Cinder, levando-a de volta para o quarto. — Você sabe da minha tendência de deixar manchas de graxa em tudo que eu toco.

As outras meninas estavam esperando a volta de Scarlet com expectativa, e a aparição dela gerou outro coral de emoção. Winter puxou o zíper, e Scarlet deu uma rodadinha, girando a saia em volta das pernas. Foi a coisa mais feminina que Cinder já a viu fazer, e até Scarlet estava com um sorriso largo quando se viu no espelho de corpo inteiro no canto.

— Ah, Scarlet — disse Cress, suspirando. — Você vai se *casar*. Parece um sonho.

— Acho que, de certa forma, é — concordou Scarlet, as bochechas ficando vermelhas em volta das sardas.

Iko bateu na cama ao seu lado.

— Senta aqui e me deixa fazer seu cabelo.

— Meu cabelo? O que você vai fazer com meu cabelo?

— Ainda não sei e é por isso que preciso treinar para o grande dia.

Com Scarlet de costas, Iko piscou para Cinder, que era a única que sabia que ela tinha pesquisado estilos populares de casamento e treinado nas criadas do palácio por semanas.

Scarlet gemeu.

— Quanto tempo vai demorar?

— Por quê? Você tem que ir a algum lugar? Pare de reclamar e sente aqui. Cinder, você está com os apetrechos de cabelo que pedi

pra você guardar?

— Ah. Sim. — Cinder tinha se esquecido da escova, das fivelas, dos grampos e do modelador de cachos que Iko mandou que ela guardasse no compartimento oco da perna ciborgue antes de elas saírem de Luna. Ela se sentou e tirou tudo.

Scarlet ficou de queixo caído.

— Vocês estão assustadoramente preparadas — disse ela, enfiando a ponta do dedo na pilha de grampos que Cinder botou na cama. — E se eu dissesse que queria ficar com o cabelo solto, normais?

— Eu usaria meus poderes de persuasão pra fazer você mudar de ideia. — Iko segurou as laterais da cabeça de Scarlet e virou a cabeça dela para a frente. — Agora fique parada.

As outras se sentaram para ver Iko trabalhar. Ela tinha acabado de mexer na parte de cima do cabelo quando Scarlet falou:

— Por que o smoking de Lobo sumiu?

Cinder trocou olhares com as outras.

— É... hum... nós...

— Thorne veio pegar — interrompeu Cress. — Quando você estava se trocando.

Scarlet franziu a testa.

— Pra quê?

— Porque... ele queria... — Cress engoliu em seco. — Hum... comparar com o smoking dele. Pra ter certeza de que, hum... combinavam? — Ela olhou para o lado ao se dar conta do quanto aquilo era implausível, até para Thorne.

— Ela quer dizer que Thorne estava preocupado de ter comprado o mesmo smoking de Lobo, o que acho que seria considerado uma gafe — disse Cinder. — Você sabe como Thorne é com essas coisas. Não pode usar o mesmo smoking que o noivo! Muito *constrangedor*, né?

Scarlet abriu a boca para falar de novo, a testa franzida, quando Iko perguntou:

— Que sapatos você vai usar?

Scarlet tentou virar a cabeça, mas Iko a segurou e virou para frente. Ela bufou.

— Não sei. Winter disse que tinha um par que eu podia usar.

Winter deu um pulo e ficou de pé.

— É verdade. Ainda estão na mala. Vou buscar. — Ela correu pelo corredor até o quarto de hóspedes, remexeu nas coisas por um momento e voltou segurando um par de saltos vermelhos, quase da mesma cor da faixa do vestido.

A aparência de sapatos perfeitos foi recebida por outra rodada de exclamações, e desta vez Cinder não conseguiu conter a risada e o movimento de cabeça. Winter se sentou de pernas cruzadas na frente de Scarlet e botou os sapatos nos pés dela.

— Que tal?

— Ficaram bons. — Scarlet virou o tornozelo para um lado e para o outro. — Se eu conseguir não cair e quebrar o tornozelo, esse casamento vai ser um sucesso absoluto.

Iko riu.

— O salto não chega a cinco centímetros.

— São cinco centímetros a mais do que estou acostumada.

Um estrondo no andar de baixo fez todas pularem.

— O que... — Scarlet começou a se levantar da cama, mas Iko segurou com firmeza uma mecha de cabelo e a puxou de volta.

— Que parte de “fique parada” você não entendeu? — repreendeu ela.

— Vou ver o que foi — disse Cinder, indo para o corredor e descendo a escada. Jacin estava sentado embaixo, encolhido sobre alguma coisa e trabalhando com atenção.

— Foi Thorne — contou ele sem olhar para ela.

— O que ele fez? Derrubou uma parede? — Cinder passou por Jacin, mas hesitou quando viu o vaso de flores brancas no chão, aos pés dele. Ele estava tirando meticulosamente as flores da água, uma a uma, prendendo os caules reunidos. A testa dele estava franzida de concentração.

— Você está fazendo um buquê? — perguntou ela com incredulidade.

— Cala a boca. — Ele ergueu o amontoado em uma das mãos e o virou em algumas direções antes de pegar uma hortênsia branca e acrescentar à mistura.

Cinder balançou a cabeça, se virou e olhou para a sala. Já estava transformada: flores e guirlandas e laços de tule em todas as superfícies. Estava linda, ainda que também um pouco caótica.

Lobo não estava por perto, provavelmente trocando de roupa, pensou ela, mas Thorne e Kai estavam de pé em cadeiras pendurando uma faixa na parede acima da lareira, como parte do altar improvisado.

— O que está acontecendo? — perguntou Cinder. — O que foi aquele barulho?

— Está tudo sob controle — disse Thorne com a boca cheia de tachinhas.

Ela olhou para Kai, que deu de ombros timidamente.

— Tivemos uma discordância sobre a estante, mas Thorne está certo. Está tudo sob controle.

Cinder abriu a boca para pedir mais informações, mas hesitou e olhou ao redor novamente. Nada parecia irremediavelmente estragado.

— Quanto tempo mais você acha que nós temos? — perguntou Kai.

— Iko está fazendo o cabelo dela agora. Talvez... meia hora?

Ele assentiu, e Cinder se virou e correu para o quarto.

— Nada com que se preocupar — disse ela ao entrar. Iko tinha quase terminado uma trança complicada que envolvia a cabeça de Scarlet como uma auréola, deixando a parte de baixo do cabelo solta e encaracolada sobre os ombros.

— Mas o que foi? — perguntou Scarlet.

Cinder ficou olhando para ela, passando uma lista de respostas lógicas em potencial pela cabeça.

— Hum... eles derrubaram uma cadeira. Quando estavam... lutando. — Ela fez uma careta em pensamento, surpresa de seu detector interno de mentiras não ter disparado. Ela via a desconfiança aumentando no rosto de Scarlet, mas sorriu e comentou: — Está muito bonito, Iko.

— Eu ainda preciso arrumar os cachos naturais — disse Iko, ligando o modelador. — E prender algumas destas pérolas na trança.

Scarlet riu.

— Isso é só treino, Iko. Não perca seu tempo.

Iko fez um clique com a garganta, um som parecido com um *tsk*.

— De que outra forma poderíamos ter o efeito completo? Vestido, sapatos, cabelo, tudo. Tudo tem que funcionar junto.

Scarlet suspirou.

— Vocês estão todas agindo de um jeito estranho. Tem alguma coisa acontecendo que eu deveria saber?

Um coral de *Não e De jeito nenhum* altamente incriminador soou em volta dela. Scarlet riu com deboche.

— Por que você não nos conta sobre... algo velho? — perguntou Cinder, se sentando ao lado de Winter.

Scarlet franziu a testa.

— Algo velho?

— É. Hum. Lobo falou qualquer coisa sobre uma tradição...

— Ah! — Scarlet afofou a saia, para evitar ao máximo que amassasse. — Tem uma tradição bem antiga de casamento que diz que a noiva deve usar algo velho, algo novo, algo emprestado e algo azul. Pra mim, o vestido é novo. — Ela indicou o vestido. — Os sapatos são emprestados. E meu algo velho está bem ali. — Ela apontou.

Cress se virou e pegou uma coisa pequena brilhando em cima da cômoda. Ela mostrou para Scarlet, que assentiu antes de mostrar às outras.

Era um broche. Havia uma pedra amarela no centro, no meio de uma estrela de cinco pontas, com duas asas douradas se abrindo para os dois lados. O display da retina de Cinder reconheceu o objeto quase na mesma hora e informou-a que era um pin de piloto dos militares da Federação Europeia de aproximadamente 81 da Terceira Era.

— Foi da minha avó — disse Scarlet, esticando a mão aberta. Cress botou o pin nela. — Ganhou isto quando se tornou piloto. Ela o deu para mim anos atrás e... eu achei que seria como ter uma parte dela comigo. Pensei em prender no buquê, talvez.

— Não seja boba. — Winter se levantou nos joelhos e chegou mais perto de Scarlet. Pegou o broche das mãos dela, se inclinou para a frente e o prendeu no corpete branco, bem em cima do coração. — Claro que o lugar é aqui.

Scarlet estava sorrindo quando olhou para o broche.

— Você não acha que estraga a roupa?

— Ah, definitivamente — respondeu Iko atrás dela.

— Mas você se importa? — perguntou Winter.

Scarlet balançou a cabeça.

— Na verdade, não.

— Foi o que imaginei.

— Pronto! — Iko se inclinou para trás. — Levante-se e mostre pra todo mundo.

— Quando foi que você ficou tão mandona? — perguntou Scarlet, rindo ao se levantar e ajeitar o vestido. Ela girou e parou para deixar que todas admirassem o trabalho de Iko. O cabelo dela caía em cachos grandes e espiralados, ainda encaracolado e impossível de

conter, mas mais arrumado do que o jeito habitual como ela o usava, e finalizado pela trança elegante cheia de pérolas. Ela foi se olhar no espelho.

Depois de um momento longo e silencioso, ela engoliu em seco e botou o dedo no broche da avó. Fungou, inclinou a cabeça para trás e inspirou fundo para tentar segurar as lágrimas. Depois de um segundo, ela riu de novo e baixou a cabeça.

— Eu queria que ela estivesse aqui — murmurou ela, e ninguém precisou perguntar de quem ela estava falando. — Ela ia gostar tanto dele. — Houve outra fungada e ela se virou, secando os olhos. — Ela ia gostar de todos vocês também. Acho... acho que ela sentia um pouco de preocupação por eu nunca fazer muitos amigos. — Scarlet balançou os braços aleatoriamente. — E agora, olha. Eu tenho tantos amigos que preciso de uma nave de carga pra botar vocês todos dentro.

Winter se levantou e passou os braços na cintura de Scarlet.

— Ela está nas estrelas — sussurrou ela. — Jacin e eu a vimos quando estávamos no céu, e ela estava sorrindo pra você sentindo muito, muito orgulho.

Scarlet balançou a cabeça enquanto a envolvia num abraço.

— Eu achei que você não estava mais maluca.

Winter riu.

— Eu nunca fiz promessas — disse ela, erguendo o queixo alto. — E acredito nisso mesmo. Ela está de olho em você, Scar, e está sentindo muito orgulho.

Com um movimento positivo da cabeça, Scarlet esfregou os olhos mais uma vez.

— Isso é bom — replicou ela. — É melhor fazer logo isso pra eu não ficar em péssimo estado na hora do casamento de verdade, não é?

Cinder olhou para baixo, mas sentiu os olhares constrangidos compartilhados entre Cress e Iko antes de Cress limpar a garganta e perguntar:

— E algo azul? Você não disse o que seria.

— Ah, isso. — Scarlet se soltou dos braços de Winter. — Não consegui pensar em nada, então pensei em pular essa parte. É só uma tradição boba mesmo.

Winter deu um pulo, os olhos brilhando.

— Não é boba e sei qual vai ser a coisa certa. Você tem linha azul?

Scarlet olhou para ela com incerteza.

— Tem um kit de costura na gaveta de cima, ali.

Winter foi até a cômoda, encontrou o kit e em poucos momentos passou uma linha azul-cobalto numa agulha.

— Se senta de novo.

— O que você vai fazer agora? — perguntou Scarlet com certa trepidação enquanto Winter dobrava a barra do vestido e revelava o forro de seda por baixo.

— Não se preocupe. Eu aprendi sozinha a bordar alguns anos atrás. — Ela baixou a cabeça para se concentrar, os cachos espiralados densos escondendo o rosto.

Scarlet suspirou, mas não discutiu.

— Quanto tempo *isso* vai demorar? Será que alguém pode ir dizer a Lobo para molhar os canteiros de flores antes que fique

tarde?

— Eu vou — respondeu Cress. Ela saiu do quarto num piscar de olhos e fechou a porta cuidadosamente ao sair.

Aparentemente cansada de evitar amassar o vestido, Scarlet suspirou e se deitou na cama, deixando Winter fazer o que estava fazendo no forro. Cinder tentou espiar por cima do ombro de Winter, mas o cabelo dela estava escondendo o bordado, e ela desistiu e se sentou com Iko na cama, encostada na cabeceira.

Ela abriu a tela de comunicação no display da retina e escreveu uma mensagem rápida.

Estamos esquecendo alguma coisa?

Iko olhou para ela. Elas raramente se comunicavam usando as interfaces internas de computador agora porque usar tablets fazia *as duas* se sentirem mais humanas, mas ser ciborgue e androide ainda tinha suas conveniências.

Cress deve estar cuidando da música, respondeu Iko. Acabei de enviar uma mensagem para lembrá-la.

Cinder assentiu e dobrou os braços sobre os joelhos.

— Você está nervosa? — perguntou ela.

Scarlet virou a cabeça. Devia estar destruindo a trança, mas ninguém disse nada.

— Não — disse ela. — Pelo menos não por me casar. Estou um pouco nervosa com a ideia de que isso se tornou um espetáculo internacional e de que tem pessoas que não me conhecem e nem conhecem Lobo que vão criticar nosso casamento, mas... não. Não estou nervosa por me casar e nem ficar casada. É Lobo. Parece... certo. — Seus olhos ficaram enevoados quando ela começou a

olhar para um ponto insignificante na parede acima da cabeça de Cinder. — Nunca houve um momento em que não pareceu certo.

Cinder engoliu em seco e não pôde deixar de pensar em Kai. Houve algum momento em que não pareceu certo?

Houve momentos difíceis, certamente.

Quando ela começou a se apaixonar por ele, mas estava com muito medo de contar que era ciborgue.

Quando ele soube que ela era lunar e achou que ela tinha feito lavagem cerebral nele para que tivesse sentimentos por ela.

Quando ela o sequestrou, enfraquecendo as tentativas dele de acabar uma guerra e obter o antídoto da letumose.

E, ah, aquela vez em que ele se casou com sua tia tirana.

Ela não podia dizer que o relacionamento deles foi *fácil*, mas o de Lobo e Scarlet também não foi.

Mas sempre foi *certo*?

A pulsação dela vibrou com a pergunta.

Devia ser, pensou ela, mesmo quando tudo estava errado. Ela não teria lutado tanto se não fosse.

Cinder não tinha certeza de quanto tempo tinha passado perdida em pensamentos quando uma batida leve soou na porta e Cress entrou.

— As flores estão resolvidas — disse ela, e piscou para Iko. Por sorte, Scarlet estava de olhos fechados e não reparou no código evidente, se é que era isso.

— Estou quase terminando — disse Winter.

— Mal posso esperar pra ver o que você fez com meu vestido lindo — disse Scarlet, apesar de não parecer tão preocupada.

— Você vai amar. — Winter amarrou um nó e se inclinou para usar os dentes e cortar a linha. — Pronto.

Scarlet se sentou, e as outras se aproximaram.

Desta vez, quando Cinder viu o que Winter tinha feito, nem ela pôde impedir um ruído alegre e surpreso.

Com a linda linha azul, no forro de seda do vestido de noiva de Scarlet, Winter tinha bordado uma única palavra com letras simples e elegantes: *Alfa*.

— Você está certa — comentou Scarlet, passando o polegar sobre a palavra. — Está... perfeito.

— Pelo menos é uma coisa azul — disse Winter.

Cress limpou a garganta. Cinder ergueu o rosto e viu que ela estava com o tablet na mão digitando algum comando. Estava com um sorriso animado e encantado no rosto.

— E agora? — perguntou Scarlet, o tom desconfiado voltando.

Mas a única resposta foi o som de música de cordas no andar de baixo, alta o suficiente para se espalhar por toda a casa.

Scarlet se levantou da cama e olhou com insegurança para cada amiga.

— O que está acontecendo?

Cress abriu a porta e deixou a música entrar no quarto.

Scarlet deu um passo hesitante na direção da porta, mas Iko a interrompeu e fez alguns ajustes no cabelo dela antes de a cutucar para seguir em frente. Todas foram atrás da noiva quando ela surgiu no patamar e olhou escada abaixo. Depois que Cinder saiu da última vez, o corrimão foi enrolado com papel crepom branco e finalizado com um laço de tule enorme. A passagem abaixo, que

separava o saguão da sala, estava cheia de fitinhas brancas finas. A casa toda estava com cheiro de rosas.

Scarlet se virou para trás.

— O que vocês fizeram?

Todas olharam com sorrisos apertados e cheios de segredo.

Balançando a cabeça, Scarlet desceu a escada com os sapatos vermelhos de salto. Quando entrou na sala, foi recebida por Jacin entregando-lhe um buquê feito com capricho. Ela o pegou da mão dele, boquiaberta, e passou pelas fitas penduradas.

E começou a rir.

Cinder correu para se juntar a ela, ansiosa para ver o que os meninos tinham feito. Mas quando entrou na sala, não foram as decorações que chamaram a atenção dela primeiro, mas Lobo, parado na frente do altar da lareira com o smoking formal preto e vermelho. Apesar de ter sido feito especialmente para ele, o paletó se esticava sobre o peito e os ombros largos, e a gravata borboleta vermelha ficava quase engraçada perto das feições ferozes e da estrutura óssea lupina.

Quase.

Apesar de tudo que Levana tinha tentado fazer com ele, Cinder tinha que admitir que ele era bonito, com a pele morena e os olhos verdes vívidos e o cabelo desgrenhado. Mas, mais do que tudo, o jeito como ele olhava para Scarlet, que teria tirado o fôlego de qualquer uma.

Kai e Thorne também estavam lá, cada um com as mãos enfiadas nos bolsos, se balançando com expressões arrogantes no

rosto, como se estivessem desafiando qualquer um a dizer que não era o casamento improvisado mais lindo já criado.

E eles fizeram um trabalho maravilhoso, bem melhor do que Cinder esperava. A agitação de antes tinha se transformado em uma cena perfeita, com guirlandas de flores por cima das mesas, tecido marfim cobrindo as janelas, e velas tremeluzindo por toda sala.

Émilie, amiga de Scarlet, a garota que já tinha morrido de medo de Cinder quando ela era uma fugitiva procurada, também estava lá. Agora, estava sorrindo largamente, parada ao lado de uma mesinha com uma pirâmide enorme de doces dourados.

— O que é isso? — sussurrou Scarlet, segurando o buquê.

Lobo sorriu, exibindo os caninos.

— Você é a coisa mais linda em que eu já pousei meu olhar.

Scarlet inclinou a cabeça.

— E você está com cara de quem vai se casar. — Havia diversão evidente no tom dela.

Os olhos de Lobo se desviaram para o tapete, mas ele não parou de sorrir. Ele andou pela sala e pegou as mãos de Scarlet, e as palmas dos dois envolveram os caules embrulhados das flores.

— Scarlet — disse ele. — Sei o quanto você está frustrada com a... atenção que nosso casamento ganhou e o quanto você odeia o que estava virando. E, no dia do nosso casamento, só quero que você fique feliz e satisfeita. Não quero você pensando em jornalistas, câmeras e notícias. Você não escolheu nada disso e não é justo com você. Então... pensei... eu queria saber se gostaria de se casar comigo agora, *aqui*.

Scarlet afastou o olhar dele e observou todo mundo na sala.

— Vocês estavam todos nisso.

— Lobo teve a ideia algumas semanas atrás — disse Kai —, quando reparou que você estava ficando... chateada com a imprensa. Foi por isso que quis que viéssemos cedo.

Scarlet piscou para afastar as lágrimas dos olhos.

— Eu... isso... é perfeito, mas acho que talvez vocês tenham esquecido um elemento importante. — Ela se virou para Lobo. — Não tem celebrante aqui. Quem vai nos casar?

O sorriso de Lobo se alargou e ele olhou para Kai.

Scarlet acompanhou o olhar.

— Sêrio?

Kai deu de ombros.

— Eu nunca fiz isso, mas está dentro dos meus poderes como imperador da Comunidade das Nações Orientais casar as pessoas. Vai ser perfeitamente legítimo.

Lobo deu um passo mais para perto, bem mais alto do que Scarlet, criando o que poderia ser um momento de intimidade se a sala não estivesse tão cheia.

— E então? Quer se casar comigo?

Scarlet começou a sorrir.

— Espere. Antes de você responder — disse Thorne, indicando a sala toda —, é melhor você saber que a loja onde compramos tudo isso não aceita devolução.

Olhando para o alto, Scarlet disse:

— Bem, *nesse caso*... Sim. Sim, claro que quero. — Os olhos dela cintilaram quando ela passou os braços pelos ombros de Lobo.

Ele abriu as mãos sobre a faixa na cintura dela e se inclinou para ela...

Mas antes que seus lábios se tocassem, Thorne enfiou a mão entre os dois e recebeu beijos dos dois lados dos dedos. Lobo e Scarlet deram um pulo para trás.

— Vamos com calma — disse Thorne. — Não sou especialista, mas tenho quase certeza de que não chegamos na parte do beijo ainda. — Ele puxou Scarlet para longe de Lobo, que rosnou baixinho, e ordenou: — Aos seus lugares, pessoal!

Cinder ocupou com satisfação uma das cadeiras de madeira que tinham sido levadas da cozinha, e Émilie se sentou ao lado dela, sussurrando:

— Eles não são o casal mais lindo? Eu que os apresentei, sabe.

Cinder franziu a testa para ela.

— Foi?

Émilie deu de ombros e abriu um sorriso malicioso.

— Bom... mais ou menos.

Kai e Lobo foram para o altar improvisado enquanto Winter e Jacin ocupavam as duas outras cadeiras. Thorne levou Scarlet para o saguão, e Cinder o ouviu sussurrando instruções rápidas antes de voltar para se sentar ao lado de Cress e Iko no sofá coberto por um lençol.

Depois que Cress digitou um comando no tablet, a música mudou para uma marcha nupcial clássica. A mudança foi eficiente e afastou a frivolidade das decorações e do humor de Thorne e encheu a casa com um sentimento de determinação.

Scarlet esperou um momento, permitindo que a música iniciasse a cerimônia antes de entrar pela parede de fitas. Seus olhos se grudaram nos de Lobo enquanto ela dava cada passo significativo e paciente.

Émilie fungou e levou um lenço ao nariz.

— Eu amo casamentos.

Sorrindo, Cinder olhou para Kai e o viu sorrindo para ela. Se ele estava nervoso de executar um papel tão importante em uma ocasião tão grandiosa, não estava demonstrando.

Scarlet parou ao lado de Lobo e Cress baixou o volume da música, deixando que sumisse de forma agradável até o silêncio. Houve outra fungada na sala; *Winter*, Cinder supôs.

— Queridos amigos — declarou Kai —, estamos reunidos hoje para testemunhar e celebrar a união entre Lo... er, Ze'ev Kesley e Scarlet Benoit. Apesar de sermos um grupo pequeno, está claro que o amor que sentimos por esta noiva e este noivo iria a Luna e voltaria até aqui. — Seus olhos cor de cobre foram com carinho de Scarlet a Lobo. — Claro que sabemos que o mundo vê este casamento como um evento histórico. É a primeira união por casamento registrada entre um lunar e uma terráquea desde a segunda era. E talvez isso seja importante. Talvez o amor e a compaixão que essas duas pessoas têm uma pela outra seja o símbolo de esperança para o futuro. Talvez este casamento signifique a possibilidade de que um dia nossas raças aprendam não só a se tolerarem, mas a se amarem e se apreciarem também. Ou, *talvez*... — Os olhos de Kai cintilaram. — ... esse relacionamento não tenha nada a ver com política e tudo a ver com

nossa necessidade humana compartilhada de encontrar alguém que cuide de nós tanto quanto cuidamos dele. De encontrar uma companhia que nos complemente e nos ensine. Que nos torne mais fortes. Que nos faça querer ser o melhor que pudermos.

Cinder ouviu outra fungada, desta vez de Iko, e quase riu por isso. Iko, como ela, não era capaz de chorar, mas isso nunca a tinha impedido de fingir.

Kai prosseguiu:

— Acho que quando todas as pessoas nesta sala olham para Ze'ev e Scarlet, elas não veem um lunar e uma terráquea. Nós não vemos um objetivo político e nem duas pessoas tentando fazer uma declaração. Acho que vemos duas pessoas que tiveram a sorte de se encontrarem nesse universo amplo e que não deixariam nenhum limite, distância, raça ou alteração fisiológica atrapalhar uma vida feliz juntos.

Cinder inclinou a cabeça, pensativa. *Distância. Raça. Alteração fisiológica.* Era quase como se Kai não estivesse falando só de Lobo e Scarlet. Ele podia muito bem estar falando do relacionamento deles dois. Ela apertou os olhos para Kai, desconfiada agora, mas o olhar dele nunca se desviou na direção dela, e ela começou a se achar pretensiosa pelo pensamento. Aquele momento era de Lobo e Scarlet, e Kai respeitava isso.

Mas quando estava escrevendo o discurso, as similaridades devem ter passado pela cabeça dele. Certo?

Ela prendeu o ar, ouvindo com mais atenção as palavras de Kai, se perguntando se ele tinha planejado o significado que ia além daquela cerimônia.

Kai enfiou a mão no bolso e pegou duas alianças de ouro. Entregou uma para Lobo, pegou o buquê da mão de Scarlet e entregou a outra para ela.

— Ao me preparar para esta cerimônia — disse Kai, colocando o buquê na prateleira da lareira atrás de si —, fiz algumas pesquisas e descobri que a palavra *Alfa* já teve muitos significados ao longo da história.

Uma risadinha se espalhou pela sala. Todos sabiam do relacionamento de “companheiro alfa” que Lobo e Scarlet tinham, e ao longo dos anos virou uma piada interna entre eles. Mas Cinder também sabia que era uma brincadeira com base numa verdade mais profunda. Lobo e Scarlet levavam a designação a sério, de uma forma que até Cinder tinha que admitir que era dolorosamente romântica.

— *Alfa* pode se referir ao primeiro de alguma coisa — disse Kai — ou ao começo de *tudo*. Pode ser atribuído a uma pessoa particularmente poderosa ou carismática, ou pode significar o líder dominante em um grupo de animais, mais especificamente, claro, lobos. — A expressão séria dele se abriu brevemente em um sorriso de provocação. — Tem significado na química, na física e até na astronomia, em que descreve a estrela mais brilhante de uma constelação. Mas parece claro que Ze’ev e Scarlet criaram sua própria definição para a palavra, e o relacionamento deles deu a essa palavra um novo significado para todos nós. Ser um Alfa significa que você vai resistir contra todas as adversidades para estar com seu companheiro. Significa um aceitar o outro, tanto pelas qualidades quanto pelos defeitos. Significa forjar seu próprio

caminho para a felicidade e para o amor. — Ele assentiu para Lobo. — Agora, quero que você coloque a aliança no dedo de sua noiva e repita comigo.

Lobo segurou as mãos de Scarlet com o mesmo cuidado com que pegaria uma borboleta ferida e colocou a aliança no dedo dela. Sua voz soou rouca e oscilante quando ele recitou:

— Eu, Ze'ev Kesley, aceito você, Scarlet Benoit, como minha esposa e minha Alfa. Para sempre, você será minha companheira, minha estrela, meu começo de tudo. — Ele sorriu para ela, os olhos transbordando emoção. Scarlet retribuiu o olhar, e apesar de a expressão de Lobo variar entre o orgulho e a timidez, a de Scarlet só exibía alegria. — É você. Sempre foi e sempre vai ser só você.

Scarlet pegou a segunda aliança, uma versão significativamente maior do mesmo aro sem adornos, e a colocou no dedo de Lobo.

— Eu, Scarlet Benoit, aceito você, Ze'ev Kesley, como meu marido e meu Alfa. Para sempre, você será meu companheiro, minha estrela, meu começo de tudo. É você. Sempre foi e sempre vai ser só você.

Lobo fechou as mãos nas dela. De onde estava, Cinder viu que ele estava tremendo.

Kai sorriu.

— Pelo poder a mim concedido pelo povo da Terra, pelas leis da União Terráquea e como testemunhado pelas pessoas aqui reunidas hoje, eu os declaro marido e mulher. — Ele abriu as mãos em um convite. — Pode beijar sua...

Lobo passou os braços na cintura de Scarlet e a levantou do chão e a beijou antes que Kai terminasse. Ou talvez ela o tenha

beijado. Pareceu mútuo quando ela enfiou as mãos no cabelo desgrenhado dele.

A sala explodiu com gritos alegres, todos ficando de pé para parabenizar o casal, que ainda se beijava. Scarlet tinha perdido um dos sapatos vermelhos.

— Vou buscar o champanhe — disse Thorne, seguindo para a cozinha. — Esses dois vão estar com sede quando pararem pra respirar.



CINDER DESABOU NA ESCADA E SE ENCOSTOU NO CORRIMÃO, ONDE o papel crepom tinha se soltado e estava se desenrolando aos poucos com o passar da noite. Ela estava exausta. O pé direito estava latejando e a perna esquerda parecia cheia de chumbo. Ela nunca tinha dançado tanto na vida, nem mesmo no baile do ano anterior, quando estava com vergonha demais de todos olhando para ela para passar mais de duas ou três músicas na pista de dança. Mas aquilo foi diferente. Cress tinha compilado a lista perfeita de músicas, e cada vez que parecia que a festa estava morrendo, uma música com a batida certa começava e todo mundo se levantava, rindo e girando. Kai e Winter até ensinaram aos outros alguns passos básicos de valsa, e Iko fez questão de roubar várias danças com todas as pessoas da sala. Ela, claro, era incansável. Até Émilie se envolveu com facilidade nas festividades.

Houve comilança também, se bem que mais do que tudo o *croquembouche*, que serviu como almoço e jantar do dia e

provavelmente também seria um lanche de fim de noite.

E houve risadas. E brincadeiras. E lembranças nostálgicas das muitas aventuras que eles viveram e da época em que a maioria deles era da tripulação da Rampion.

Kai apareceu na frente de Cinder, passando a mão cansada pelo cabelo, e se sentou na escada ao lado dela.

— E aí? Como você acha que nos saímos?

Ela pousou a cabeça no ombro dele e viu Iko e Jacin valsarem pelo saguão sem saber direito quem estava guiando quem.

— Eu diria que foi um sucesso, foi brilhante. Todos aqueles jornalistas vão ficar decepcionados quando descobrirem que perderam.

— Eles vão ter muita coisa a relatar mesmo assim. Eles não precisam mais invadir a privacidade de Lobo e Scarlet para isso.

— Você vai fazer uma coletiva de imprensa no lugar do casamento em dois dias? Vai contar para o mundo sua primeira aventura como celebrante de casamento? Destrinchar poesias sobre a importância histórica de uma união dessas?

Ele virou a cabeça e deu um sorrisinho para ela.

— Não. Mas eu talvez conte a honra que foi para mim poder casar dois dos meus melhores amigos, que por acaso se amam muito.

O sorriso dela se alargou.

— Isso não vai satisfazê-los.

— Eu sei. Isso é parte da motivação.

Cinder segurou a mão de Kai e a apertou.

— Tem uma coisa que quero mostrar. Você acha que alguém notaria se fugíssemos rapidamente?

Ele ergueu a sobrancelha para ela.

— Consideramos que somos um quarto da lista de convidados, eu ficaria meio insultado se não notassem.

— Foi uma pergunta retórica.

— Então, por favor, vá na frente.

Ela se levantou e seguiu na direção da porta dos fundos.

Estava escuro e os campos estavam iluminados apenas pela lua e pelas estrelas, banhando o mundo de um tom azul-prateado. Cinder parou na varanda curta, prestando atenção nos sons de vozes ou passos ou trilhos de androide, mas parecia que os paparazzi tinham se entediado de esperar que a presa saísse da fazenda e tinham se recolhido por aquela noite.

Ainda segurando a mão de Kai, ela o levou pelo caminho até o enorme hangar que abrigava a nave de Scarlet. Sem querer acender a luz do hangar e alertar alguém da presença deles, ela fechou a porta e acendeu a lanterna no dedo ciborgue, permitindo que o raio de luz os guiasse em volta da nave até o amontoado de caixas de ferramentas no chão. Ela encontrou o armário nos fundos do hangar, onde estava da última vez que ela tinha ido lá. Soltoou a mão de Kai, se agachou e tateou pelo chão do armário até os dedos encontrarem o trinco que ela sabia que estava lá. Ela o puxou para cima e revelou uma escuridão sinistra e uma série de degraus de plástico presos na parede de concreto, que desciam até as sombras abaixo.

Kai grunhiu de surpresa.

— Você conquistou minha atenção.

Cinder virou a lanterna para o alçapão para ver o caminho antes de se segurar no primeiro degrau e descer. Kai foi atrás.

Assim que ela ouviu os pés dele no chão, Cinder disse:

— Luzes, acendam.

Um gerador começou a zumbir e luzes se acenderam no teto, iluminando um espaço do tamanho do hangar acima, mas com um objetivo bem diferente. Cinder engoliu em seco ao olhar ao redor. Nada tinha mudado desde que ela e Thorne descobriram aquele lugar dois anos antes. Ela se perguntou se Scarlet já tinha descido lá para ver o local onde sua avó tinha guardado um segredo por tanto tempo... se tinha curiosidade ou se estava disposta a deixá-lo abandonado e esquecido por toda a eternidade.

O tanque suspenso de animação, onde ela passou a maior parte da infância.

A mesa de cirurgia, onde ela foi transformada em ciborgue.

As máquinas que a mantiveram viva, estimularam seu cérebro e monitoraram seus sinais vitais enquanto ela continuava dormindo sem sonhar.

O silêncio que envolveu os dois foi denso como o ar com aroma metálico do aposento secreto até Kai passar por ela e parar ao lado do tanque vazio. Um gel azul na base ainda exibia a marca leve do corpo de uma criança.

— Foi aqui que você ficou — murmurou ele.

Cinder lambeu os lábios e olhou para ele. Parte dela pensava no aposento como um santuário, o único lugar no mundo que poderia

tê-la mantido protegida por tanto tempo. Mas outra parte não conseguia deixar de vê-lo como uma catacumba.

— Eu fiquei aqui embaixo oito anos.

— Você se lembra de alguma coisa?

— Não, eu fiquei inconsciente até o final. Tenho uma lembrança vaga de subir aquela escada e sair do hangar. Mas é confusa. Se Thorne e eu não tivéssemos vindo aqui, eu sempre acharia que foi um sonho.

Kai se afastou do tanque e andou pelo ambiente, observando as ferramentas feitas para prender próteses ciborgue e integrar fios complicados ao sistema nervoso humano. As luzes fortes, agora desligadas, que se projetavam como tentáculos de polvo acima da mesa de operação. Ele observou os netscreens na parede, mas não tentou ligá-los. Depois de fazer um círculo completo pelo local, ele fez uma pausa e disse:

— Imagine o orgulho que ela sentiria.

— Michelle Benoit?

Ele assentiu.

— Ela sentiria orgulho de Scarlet e de você. Só posso começar a imaginar os sacrifícios que ela fez para te manter em segurança, tudo pra que um dia você pudesse enfrentar Levana e acabar com a tirania dela. Você não só conseguiu, mas assinou o Tratado de Bremen e dissolveu a monarquia lunar. Você mudou o rumo da história de formas que sei que ela jamais poderia prever, e agora...

— Ele inclinou a boca para um lado quando olhou na direção da fazenda. — ... Agora a neta dela está casada com um lunar. Abertamente. *Com felicidade.* Considerando que, poucos anos

atrás, isso não teria sido possível. — O sorriso dele ficou melancólico. — Eu lamento não a ter conhecido.

— Eu também — disse Cinder.

Kai entrelaçou os dedos dos dois e levou as costas da mão dela à boca.

— Havia algum motivo específico pra você querer me mostrar isto?

— Não sei bem. Pensei que você sabe tudo sobre minha família biológica e o mundo em que nasci, e claro que teve o grande prazer de conhecer minha família adotiva em várias ocasiões, então essa era a última peça do quebra-cabeça. — Ela balançou o braço na direção da sala. — A ligação que faltava com meu passado.

Kai olhou ao redor mais uma vez.

— É bem sinistro, na verdade.

— Eu sei.

Depois de um momento de silêncio reverente, Kai disse:

— Estou surpreso de Thorne não ter perguntado se pode começar a organizar visitas guiadas pra cá. Tenho certeza de que vocês poderiam cobrar um ingresso bem caro.

Cinder riu.

— Por favor, não plante essa ideia na cabeça dele.

— Scarlet jamais permitiria. Venha. — Ele foi na direção da escada. — É minha vez de mostrar uma coisa.

Eles ainda ouviam música vinda da fazenda, mas Kai passou direto e foi para os campos que a cercavam. Eles não tinham ido longe quando a lama gerada pelos sprinklers desligados recentemente sugou os pés deles. Eles andaram por muito tempo,

passando por fileiras de beterrabas, deixando que o luar os guiasse. Depois de um tempo, o som da música sumiu ao longe e outro som assumiu o lugar dela: o gorgolejar melódico de um riacho.

No fim do campo, o terreno se inclinou até uma ravina estreita que o riacho tinha entalhado com o tempo. Havia algumas árvores espalhadas pelas margens, as raízes às vezes aparecendo no lado inclinado antes de mergulharem na terra macia e úmida. Kai encontrou uma área de grama onde eles podiam olhar o brilho sutil do luar na água e na espuma, e eles se sentaram juntos. Seu braço envolveu a cintura de Cinder.

— Tudo bem, eu desisto — disse Cinder. — Como você sabia que isto estava aqui?

— Lobo mencionou ontem à noite, quando estava mostrando a fazenda. O riacho marca o fim da propriedade. Aquele lado pertence ao vizinho.

— É muito bonito — disse ela com certa hesitação —, mas... por que você está me mostrando um riacho?

— Nós não estamos olhando o riacho. — Ele apontou para cima. — Nós estamos olhando as estrelas.

Ela riu e inclinou a cabeça para trás. A lua tinha começado a descer na direção do horizonte, crescente em três quartos e cercada de estrelas que jamais poderiam ser vistas em uma metrópole como Nova Pequim.

— Também são muito bonitas — disse ela. — Mas, acredite ou não, eu já vi essas estrelas.

— Ah, que difícil de impressionar — disse ele com ironia.

— Desculpe. O que eu quis dizer é que isso é *deslumbrante*.

— Obrigado. Achei que seria bom olhar para o céu da noite com você ao meu lado pra variar em vez de só desejar que você estivesse do meu lado.

Cinder sentiu uma pontada de culpa por ter sido tão irreverente, quando a verdade era...

— Eu também faço isso — disse ela. — Olho para as estrelas e finjo que você está comigo, ou me pergunto se você está olhando pras mesmas constelações que eu, quem sabe até no mesmo momento. — Ela aconchegou o corpo no dele e sorriu quando Kai beijou sua cabeça. Era tão natural. Como se eles tivessem feito aquilo todas as noites por anos em vez de terem ficado separados na maior parte do tempo.

— Tenho uma confissão a fazer — murmurou Kai no cabelo dela.

Ela inclinou a cabeça para olhar para ele.

— Cuidado. Pode haver paparazzi escondidos atrás das árvores. Qualquer confissão pode ir parar no noticiário de amanhã.

Ele fingiu pensar por um momento, os olhos cintilando, antes de dizer:

— Eu poderia viver com isso.

Ela mudou de posição para poder olhar para ele.

— Bota pra fora então.

— Quando estava decidindo o que dizer no casamento, eu ficava pensando em mim e você.

Cinder deu um pulo.

— Eu sabia!

Kai ergueu as sobrancelhas.

— Quer dizer, pareceu haver uma certa sobreposição — acrescentou ela. — Principalmente na parte sobre desafiar raça e distância e alteração fisiológica.

Ele inclinou a cabeça e sorriu enquanto a olhava.

— Na verdade, eu estava me referindo mais à parte sobre encontrar alguém que nos complementa e nos deixa mais fortes. E de estar com alguém não por motivação política, mas por... amor.

Ela olhou para ele, e ele para ela, por um longo momento, até que Kai deu de ombros e admitiu:

— Tudo bem, o que você disse também.

— Obrigada.

— Cinder. — Kai moveu uma perna na margem do riacho, virando o corpo para eles ficarem de frente um para o outro. Ele segurou as mãos de Cinder e o coração dela disparou de forma inesperada. Não por causa do toque dele, nem mesmo por causa do tom baixo e sério, mas porque passou pela cabeça de Cinder de repente que Kai estava *nervoso*.

Kai nunca ficava nervoso.

— Eu perguntei uma vez — disse ele, passando os polegares pelos dedos dela — se você achava que algum dia teria vontade de usar uma coroa de novo. Não como rainha de Luna, mas... como minha imperatriz. E você disse que pensaria nisso um dia.

Ela inspirou o ar fresco da noite.

— E... é hoje o dia?

Os lábios dele tremeram, mas não viraram um sorriso.

— Eu te amo. Quero ficar com você pelo resto da minha vida. Quero me casar com você e, sim, quero que você seja minha

imperatriz.

Cinder olhou para ele por um longo momento antes de sussurrar:

— Isso é querer muita coisa.

— Você não faz ideia.

Ela baixou as pálpebras.

— Eu talvez tenha alguma ideia.

Kai soltou uma das mãos dela, e ela olhou para a frente de novo e o viu enfiando a mão no bolso... o mesmo que guardou as alianças de Lobo e Scarlet antes. O punho dele estava fechado quando ele o tirou, e Kai esticou a mão na direção dela, soltou o ar e abriu os dedos, revelando uma aliança maravilhosa com um rubi grande envolto em diamantes.

Não demorou muito para o escâner da retina dela medir o anel e em segundos a encher de mais informações do que ela precisava: palavras vazias como *quilates* e *limpidez* passaram por seu visor. Mas foi a história do anel que chamou sua atenção. Já tinha sido o anel de noivado da mãe dele, e da avó dele antes disso.

Kai pegou a mão dela e colocou a aliança no dedo. Metal tilintou em metal, e a pedra valiosa ficou tão ridícula na cobertura metálica de ciborgue dela quanto o aro de ouro na mão enorme, deformada e meio peluda de Lobo.

Cinder apertou os lábios e engoliu em seco antes de encarar Kai de novo.

— Cinder, quer se casar comigo?

Absurdo, pensou ela.

O imperador da Comunidade das Nações Orientais a estava pedindo em casamento. Era bizarro. Era *hilário*.

Mas era Kai, e de alguma forma isso tornava tudo certo.

— Sim — sussurrou ela. — Eu quero me casar com você.

Essas palavras simples pairaram entre os dois por um momento, e ela sorriu e o beijou, impressionada por sua resposta não gerar a onda de ansiedade que ela esperaria anos antes. Ele a tomou nos braços, rindo entre beijos, e ela de repente começou a rir também. Sentia-se estranhamente delirante.

Eles enfrentaram todas as adversidades para ficarem juntos e agora trilhariam seu próprio caminho para o amor. Ela seria esposa de Kai. Seria a imperatriz da Comunidade da Nações Orientais. E tinha toda a intenção de ser muito feliz, feliz para sempre.

Obrigada por ler este livro.

Stars
Above

Os amigos que tornaram possível

Contos das
Crônicas Lunares Jean Feiwel

editora

Liz Szabla

editora-chefe

Rich Deas

diretor criativo sênior **Holly West**

editora associada

Dave Barrett

editor executivo

Kim Waymer

gerente de produção **Anna Roberto**

editora associada

Christine Barcellona

editora associada

Emily Settle

assistente administrativa **Anna Poon**

assistente editorial NOSSOS LIVROS SÃO AMIGOS POR TODA A VIDA.

Título original

STARS ABOVE

A Lunar Chronicles Collection *Copyright* © 2016 *by* Rampion Books.
Todos os direitos reservados.

Primeira publicação por Feiwel and Friends, um selo
da Macmillan Children's Publishing Group.

Edição brasileira publicada mediante acordo com
Jill Grinberg Literary Management LLC e
Sandra Bruna Agencia Literaria, SL
Todos os direitos reservados.

Direitos para a língua portuguesa reservados com exclusividade
para o Brasil à EDITORA ROCCO LTDA.

Rua Evaristo da Veiga, 65 – 11º andar Passeio Corporate – Torre 1
20031-040 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: 3525-2000 – Fax: 3525-2001

rocco@rocco.com.br – www.rocco.com.br preparação de originais

THAIS LIMA

Coordenação digital

MARIANA MELLO E SOUZA

Revisão de arquivo ePub
MANUELA BRANDÃO

Edição digital: janeiro, 2021.

M56s

Meyer, Marissa, 1984-Stars Above [recurso eletrônico] : contos das crônicas lunares / Marissa Meyer ; tradução Regiane Winarski. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2021.

recurso digital

Tradução de: Stars Above : a lunar chronicles collection ISBN 978-65-5595-040-3 (recurso eletrônico) 1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Winarski, Regiane. II. Título.

20-67342

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa.

A Autora

MARISSA MEYER é autora da série Crônicas Lunares: *Cinder*, *Scarlet*, *Cress*, *Winter*, *Levana* e *Stars Above*, e também do livro *Sem Coração*, bestseller do *New York Times*.

MARGARET A ODISSEIA
ATWOOD DE PENÉLOPE



A odisseia de Penélope

Atwood, Margaret

9788581227917

128 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Agora que todos os outros perderam o fôlego, é minha vez de fazer meu relato."

Na *Odisseia* de Homero, Penélope – mulher de Odisseu e prima da bela Helena de Troia – é retratada como a esposa fiel por excelência, e sua história é tida como um exemplo de fidelidade e da obediência feminina ao longo dos tempos. Deixada sozinha por vinte anos, quando Odisseu sai para lutar na Guerra de Troia após o sequestro de Helena, Penélope consegue, em meio a rumores escandalosos, assegurar o reino de Ítaca, criar Telêmaco, seu filho rebelde, e manter distância de mais de cem pretendentes.

Quando Odisseu finalmente chega em casa, após sobreviver aos desafios do mar Egeu, vencer monstros horripilantes e dormir com deusas, ele mata todos os pretendentes de sua esposa – e, de maneira ainda mais espantosa, doze de suas criadas.

Em uma surpreendente releitura contemporânea de uma das maiores obras da Antiguidade, Margaret Atwood decide dar voz a Penélope e suas doze criadas enforcadas para responder duas grandes perguntas: Qual o real motivo dos enforcamentos? E o que Penélope estava realmente planejando?

Ao reimaginar o episódio, a autora se utilizou de várias fontes – já que a *Odisseia* de Homero não é a única versão da história – para criar uma obra ao mesmo tempo inteligente, bem-humorada e

reflexiva. Em *A odisseia de Penélope*, Atwood subverte a narrativa original e concede a sua heroína uma nova vida e realidade, e se propõe a dar uma resposta a um antigo mistério.

[Compre agora e leia](#)

ROCCOINHA

LUIZA TRIGO



AS VALENTINAS

• UMA HISTÓRIA DE MEUS 15 ANOS •

As Valentinas

Trigo, Luiza 9788581223926

24 páginas [Compre agora e leia](#)

Bia é uma menina de catorze anos que detesta o dia dos namorados. Ela implica com a data, diz que é apenas um dia comercial, sem nenhuma razão histórica para existir, uma desculpa para se comprar presentes. Porém, Bia, no fundo, não gosta desse dia apenas porque nunca teve um namorado para comemorar a data. Ela e suas amigas são as nerds da escola e acham que nunca irão namorar.

No dia dos namorados ela acorda de mau humor e TPM, mas ainda assim decide fazer uma surpresa romântica para seus pais: preparar, com a ajuda da melhor amiga, uma jantar para os dois, com direito à decoração romântica.

Na ida para o colégio ela é surpreendida por seu melhor amigo, Bruno, que a entrega uma rosa de presente. Ela fica irritada com a provocação e eles discutem sobre a irritação dela. Bia explica por que gosta do Dia de São Valentim e conta a história do santo. Ela não vê sentido em comemorar o dia dos namorados, mas gosta do Dia de São Valentim.

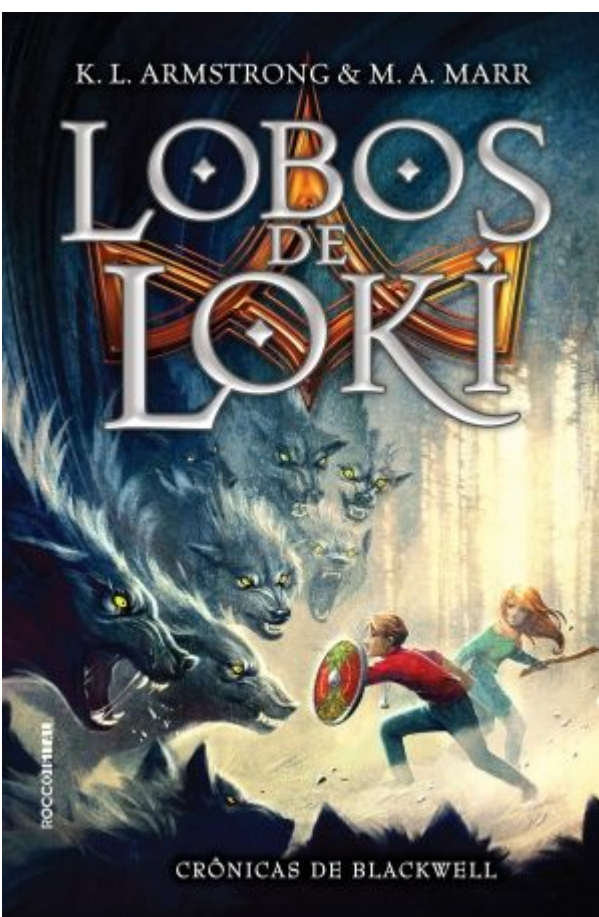
Na escola, Bia e suas melhores amigas – Amanda, Priscila, Carol e Roberta – decidem afogar as mágoas do dia dos namorados fazendo uma "noite das solteiras". Ou seja, passar a noite juntas jogando jogos, comendo muitos doces e conversando.

As meninas se reúnem, se divertem, falam de garotos e acabam conversando sobre a festa de 15 anos de Bia, que será realizada dentro de um mês. Todas querem saber os detalhes da grande festa, mas Bia mantém segredo e vai dormir feliz e de bom humor por ter a amizade de suas "valentinas".

[Compre agora e leia](#)

K. L. ARMSTRONG & M. A. MARR

LOBOS DE LOKI



CRÓNICAS DE BLACKWELL

Lobos de Loki

Marr, Melissa 9788581225692

320 páginas [Compre agora e leia](#)

Coleção Aventuras Extraordinárias

Lobos de Loki é o primeiro volume da série **Crônicas de Blackwell**, assinada pela dupla K. L. Armstrong e M. A. Marr. Com carreiras consagradas na literatura fantástica – Armstrong é autora de *Darkest Powers* e Melissa Marr publicou, entre outras, a série *Wicked Lovely* – as duas juntam o que têm de melhor para criar uma obra impactante e frenética para o público juvenil, considerada "o Percy Jackson da mitologia nórdica".

Para Matt Thorsen, o fato de ser um dos descendentes de Thor, o deus do Trovão, não fazia muita diferença. Junto com vários outros descendentes de Thor ou seu meio-irmão, Loki, o garoto levava uma vida normal em Blackwell, pequena cidade em Dakota do Sul.

Matt conhece cada deus, história e detalhes dos mitos nórdicos.

Mas conhecer cada lenda é um coisa, acreditar é outra completamente diferente. Quando as runas revelam que o Ragnarok, ou fim do mundo, está próximo, e que Matt deve lutar pelos deuses para evitar o fim do mundo, o garoto tem uma certa dificuldade em acreditar. Afinal, entre todos os Thorsen, Matt é o mais novo e até hoje nunca demonstrou o mesmo potencial dos seus irmãos mais velhos.

Porém, seu avô parece acreditar que o garoto pode cumprir seu destino, e mais: depois da vitória, Matt deve ser sacrificado para o surgimento de uma nova era dominada pelos descendentes de Thor. Agora, Matt sabe que tem de encontrar os outros descendentes e se

preparar para a batalha definitiva. Com a ajuda relutante dos primos Fen e Laurie, descendentes de Loki, o jovem parte em uma incrível aventura para salvar o mundo.

Seguindo a linha de Rick Riordan e seu *Percy Jackson*, K. L. Armstrong e M. A. Marr trazem as incríveis lendas nórdicas para nosso tempo em uma aventura fantástica cheia de surpresas e com personagens cativantes. Um início arrasador para uma saga única.

[Compre agora e leia](#)

THALITA REBOUÇAS

FIQUEI COM UM FAMOSO



Fiquei com um famoso

Rebouças, Thalita 9788581224954

22 páginas [Compre agora e leia](#)

A história é narrada por Camila Fernanda, fã ardorosa de uma banda adolescente que teve sucesso fulminante, mesma banda que protagoniza a história do livro *360 dias de sucesso*. Camila Fernanda acompanhou toda a história da banda, desde o primeiro clipe, assistiu a inúmeros shows e conheceu seus ídolos pela internet e também ao vivo. Apaixonada por Pedro, o guitarrista, Camila realiza o sonho de ficar com ele. No entanto, esse sonho trará muita dor de cabeça para ela e para Pedro, que namora Babi.

[Compre agora e leia](#)



Por que só as princesas se dão bem?

Rebouças, Thalita 9788581223148

32 páginas [Compre agora e leia](#)

Por que só as princesas se dão bem? é um conto de fada às avessas que vai conquistar as leitoras mirins. O livro traz o estilo bem-humorado da escritora que conquistou os adolescentes, agora contando a história de Bia, uma garota apaixonada por princesas... até se tornar uma!

A história começa com a mãe de Bia lendo um livro para ela antes de dormir. Depois do tradicional "...E a princesa se casou com o príncipe, e eles foram felizes para sempre", vem a primeira de muitas perguntas: "Mãe... Só as princesas são felizes para sempre?" Daí pra frente, é um tal de querer saber por que só as princesas se dão bem nas histórias, por que elas são as mais bonitas, por que só elas arrumam um príncipe no final, que a mãe desiste de responder a tantas dúvidas. E não adianta nada arriscar um "Mas você é a princesa da mamãe", afinal, princesas vivem em lindos castelos, e a Bia não é menina de se deixar enganar: "Não adianta nada ser a sua princesa. Nem castelo você tem."

O que Bia não esperava é que, antes de pegar no sono, ela fosse levada para dentro do livro que estavam lendo. E de uma hora para outra, se tornasse uma princesa de verdade! Mas é justamente aí que a tão sonhada vida de princesa começa a se tornar um verdadeiro pesadelo. Regras, regras e mais regras. Do cabelo aos sapatos, Bia descobre que não pode escolher o que usar, comer ou fazer. Escola, amigos, brincadeiras? Nada disso, princesas estudam em casa e cumprem uma exaustiva agenda de eventos (chatos). E o

pior de tudo: nada de perguntas. "Princesas não fazem mil perguntas. Princesas cumprem seu papel e olhe lá", diz Fedegunda, a assistente número 3 da princesa Bia.

Repleto de situações inusitadas, tiradas e diálogos engraçados, não é preciso dizer que o dia de princesa de Bia foi um completo desastre. Mas será que agora ela pode voltar a ser uma menina comum? Embarque nessa divertida viagem ao mundo das princesas na estreia de Thalita Rebouças na literatura infantil e descubra.

[Compre agora e leia](#)